

# Habitação Plurifamiliar na obra de Fernando Lanhas

Um contributo para pensar a modernidade no Porto entre  
1954 e 1968

Volume I

PEDRO MIGUEL PEREIRA DA COSTA  
ORIENTADORA: ARQ<sup>a</sup> MARIA SOFIA SANTOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA  
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, 2017/2018





Dedicado à minha filha Clara





## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Arquitecta Maria Sofia Santos pela sua disponibilidade, amabilidade, paciência e dedicação ao longo de todo este processo.

Ao Arquivo Histórico Casa do Infante e Gabinete do Município da Câmara Municipal do Porto.

À Biblioteca e Centro de Documentação da FAUP.

À Biblioteca e Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

À Elda Moreira pela amabilidade e disponibilidade

Ao Engenheiro Pedro Lanhas, filho do Arquitecto Fernando Lanhas, pela disponibilidade

À Fundação Instituto Marques da Silva

Ao padre Fernando Queirós da paróquia de Santo Ovídio, Vila Nova de Gaia

Ao Arquitecto Eduardo Brito

À senhora Emília Correia de Almeida

À minha família e amigos

Ao meu amigo Victor Dias pelo incentivo

Um agradecimento especial à minha mulher Ana Vilarés por todo o apoio e incentivo



## RESUMO

A complexidade de Fernando Lanhas revela-se pelas suas diferentes faces. A presente dissertação de MIARQ pretende aprofundar o pensamento em torno da obra de Fernando Lanhas e estudar a sua Arquitectura, centrando-se na habitação plurifamiliar das décadas de 1950 e 1960 no Porto. Para tal é importante conhecer o seu percurso de vida e a relação da Arquitectura com as suas outras actividades.

Considerando que ainda há muito a estudar em torno da sua obra e que não existe mais nenhum trabalho que analise de forma sistemática a sua habitação plurifamiliar, escolheram-se cinco casos de estudo que permitem a compreensão da sua obra, na sua acção multifacetada, e do contexto da época: 1. edifício e garagem Pinto Leite, Rua da Maternidade (1954); 2. conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão (1954-56); 3. edifício Bastos Xavier, Avenida Sidónio Pais (1957); 4. edifício Guedes da Silva, Rua Oliveira Monteiro (1961); 5. edifício M.M. Teixeira, Rua Heróis Mucaba (1968).

A sua obra ocorre num contexto complexo e de grandes transformações e acompanha cronologicamente o debate em torno da modernidade na Arquitectura. Passa por um processo de evolução do modernismo, no sentido de enraizamento na cultura local.

Este trabalho pretende também ser mais um contributo para a reflexão sobre um importante arquitecto e artista portuense que estudou e trabalhou ao lado de nomes tão conhecidos da Arquitectura e da Pintura portuguesa, tais como Fernando Távora e Nadir Afonso.



## ABSTRACT

The complexity of Fernando Lanhas is revealed by its different faces. The present dissertation of MIARQ intends to deepen the thinking around the work of Fernando Lanhas and to study its Architecture, focusing on the multifamily housing of the 1950s and 1960s in Oporto. For this it is important to know your life path and the relationship of Architecture with your other activities.

Considering that there is still much to study around his work and that there is no work that systematically analyzes his multi-family dwelling, five cases of study were chosen that allow the understanding of his work, in its multifaceted action, and of the context of the time: 1. building and garage Pinto Leite, Rua da Maternidade (1954); 2. Housing complex of Rua Henrique Pousão (1954-56); 3. Bastos Xavier building, Avenida Sidónio Pais (1957); 4. Guedes da Silva building, Rua Oliveira Monteiro (1961); 5. M.M. building Teixeira, Rua Heróis Mucaba (1968).

His work takes place in a complex context of great transformations and accompanies chronologically the debate around modernity in Architecture. It goes through a process of evolution of modernism, in the sense of rooting in the local culture.

This work is also intended to be a further contribution to the reflection on an important Portuguese architect and artist who studied and worked alongside well-known names in Portuguese Architecture and Painting, such as Fernando Távora and Nadir Afonso.





## ÍNDICE

### VOLUME I

Agradecimentos	5
Resumo	7
Abstract	9
Introdução	
Estado do Conhecimento	13
Objecto de Estudo	17
Enquadramento	19
Objectivo	29
Método	30
Estrutura	31
Mapeamento da obra no Porto	34
Cronologia da obra	37
 I) Diferentes faces de uma obra alargada que cruza com a Arquitectura	 39
II) Arquitectura de Fernando Lanhas	73
III) A habitação plurifamiliar dos anos 50 e 60 no Porto	93
III.I) Edifício e garagem Pinto Leite, da Rua da Maternidade (1954)	97
III.II) Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão (1954-56)	123
III.III) Edifício Bastos Xavier, da Avenida Sidónio Pais (1957)	139
III.IV) Edifício Guedes da Silva, da Rua Oliveira Monteiro (1961)	159
III.V) Edifício M.M. Teixeira, da Rua Heróis Mucaba (1968)	173
 Considerações Finais	 189
Referências de Bibliografia	195
Referências de Imagem	201

### VOLUME II

Anexos	
Período de formação	4
Processos de licenciamento/aditamento de obras (Gabinete do Município)	47



## INTRODUÇÃO

### Estado do Conhecimento

Um homem multifacetado e de personalidade singular, Fernando Lanhas, desdobrou-se em Arquitectura, Pintura, Desenho, Astronomia, Arqueologia, Paleontologia, Museologia, Poesia e até no registo dos sonhos. Obra pluridisciplinar numa busca do porquê das coisas e dos mistérios do Universo.

Existem diferentes publicações que abordam estas diferentes actividades desenvolvidas por este autor ao longo do tempo, mas curiosamente a Arquitectura é muito pouco abordada e a informação que existe publicada é superficial. Os diferentes livros, revistas e catálogos de exposições mencionam principalmente a Pintura e o Desenho ou mapas arqueológicos e cartas astronómicas. Assim, verificou-se a necessidade de escrever o Estado do Conhecimento e apresentar as publicações que contêm informações sobre a Arquitectura.

Em 1972 é editado o livro *ODAM – Organização dos Arquitectos Modernos: 1947-1952*, das Edições ASA, compilado por Cassiano Barbosa, que fala sucintamente de algumas das principais obras dos arquitectos envolvidos, mostrando fotografias do edifício da Av. Sidónio Pais, no Porto, e outras moradias de Fernando Lanhas. Em 1988 é editado o livro *Fernando Lanhas - Os Sete Rostos* - pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, em que Fernando Guedes aborda as diferentes facetas de Lanhas relacionadas com a Pintura, o Desenho, a Arqueologia, a Astronomia, a Poesia, os sonhos e que fala também sobre a Arquitectura. A informação sobre Arquitectura inclui duas páginas de texto, uma com uma abordagem geral sobre a casa unifamiliar e outra sobre os museus e a *Casa do Espaço*; as restantes páginas têm fotografias genéricas de edifícios de arquitectura onde estão presentes o edifício da Av. Sidónio Pais, duas

moradias<sup>1</sup>, uma no Porto (de 1959), outra em Espinho (de 1970), uma imagem do interior do Paço Episcopal (1975-84) no Porto, o Pavilhão de Exposições de Matosinhos (1965), uma outra moradia<sup>2</sup> no Porto, fotografias dos museus da Figueira da Foz (1980), Monográfico de Conímbriga (1982) e Centro de Arte e Cultura de S. Pedro de Bairro (1986) e da *Casa do Espaço* (1962). No mesmo ano foi exibido o documentário com o mesmo nome, realizado por António de Macedo para a RTP, que resume a obra artística deste homem multifacetado. O livro editado em 1992 pela galeria Quadrado Azul, *Fernando Lanhas - Pintura-Desenho - para um livro de horas de Fernando Lanhas*, resulta de uma entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, em que é abordada principalmente a Pintura e que em seguida faz uma mostra de desenhos e excertos de textos sobre Lanhas. A mesma galeria publica em 1994 *LH Lanhas*, onde Fernando Guedes, Bernardo Pinto de Almeida e João Lima Pinharanda reflectem sobre a produção artística de Fernando Lanhas e onde são mostradas obras de pintura, desenhos, imagens de fósseis e cartas das distâncias do Universo. Neste livro também é mencionada a Arquitectura, mas sem texto e onde se mostra apenas uma fotografia de uma sala do Museu Municipal da Figueira da Foz de 1980, uma fotografia de uma moradia<sup>3</sup> no Porto de 1974, outra fotografia do edifício da Av. Sidónio Pais no Porto e fotografias do Museu Monográfico de Conímbriga. Em Junho de 2001 é exibido pela RTP o documentário *Lanhas, o Mais Desirmanado*, que parte de um texto de Eugénio de Andrade sobre Fernando Lanhas escrito em 1997, que aborda a obra artística de Lanhas, que é considerado um dos pioneiros do abstraccionismo em Portugal, e inclui depoimentos do próprio autor, de alguns amigos e críticos de arte que contextualizam o seu universo criativo. Em 2001 é também editado o livro *Fernando Lanhas -*

---

<sup>1</sup> É seguida a designação do livro *Fernando Lanhas - Os Sete Rostos* na indicação moradias no Porto (1959) e em Espinho (1970). As casas não estão identificadas no livro, mas sabe-se pela presença no local que a moradia no Porto de 1959 é a Casa Lanhas. A moradia de Espinho não se conseguiu identificar.

<sup>2</sup> Esta outra moradia no Porto (de 1973) também não é identificada no livro *Fernando Lanhas - Os Sete Rostos*, mas é possível que se trate da Casa Tato a julgar pelo ano e pela proximidade do desenho do alçado principal.

<sup>3</sup> O livro *LH Lanhas* não identifica de que moradia se trata, mas a julgar pelo ano, 1974, e pelo desenho do alçado principal é possível que se trate da Casa Tato. No livro *Fernando Lanhas - Os Sete Rostos*, é indicada a mesma moradia sem a identificar mas com data de 1973.

*Lugar do Desenho*, da Fundação de Serralves que, por entre capítulos relativos a diferentes actividades desenvolvidas pelo autor, tem um capítulo intitulado “A Casa” que faz um breve resumo do que seria o projecto da *Casa do Espaço* e que em seguida mostra também uma fotografia de um muro com azulejo e duas de habitações unifamiliares. Uma primeira fotografia de um espaço exterior que se presume ser de uma habitação mas em que é mostrado o muro com o painel de azulejo AZ1-48, de 1948. Apesar de não identificadas as moradias mostradas nas fotografias, a primeira, datada de 1959, sabe-se que é a Casa Lanhas, e a segunda, datada de 1973/74, é possivelmente a Casa Tato. Como noutros livros o único edifício de habitação colectiva mostrado é o edifício Bastos Xavier, da Av. Sidónio Pais, de 1957.

Para além dos diferentes livros e catálogos de exposições sobre a pintura de Fernando Lanhas, destaca-se uma exposição intitulada *Lanhas c. 1945*, promovida pela Faculdade de Belas Artes do Porto no Museu Nacional de Soares dos Reis entre 2005 e 2006, evento organizado pela faculdade como homenagem na ocasião em que lhe é atribuído um Doutoramento *Honoris Causa*. Esta exposição mostra desenhos e pinturas correspondentes ao seu percurso inicial ainda como estudante de Arquitectura. Algumas dessas pinturas de Fernando Lanhas estão em exposição permanente no referido museu.

Outras publicações ou catálogos de exposições não falam da Arquitectura e o que de mais relevante existe a mencionar da Arquitectura de Fernando Lanhas são três trabalhos académicos. Um trabalho de Prova Final do curso de Arquitectura com o título *O grupo ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: a construção do racionalismo portuense*, de José Pedro Tenreiro realizado em 2008 para a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, orientado por Domingos Tavares, e que apresenta uma lista das obras arquitectónicas dos membros desse grupo onde é mencionada uma lista de obras do arquitecto Fernando Lanhas. Outro trabalho para obtenção do grau de Licenciatura com o título *Fernando Lanhas: Arquitecto*, de Paulo Santos realizado em 2009 para a Universidade Fernando Pessoa, que faz uma breve alusão a alguns prédios e casas de forma muito sucinta. E outro trabalho de dissertação de

Mestrado Integrado em Arquitectura com o título *A Arquitectura de Fernando Lanhas*, de Elda Moreira realizado em 2015 para a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, orientado por Luís Soares Carneiro e que faz uma abordagem das diferentes tipologias: habitação colectiva, habitação unifamiliar (moradia isolada), habitação unifamiliar (moradia geminada), habitação multifamiliar (prédio de rendimento) e equipamentos, escolhendo para efectuar essa análise cinco casos de estudo, um para cada tipologia. Esta dissertação elabora também uma lista de obras datadas e não datadas da Arquitectura de Fernando Lanhas e abre caminho a futuros trabalhos que possam continuar e complementar o conhecimento em torno deste arquitecto. A 20 de Abril do corrente ano surge o conhecimento a partir da Fundação e Instituto Marques da Silva (FIMS) de uma candidatura a uma bolsa de Doutoramento da FCT elaborada por Catarina Costa, orientada por Luís Viegas, com base numa proposta que visa o estudo da obra arquitectónica de Fernando Lanhas, projecto de investigação do qual não foi possível obter nenhuma informação. A 18 de Maio de 2018 realizou-se a conferência “Diálogos com Fernando Lanhas”, uma iniciativa da Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS), que assinalou dessa forma a participação da FIMS no Dia Internacional dos Museus e que contou com a presença da Presidente do Conselho Directivo da FIMS, Fátima Marinho. Esta conferência constituiu um primeiro momento de reflexão e debate sobre o Arquitecto Fernando Lanhas e foi despoletada por Luís Viegas e Rui Américo Cardoso, comissários do programa em curso para sinalização da doação do acervo de Fernando Lanhas à FIMS. A conferência tratou de Arquitectura, Ciência e Arte e reuniu o Arquitecto Luís Soares Carneiro, o físico Manuel Marques e a Historiadora de Arte, Lúcia Almeida Matos. A 16 de Setembro a FIMS evoca o nascimento do arquitecto Fernando Lanhas, que nasceu a 16 de Setembro de 1923. Faz referência nos destaques na sua página *Web* ao desenho de Fernando Lanhas que serve de capa ao livro *A cidade de Garrett*. Essa antologia de textos em prosa de Eugénio de Andrade contém também outros desenhos originais de Fernando Lanhas.

## Objecto de estudo

A presente dissertação de MIARQ tem como objecto de estudo a habitação plurifamiliar do arquitecto Fernando Lanhas e pretende explorar um dos cinco nichos abordados por Elda Moreira. De futuro outros trabalhos poderão continuar esta análise concentrando-se noutros nichos propostos por Elda Moreira.

A obra que deu o mote para esta escolha foi o edifício M.M. Teixeira, na rua Heróis de Mucaba (1968), no Porto, pela sua excepcional qualidade arquitectónica e plástica. A partir daí escolheram-se mais quatro casos de estudo: edifício e garagem Pinto Leite da Rua da Maternidade (1954) e o conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão (1954-56) que permitem estudar o início da década de 1950; o edifício Bastos Xavier da Avenida Sidónio Pais (1957) que apesar de já ter sido analisado por Elda Moreira, é um edifício incontornável para quem pretende estudar este tema. Pretende-se, assim acrescentar algo ao conhecimento já existente. Entre esse edifício de 1957 e o edifício M.M. Teixeira de 1968 há um período longo, pelo que se escolheu mais um caso de estudo, o edifício Guedes da Silva da Rua Oliveira Monteiro (1961). Todos estes edifícios situam-se no Porto e concentram-se nas décadas de 1950 e 1960. Pretende-se explorar a qualidade da obra de Fernando Lanhas e entende-se que estes edifícios de habitação plurifamiliar permitem pensar a sua obra ao mesmo tempo que se podem cruzar com outras artes e interesses, como a pintura e com o contexto social em grande transformação política, social e artística da época. Os casos de estudo supracitados são também o mote para pensar outros edifícios de habitação plurifamiliar que de algum modo se relacionam com estes ao nível da estratégia de projecto.



Fig. 1. F. Lanhas em criança



Fig. 2. F. Lanhas em idade adulta



Fig. 3. Enxame de meteoros do cometa Giacobini-Zinner que cruza a órbita da Terra



## Enquadramento

Para se compreender as obras de Fernando Lanhas é importante conhecer o contexto em que elas surgem e o carácter peculiar da sua personalidade. Nasce no Porto em 16 de Setembro de 1923, na freguesia da Vitória, na rua José Falcão nº 74, onde reside até à morte dos seus pais. Desde muito cedo revela uma vontade de conhecer e de explicar a origem das coisas e do Universo. Lanhas recorda a nota mais antiga que tem sobre os seus sonhos<sup>4</sup> com apenas cinco anos de idade, que registou assim que aprendeu a escrever e que a partir dos vinte anos de idade passaria a registar com regularidade. Estes sonhos reportam temas como o Conhecimento, o Tempo, Cristo e a Morte, nos quais, curiosamente, a cor assume um papel preponderante ao contrário do que a sua pintura posterior fará. Aos seis anos observava todos os dias as formigas seguindo-as com uma lupa que a sua mãe lhe havia dado e relata que a chuva de estrelas<sup>5</sup> que observou em 1933 foi o “assombro”<sup>6</sup> dos seus dez anos. «A maior chuva de estrelas do milénio! Foi uma coisa extraordinária! Uma revelação do cosmos, coisas que não são só lidas: existem<sup>7</sup>.» Nesse mesmo ano, o mundo estava a sofrer profundas transformações. Na Arquitectura desenvolve-se o Movimento Moderno e é assinada a Carta de Atenas na 4ª reunião dos CIAM (1933), mas a nível político a Europa caminhava para regimes autoritários em vários países e Portugal mergulhava num período conturbado, em que às inconstâncias políticas da Primeira República se sucede o Estado Novo. Este governo de regeneração nacionalista adopta uma política de propaganda de que a Exposição do

---

<sup>4</sup> “Querer fazer o que não tinha visto”. (Entrevista a Fernando Lanhas elaborada por Bernardo Pinto de Almeida em 2001). AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 288.

<sup>5</sup> Enxame de meteoros do cometa Giacobini-Zinner que cruza a órbita da Terra.

<sup>6</sup> “Para um livro de horas de Fernando Lanhas”. (Entrevista a Fernando Lanhas elaborada por Joaquim Matos Chaves). AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura - Desenho*, Colecção Quadrado Azul, Porto, 1992, p. 8.

<sup>7</sup> “Querer fazer o que não tinha visto”. (Entrevista a Fernando Lanhas elaborada por Bernardo Pinto de Almeida em 2001). AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 288.



Fig. 4. Escola de Belas Artes do Porto



Fig. 5. Arquitecto Carlos Ramos no atelier em finais dos anos 1940

Mundo Português<sup>8</sup> (1940) em Lisboa é exemplo. Jorge Segurado, Cristino da Siva, Cottinelli Telmo e Carlos Ramos<sup>9</sup> eram arquitectos coetâneos desta fase, independentemente da sua proximidade às políticas do regime que vigorava. Em 1941, com dezoito anos, Lanhas recorda também a construção de uma pequena cidade em cartão cor de alumínio em modelos de 60cm de altura, com desenho de antecipação de casas e passagens aéreas. Nesse ano inicia o curso de Arquitectura na EBAP (Escola de Belas Artes do Porto) que frequenta até 1947. Lanhas estudou na EBAP com Fernando Távora, com quem colaborou posteriormente em projectos de Arquitectura como a Companhia da Fábrica de Fiação de Tomar, em 1947, obra não construída, e como no Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, em 1954, juntamente com Alberto Neves e Álvaro Siza.

Quanto ao ensino da Arquitectura, inicia-se em 1941 uma importante mudança de mentalidade, sobretudo na EBAP, que beneficia de um certo afastamento da capital, com a entrada do arquitecto Carlos Ramos para leccionar a 4<sup>a</sup> cadeira<sup>10</sup>, Arquitectura, a partir de 1940. Ramos começa a contrariar o ensino tradicional das *Beaux-Arts* que davam primazia ao desenho e à cópia, trazendo influências de Walter Gropius, para quem a Escola devia ser uma oficina onde o trabalho prático consolidaria os conhecimentos teóricos apreendidos. Ramos rompe com a repetição de modelos historicistas e introduz ideais da modernidade, defendendo que se deve atender às condições naturais e culturais de cada país, cruzando-as com as características do tempo presente e com as novas tecnologias ao dispor<sup>11</sup>. Esse seria o ambiente propício para uma mente curiosa como a de Lanhas que experimentou noutros suportes, que não os da Arquitectura, as noções de geometria que um aluno deveria

---

<sup>8</sup> Exposição de Arquitectura, Pintura e Escultura realizada em 1940 na zona de Belém, em Lisboa para celebrar o duplo centenário da Fundação e Restauração da Independência (1140 e 1640) e ao mesmo tempo ajudar na consolidação do Estado Novo.

<sup>9</sup> AA.VV., *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970. Um Património a conhecer e salvar*, IPPAR e Ministério da Cultura, 2004.

<sup>10</sup> MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura – a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Tese de Doutoramento, FCTUC, 2011.

<sup>11</sup> AA.VV., *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, op. cit..



Fig. 6. “Os Independentes”, 1945, Porto: 1- Israel Macedo; 2- Henrique Migachos; 3- Martins da Costa; 4- Júlio Pomar; 5- Júlio Resende; 6- João Raúl David; 7- António Lino; 8- Carlos Baptista de Almeida; 9- Nadir Afonso; 10- Fernando Lanhas; 11- Amândio Silva.

Grupo que se intitulava inicialmente “Os Convencidos da Morte” conforme indica Nadir Afonso no documentário realizado por Jorge Campos em 1993 para a RTP (38m. e 24s.).

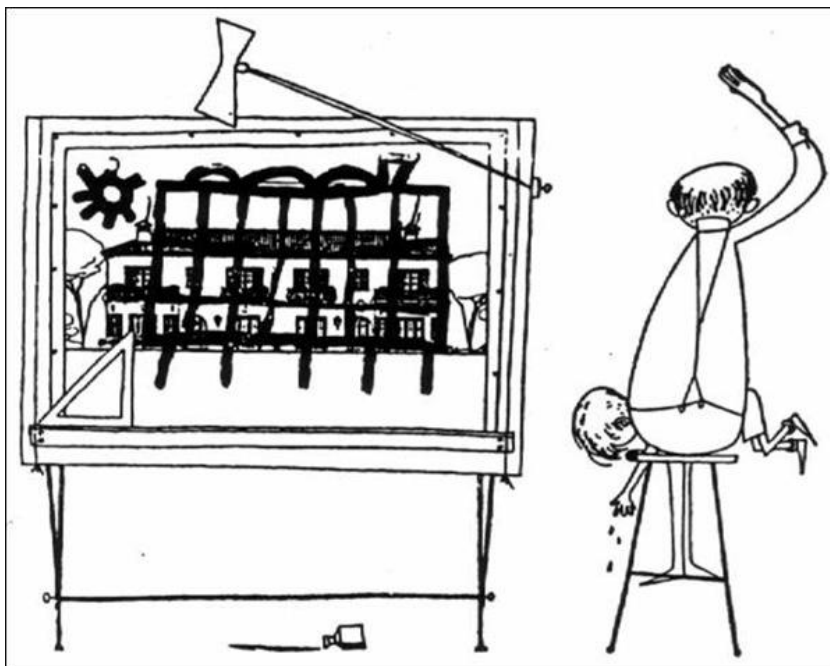


Fig. 7. Desenho de João Abel Manta in Cassiano Barbosa - O DAM (organização dos Arquitectos Modernos 1947-52)

dominar para compreender e transformar o que o rodeava. Aos vinte anos de idade, Lanhas inicia as suas experiências na prática da Pintura e cedo caminha para a abstracção, datando as suas primeiras obras de 1943-44. Na altura não era viajado nem obtinha informação vinda do exterior pois tal período coincidiu com a II Guerra Mundial (1939-45). Não tinha acesso a revistas ou livros com informação do que se fazia internacionalmente. «Fiz aquilo porque me apeteceu fazer. Quis fazer o que nunca tinha visto.<sup>12</sup>» Só em 1947 viaja para Paris e visita o *Sallon des Réalités Nouvelles*. Mais tarde estuda Kandinsky e a arte abstracta. Durante o tempo de estudante participa também activamente na Associação de Estudantes e como organizador das Exposições Independentes<sup>13</sup> entre 1944 e 1950.

A partir de 1945, com o término da II Guerra Mundial, grande parte da Europa fica livre dos regimes autoritários e urge reconstruir. Por todo o mundo, expandem-se as ideias modernistas, e como indica Fátima Sales, é necessária «uma reorganização de objectivos culturais à qual se liga uma diferente concepção do indivíduo e da sociedade»<sup>14</sup>. Contudo, na cidade do Porto, no final da década de 1940, «ainda se ouvem as vozes sentimentais dos trovadores do ‘tipismo’ nacional exaltar a casa ‘à antiga portuguesa’ e celebrar os predicados poéticos dos becos ribeirinhos»<sup>15</sup>. As construções camarárias ainda continuam a ser a casa unifamiliar em bairros fechados de forma a tentar responder aos problemas da habitação social da classe baixa e, neste contexto, qualquer casa que não seja ornamentada com o tradicional alpendre, beiral ou painel de azulejo é encarada com estranheza e desconfiança. Há, no entanto, alterações de ordem demográfica e socioeconómica que, aliadas ao investimento privado,

---

<sup>12</sup> “Querer fazer o que não tinha visto”. (Entrevista a Fernando Lanhas elaborada por Bernardo Pinto de Almeida em 2001). AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 289.

<sup>13</sup> Exposições Independentes de arte abstracta que surgem entre 1944 e 1950 no Porto realizadas por um grupo de artistas e arquitectos tais como Júlio Resende, Júlio Pomar, Nadir Afonso, Dórdio Gomes, Carlos Ramos, Rui Pimentel e cujo organizador foi Fernando Lanhas.

<sup>14</sup> SALES, Fátima, “Januário Godinho e os Paradigmas da Modernidade. Uma perspectiva crítica” in AA.VV, *Januário Godinho. Leituras do Movimento Moderno*. Porto: CEEA Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP, 2009, pp. 15-42, p. 19.

<sup>15</sup> BRANCO, Cassiano (comp.), *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*, Edições ASA, Porto, pp. 10-11.

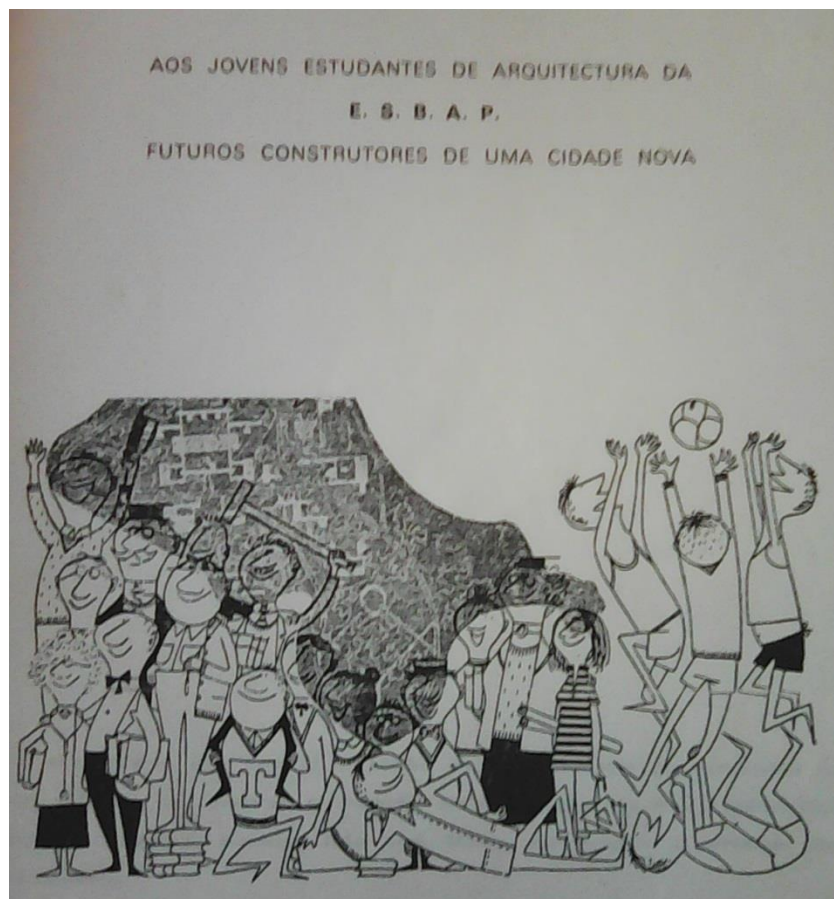


Fig. 8. Desenho de João Abel Manta in Cassiano Barbosa - ODAM (organização dos Arquitectos Modernos 1947-52) edições ASA 1972

vão fazendo surgir, no final dos anos 1940 e, prolongando-se pelos anos 1950, edifícios de habitação multifamiliar, os chamados prédios de rendimento,<sup>16</sup> que começam a alterar a identidade social e urbana e cujo estudo é fundamental para a compreensão da realidade portuense da época.

Nessa altura um grupo de arquitectos formados na EBAP, ansiando novas perspectivas para uma Arquitectura moderna, fundam o grupo ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos, 1947-1952), que é composto por trinta e quatro membros, entre os quais Fernando Lanhas, a par de arquitectos como Fernando Távora, Agostinho Ricca, Alfredo Viana de Lima, Arménio Losa, Cassiano Barbosa, José Carlos Loureiro, Mário Bonito, entre outros. Esta nova geração de arquitectos chamará a si a responsabilidade de procurar a resolução para os problemas da habitação. É um período de transformação e de reflexão sobre os novos paradigmas do Movimento Moderno e sobre a Modernidade em busca de alternativas culturais e o Porto, enquanto cidade, contribui activamente para o debate público em torno desta questão.

Em 1946 Fernando Lanhas inicia a sua participação em projectos de Arquitectura e no ano seguinte termina o curso. O ano de 1947 é marcado por importantes reflexões sobre a Arquitectura. Fernando Távora publica *O Problema da Casa Portuguesa*, no qual defende uma noção de arquitectura moderna enraizada na cultura local, e em Bridgewater, Inglaterra, no 6º CIAM (1947), defende-se uma relação necessária entre a Arquitectura contemporânea e o homem comum, contrariando a visão do homem ideal e genérico. No ano seguinte, o SNA (Sindicato Nacional dos Arquitectos) organiza o I Congresso Nacional da Arquitectura Moderna em Portugal, o qual, segundo Nuno Portas, «permite demonstrar ao governo unidade na rejeição do português suave e chamar à atenção para os problemas da habitação e o papel da arquitectura e do urbanismo

---

<sup>16</sup> LAMEIRA, Gisela, *O Prédio de Rendimento Portuense – topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do séc. XX*, Tese de Doutoramento, FAUP, 2016.



Fig. 9. Aldo van Eyck, Alison Smithson, Peter Smithson e Jaap Bakema com placard a anunciar a “morte” dos CIAM, Congresso de Otterlo (1959).

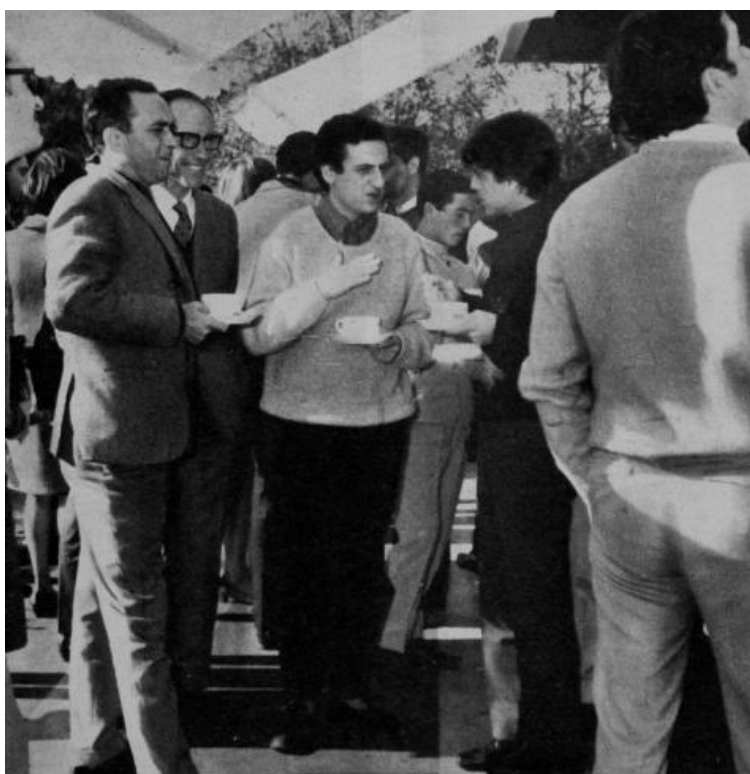


Fig. 10. P.P.C.C. Pequenos Congressos, Tomar, Portugal, 1967. De frente o Arquitecto Nuno Portas e de costas Oriol Bohigas.



moderno na solução»<sup>17</sup>. Em 1951 realiza-se uma exposição de Arquitectura no Ateneu Comercial do Porto e em 1954 o CIAM realizado em Aix-en-Provence abandona a Carta de Atenas. O CIAM de 1956, em Dubrovnik, Croácia, coloca no centro da reflexão o conceito chave de “identidade”. Em 1959 em Otterlo, Holanda, fala-se de *organicismo*. Outro acontecimento importante foi o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, efectuado pelo SNA entre 1955 a 1960 e publicado em 1961. Neste Inquérito, arquitectos como Fernando Távora, Francisco Keil do Amaral e Nuno Teotónio Pereira, procuravam sublinhar a diversidade regional da arquitectura portuguesa e pensar a modernidade a partir das lições da arquitectura popular. O Inquérito abriu novas formas de diálogo entre a arquitectura moderna e a vernacular portuguesa, sobretudo na chamada Escola do Porto e em particular na arquitectura de Fernando Távora.

Só no final de 1962, Fernando Lanhas vê deferido o pedido para realizar a prova final para o CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto), após sucessivos arquivamentos<sup>18</sup>, com um projecto para o Museu Arqueológico de Paços de Ferreira. Esta prova surgiu após Fernando Lanhas ter estagiado no atelier do arquitecto Cassiano Barbosa, entre a conclusão do curso superior de Arquitectura em 1947 e Março de 1951. Em Agosto de 1951 apresenta requerimento para concurso de professor provisório do Ensino Técnico Profissional. Lanhas estagia também no atelier do arquitecto Jorge Manuel Pizarro Monteiro de Campos até 1947<sup>19</sup>. O Diploma de Arquitecto foi-lhe atribuído em 1963 com a classificação de 19 valores.

Fernando Távora e Viana de Lima participaram nos CIAM 8 (1951) e CIAM 9 (1953), CIAM 10 (1956) e CIAM 11 (1959). O CIAM 9 decorreu em Aix-en-Provence (1953), França, com o tema *A Carta do Habitat*. A delegação portuguesa contou com a presença de Viana de Lima, Fernando Távora, António Matos Veloso, Arménio Losa, Luís Praça e um elemento

---

<sup>17</sup> PORTAS, Nuno, “A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, uma interpretação”, Em: ZEVI, Bruno, História da Arquitectura Moderna, Lisboa: Arcádia, 1978, pp. 7-23.

<sup>18</sup> Conforme processo de aluno da EBAP, a consultar em anexo.

<sup>19</sup>O processo de aluno EBAP apresenta também um documento onde Carlos Ramos, na altura Director da EBAP, atesta que Fernando Lanhas efectuou estágio para fins de obter a carta de condução. Fica a dúvida se Lanhas terá trabalhado mais proximamente com Carlos Ramos.

desconhecido de nome Abelha. Nesse encontro reúnem-se membros de uma nova geração do CIAM que viria a formar o grupo Team X, tais como, Aldo van Eyck, Jaap Bakema, Georges Candilis, Shadrach Woods, Alison Smithson e Peter Smithson<sup>20</sup>. Fernando Távora e António Matos Veloso chegam mesmo a integrar a Comissão nº 6 do Team 10<sup>21</sup>. No CIAM 10 (1956) Viana de Lima juntamente com Fernando Távora e Octávio Lixa Felgueiras apresenta o trabalho *Habitat Rural, Nouvelle Communauté Agricole*. O projecto foi proposto para um terreno no Nordeste Transmontano, entre Bragança e a aldeia de Rio de Onor<sup>22</sup>. No CIAM 11 (1959) Fernando Távora apresentou a Casa de Ofir (1957-58) e o Mercado Municipal de Vila da Feira (1953-59). Este projecto do Mercado teve grande impacto e suscitou um debate em torno da capacidade da arquitectura potenciar o encontro social. Num pequeno texto Távora recorda as declarações de Aldo van Eyck que sugeriu que «a noção corrente de espaço e tempo deveria ser substituída pelo conceito mais vital de lugar e ocasião». Após o CIAM de Otterlo (1959) o Team 10 continuará a sua actividade ao longo dos anos sessenta e setenta organizando vários encontros em diferentes países<sup>23</sup>. Embora Alexandre Alves Costa refira que a relação entre o Team 10 e o contexto português não seria muito evidente, Pedro Baía identifica sinais que confirmam a importância do Team 10 em Portugal<sup>24</sup>. No espaço ibérico Nuno Portas participou nos comités PPCC ou *Pequeños Congresos*<sup>25</sup> (1959-68). Nuno Portas participou em 1967 nos PPCC de Tarragona e de Tomar. E em 1968 participou no PPCC de Vitoria em que apresentou Siza Vieira que também participou nesse Congresso. Depois do fim dos PPCC os arquitectos portugueses continuaram a ser convidados a participar no debate. Em 1970 realiza-se

---

<sup>20</sup> BAÍA, Pedro, Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981, (Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à DAFCTUC, orientada por Mário Júlio Teixeira Kruger), Coimbra, DAFCTUC, Maio de 2014, p.58.

<sup>21</sup> IDEM, p.61.

<sup>22</sup> IDEM, p.76.

<sup>23</sup> IDEM, p.14.

<sup>24</sup> IDEM, p.19.

<sup>25</sup> CORREIA, Nuno, “A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos ‘Pequenos Congressos’ – 1959/1968”, Em Revista Crítica de Ciências Sociais, “debate social e construção do território, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, [Online] 91|2010, pp. 41-57.

um encontro inspirado nos Pequenos Congressos, em La Garrida, em que para além da participação de Nuno Portas e Siza Vieira, estão também presentes Fernando Távora, Manuel Taíña e Duarte Cabral de Melo. Nuno Portas participa também no seminário de Castelldefels (1972), mostrando assim que os arquitectos portugueses não só acompanharam como contribuíram activamente para a reflexão em torno da modernidade na Arquitectura. Segundo Nuno Correia, «a obra de Siza, a actividade intelectual de Nuno Portas e o interesse despertado pelas operações SAAL tornaram a arquitectura portuguesa objecto da atenção permanente da crítica e da imprensa em Espanha, França e Itália durante toda a década de 70»<sup>26</sup>.

É neste contexto sociocultural que surge a actividade profissional de Fernando Lanhas como arquitecto, um contexto transformativo que terá certamente uma importância decisiva nas suas actividades das décadas de 1950 e 1960. As obras arquitectónicas mais relevantes de Fernando Lanhas ocorrem precisamente no período compreendido entre estas duas décadas.

#### Objectivo

O objectivo deste trabalho é aprofundar o pensamento em torno da obra de Fernando Lanhas no que remete para a habitação plurifamiliar, que é algo que se considera estar ainda muito pouco estudado. É um nicho que nunca foi desenvolvido, não havendo mais nenhum trabalho que analise de forma sistemática a habitação plurifamiliar deste arquitecto e que é tão importante para a compreensão da sua obra, na sua acção multifacetada, e do contexto da época. Considera-se também importante indagar como o estudo de Arquitectura numa Escola de Belas Artes, sobretudo num período de grandes transformações sociopolíticas, foi capaz de o influenciar e perceber como a pintura pode ter influenciado a sua arquitectura e vice-versa. Este trabalho pretende também ser mais um contributo para a reflexão sobre um importante arquitecto e artista

---

<sup>26</sup> CORREIA, Nuno, “A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos ‘Pequenos Congressos’ – 1959/1968”, Em Revista Crítica de Ciências Sociais, “debate social e construção do território, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, [Online] 91|2010, pp. 41-57.

portuense, do qual o que se conhece ainda é pouco, e que estudou e trabalhou ao lado de nomes tão conhecidos da Arquitectura e da Pintura portuguesa, tais como Fernando Távora e Nadir Afonso.

## Método

O método de investigação desenvolve-se em três fases. Numa primeira fase, procede-se à recolha da informação em bibliotecas e arquivos, de bibliografia primária e secundária de e sobre Fernando Lanhas. São visualizados dois documentários da RTP sobre Fernando Lanhas. Foi consultada a biblioteca da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP). Foram consultados todos os livros disponíveis na biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) sobre este autor. Foi também consultado o processo de aluno no arquivo da FBAUP, com vista à compreensão da sua personalidade, vida académica e do seu percurso nas diferentes actividades que desenvolveu. Partindo da lista de obras datadas mencionada no trabalho de dissertação de Elda Moreira, foi realizada pesquisa no Arquivo Histórico da Casa do Infante com o intuito de recolher essa informação e foi possível acrescentar três projectos de arquitectura à lista já mencionada, a saber: o edifício Silva e Almeida, na rua da Alegria nº 308-316 (L.O. 651/67), a casa Lencastre, na Praça Conde de Samodães (L.O. 458/69) e o edifício Alves de Sousa, na rua Santos Pousada nº 110, 114,118 (L.O. 245/70). Posteriormente foram consultadas inúmeras licenças de obra no Gabinete do Município, do Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal do Porto (CMP). Esta pesquisa de licenças de obra foi surgindo ao mesmo tempo que se ia fazendo o reconhecimento nos locais, onde se tiraram fotografias.

Numa segunda fase, após análise da informação recolhida, optou-se por aprofundar investigação na área da arquitectura plurifamiliar de Fernando Lanhas, dando continuidade ao estudo de uma das cinco categorias iniciadas por Elda Moreira. De seguida elaborou-se um mapa de localização das obras de arquitectura de Lanhas e uma cronologia relacionando a produção arquitectónica e a Pintura. O método de análise

da arquitectura deste arquitecto passou por se seleccionarem cinco obras de arquitectura como casos de estudo: 1. edifício e garagem Pinto Leite, Rua da Maternidade (1954); 2. conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão (1954-56); 3. Edifício Bastos Xavier, Avenida Sidónio Pais (1957); 4. edifício Guedes da Silva, Rua Oliveira Monteiro (1961); 5. edifício M.M. Teixeira, Rua Heróis Mucaba (1968). Após definição dos casos de estudo foi possível estabelecer contacto por correio electrónico com Elda Moreira, que forneceu informação documental sobre um trabalho elaborado na Universidade Fernando Pessoa sobre a Arquitectura de Fernando Lanhas e também o contacto telefónico do filho do arquitecto Fernando Lanhas, Pedro Lanhas. Com este último foi possível estabelecer contacto e conversar sobre os casos de estudo escolhidos, obtendo-se a informação que o mesmo enviou o acervo documental do pai para a Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS) com o intuito desta poder estar disponível ao público. Seguiu-se, assim, a consulta na FIMS da documentação disponível, não sendo muita pois a informação está ainda numa fase de tratamento e grande parte do material havia sido consultado, sobretudo, na CMP. O mais relevante que se encontrou disponível foi o caderno de encargos de duas obras, do edifício e garagem Pinto Leite da Rua da Maternidade e o conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão.

Numa terceira fase, procedeu-se à análise dos casos de estudo, relacionou-se as obras com o seu contexto e com alguns exemplos mais significativos da pintura abstracta de Lanhas, articulando ambas à sua procura incessante das formas do conhecimento. Na análise aos casos de estudo foram utilizadas algumas expressões utilizadas por Fernando Lanhas nos seus desenhos e memórias descritivas, como por exemplo: “quarto das criadas”, “quartos das serviçais”, utilizadas na época, com o intuito de não deturpar o sentido das mesmas e de melhor compreender o contexto da época.

#### Estrutura

Nesta dissertação de MIARQ, a *Introdução* prevê uma reflexão em torno do Estado do Conhecimento, do Objecto de Estudo, do

Enquadramento, dos Objectivos, do Método e da Estrutura. O *Estado do Conhecimento* menciona toda a informação encontrada sobre a Arquitectura de Fernando Lanhas. Em seguida o *Objecto de Estudo* que fala do que consiste o trabalho, qual o critério da sua escolha e o seu enquadramento temporal. O *Enquadramento* apresenta o contexto histórico, sócio-político e cultural para uma melhor compreensão do autor e da sua obra. O *Objectivo* dá a conhecer a pertinência do trabalho e qual pretende ser o seu contributo para o conhecimento. O *Método* conta as diferentes fases pelas quais passou o trabalho, os seus bastidores, as fontes a que se teve acesso, da forma como evoluiu e o que se visava. Por sua vez a *Estrutura* indica como o trabalho se apresenta fazendo uma descrição do Índice.

No primeiro capítulo, *As Diferentes Faces*, procura dar-se a conhecer as diferentes actividades do Homem multifacetado que era Fernando Lanhas, não querendo ser exaustivo nessa apresentação, mas falando um pouco sobre cada uma delas e relacionando-as entre si, tendo consciência de que não é possível falar de Lanhas ou da Arquitectura de Lanhas sem que de algum modo se fale de todas as actividades e interesses que o rodeavam. No segundo capítulo *Arquitectura de Fernando Lanhas*, abordar-se-á de forma genérica a sua actividade profissional como arquitecto e sobre as suas principais obras e possíveis influências. O terceiro capítulo centra-se na *Habitação Plurifamiliar* de Fernando Lanhas, onde serão analisados mais aprofundadamente cinco casos de estudo. Procurar-se-á analisar a forma como os edifícios se implantam no terreno e a relação que estabelecem com os edifícios adjacentes e com a rua. Analisar-se-á também a sua volumetria, os alçados, o desenho da sua organização interna, a luz, os materiais e os sistemas estruturais. Relacionar-se-ão os casos de estudo entre si e com outros prédios que Lanhas projectou na mesma época, tentando perceber cronologicamente a sua evolução no contexto da época.

As *Considerações Finais* farão um balanço sobre o material apresentado nesta dissertação. Em seguida surgem as *Referências de Bibliografia*, as *Referências de Imagens*, que revelam as fontes e dão crédito à informação com que se trabalhou e apresentou ideias e

conclusões. Por fim, nos Anexos será incluído o material que foi consultado e toda a informação que possa complementar o trabalho e dar-lhe suporte. Assim, estão incluídos nos anexos as licenças de obra consultadas no Gabinete do Município da CMP, que contêm os pedidos de licença, as memórias descritivas, os termos de responsabilidade, as plantas de implantação, as fotografias do terreno tiradas na época, as plantas, cortes e alçados. Os anexos serão organizados por licença de obra e cada obra será dividida em pedido de licença e aditamento. Farão parte dos anexos também o plano de estudos consultado na EBAP contendo: a certidão de nascimento de Lanhas, carta médica, pedidos de matrícula, uma carta do Director da EBAP e carta de Lanhas em resposta à Reitoria por causa do envolvimento no Grupo de Estudantes, declarações de estágio, um pedido de certidão para poder concorrer ao concurso de professor provisório do Ensino Técnico Profissional e resposta do Director com certificado e as classificações para o efeito; um pedido de certidão em como é arquitecto estagiário para fim de poder tirar a carta de condução. E também os vários pedidos de admissão à prova final do C.O.D.A. com o respectivo programa, documentos de admissão e requerimento de diploma.





Dado que há muitos documentos a colocar em anexo, este trabalho será dividido em dois volumes: volume I, a Dissertação e volume II, os Anexos, passíveis de serem consultados em versão digital.

Cada obra de habitação plurifamiliar é denominada por "Edifício", seguindo-se o nome do cliente que encomendou o projecto, a localização e a data de licença de obra da CMP. Nos casos em que existem vários edifícios geminados de diferentes clientes, designa-se por "conjunto habitacional" em vez de "edifício".

Foi efectuado tratamento das imagens, tendo sido algumas cortadas e ajustado o contraste e a luminosidade. Algumas são assinaladas com algo que se pretenda salientar.

A presente Dissertação não adopta o acordo ortográfico de 1990.

Mapeamento das obras de Arquitectura de Fernando Lanhas no Porto

-  Casos de Estudo
-  Habitação Plurifamiliar
-  Habitação Unifamiliar
-  Edifícios Públicos



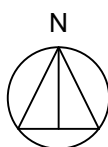


OCEÂNO  
ATLÂNTICO

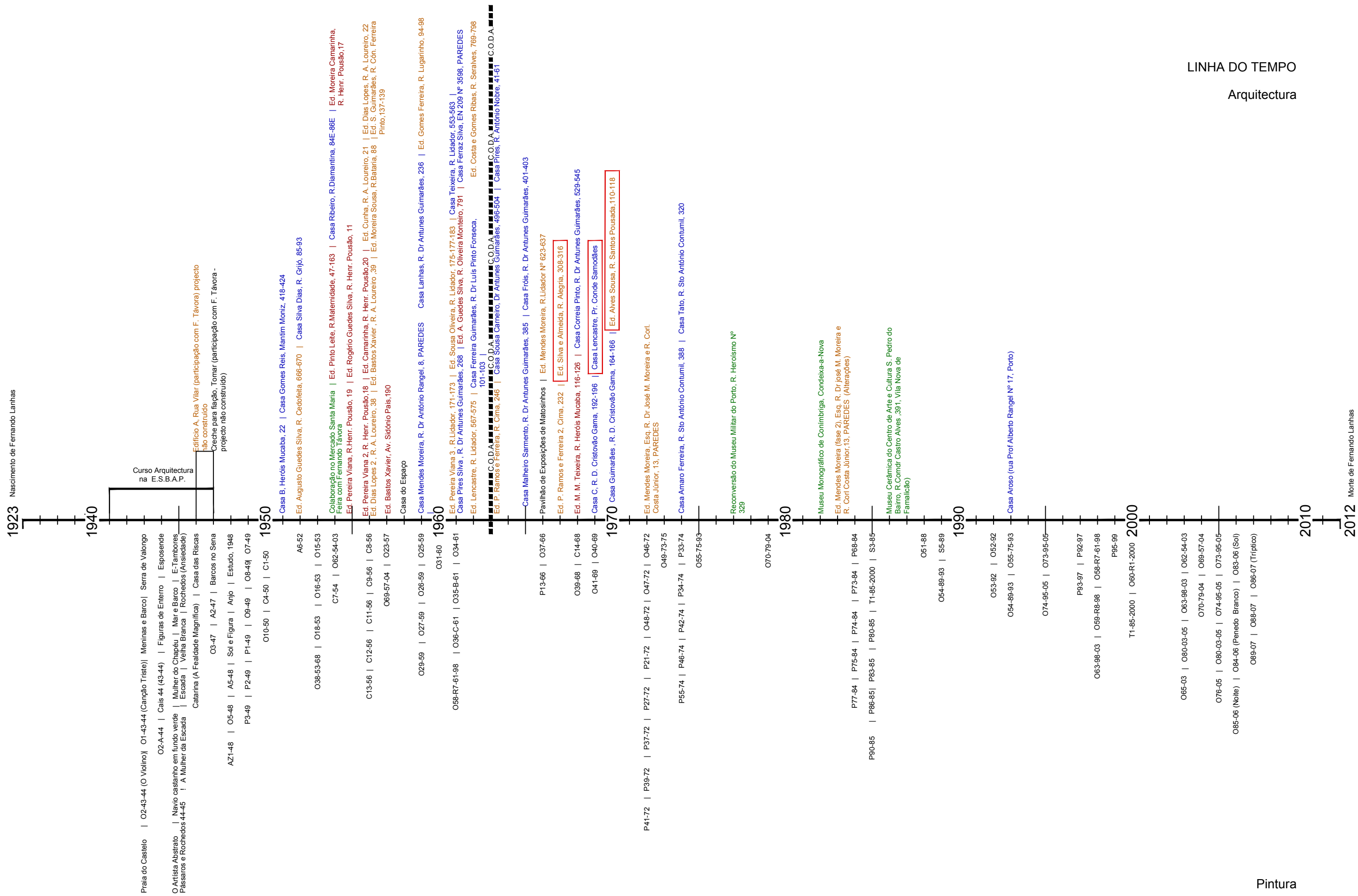
RIO DOURO

RIO DOURO

RIO DOURO









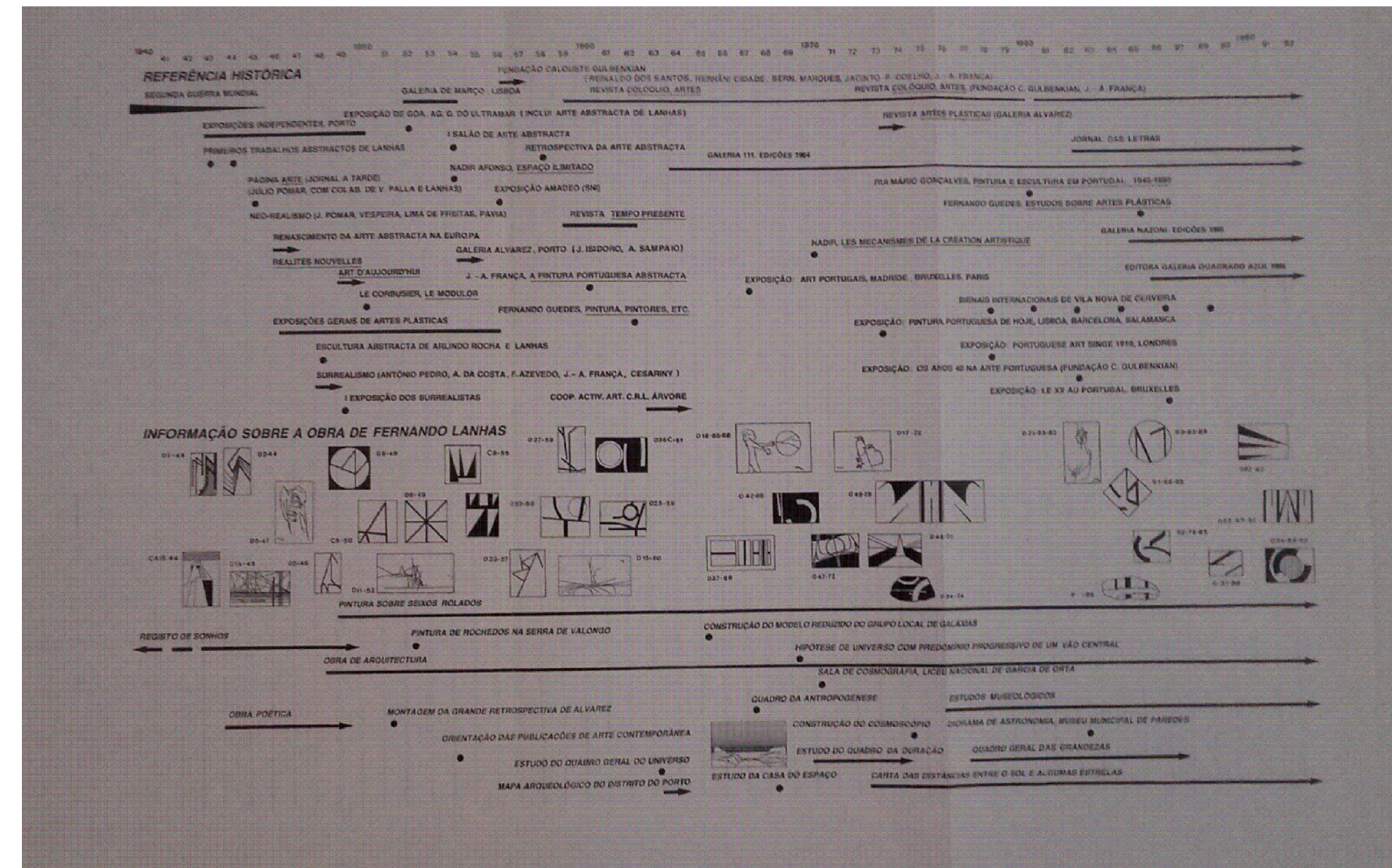


Fig. 11. Quadro que enquadra as diferentes actividades de Lanhas no tempo

## Cronologia das obras de Arquitectura e Pintura de Fernando Lanhas

- Casos de Estudo
- Habitação Plurifamiliar
- Habitação Unifamiliar
- Edifícios Públicos



## Capítulo 1) As Diferentes Faces

Para tentar compreender a obra de Fernando Lanhas é importante compreender primeiro as suas diferentes faces, reveladas pelas actividades em diferentes áreas do saber que foi desenvolvendo ao longo da vida. Essas diferentes actividades, que a princípio, parecem tão díspares, revelam-se como que diferentes peças de um mesmo *puzzle* que configuram a personalidade deste autor. Quase sempre estas actividades se desenvolvem ao mesmo tempo, sendo muito difícil o exercício de separar cada uma delas. Esta primeira exposição não pretende, portanto, ser exaustiva, apenas dá a conhecer as diferentes faces desta personalidade tão peculiar, para assim melhor compreendermos a sua obra arquitectónica e o porquê da quantidade de obras que produziu não ter sido a mesma da de outros arquitectos que se dedicaram somente a essa actividade.

Por conseguinte, consideramos que, a sua incessante busca pelo conhecimento está bem patente nas seguintes palavras de sua autoria: «nunca fiquei sentado a ganhar erudição<sup>27</sup>». Segundo comenta Vicente Todolí: «a sua obra é uma verdadeira cosmogonia, situando o artista numa busca do conhecimento do porquê das coisas da arte e da vida.»<sup>28</sup> Esta demanda pelo conhecimento é despoletada pela curiosidade e por um certo espanto pelo mundo que o rodeia, reunindo, nesse horizonte, a simplicidade e a inocência das perguntas mais pueris com as da reflexão filosófica. Nesse contínuo processo de interrogação, da procura dos mistérios complexos do universo, segundo afirma ainda João Fernandes, os diferentes saberes congregam-se enquanto manifestações místicas de imanência entre o criador e os diferentes universos. Uma Pintura, uma pedra, um fóssil, uma cartografia ou um projecto arquitectónico têm, nesse sentido, para Lanhas, a mesma importância.

---

<sup>27</sup> GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p.147.

<sup>28</sup> Director do Museu de Serralves, AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001.

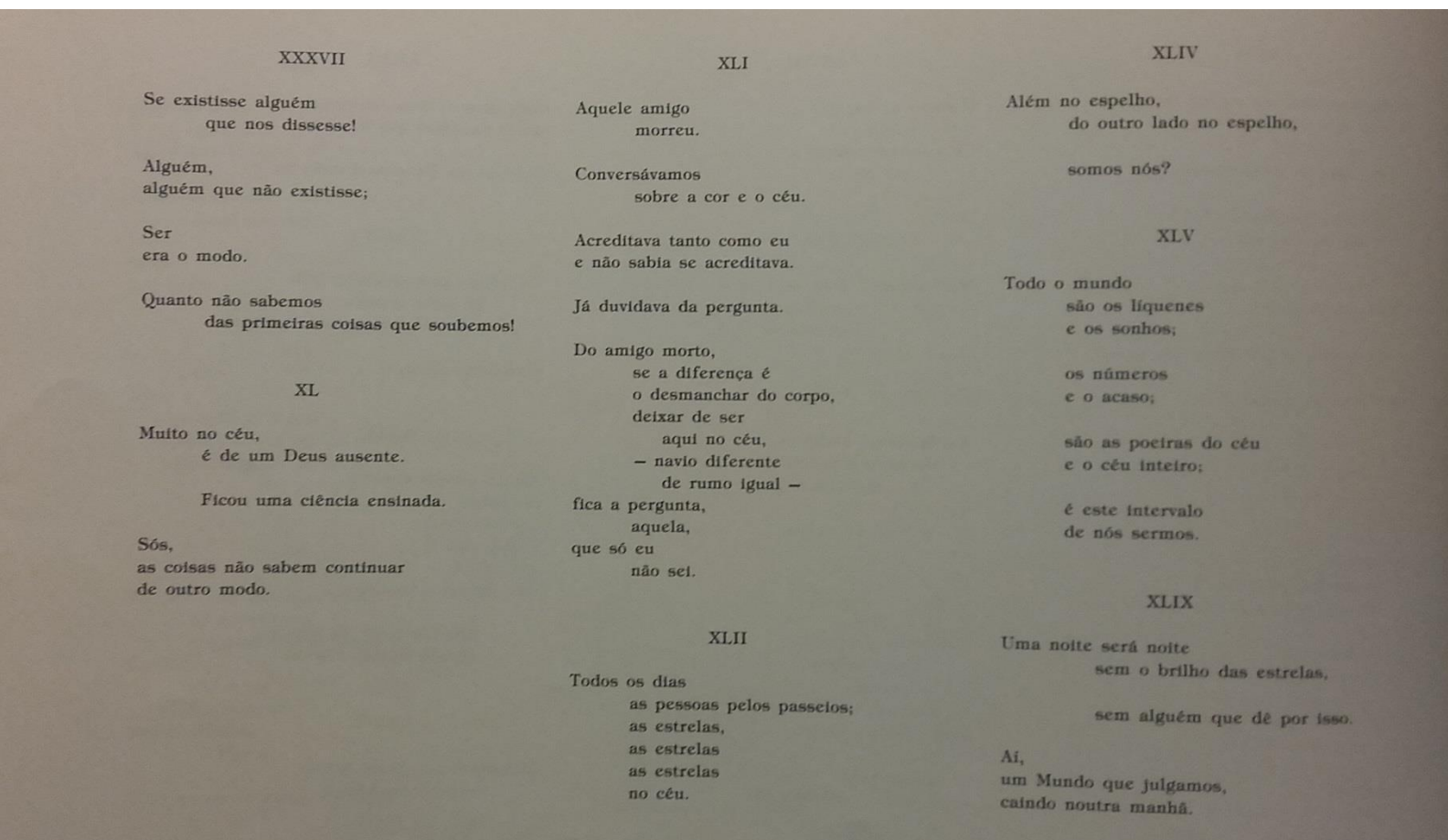


Fig. 13. Excerto da antologia poética de Fernando Lanhas

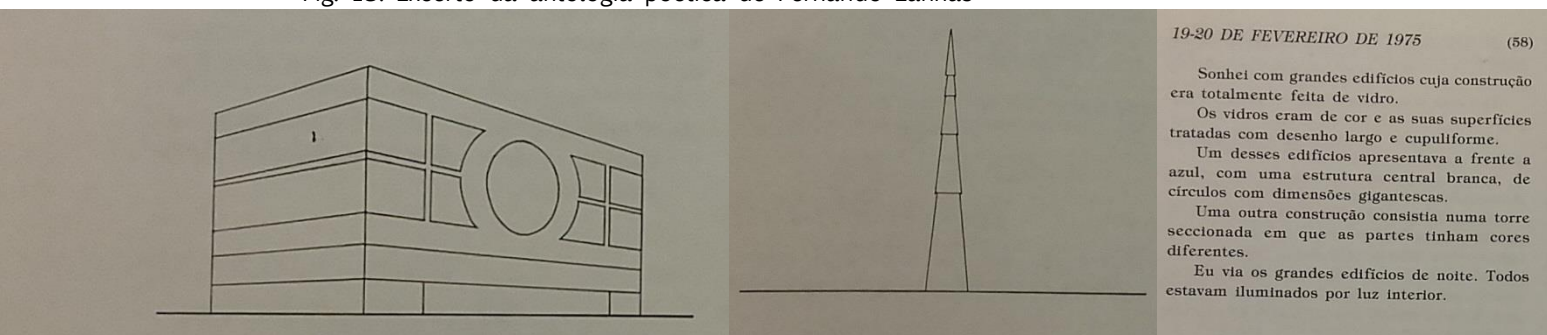


Fig. 14. Sonho de 19-20 de Setembro de 1975



Fig. 15. Sonho de 22-23 de Maio de 1983. Da esquerda para a direita: imagens A, B, C e D.

A faceta poética de Fernando Lanhas, a exemplo, traduziu muitas das suas perguntas e inquietações. Os seus poemas caracterizam-se pelo seu grande rigor formal e de ideias contidas, por vezes, até indecifráveis. No essencial, falam dos quatro grandes mistérios sobre os quais a humanidade ainda, até hoje, se interroga, mistérios que o acompanharam sempre nas suas interfaces: o mistério de Deus, o mistério do Universo, o mistério do Ser e o mistério do Conhecimento. Assim os expõe Lanhas:

«Deve existir um Deus de frente ignorada,  
um Deus igual a Deus,  
mas Deus.  
O Deus que os homens querem,  
e não sabem como querer.  
O Deus exigido!  
Deus um,  
sabedor das Geometrias.  
Um Deus  
decerto eterno.»

Os sonhos são também mais um dos grandes mistérios que interessaram a Lanhas, um rasgo seu bem pessoal e que se revelou bem cedo. Recorda, portanto e sempre, o seu primeiro sonho com apenas cinco anos de idade. Havia de registar os sonhos ao longo da sua vida. Sigmund Freud<sup>29</sup> defendeu que os sonhos não são obra do acaso mas que estão associados a pensamentos e a problemas reais que o subconsciente esconde numa dimensão simbólica que é preciso traduzir ou decifrar. Num mundo onírico, Lanhas criou uma dimensão paralela ao real. Os temas mais comuns dos seus sonhos são fundamentalmente oito: Deus, o Céu e os Astros, a Morte, a Vida após a morte, a Cor, Cristo, o Tempo e o Conhecimento. Lanhas experiencia sonhos de levitação em diferentes posições e em diferentes lugares, a diferentes velocidades e distâncias do chão.

---

<sup>29</sup> FREUD, Sigmund, *A Interpretação dos Sonhos*, 3 vols., Editora Pensamento, Lisboa, 1988-89.

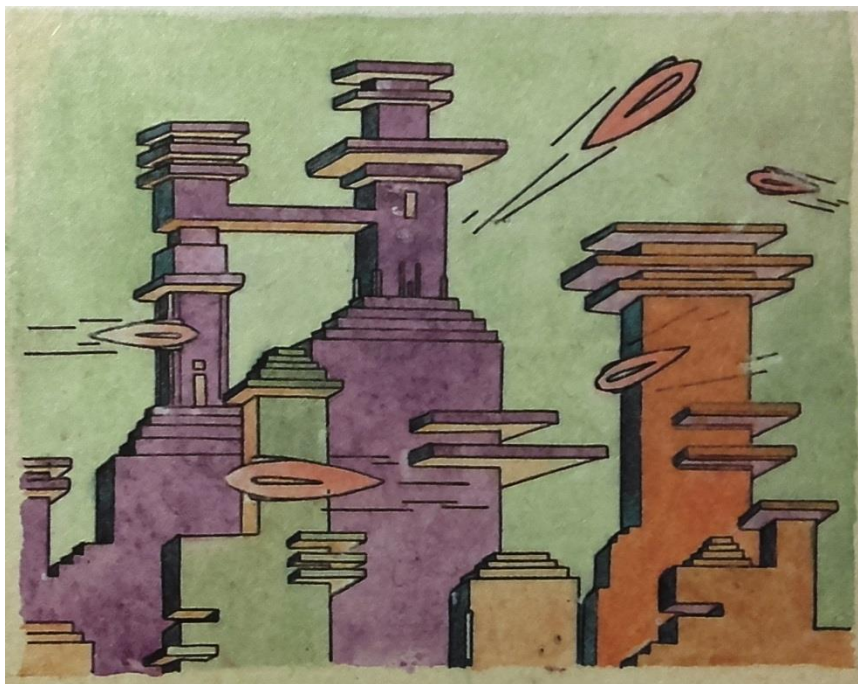


Fig. 16. Desenho aguarelado 1939. Representação de cidade futurista e utópica

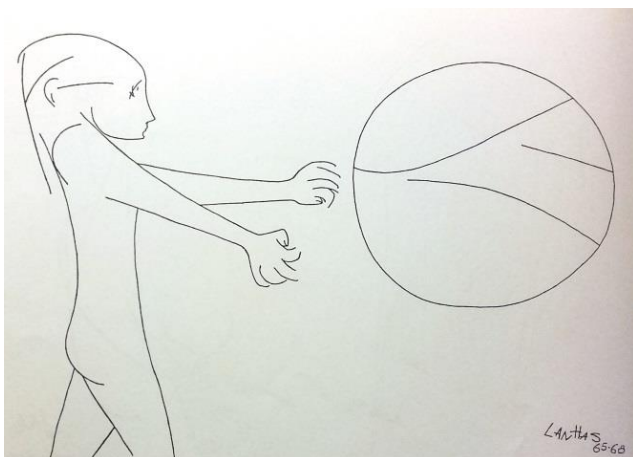


Fig. 17. "Rapaz com o Mundo".



Fig. 18. "Cristo"

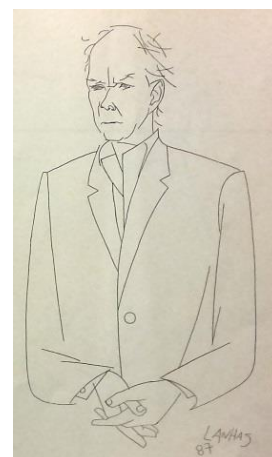
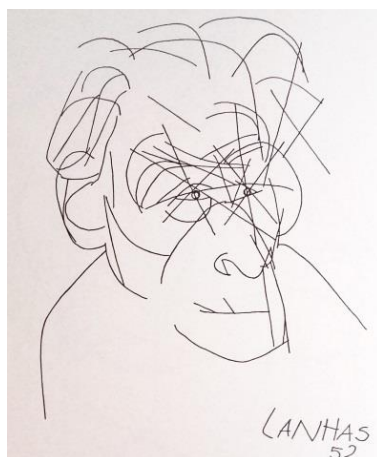


Fig. 19. auto-retrato. Fig. 20. retrato de Teixeira de Pascoaes e Fig. 21. retrato de Eugénio de Andrade.

Para além dos sonhos e da observação da natureza, o Desenho e a aguarela tiveram também um papel importante na vida de Fernando Lanhas que, mesmo antes de iniciar os estudos em Arquitectura, esboça conceitos de espacialização de cidade, idealizando e representando mundos alegóricos. Surge, em 1939, a representação de uma cidade futurista e utópica, visionária como qualquer contexto de ficção científica. Uma cidade vertical com estranhos edifícios e com veículos voadores que pairam em torno desses prédios. O Desenho assume-se também como muito importante neste autor que o vai praticando e aprimorando ao longo da vida. Mostra-se, contudo, numa face mais descontraída, mais comunicativa com a realidade, e não tão introspectiva como a da Pintura. Usa o traço sobre a folha branca, com uma grande simplicidade, mas ao mesmo tempo com uma extraordinária capacidade de expressão. Desenha paisagens, cidades imaginárias e pessoas. *O Rapaz com o Mundo*<sup>30</sup> é um dos desenhos com mais simbolismo, podendo o rapaz representar o próprio artista, e por ele todos os que recebem com o Mundo a dádiva do Conhecimento vencem a ignorância e o erro. A imagem de *Cristo*<sup>31</sup> é apresentada por Lanhas de uma forma um pouco diferente da iconografia tradicional. Nos retratos de pessoas que geralmente conhece bem não procura uma representação realista, procura sim captar o carácter psicológico da pessoa retratada. O retrato de Teixeira de Pascoaes é talvez o exemplo mais significativo.

O arquitecto Lanhas escolhe a simplicidade. Fazer é descobrir. E na surpresa dessa descoberta surge a necessidade ética de a divulgar, de a mostrar, evidenciando-se assim a condição humana na sua relação com o mundo. Neste sentido, Fernando Lanhas não só criou as suas obras, não somente lhes deu forma, como participou, activamente, na elaboração de inúmeras exposições, colaborando com museus no tratamento e na exposição do seu espólio. Embora não se considerasse um artista, usou a arte como mais um veículo para a sua procura incessante do saber. A arte é uma forma de *catharsis* que permite a interrogação, a

<sup>30</sup> Desenho D16-65/68, “Rapaz com o Mundo”, conforme explicação de Fernando Guedes no livro “Fernando Lanhas – os sete rostos”

<sup>31</sup> Desenho D21-55/82 “Cristo”, conforme explicação de Fernando Guedes no livro “Fernando Lanhas – os sete rostos”, «Nem inteiramente humanos nem completamente divino».



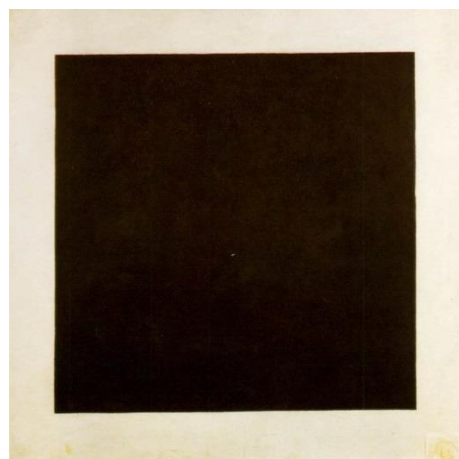


Fig. 22. Composição VIII, de Wassily Kandinsky (1923). Fig. 23. Quadro negro sobre fundo branco, de Kazimir Malevich (1915).

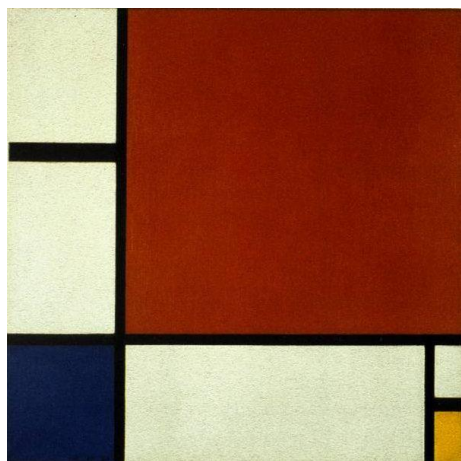


Fig. 24. Composição II com vermelho, azul e amarelo, de Piet Mondrian (1930). Fig. 25. Le Premier Disque, de Robert Delaunay (1912).



Fig. 26. Óleo com título desconhecido de Amadeo de Souza Cardoso (1913). Fig. 27. O quarto dos azulejos, de Maria Helena Vieira da Silva (1935).



transformação e a recriação da realidade. Tomando de empréstimo as suas palavras:

«não sou um exaltado da Arte, nem procuro fazer coisas especiais, não acho graça nenhuma a isso! Gosto, sim, de ver as coisas realizadas. Aliás essa é uma das razões por que tenho feito Pintura, para ver como fica, ... não para produzir Arte. Não sei bem o que isso é ... o Artista!»<sup>32</sup>

Durante o curso de Arquitectura, o estudo da geometria fará desenvolver a abstracção geométrica na Pintura de Lanhas, fruto da sua investigação pessoal sobre as possibilidades de composição.

O Abstraccionismo passa por formas de representação não figurativas. Exprime-se por relações formais usando a linha, o plano e a cor. Este movimento surge em finais do século XIX e princípios do século XX, das experiências das vanguardas europeias que rejeitam a herança clássica das Academias de Arte. A Arte Abstracta não pretende representar os objectos da realidade concreta, mas a realidade subjectiva, íntima, experimental e introspectiva do observador. O Abstraccionismo teve duas correntes importantes: o Abstraccionismo Lírico e o Abstraccionismo Geométrico. O primeiro surge como reacção à II Guerra Mundial, uma arte imaginária que se baseia no inconsciente e na intuição. Usa jogos de formas orgânicas, cores vibrantes e linhas de contorno. Pretende transformar linhas e manchas de cor em ideais e simbolismos subjectivos. O Abstraccionismo Geométrico teve influência do Cubismo e do Futurismo e foca-se na racionalização que depende da análise intelectual e científica. No entanto, a abstracção da pintura de Lanhas é um processo que vai evoluindo, coexistindo quadros figurativos e abstractos na década de 1940, que contêm principalmente temas de paisagem e de figura. João Fernandes indica que o recorte e a segmentação do plano constituem já processos de estruturação do quadro e destaca de entre as obras do autor *Meninas e Barco* (1943), *Tambores*, *Mulher Cega*, *Catarina*, *Mulher do Chapéu* (1945). As primeiras pinturas abstractas de Fernando Lanhas datam de

---

<sup>32</sup> ““Querer fazer o que não tinha visto”. (Entrevista a Fernando Lanhas elaborada por Bernardo Pinto de Almeida em 2001). AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 288.



Fig. 28. Meninas e Barco (1943). Fig. 29. Mulher Cega (1945)

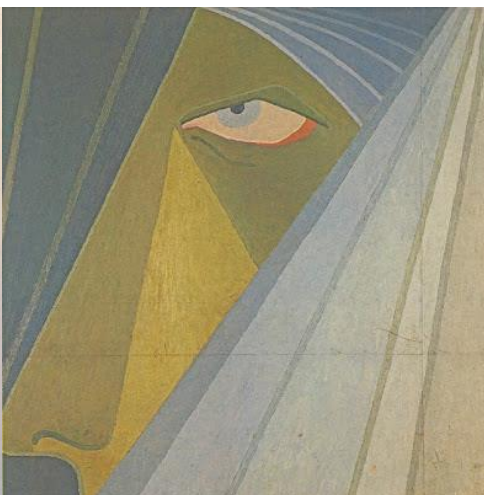


Fig. 30. Estudo para Tambores (1945). Fig. 31. Tambores (1945)



Fig. 32. Catarina - A fealdade magnífica. Fig. 33. Mulher do chapéu (1945)

1943-44 e é considerado pioneiro na abstracção geométrica em Portugal, apesar de ter sido antecedido por pintores portugueses famosos como Amadeo de Souza Cardoso (1887-1918), Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) e mesmo Júlio Pomar (1926-2018), e, por personagens de outras nacionalidades, a exemplo, por Wassily Kandinsky (1866-1944) ou Piet Mondrian (1872-1944) ou até Theo van Doesburg (1883-1931) e o manifesto da Art Concret (1930). Vários críticos de Arte consideram pioneiro o abstraccionismo de Lanhas e indicam que tem um carácter único. Para João Lima Pinharanda apontar Lanhas como pioneiro da Abstracção geométrica em Portugal não deriva de razões estritamente cronológicas, mas que «ele é, porém, o primeiro a assumir a consciencialização da problemática abstracta tornada parâmetro central de vasta e qualificada produção plástica.<sup>33</sup>» Tanto Pinharanda como João Fernandes salientam o carácter de isolamento do mundo que Lanhas tinha quando iniciou este percurso abstracto pela Pintura nos anos 1940 como um factor de valorização objectiva a ter em conta na avaliação do seu trabalho. João Fernandes afirma que «mais do que introdutor da Abstracção na pintura portuguesa, Lanhas é um inventor da Abstracção», uma vez que ele teria um completo desconhecimento das produções artísticas efectuadas nesse domínio, tanto em Portugal como no estrangeiro, no início dos anos 1940. E continua: «Fernando Lanhas descobre a Abstracção a partir da sua formação e prática arquitectónicas, tomando como referência a segmentação do plano e a projecção do espaço, independentemente de qualquer contextualização artística e/ou cultural». Segundo Fernando Guedes, outro aspecto do pioneirismo da obra de Lanhas, é ter suscitado um interesse colectivo muito forte pela abstracção<sup>34</sup>, como nunca antes em Portugal. O próprio Fernando Lanhas afirma em entrevista a Bernardo Pinto de Almeida:

---

<sup>33</sup>AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, “o Momento da Creação (ideologia e prática do Abstraccionismo em Fernando Lanhas)”, PINHARANDA, João Lima, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 268.

<sup>34</sup> Cf. Fernando Guedes, “Fernando Lanhas – Cinquenta Anos de Abstracção em Portugal”, comunicação apresentada na Academia Nacional de Belas-Artes em 15/10/1995 e na Fundação Engº António de Almeida em 15/12/1996. Em Fernando Guedes, Duas comunicações, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1997, pp. 35-40.



Fig. 34. Quadro sem título de Júlio Pomar (1944) uma obra do período inicial da sua produção, correspondente ainda aos seus anos de formação. Fig. 35. Aguarela intitulada No Circo, de Júlio Resende (1944).

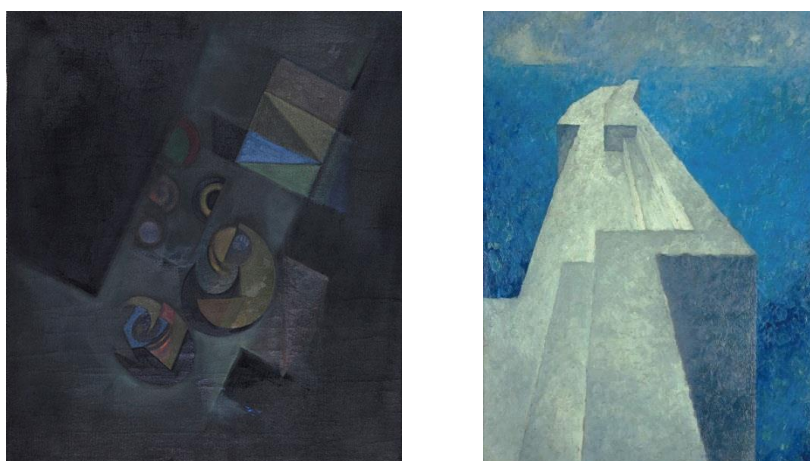


Fig. 36. Óleo Geometria Irisada, de Nadir Afonso (1944). Fig. 37. Óleo O1-43-44, o Cais, de Fernando Lanhas (1944)



Fig. 38. Grupo de amigos das Belas Artes do Porto, 1944 – da esquerda para a direita: primeira fila em pé – Nadir Afonso, Amândio Silva, Carlos de Almeida; fila do meio, sentados – Fernando Lanhas, Martins da Costa, Júlio Pomar, António Lino, Raúl David; no chão – Júlio Resende e Israel de Macedo.

«Aos 20 anos, estudava eu em Arquitectura, fiz em casa as minhas primeiras experiências de arte abstracta. Não era viajado nem tinha informação. Mais tarde estudei. Kandinsky, por exemplo, começou a fazer pintura abstracta em 1913. Mas, nessa altura, eu não sabia nada disso, nunca tinha ouvido falar de Kandinsky nem tinha conhecimento de nenhum pintor que fizesse pintura abstracta. Aliás, estávamos em tempo de guerra e não tínhamos livros ou revistas de informação. Fiz aquilo porque me apeteceu fazer. Quis fazer o que nunca tinha visto». <sup>35</sup>

No entanto, apesar do exposto, surge-nos ainda a interrogação se Fernando Lanhas teria mesmo um total desconhecimento da Arte Abstracta. É certo que se viviam tempos de guerra na Europa e que Portugal tinha um regime autoritário, sendo difícil e escassa a informação que vinha do exterior. Ainda assim, Fernando Lanhas era de uma família burguesa e tinha um círculo de amizades com pessoas cultas que certamente viajavam e estavam ao corrente do que se passava no mundo. Nos espaços artísticos e culturais por ele frequentados havia margem para essa troca de ideias. Nesse aspecto, o curso de Arquitectura teve certamente muita influência. As inovações introduzidas no ensino da Arquitectura por Carlos Ramos, a partir da década de 1940, e o ambiente cultural rico com colegas vindos de diferentes correntes artísticas como Júlio Pomar (Lisboa, 1926) e Júlio Resende (Porto, 1917), entre outros, propicia a discussão artística e cultural que leva à organização das célebres Exposições Independentes (1943-1950). Lanhas trabalha como organizador e expõe também aí os seus primeiros quadros abstractos. É difícil de imaginar que Lanhas tenha tido acesso a ideias da Bauhaus, ou de Walter Gropius e nunca ter ouvido falar em Abstracção. O que se pretende com isto, é apenas reflectir sobre o que pode ter contribuído para a Pintura Abstracta desenvolvida por Fernando Lanhas, que continua a ser muito original, e pensar o que podem ter sido as suas fontes que terão sido interpretadas por Lanhas à sua maneira. Pode ter tido acesso vago a determinados conceitos e/ou a determinadas imagens sem que

---

<sup>35</sup> “Querer fazer o que não tinha visto”. (Entrevista a Fernando Lanhas elaborada por Bernardo Pinto de Almeida em 2001). AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 289.





Fig. 39. Malha linear, desenho prévio como suporte da pintura. “Desenho subjacente”

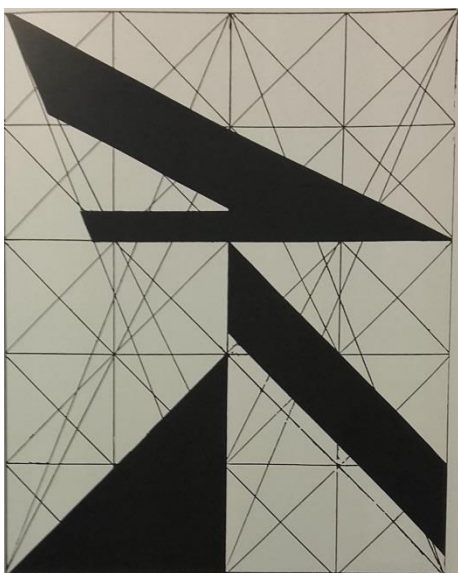


Fig. 40. Estudo do S5-88, vê-se a malha linear como fundo e as zonas que Lanhas escolheu para sobressair e pintar. Fig. 41. S5-88 final com o fundo pintado numa cor uniforme ocultando a malha.

tenha tido grande consciência disso na altura e pode depois, de forma intuitiva, tê-las desenvolvido. Lanhas era também frequentador assíduo do Centro de Cultura Musical do Porto, o que poderá talvez ajudar também a explicar a depuração geométrica e até musical das suas pinturas. O próprio refere ainda: «Decerto que quando comecei com os meus trabalhos abstractos em 1943 não tinha qualquer ideia preconcebida. Duvido que essas coisas aconteçam em arte. Havia então, sim, uma modernidade que apetecia buscar, que entendíamos do nosso tempo.»<sup>36</sup>

Só em 1947 Fernando Lanhas visita Paris, onde em 1945 a Galeria René Drouin apresentara uma exposição colectiva intitulada “Art Concret” e onde em 1946 tinha sido lançada a realização do “Salon des Realités Nouvelles”, cuja primeira edição é dedicada à arte abstracta/concreta/construtivista/não figurativa. Deste modo, pode notar-se que apesar do seu aparente isolamento, existem alguns paralelismos entre o trabalho que Lanhas desenvolvia e o exterior. Isso não invalida a sua obra idiossincrática, que procura a simplicidade das formas que regem o Universo, uma geometria que é comum às diferentes actividades por que se interessa, sejam o gosto pela música, pela arqueologia, astronomia ou arquitectura. Conforme avalia João Pinharanda, Fernando Lanhas «orientou/subordinou, desde o início, as suas pesquisas artísticas para uma contida busca do ‘natural’, entendido como sensibilidade clássica - ou metafísica -, que excluirá qualquer manifestação de desequilíbrio, procurando que as obras de arte se confundam com o ‘existente’»<sup>37</sup>, e isso revela-se ao nível do processo criativo. Indica que a imagem de sonhos, do inconsciente, de um saber provisório que nos escapa e ultrapassa, está entre o rigor e a preparação formal de uma obra e a génese intuitiva da cor. Pinharanda fala na metodologia do “desenho

---

<sup>36</sup> “Para um livro de horas de Fernando Lanhas” (Fernando Lanhas em entrevista a Joaquim Matos Chaves), AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura – Desenho*, entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, Colecção Quadrado Azul, Porto, 1992, p.10.

<sup>37</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, “Lanhas: Intuição e Geometria”, PINHARANDA, João, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 232.



Fig. 42. Pássaros e rochedos (1944/45). Fig. 43. O5-48 (1948), de Fernando Lanhas.

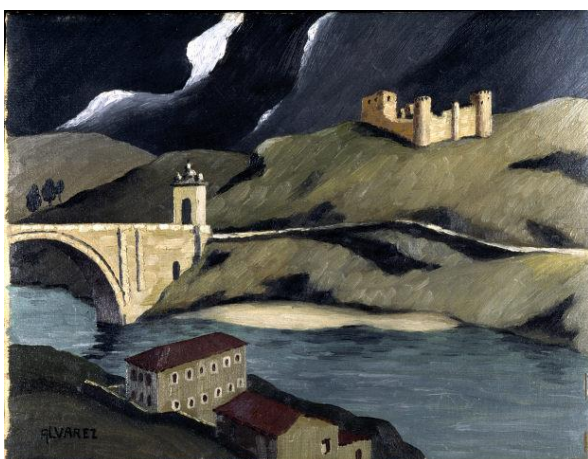


Fig. 44. Paisagem com castelo (1930). Fig. 45. D. Quixote (1934), de Dominguez Alvarez.

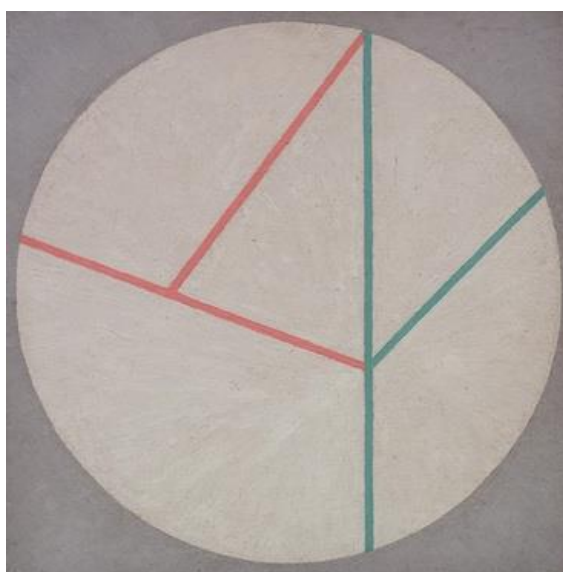


Fig. 46. Óleo O2-44 (1943-44). Fig. 47. O9-49 (1949), de Fernando Lanhas.



subjacente”<sup>38</sup>, que se constitui por um desenho prévio no papel, uma malha linear que cria múltiplos cruzamentos, sucessivas zonas poligonais, uma teia de escolhas em que se faz sobressair umas linhas que acabarão por fazer parte da imagem final, apagando-se as restantes linhas da teia.

Da mesma forma, Bernardo Pinto de Almeida chama a atenção para o facto de Lanhas ser um exímio colorista apesar dos seus quadros não terem explosões de cor. A cor predomina, não por um processo cumulativo, mas porque é procurada na dimensão do tom, na espessura e no sentido de contraste, assentando em variações mínimas, modulando as formas e conferindo-lhes contrastes luminosos. Fala também na matéria como uma vertente fundamental das obras de Lanhas que, até aos anos 1950, tinham superfícies rugosas, agrestes, quase areadas, numa densidade que evoca, embora com menos exuberância, os quadros de Dominguez Alvarez. Mais tarde as pinturas de Lanhas tornam-se mais lisas. Normalmente pensamos na pintura de Fernando Lanhas dividindo-a entre figurativa ou abstracta, mas Fernando Guedes divide-a antes em duas grandes fases: a pintura como fim e a pintura como meio<sup>39</sup>. A primeira fase, “pintura como fim” seria a «expressão completa e acabada de um acto de vontade do seu criador». Conteria quer quadros figurativos, ou pré-abstractos, como pinturas abstractas realizadas até aos inícios da década de 1950. Fernando Lanhas iniciou o curso de Arquitectura em 1941<sup>40</sup> e nos dois primeiros anos estuda Geometria Descritiva na 1ª cadeira. No ano lectivo 41/42 estuda elementos de Geometria Descritiva, Perspectiva e Teoria das Sombras e em 42/43 tem Geometria Descritiva e Estereotomia<sup>41</sup>. Nessa altura começa o desenvolvimento da sua pintura abstracta. É normal que o contacto com novos colegas e novas aprendizagens fosse uma altura de experimentação. Dessa primeira fase, Fernando Guedes destaca a riqueza de formas da *Mulher do Chapéu* e do

<sup>38</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, “o Momento da Creação (ideologia e prática do Abstraccionismo em Fernando Lanhas)”, PINHARANDA, João Lima, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 267.

<sup>39</sup> GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas - Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988.

<sup>40</sup> Conforme processo de aluno da EBAP e Livro de Inscrições da EBAP.

<sup>41</sup> MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura - a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Tese de Doutoramento, FCTUC, 2011, Volume II - anexos, p. 16.



Fig. 48. Óleo O15-53 (1953)



Fig. 49. Óleo O23-57 (1957)



Fig. 50. Óleo O25-59 (1959)



Fig. 51. Óleo O36-C-61 (1961)



Fig. 52. Óleo O40-69 (1969)



Fig. 53. Óleo O41-69 (1969)



Fig. 54. Óleo O47-72 (1972)



Fig. 55. Óleo O48-72 (1972)

O2-44, a indefinição formal do O1-44, *o Cais*, na densidade do colorido e o O9-49 na vivacidade. Em 1942, o contacto com o arquitecto Carlos Ramos a partir da 4ª cadeira, Arquitectura, pertencente ao 2º ano de estudos do curso, despoletou uma nova mentalidade. No terceiro (1943/44) e quarto (1944/45) anos estuda, respectivamente, *Pequenas composições e elementos analíticos*, e *Composição*,<sup>42</sup> nessa mesma cadeira com Carlos Ramos. Em 1946 iniciou a sua participação em projectos de Arquitectura e em 1947 termina o curso. Nesse mesmo ano, vai pela primeira vez ao estrangeiro, a Paris, onde visita exposições de Arte que certamente contribuíram para o seu desenvolvimento como pintor.

O óleo O15-53<sup>43</sup> marca um ponto muito importante de viragem na obra de Pintura de Lanhas. Parece dar-se conta de um mundo maior que engloba e excede a sua pintura. É uma pintura muito elegante com um conjunto de linhas rectas azuis sobre fundo branco. Essas rectas transportam consigo a subtilidade do Jazz, nas pequenas variações de inclinação.

Os últimos anos da década de 1950 marcam o início da segunda fase, a Pintura como meio, em que a Pintura se começa a expressar em zonas mais amplas do conhecimento. A Pintura passa a ser um elemento captado de uma realidade mais complexa, que faz parte de um sistema que se exprime simultaneamente noutras linguagens. Fernando Guedes data o início desta segunda fase com o quadro O23-57, seguido do O24-58<sup>44</sup>. Nessa altura, Fernando Lanhas já desenvolvia também activamente a sua actividade como arquitecto, sendo de destacar em 1954, o projecto do edifício e garagem Pinto Leite, em 1957, o Edifício Bastos Xavier, um dos seus projectos de arquitectura mais conhecidos. Em 1959, desenha a sua Casa Lanhas. Em 1961, o edifício A. Guedes da Silva, que contém algumas inovações interiores, e em 1963, a Casa Pires, uma das suas mais eloquentes habitações unifamiliares. Em 1968, o edifício M. M. Teixeira é

---

<sup>42</sup> MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura – a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Tese de Doutoramento, FCTUC, 2011, Volume II – anexos, p. 16.

<sup>43</sup> Quadro nascido em 1950 como colagem e destinado a capa de um livro de poesia.

<sup>44</sup> Embora Fernando Guedes considere como derradeiro final do período anterior a série de colagens C9-56, C11-56, C12-56 e C13-56, pronunciados pelo O15-53.

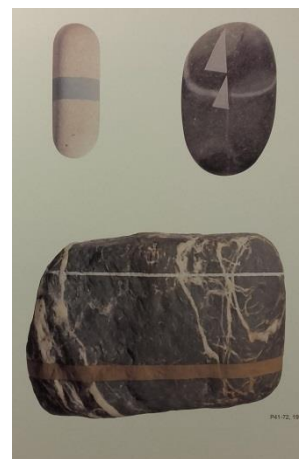


Fig. 56. Pesos de Rede. Fig. 57. P83-85 e P90-85. Fig. 58. P41-72, P21-72 e P39-72.



Fig. 59. Fernando Lanhas na Serra da Varziela em 1944. Fig. 60. Fig. 61. Fernando Lanhas a pintar nas rochas da Serra de Valongo em 1952.

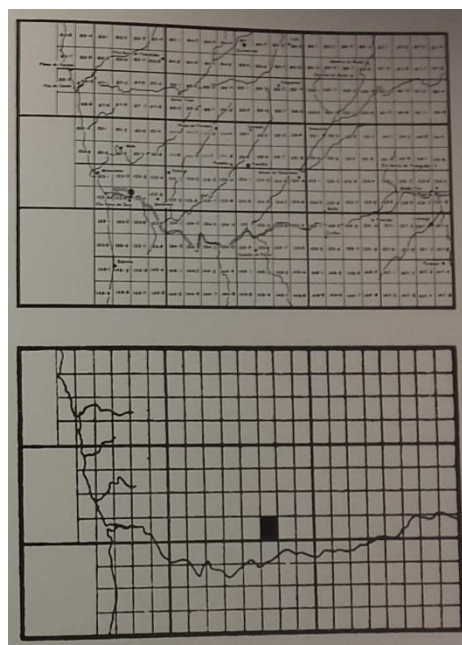
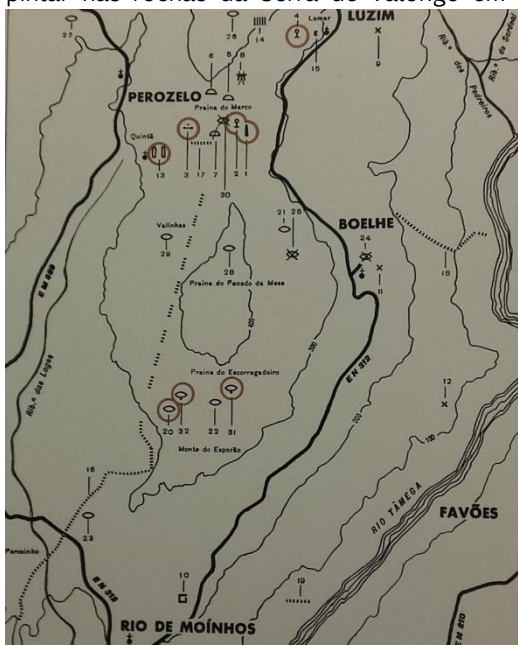


Fig. 62. Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico. Fig. 63. Mapa quadriculado do distrito do Porto para servir de base ao projecto de inventário de objectos e lugares de interesse arqueológico constante na revista de Etnografia nº 8, Porto (1967).

um dos mais peculiares e plasticamente interessantes. Na Pintura, Fernando Guedes destaca ainda os quadros O25-59 e o O36-61. Em 1969, com os óleos O40-69, O41-69 e O42-69, alarga horizontes e atinge «lugar fora do nosso Universo» conforme sonha em 12-13, Janeiro de 1971. A partir do óleo O47-72, já poucos quadros fará em tela, dedicando-se mais à pintura em seixos rolados que já vinha fazendo desde 1949. A pintura em seixos rolados mostra-se bastante interessante porque funde a pintura com o gosto pela mineralogia e arqueologia. Estava em causa o gosto pela natureza, pela materialidade da pedra e da cor. Lanhas escolhe as pedras mais lisas, observa a sua forma e as suas linhas e completa-as com as suas linhas de cor. É curiosa a comparação que João Fernandes faz entre as pedras pintadas de Lanhas e a investigação arqueológica que tinha feito sobre “Pesos de Rede” ou pesos de pedra com entalhes para pesca<sup>45</sup>, calhaus rolados, de forma elipsoidal, ovalada ou circular, que se caracterizam por cortes ou entalhes diametralmente opostos para fixação de fio envolvente de pesca.

Em 1952, Lanhas começa a pintar em rochedos na Serra de Valongo, que podem, de uma certa forma, antecipar a chamada Land Art ou Earth Art. Não com a intenção de fazer ali uma exposição ou galeria, mas sim usufruir de uma experiência com a natureza e passar por um processo de descoberta e identificação com o conhecimento. A Land Art surgiu só nos finais da década de 1960, como consequência da insatisfação das formas minimalistas e da cultura industrial e pelo aumento de interesse por questões ligadas à ecologia. Por volta de 1968, também o escultor Alberto Carneiro, formado na ESBAP, começa a actuar no campo da Land Art, com trabalhos como *O canavial: memória metamorfose de um corpo ausente* (1968) e *Uma floresta para os teus sonhos* (1970). A sua criatividade artística é combinada com uma aproximação às filosofias orientais da essência e da natureza (budismo zen).

---

<sup>45</sup> Pesos de Rede que Fernando Lanhas investigou com D. Domingos de Pinho Brandão.





Fig. 64. Penedo de amolar descoberto por Fernando Lanhas na praia dos Castros, Labruge, Vila do Conde (1967). Fig. 65. Gravura rupestre descoberta por Lanhas no Monte da Luz, Foz do Douro (1972).

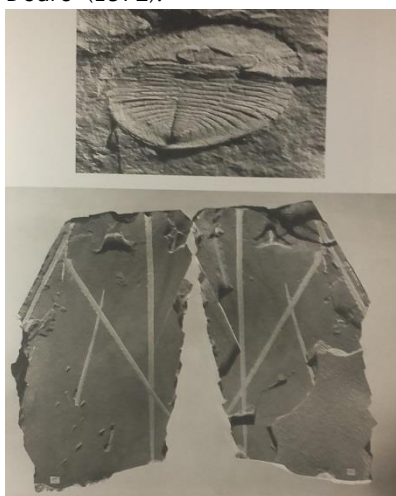


Fig. 66. Fosseis descobertos por Fernando Lanhas em Belói, Valongo (1945) e em Vilarinho (1943). Fig. 67. Lanhas com Júlio Resende e Amândio Silva, Valongo (Outubro 1942).

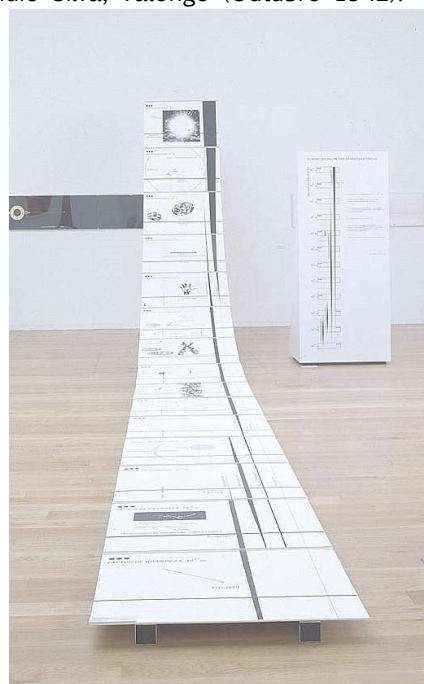
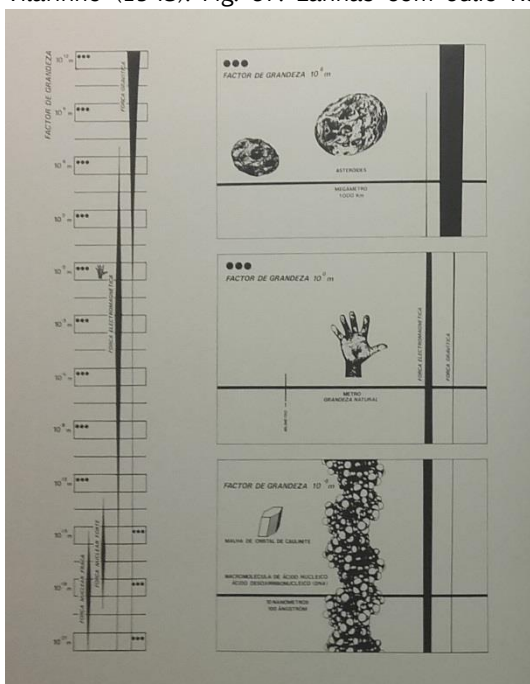


Fig. 68 e Fig. 69 com o Quadro das Grandezas Físicas (1971/86).

Enquanto estudante de Arquitectura tivera a 10<sup>a</sup> cadeira de Arqueologia Artística e a 11<sup>a</sup> cadeira, História, Geografia e Etnografia<sup>46</sup>. E a partir dos anos 1960, Fernando Lanhas esteve também bastante empenhado na investigação arqueológica. O que o motivava no estudo da Arqueologia era, como sempre, a sua incessante busca pelo conhecimento e pelas origens. E por isso foi-se alargando pela Arqueologia até à Paleontologia, à Biologia e até à Geologia. Fez vários mapas e quadros do conhecimento do Cosmos, da Biogénese e da Antropogénese. Estudou o Paleolítico e o Neolítico, a linguagem, as gravuras rupestres, etc. Esses mapas e quadros eram uma forma prática e expedita de sistematizar os seus estudos e organizar o conhecimento. Em 1963 estuda o Mapa Arqueológico do Porto e em 1965 inicia, em colaboração com D. Domingos de Pinho Brandão, a publicação do Inventário de Objectos e Lugares de Interesse Arqueológico. Segundo o modelo que Lanhas criou, o país seria dividido numa malha fina com mais de 5500 quadrículas e a cada uma deveria corresponder um fascículo do inventário. Só o distrito do Porto haveria de ocupar 251 fascículos. Apesar de só ter conseguido concluir três fascículos entre 1965 e 1969, mostrou como se poderia e deveria fazer o levantamento arqueológico do país, devendo recensear-se antas, mamoaas, menires, cromeleques e pedras baloiçantes, sepulturas, fortificações, grutas, marcos miliários, lagares, fojos e balneários, gravuras rupestres, esculturas, pontes, etc. Em 1965 Lanhas descobre também gravuras rupestres na Tapada de Eiras (Imóvel de Interesse Público – Decreto nº 251/70). Em 1967 estuda o Quadro da Antropogénese e descobre o Castro de S. Paio, em Labruge, Vila do Conde. Em 1968 estuda, com a Direcção de Estradas do Distrito do Porto, a sinalização de monumentos arqueológicos: Menir de Luzim e gravuras rupestres de Eiras, Penafiel. Em 1970 participa no II Congresso Nacional de Arqueologia, em Coimbra, e em 1971 inicia o estudo do Quadro Geral das Grandezas

---

<sup>46</sup> Conforme MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura – a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Tese de Doutoramento, DAFCTUC, 2011, Volume II – anexos, p. 16. E conforme: Livro de Matrículas Nº 2 - Cursos Especiais, Fernando Lanhas, AFBAUP nº 279, Porto, 1941-1945, p. 140. E também: Livro de Inscrições Nº 1 – Cursos Superiores, Fernando Lanhas, AFBAUP nº284, Porto, 1945-1947, p. 287. Ver anexos.

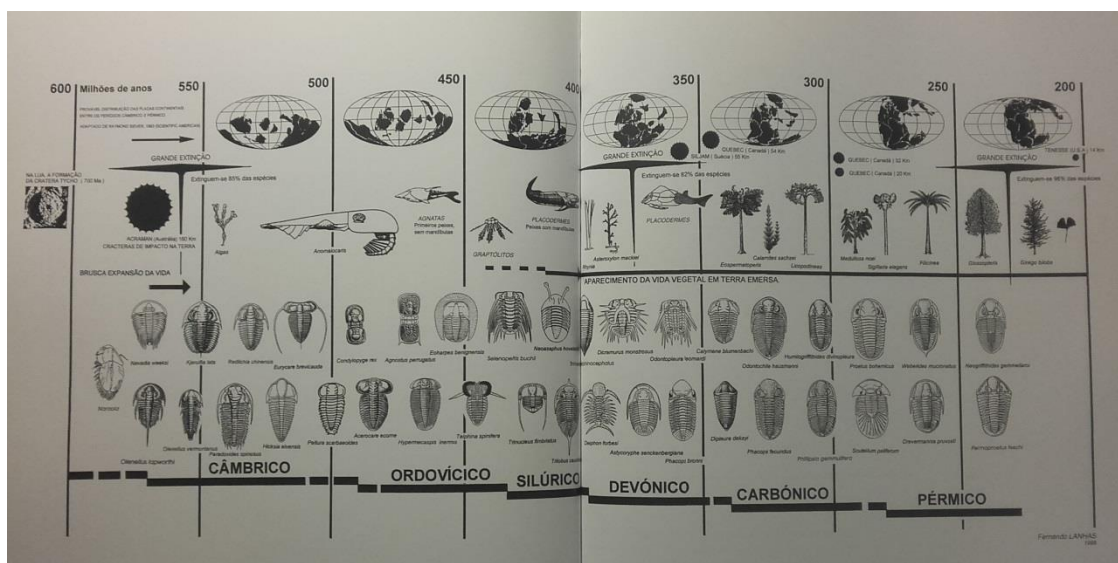


Fig. 70. Mapa de distribuição das Trilobites - Câmbrio-Pérmico (1998).

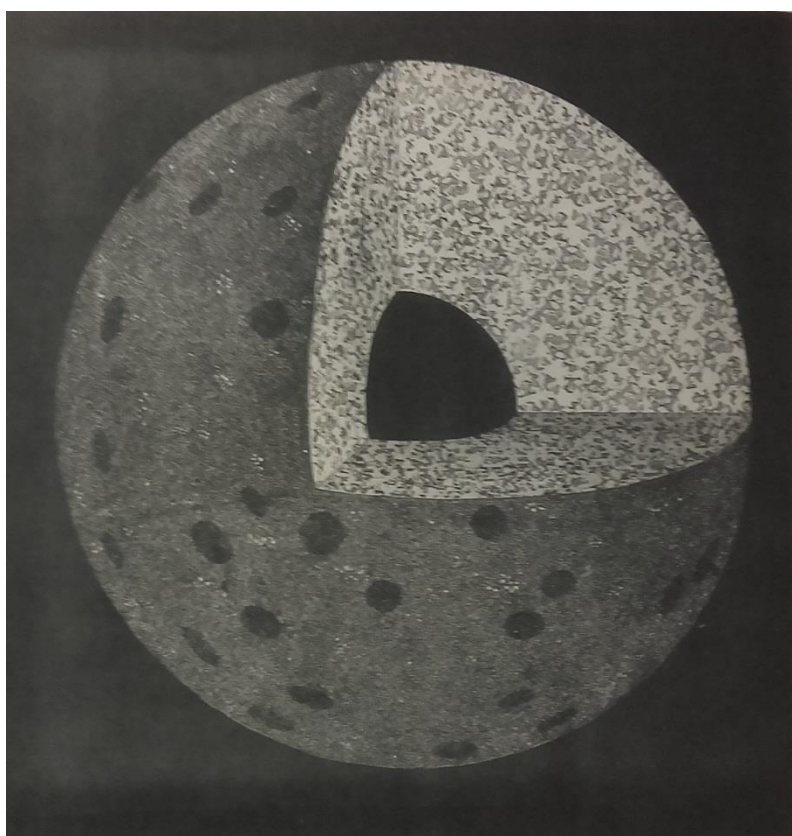


Fig. 71. Representação esquemática da hipótese de um Universo com predomínio progressivo de um vão central (1969).



Físicas que será construído em 1986. Em 1972 descobre as gravuras rupestres do Monte da Luz, na Foz do Douro, Porto, classificadas como Imóvel de Valor Concelhio. Nesse ano ainda, participa nas II Jornadas Arqueológicas, em Lisboa. Em 1998 publica *Trilobites – Quadro Sinóptico*, com a colaboração da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) e Fundação para a Ciência e Desenvolvimento (FCD)<sup>47</sup>. A observação dos astros também o fascinou desde cedo. Recorda o assombro dos seus dez anos: «A maior chuva de estrelas do milénio! Foi uma coisa extraordinária! Uma revelação do cosmos, coisas que não são só lidas: existem.»<sup>48</sup> No entanto, o interesse pela Astronomia não partiu da vontade de se tornar um cientista ou um científico, mas sim da vontade de obter mais uma ferramenta que pudesse utilizar para responder à sua curiosidade pela origem e pelas leis do Universo. A partir dos anos 1960 inicia as suas investigações nesse campo. Entre 1958 e 1962 desenvolveu um trabalho que fundia a Arquitectura com a Astronomia, o projecto da *Casa do Espaço*, que não se chega a concretizar, o qual analisaremos no capítulo 2. Em 1963 elabora um Quadro Geral do Universo e em 1965 constrói um modelo reduzido do Grupo Local de Galáxias. Em 1969 estuda uma hipótese muito interessante, um dos aspectos mais originais deste seu rosto. Estuda a teoria de um Universo em expansão com predomínio progressivo de um vão central. Lanhas descreve numa carta:

«Muita vez quis imaginar um Universo em expansão.

Pensar a totalidade desse Universo.

Olhar de algum modo um Universo onde cada partícula ou cada conjunto de galáxias parece cumprir na melhor ordem um processo de praxe.

Cada dia conhecemos um pouco mais, mantendo-se a incerteza de um caminho.

Não podemos ver a geometria que não entendemos pelos sentidos. Será apenas uma aceitação inteligente.

Em 1969, pensei um Universo, em expansão bilateral

---

<sup>47</sup> FCD localizada no Porto, junto do Planetário e do Teatro do Campo Alegre.

<sup>48</sup> “Querer fazer o que não tinha visto”. (Entrevista a Fernando Lanhas elaborada por Bernardo Pinto de Almeida em 2001). AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 288.



Fig. 72. Sala de Cosmografia do Liceu Garcia de Orta, Porto (1970)



Fig. 73. Fernando Lanhas com o Cosmoscópio (1974). Fig. 74. Imagem do Cosmoscópio (1974).



Fig. 75. Carta das distâncias e rotas do sistema solar e de algumas estrelas (1969).  
Fig. 76. Lanhas com o expositor diorâmico do sistema solar, instalação na Biblioteca Museu Municipal de Paredes (1980/82).

A partir de uma superfície esférica fechada.

Uma expansão certa, para cada lado da superfície,  
ela própria em expansão combinada e com predomínio  
progressivo de um vão central.

Somos sempre levados a imaginar alguma coisa por  
algum motivo<sup>49</sup>.

Um forçar a revelação de uma forma de solução que  
Intimamente queremos?»<sup>50</sup>

No ano de 1970 criou no Liceu Garcia de Orta, no Porto, a primeira sala de Cosmografia do ensino secundário em Portugal (desfeita nas convulsões pós 25 de Abril). Reconhecendo a importância dessa sala de Astronomia, a NASA, convidou o Liceu a fazer-se representar por um aluno no lançamento da nave Apollo 14, em missão lunar. Fernando Lanhas colaborou também em cursos de iniciação à Astronomia no mesmo Liceu com o Doutor António Ferreira Pascoal, da Faculdade de Ciências da Universidade de Braga.

Para tornar mais acessíveis e rápidos os fenómenos do Universo, Lanhas cria em 1974 um Cosmoscópio, que é essencialmente um livro onde são inseridos programas constituídos por grandes discos de imagens que mostram os acontecimentos que têm ocorrido no Universo, na sucessão dos tempos. Um primeiro programa apresenta o cumprimento do Universo desde a explosão inicial do Big-Bang, continuando até ao presente, e adivinhando o que poderá ser o seu termo. Outro programa mostra a formação dos sistemas solares, incluindo o nosso, segundo as hipóteses conhecidas<sup>51</sup>. E em 1982, Lanhas instalou no Museu Municipal de Paredes, um Diorama de Astronomia e foi progressivamente completando a sua Carta de Distâncias entre o Sol e algumas estrelas que tinha iniciado em 1972.

---

<sup>49</sup> “Somos sempre levados a imaginar alguma coisa por algum motivo”: esta frase parece corroborar a ideia de que aquilo que fazemos parte sempre de alguma coisa a que tivemos acesso e que interpretamos e sentimos à nossa maneira, que depois nos faz imaginar e produzir algo. Esta reflexão vem no seguimento da análise elaborada nas páginas 43 e 45 a propósito da originalidade da pintura de Fernando Lanhas.

<sup>50</sup> Conforme é mencionado no livro “Fernando Lanhas – os sete rostos” de Fernando Guedes, p.137.

<sup>51</sup> Conforme é mencionado no livro “Fernando Lanhas – os sete rostos” de Fernando Guedes, p.137.

SÍMBOLO	DESIGNAÇÃO
A	Aquarela
AZ	Azulejo
C	Colagem
D	Desenho
O	Óleo
P	Pedra
T	Tapeçaria
S	Serigrafia

A forma como um indivíduo aborda um determinado assunto ou procura a resposta a uma solução diverge e divergirá conforme a sua formação. Mesmo dentro de cada área de conhecimento ou disciplina a forma de actuação pode também variar de pessoa para pessoa. No entanto, e de uma forma geral, se um filósofo procura a solução para um problema faz uma reflexão, escreve um texto, um matemático ou um engenheiro procurará fazendo cálculos, construir algo. O Arquitecto normalmente tem a tendência para resolver as situações de forma gráfica, desenha, ou faz uma maquete, e fá-lo na procura de soluções para problemas específicos e é isso que Fernando Lanhas faz em todas as actividades em que se envolve e que o envolvem. Assim o é de forma mais evidente no Desenho, na Pintura e na Arquitectura. Para as restantes actividades faz desenhos dos sonhos, faz mapas, cartas astronómicas e quadros de grandezas físicas. Resolve de forma gráfica as diferentes situações que se lhe deparam. A materialidade, a espacialidade e a geometria são lugares comuns. Para Lanhas, todas estas actividades acabam por ser apenas uma, um veículo através do qual pode experimentar e, por essa via, tentar compreender o mundo no aparecimento daquilo que o rodeia. Aproxima a Arte e a Ciência, pois ambas são complementares na interrogação do Cosmos. A aproximação da sua pintura abstracta às ciências torna-se patente na forma como cataloga os seus quadros com letras e números, como se estivesse a catalogar vestígios arqueológicos, arquivos bibliográficos ou museográficos.

A primeira letra indica o suporte com que são feitas as obras, a seguir um algarismo indica a ordem com que os trabalhos foram realizados e um hífen separa-os dos dois algarismos que indicam o ano de realização. Assim, “A” para Agualela, “AZ” para Azulejo, “C” para Colagens, “D” para Desenho, “O” para Óleo, “P” para Pedra, “T” para Tapeçaria, ou “S” para Serigrafia. O carácter laboratorial da Pintura de Fernando Lanhas, no sentido do seu grau mais elevado de experimentação, pode explicar, a par das inúmeras actividades que desenvolvia, o reduzido número de obras, cerca de meia centena, que concebeu ao longo da vida. Apesar da excelente qualidade dos quadros de 1961 e 1969, essa década é praticamente nula em relação à Pintura, o que pode ter a ver com a



Fig. 77. O81-45-05.



Fig. 78. O62-54-03.



Fig. 79. O69-57-04



Fig. 80. O75-69-05

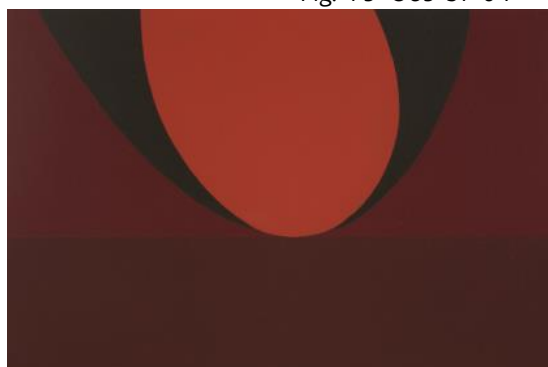


Fig. 81. O71-94-05



Fig. 82. O58-R7-61-98. Fig. 83. Fotomontagem para estudo de cor para painel de azulejo. Projecto para a encosta da Rua do Ouro, no Porto que não chegou a ser construído (1961-2000).

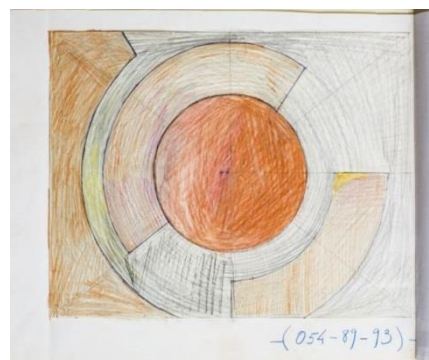
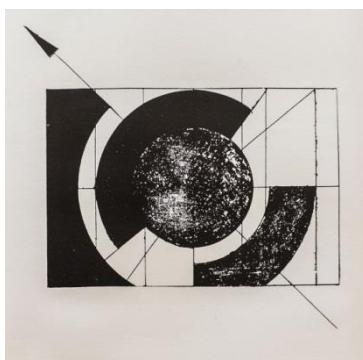
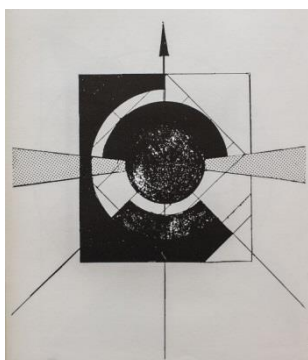
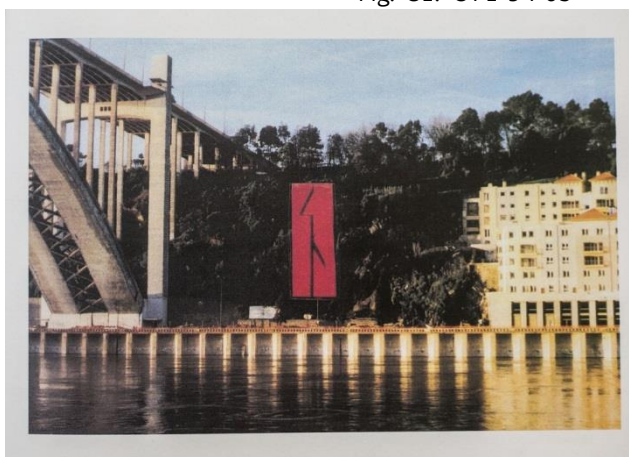


Fig. 84. Fig. 85. Estudos de traçado para o O54-89-93. Fig. 86. Estudos de cor para o O54-89-93 (1989-1993).

enorme actividade nos campos da Astronomia, da Arqueologia e também, aqui mais nos interessa, na Arquitectura. A redução da pintura em tela, a partir de 1972, estará certamente ligada não só à mudança de foco para a pintura em seixos rolados, mas também, assim mostraremos, pelo contínuo trabalho que realizou nessa época em Arquitectura. Verifica-se, no entanto, que várias obras são elaboradas durante vários anos ou retomadas mais tarde, como por exemplo: O81-45-05, O62-54-03, O69-57-04, O75-69-05 ou O71-94-05, voltando a verificar-se maior intensidade na pintura de Lanhas entre 2003 e 2007, com quadros que revelam uma maior espacialidade. Entre 1961 e 1998 Lanhas desenvolve a pintura O58-R7-61-98, que culminará num estudo para um painel de azulejo (ver figuras 82 e 83) para a encosta da Rua do Ouro, junto à Ponte da Arrábida, no Porto, projecto todavia que não se chegou a concretizar. Entre 1989 a 1993, Lanhas trabalha noutra Pintura, O54-89-93, e mais tarde em 2011 essa pintura seria adaptada para o projecto de um painel de azulejo, o AZ4-054-89-11, que haveria de ser colocado no topo Sul do Túnel da Ribeira, no Porto, em 2015. É um projecto que faz parte de um programa de arte pública executado pela Câmara Municipal do Porto em 2015 e que vem no seguimento de propostas efectuadas pela família e amigos de Lanhas, em executivos anteriores nunca levadas a cabo por falta de fundos. As figuras 84-89 mostram os estudos para adaptação da pintura ao painel e ao azulejo de 0,20m x 0,20m. O painel tem as dimensões de 700cm x 500cm e é constituído por 875 azulejos dispostos em trinta e cinco fiadas na vertical e vinte e cinco na horizontal. As cores inicialmente em tons pastel dão lugar a cores mais vivas como o vermelho e o desenho sofre alteração nesta fase de adaptação no canto inferior direito. O painel AZ4-054-89-11 foi denominado pelo autor como “À cidade”, realçando a vontade que o Arquitecto tinha de deixar ao Porto uma das suas últimas obras. Assim, ao lado do painel de azulejo de Júlio Resende, também Fernando Lanhas marca o seu espaço na cidade e na história. O Túnel da Ribeira foi um dos espaços arquitectónicos estudados por Fernando Lanhas que terá participado na execução dessa obra projectada pelo Engenheiro Bernardo Ferrão. Segundo conversa com o Engenheiro Pedro Lanhas, filho do Arquitecto Fernando Lanhas, a ideia do painel de



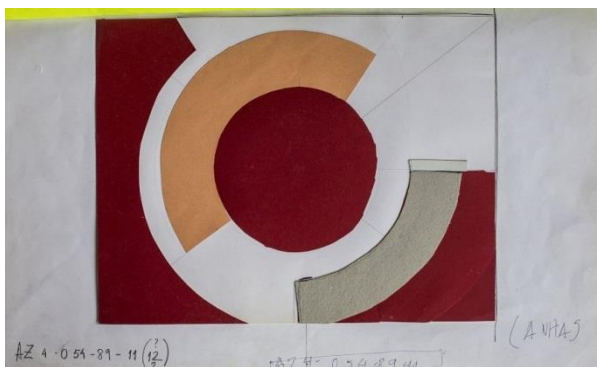


Fig. 87. Óleo O54-89-93 (1993). Fig. 88. Estudo de cor para adaptação ao painel de azulejo AZ4-054-89-11 (2011).

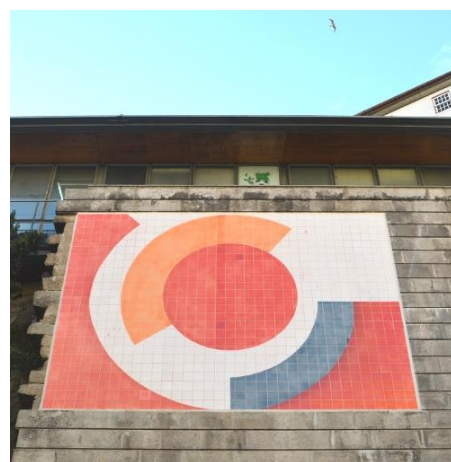
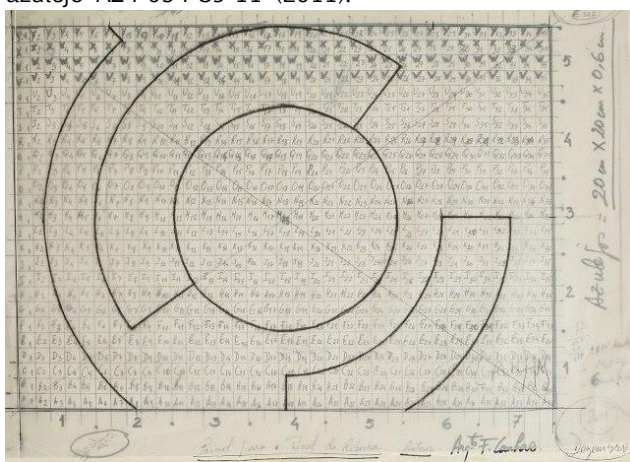


Fig. 89. Estudo para adaptação ao painel AZ4-054-89-11. Fig. 90. Painel final AZ4-054-89-11 "in loco".



Fig. 91. Panorâmica do Túnel da Ribeira com o painel AZ4-054-89-11 de Lanhas à esquerda e o painel de Júlio Resende à direita.



azulejos foi incentivada por amigos e o local de destino do painel poderá ter a ver com um possível envolvimento do Arquitecto Fernando Lanhas no desenho do arco do Túnel da Ribeira. Isso, a juntar ao facto do canto superior esquerdo do alçado Sul do túnel estar sem o material de revestimento, justificava a escolha. De facto, o arco do túnel é extremamente bem desenhado e controlado do ponto de vista do desenho. O arco abatido do extradorso é diferente do arco do intradorso e existe uma concordância de três segmentos de arco em cada um deles. Por isso, a disposição do aparelho de pedra também converge para cada um dos seus centros, não havendo nenhum elemento igual. O painel foi só inaugurado após o falecimento do Arquitecto Lanhas em 2015, e o seu filho, Engenheiro Pedro Lanhas, conta que esteve em vista uma outra localização para o painel, no Passeio Alegre, no Porto, e que teria como suporte um muro de betão que o elevaria. Nesse lugar teria, porventura, uma maior visibilidade, mas custos elevados e falta de entendimento das partes envolvidas acabariam por inviabilizar a implantação nesse local, mantendo-se a ideia inicial da colocação do painel de azulejos no túnel da ribeira do Porto.

Outro trabalho muito interessante que Fernando Lanhas desenvolveu e que marca a relação entre a Arquitectura e a Pintura foi um óleo elaborado em 1985 que viria posteriormente a ser adaptado a uma tapeçaria para o altar-mor da Igreja de Santo Ovídio, em Vila Nova de Gaia, da autoria do Arquitecto Manuel Gomes da Silva, que foi inaugurada em Março de 2002. O pároco da Igreja, padre Fernando Queirós, em conversa elaborada para a presente tese, assinalou que no lugar de retábulos que rematavam e ornamentavam o altar-mor das igrejas antigas, deveria estar algo que completasse esse espaço nas igrejas contemporâneas. Ao invés da tradicional cruz ao centro, surgiu a ideia na paróquia de uma tapeçaria. O desenho da tapeçaria foi encomendado pela paróquia de Santo Ovídio a Fernando Lanhas que era conhecido do padre Queirós. Lanhas acompanhou a edificação da igreja e adaptou uma pintura que havia feito anos antes, alterando-lhe a sua escala, que entendeu ser a ideal para aquele nicho criado no altar-mor da igreja. Apesar disso, para

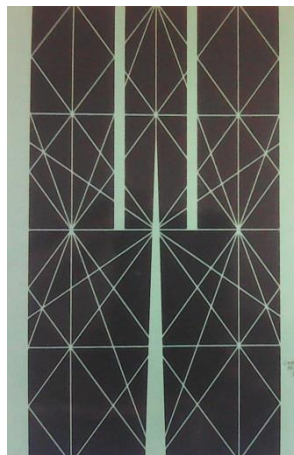
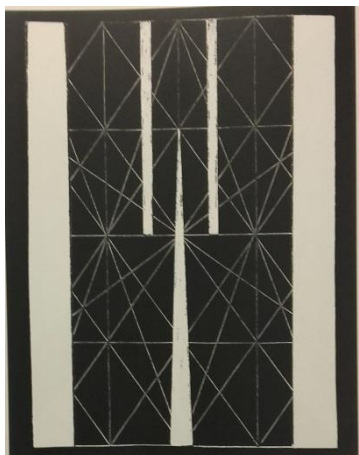


Fig. 92. Estudo para T1-85-2000. Fig. 93. Tapeçaria T1-85-02.

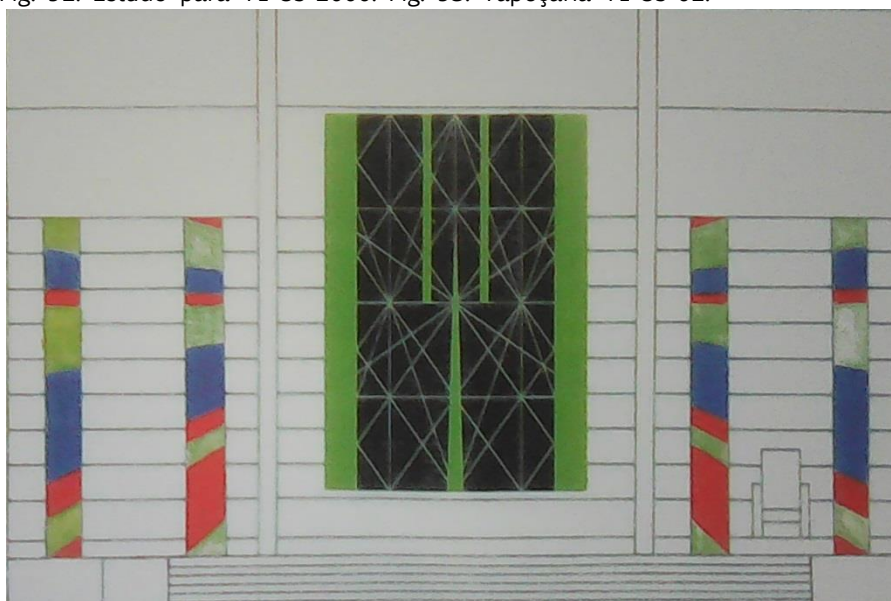


Fig. 94. Desenho de estudo para integração da tapeçaria T1-85-02 com vitrais para o presbitério da igreja de Sto Ovídio, em Vila Nova de Gaia.

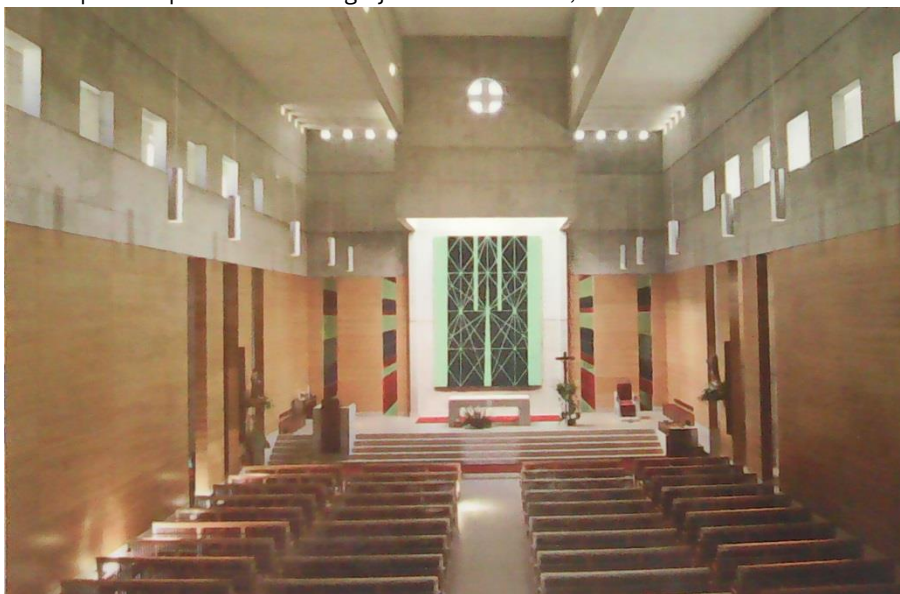


Fig. 95. Fotografia da nave central da igreja de Sto Ovídio com a tapeçaria T1-85-02 no altar-mor e vitrais no presbitério visíveis ao fundo desenhados pelo Arquitecto Fernando Lanhas.

que a tapeçaria ficasse perfeitamente integrada, Lanhas desenhou também os vitrais que ladeiam a tapeçaria no espaço do altar-mor. É possível verificar que todas as linhas dos vitrais confluem para um ponto central na tapeçaria. O desenho contido no painel contém três linhas horizontais, estando a linha mais acima no mesmo alinhamento da linha que separa o betão da madeira. A tapeçaria eleva-se em relação aos painéis laterais com os vitrais e é encimada por uma clarabóia num diálogo que apela ao Divino. Esta tem uma presença considerável no altar e em toda a nave central devido às suas grandes dimensões: 4,50 metros por 6 metros e foi elaborada pela Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, com a qual Lanhas colaborou para este trabalho. A simbologia por detrás do desenho abstracto nunca terá sido indicada pelo autor, mas o padre Queirós, conhecendo o gosto pela astronomia e pelos mistérios do Universo, e sabendo que Lanhas seria crente em Deus, avança com a sua própria interpretação do quadro baseado no Salmo 8<sup>52</sup>:

«(...) Quando contemplo os céus, obra das Vossas mãos,  
a lua e as estrelas que lá colocastes,  
que é o homem para que Vos lembreis dele,  
o filho do homem para dele Vos ocupardes?  
Fizestes dele quase um ser divino, (...)»

Segundo a interpretação do padre Queirós, as duas barras mais espessas que se encontram nos extremos da tapeçaria simbolizam o Divino. A barra vertical central à medida que vai subindo, vai afunilando, acabando por resultar num triângulo e representaria o Homem na sua aproximação ao Divino. Essa confluência entre o terreno e o Divino é feita pela aproximação das barras laterais ao centro, tornando-se mais finas, humanizando-se em Jesus Cristo. A linha horizontal central da composição marca essa ligação entre o terreno e o Divino e do seu ponto central irradiam todas as linhas para os vitrais laterais. É também visível que a barra central do quadro está alinhada com o corredor central da nave da igreja, o que pode reforçar também a ideia de caminho que se tem de percorrer para alcançar o Divino.

---

<sup>52</sup> Interpretação do padre Queirós do quadro de Lanhas baseada no Salmo 8:4-6, da Bíblia, a que Fernando Lanhas terá dito: «não anda longe».



## Capítulo 2) Arquitectura de Fernando Lanhas

A Arquitectura é uma importante faceta de Fernando Lanhas, embora esteja ainda pouco estudada e seja pouco conhecida do grande público. Não tendo tanta obra arquitectónica produzida em comparação com outros arquitectos que se dedicaram exclusivamente a essa actividade, projectou de forma intensa entre o final da década de 1940 e a década de 1970. Seja individualmente ou em parceria, Lanhas realizou activamente diferentes projectos, estando a maioria associada a habitação, participando também em programas para equipamentos públicos. Data de 1946 o seu primeiro exercício de prática de projecto de Arquitectura desenvolvido em conjunto com Fernando Távora, seu colega de curso da EBAP. Trata-se de um prédio para a Rua de Vilar<sup>53</sup> no Porto, que não chegou contudo a ser construído. Lanhas participou também com Távora em projectos de Arquitectura como a Creche da Fábrica de Fiação de Tomar<sup>54</sup>, em 1947, obra não construída, e participou no projecto de Távora para o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira<sup>55</sup>, em 1954, juntamente com Alberto Neves e Álvaro Siza. Teve ainda outras parcerias importantes em projectos que analisaremos mais adiante nos casos de estudo. Apesar do Arquitecto Lanhas ter terminado o curso de Arquitectura em 1947, só obtém o diploma de Arquitecto em 1963<sup>56</sup>. Assim, para realizar projectos de Arquitectura até essa data, necessitaria de o fazer em co-autoria com outros Arquitectos já diplomados ou a trabalhar em conjunto com Engenheiros que assinariam os termos de responsabilidade. Tendo estagiado no gabinete de Cassiano Barbosa<sup>57</sup>, Lanhas organizou uma exposição de Arquitectura com este arquitecto, juntamente com Arménio Losa e Viana de Lima, em 1951<sup>58</sup>. Foi uma exposição impulsionada pela

---

<sup>53</sup> MOREIRA, Elda, “A Arquitectura de Fernando Lanhas”, (Dissertação MIARQ apresentada à FAUP, orientada por Luís Soares Carneiro), Cronologia (Lista de Obras de Arquitectura Datadas de Fernando Lanhas), Porto, FAUP, 2015, p.99.

<sup>54</sup> Conforme informação da FIMS (Fundação Instituto Marques da Silva), DC 0003 – Creche de Tomar (PT FIMS TAV-2-2.2-2.2.3-2.2.3.1-2.2.3.1.2-01-0003).

<sup>55</sup> Conforme informação da FIMS (Fundação Instituto Marques da Silva), DC 0022 – Mercado de Santa Maria da Feira (PT FIMS TAV-2-2.2-2.2.3-2.2.3.1-2.2.3.1.2-01-0022).

<sup>56</sup> Conforme processo de aluno da EBAP.

<sup>57</sup> Conforme processo de aluno EBAP, ver anexos.

<sup>58</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.293.



Fig. 96. Exposição de Arquitectura, O.D.A.M., Ateneu Comercial do Porto (1951).

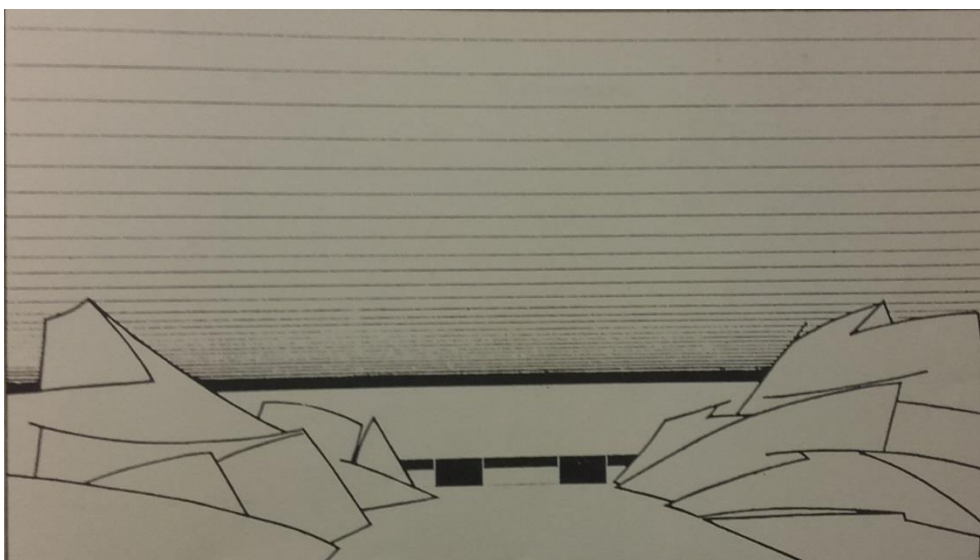


Fig. 97. A Casa do Espaço, estudo do acesso (1962).

ODAM, da qual Lanhas fazia parte, e que se realizou no Salão Nobre do Ateneu Comercial do Porto.

A Arquitectura encaminhou-o à Geometria e à Pintura e criou também pontes para a Museologia e Astronomia. Entre 1958 e 1962, Lanhas desenvolveu um trabalho interdisciplinar que juntou a Arquitectura e a Astronomia: o projecto da *Casa do Espaço*<sup>59</sup>. O autor descreve-o assim do modo seguinte:

«Na Casa do Espaço vê-se o céu. No estudo feito, a viagem que se propunha aos visitantes iniciava-se pela Terra. Descendo entre pedreiras cortadas, fazia-se o reconhecimento da crosta terrestre. Em qualquer ponto da Casa se mostrava o que constitui o planeta e outras informações de interesse, como as que se referem a temperatura, localização de vulcões, tectónica, deslizamentos de placas, etc. Daí, seguidamente, em ambientes totalmente de treva, a visão, em escala, da Lua, dos planetas e do Sol; numa continuação, as estrelas e outras formas de astros considerados isoladamente e nos seus conjuntos. Terminava a grande Casa do Espaço com um enorme vazio onde se perguntaria o que isso era. Assinale-se que o percurso, sempre em grandes câmaras subterrâneas, necessitaria de um elemento-guia, tipo corrimão, que orientasse o circuito».

Para a prova final do CODA<sup>60</sup> realizada em 1962, Lanhas faz um projecto para o Museu Arqueológico de Paços de Ferreira, justificando a escolha do tema no mesmo trabalho, pela sua particular simpatia pelo tema. O terreno indicado para a implantação do museu seria na periferia da Vila, na citânia de Sanfins. O museu desenvolver-se-ia num só piso, tendo no entanto, algumas diferenças de planos dado que o terreno apresenta algum declive. Em frente à fachada principal haveria um mapa da região para indicar aos visitantes os locais de interesse arqueológico. Entrando no museu o visitante seria recebido por uma zona de vestíbulo com a recepção e uma loja. Ligado a este vestíbulo existiria o vestiário, o telefone, cafetaria e instalações sanitárias. Do vestíbulo passar-se-ia à zona

---

<sup>59</sup> GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p.122.

<sup>60</sup> Conforme Centro de Documentação da FAUP.





Fig. 98. C.O.D.A. - Planta de Implantação do Museu Arqueológico de Paços de Ferreira (1962).

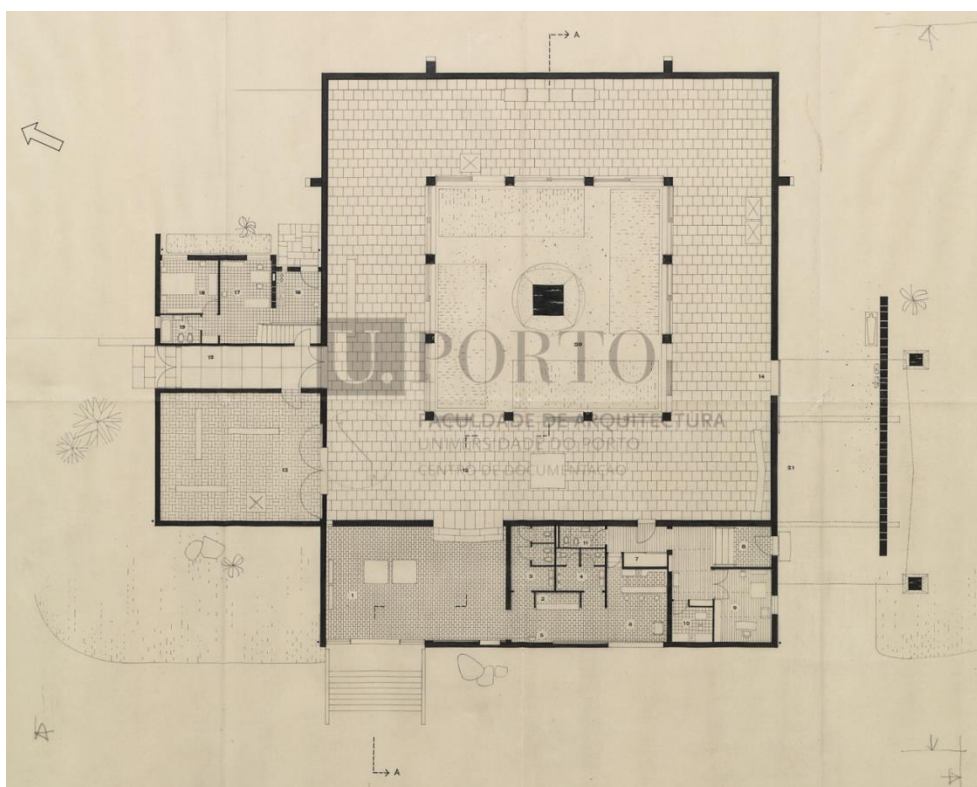


Fig. 99. C.O.D.A. - Planta do piso térreo do Museu Arqueológico de Paços de Ferreira (1962).



destinada à exposição das peças arqueológicas, que seria constituída por uma galeria contornando um jardim interior. A iluminação natural seria feita lateralmente com recurso a persianas para controlar a luz. É explicado que apesar da iluminação zenital obter normalmente melhores resultados por ser mais uniforme e evitar reflexos nas obras de pintura, seria usada, neste caso, a iluminação lateral pois era considerada satisfatória, dado tratar-se de peças de arqueologia. Além disso Lanhas acrescenta ainda que considera mais agradável a sensação no espaço como resultado da presença do jardim interior. Esta galeria comunica também com uma sala de exposições itinerantes e essa seria iluminada superiormente, atendendo à diversidade de objectos a expor. A zona directiva seria composta por um gabinete e por uma pequena dependência para laboratório fotográfico. Na fachada Sul é projectado um alpendrado destinado a proteger a entrada das peças directamente para a galeria e também para acolher objectos que aguardassem lugar definitivo no museu. A Norte ficaria localizado o armazém que serviria a galeria e a sala de exposições itinerantes e a Nascente a habitação do guarda num plano ligeiramente inferior. Este trabalho foi constituído por peças desenhadas como planta, cortes, alçados e pormenores construtivos e por peças escritas contendo a memória descritiva, caderno de encargos e orçamento. Há uma grande importância dada aos materiais e à forma como marcam os diferentes espaços. O Diploma de Arquitecto é atribuído a Fernando Lanhas em 1963 com a classificação de 19 valores<sup>61</sup>.

O projecto da Casa do Espaço nunca chegou a ser concretizado. No entanto, mais tarde outros projectos de edifícios públicos ligados a espaços expositivos viriam a ser construídos. Fernando Lanhas projectou em 1965 o Pavilhão Municipal de Matosinhos<sup>62</sup> para a primeira Feira de Amostras, que infelizmente foi destruído num temporal em 1969. Em 1977 projectou a reconversão do Museu Militar do Porto<sup>63</sup>, que reflecte um cuidado para com as pré-existências e o novo edifício que projecta, de forma a dar-lhe unidade e adequando a sua proposta ao local. A planta

<sup>61</sup> Conforme processo de aluno EBAP. Ver anexos.

<sup>62</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.293.

<sup>63</sup> MOREIRA, Elda, “A Arquitectura de Fernando Lanhas”, (Dissertação MIARQ apresentada à FAUP, orientada por Luís Soares Carneiro), Porto, FAUP, 2015, p. 67.



Fig. 100. Pavilhão Municipal de Matosinhos, 1ª Feira de Amostras (1965).

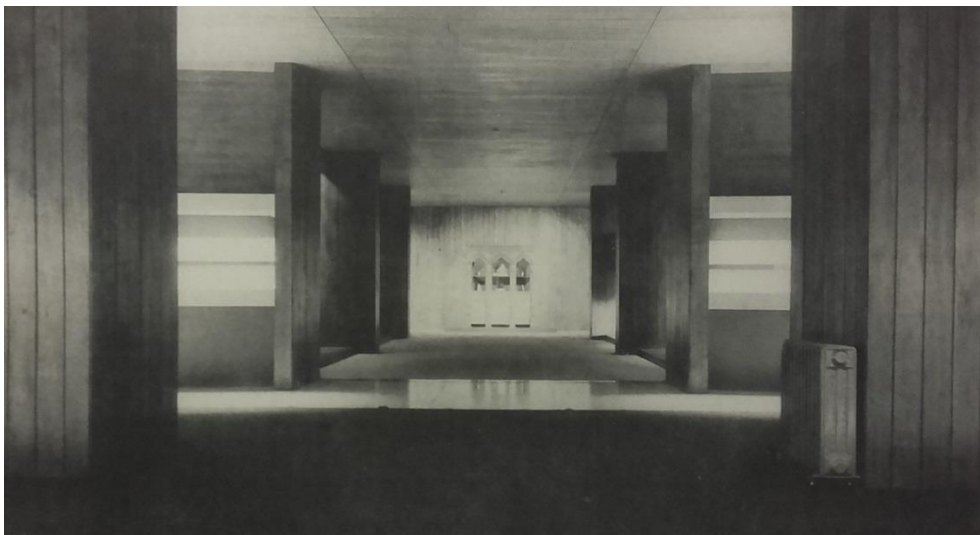


Fig. 101. Sala do Mobiliário Indo-Português, Museu da Figueira da Foz (1980).

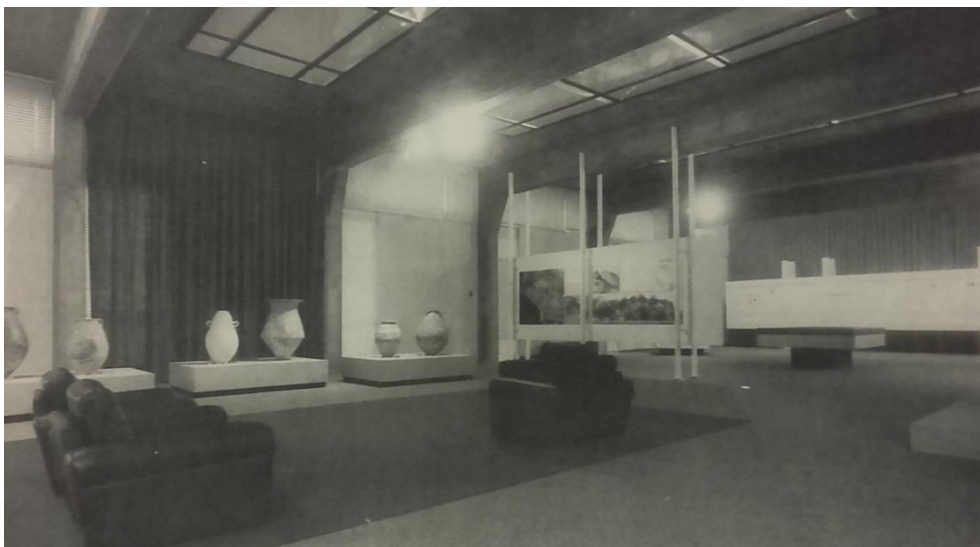


Fig. 102. Sala da Arqueologia, Museu da Figueira da Foz (1980).

contém uma combinação de formas geométricas fazendo lembrar algumas das suas pinturas, gerando uma complexidade e riqueza compositivas. A utilização de diferentes materiais nos pavimentos tem um papel importante para diferenciar os espaços e hierarquizar os usos. Reavivando o seu interesse pela Museologia projecta, remodela e organiza a exposição de diferentes museus nos anos de 1980. Projecta a montagem das colecções do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz e da Biblioteca-Museu Municipal de Paredes, em 1980<sup>64</sup>. Em 1982 projecta a montagem das colecções do Museu Monográfico de Conimbriga e do Museu Militar do Porto<sup>65</sup>. E em 1985 projecta o Museu de Mineralogia da Faculdade de Ciências do Porto e o Centro de Arte e Cultura Popular de S. Pedro de Bairro, em Vila Nova de Famalicão<sup>66</sup>. Destaca-se o Museu Municipal da Figueira da Foz, nomeadamente as paredes de madeira da sala de mobiliário indo-português, pelo ambiente acolhedor que dão ao espaço e a sala de Arqueologia, na forma como é organizado o espaço na sala de exposição através da disposição de vitrines e do quadro cronológico. Há grande cuidado no desenho, construção e acabamento dessas vitrines e na forma como cada objecto é colocado em cada uma delas.

Em 1988, Fernando Lanhas, em conjunto com o Arquitecto Álvaro Augusto Portugal, projecta a reabilitação do edifício da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto<sup>67</sup>, que faz gaveto entre a Rua Rodrigues Sampaio e a Rua do Bonjardim, no Porto. Para esse edifício o Arquitecto Fernando Lanhas «criou um remate na cobertura, uma cúpula em perfeito contraponto com a Torre dos Clérigos»<sup>68</sup>. O Arquitecto Álvaro Portugal comenta sobre Lanhas: «conheço o Arquitecto Lanhas há bastante tempo e a sua arquitectura impressiona-me pelo sentido da proporção, da escala humana, pelo equilíbrio e pela sua rigidez.»<sup>69</sup>

---

<sup>64</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.296.

<sup>65</sup> IDEM.

<sup>66</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.296

<sup>67</sup> Documentário: Fernando Lanhas – os 7 rostos realizado por António Macedo para a RTP, 17m e 46s.

<sup>68</sup> IDEM.

<sup>69</sup> IDEM.



Fig. 103. Conjunto urbano da Av. da Boavista, entre o Pinheiro Manso e a Av. Marechal Gomes da Costa (CIP – Conjunto de Interesse Público).

LOCALIZAÇÃO	IDENTIFICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	TIPO DE PROTECÇÃO
Av. Boavista n.º 2438-60	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2483-2521	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2535 -43	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2547-63	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2609	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2628	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2632-40	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2653	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2671	IP57	CIP	ZEP
Av. Boavista n.º 2652-72	IP57	CIP	ZEP
Palacete da Viscondessa de Santiago de Lobão, gaveto Av. Boavista com R. Belos Ares	IP37	IIP	ZEP

Quadro de identificação de imóveis classificados na Av. da Boavista. Dos dez primeiros, sete terão sido classificados por processo organizado por Fernando Lanhas, assim também como o Palacete da Viscondessa de Santiago de Lobão.

CIP- Conjunto de Interesse Público. IIP-Imóvel de Interesse Público. ZEP ou ZP- Zona Especial de Protecção.

Diploma de Protecção CIP: Artº 2 da Portaria nº 400/10, DR nº 114, II Série, de 15 de Junho.

IIP: Decreto n.º 28/82, DR, I Série, n.º 47, de 26-02-1982.

Fernando Lanhas mostrou ser um homem atento e interessado pelo que o rodeava e, na Arquitectura, lutou pela defesa do património: em 1976 intervém com o Prof. Manuel Silva Pinto, Reitor Interino da Universidade do Porto, na defesa do edifício do Círculo Universitário do Porto, sito na Rua do Campo Alegre nº 877, sustendo a demolição planeada. Em 1978, organizou um processo junto da Câmara Municipal do Porto para a classificação de sete imóveis de princípios do século XX, na Av. da Boavista entre os nºs 2456 e 2672, no Porto<sup>70</sup>. E em 1982, propõe a classificação do Palacete da Viscondessa de Santiago de Lobão, no gaveto da Rua de Belos Ares com a Av. da Boavista, no Porto<sup>71</sup>.

Tal como as suas outras facetas, a Arquitectura também não é exuberante nas suas formas. Como as suas pinturas e os seus poemas, mostra rigor e transparece harmonia, e alguma serenidade, através dos seus alçados. Os espaços arquitectónicos predominantes na obra de Fernando Lanhas são as habitações unifamiliares e as habitações plurifamiliares. As habitações unifamiliares, sobretudo as isoladas, são normalmente as mais complexas, quer em relação à organização espacial, quer em relação à pormenorização, pois são projectadas especificamente para uma família. O projecto resulta da combinação do local, da vontade e da maneira de habitar do cliente e da forma de projectar do arquitecto. Infelizmente não foi possível encontrar desenhos de execução, para que se pudessem analisar mais ao pormenor, pois segundo o Engenheiro Pedro Lanhas, filho de Fernando Lanhas, este acompanhava muito de perto as suas obras de arquitectura e desenhava *in loco*, até nas paredes, os pormenores necessários à obra. Fernando Guedes também assinala a este propósito: «o empenho que põe no desenho e execução dos pormenores, seja uma porta ou um fogão de sala: Fernando Lanhas tem construído escadas como se de esculturas se tratasse, com as próprias mãos lhes dando a forma definitiva no cimento fresco; sancas de tectos têm sido por ele afeiçoadas pela última vez no gesso mole; molduras de portas são desenhadas em tamanho natural para que os artífices possam executar

---

<sup>70</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, pp.295-296.

<sup>71</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, pp.295-296.



Fig. 104. Pormenor da escada do alçado posterior da Casa Lanhas (1959). Fig. 105. Pormenor da escada de uma moradia em Espinho (1970).



Fig. 106. Casa Pires, na Rua António Nobre (1963), de Fernando Lanhas.



com inteiro rigor o que o artista pretendeu»<sup>72</sup>. Adriano Vasco Rodrigues indica que Lanhas se preocupa com a escala humana, as proporções, a geometria, as formas naturais da Arquitectura, que tem algo de comum com os artistas do Renascimento, «a sua obra é profundamente humanizada»<sup>73</sup>. Destaca que, apesar dos novos processos construtivos, Lanhas constrói de forma quase artesanal, no sentido de dar muita atenção aos pormenores, tendo mesmo a necessidade de tocar os materiais com as suas mãos «como que se antes da construção lhe sair do cérebro, ela tivesse de entrar no cérebro pelas suas mãos<sup>74</sup>». É interessante que já em 1913 Vladimir Tatlin propunha «ponhamos o olhar sob o controlo do tacto»<sup>75</sup>. O Arquitecto Juhani Pallasmaa fala sobre «os olhos da pele» e cita Goethe «as mãos querem ver, o olhar quer acariciar»<sup>76</sup>. E mais tarde o Arquitecto Pedro Vieira de Almeida propõe aos arquitectos e aos seus alunos uma «tactilidade do olhar (...) uma maneira de olhar que saiba ser acariciadora da realidade»<sup>77</sup>. Fernando Lanhas parece ter esta qualidade tátil no olhar, de saber ver, e de ter esta ligação à matéria, que se traduz na utilização de diferentes materiais e texturas: a rugosidade do granito, a cor e textura do tijolo, a nobreza do mármore e a temperatura das diferentes madeiras que utiliza, sem esquecer a lisura do branco com que os conjuga. A forma como a matéria é trabalhada, em conjunto com o desenho dos espaços, dá uma sensação de harmonia e de aconchego. A Casa Lanhas (1959), na Av. Dr. Antunes Guimarães, que o próprio projectou para si e que nos foi possível visitar, é exemplo disso. Uma outra habitação unifamiliar isolada que merece destaque é a Casa Pires (1963), na Rua António Nobre nº 41-61, no Porto.

<sup>72</sup> GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p.121.

<sup>73</sup> Documentário: Fernando Lanhas – os 7 rostos realizado por António Macedo para a RTP, 17m e 46s.

<sup>74</sup> Documentário: Fernando Lanhas – os 7 rostos realizado por António Macedo para a RTP, 17m e 46s.

<sup>75</sup> Cit in Anatoli Anatolevich STRIGALEV – “De la Pintura a la Construcción de la Materia” (1984) in *Construtivismo Ruso. Sobre la arquitectura de las vanguardias ruso-soviéticas hacia 1917*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994, pág. 126.

<sup>76</sup> V. Juhani PALLASMAA – *Los Ojos de la Piel*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006 (2005), pág.18.

<sup>77</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira de, “Dois parâmetros de Arquitectura postos em surdina – leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional”, ESAP, CEAA, caderno 2, Edições Caseiras, Porto, 2013, p.21.

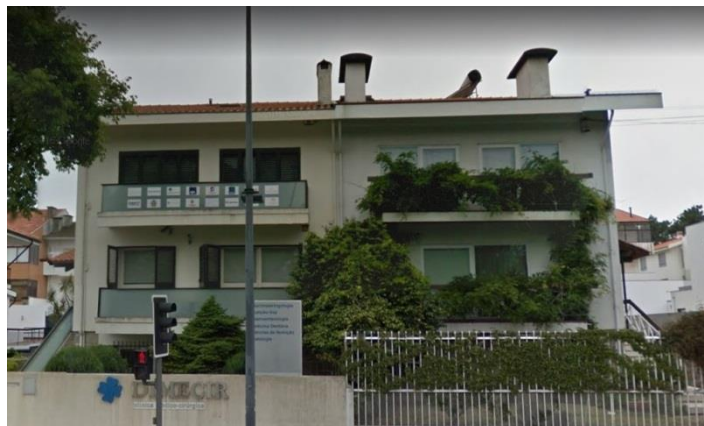
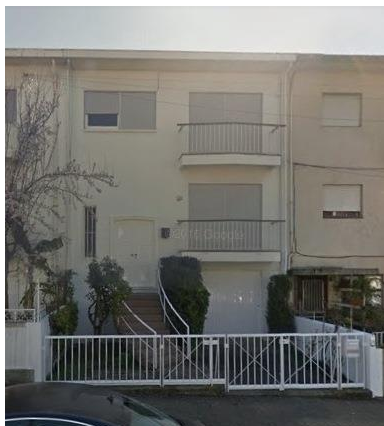


Fig. 107. Casa Pires da Silva (1961). Fig. 108. Casa Milheiro Sarmento (1965) e casa Fróis (1965), todas na Av. Dr. Antunes Guimarães.

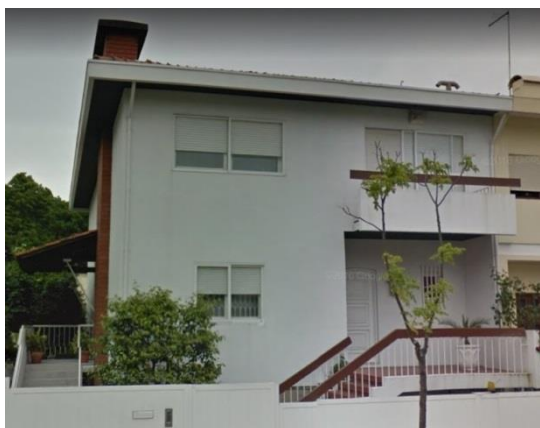


Fig. 109. Casa Sousa Carneiro (1963). Fig. 110. Casa Correia Pinto (1968), ambas na Av. Dr. Antunes Guimarães.



Uma casa projectada ao nível das necessidades do cliente que era conhecido de Lanhas. O cliente pretendia, conforme conta a neta e actual proprietária, construir no terreno ao lado da sua casa, que fora projectada pelo arquitecto Marques da Silva, uma casa para as filhas. A moradia constituída por dois pisos, tem um elevado cuidado no desenho e rigor na pormenorização, tendo inclusive, elementos únicos, projectados para o efeito, como a forma das telhas pretas da cobertura, presas com cordéis, e como a cor das paredes num tom azulado único, quase branco. A elegância do telhado, a chaminé e a porta de padieira recta ligeiramente arqueada são características marcantes. Como neste caso, muitos dos seus clientes eram amigos e conhecidos que lhe pediam para desenhar as suas casas e muitas vezes encomendavam-lhe vários outros projectos para prédios de rendimento.

Entre 1961 e 1968 Lanhas projecta várias habitações unifamiliares na Av. Dr. Antunes Guimarães: casa Pires da Silva (1961), casa Sousa Carneiro (1963), casa Fróis (1965), casa Malheiro Sarmiento (1965) e casa Correia Pinto (1968). Infelizmente várias delas tiveram já algumas alterações. O afastamento da rua, a forma de composição dos vãos no alçado principal, a importância das escadas, as chaminés expressivas e as portas de padieira recta ligeiramente arqueada, são características comuns dessas habitações, e estão muito presentes na arquitectura de Fernando Lanhas. Nesse espaço temporal edifica também duas casas fora do Porto. Em Paredes projecta a casa Mendes Moreira (1959) e a casa Ferraz da Silva (1961). Outras duas habitações de grande relevo pela sua qualidade arquitectónica e plástica são as casas projectadas em 1974, no Porto: a casa Amaro Ferreira e a casa Tato, na Rua Sto. António de Contumil nº 388 e 320, respectivamente.

A habitação plurifamiliar de Fernando Lanhas é também muito importante na sua obra. Com o intuito de assegurar um rendimento futuro, muitas pessoas de classe média contratavam um arquitecto para projectar edifícios de habitação plurifamiliar para arrendar. Poderiam ser blocos habitacionais ou prédios em banda ou geminados. Diferem em programa, tipologia, áreas e cêrcea, conforme os clientes e o local, e vão evoluindo ao longo do tempo. O período de principal produção arquitectónica de



Fig. 111. Edifício Augusto Guedes da Silva (1952). Fig. 112. Edifício e garagem Pinto Leite (1954).



Fig. 113. Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão (1954-56). Fig. 114. Conjunto habitacional da Rua Artur Loureiro (1956).

Lanhas data da década de 1950 e de 1960, rico em discussão e experimentação de uma modernidade numa sociedade em mudança. Alterações de ordem demográfica e socioeconómica, aliadas ao investimento privado, vão fazendo surgir a partir do final dos anos 1940, e prolongando-se até aos anos de 1950 e 1960, edifícios de habitação plurifamiliar. São os chamados “prédios de rendimento”<sup>78</sup>, que contribuem para alterar a identidade social e urbana, e cujo estudo se entende fundamental para a compreensão da realidade do Porto nesta época. A burguesia portuense ambicionava projectar uma nova imagem para a cidade, que fosse de modernidade, de inovação e de poder económico. Por isso, investe sem paralelo no âmbito da habitação plurifamiliar, contribuindo para a expansão do espaço construído por toda a cidade. Fernando Lanhas tem, por isso, nessa altura vários projectos de habitação plurifamiliar. O edifício Augusto Guedes da Silva (1952), da Rua de Cedofeita nº 666-670, preenche um lote estreito e comprido, típico dos lotes da casa burguesa do Porto e faz bem a transição, através do alçado principal, entre edifícios de épocas diferentes. Um dos prédios que apresenta mais influências modernas é o edifício e garagem Pinto Leite (1954), da Rua da Maternidade nº 147-163. Talvez isso se deva à circunstância que o tamanho do lote e a encomenda proporcionavam e pela proximidade temporal do seu estágio com Cassiano Barbosa e Arménio Losa. De 1954-56 Fernando Lanhas projecta vários edifícios geminados, tendo três pisos cada um. Os cinco edifícios da Rua Henrique Pousão (1954-56) de Lanhas, estão integrados num conjunto com outros prédios não desenhados por este arquitecto. Têm duas frentes, à excepção de um em gaveto e combinam um sistema estrutural com elementos tradicionais e modernos. As escadas estão no interior do edifício e a entrada em cada prédio é comum para as diferentes habitações. Na perpendicular da Rua Henrique Pousão estão os quatro edifícios da Rua Artur Loureiro (1956) desenhados por Lanhas. São dois prédios de cada lado da rua. São geminados, simétricos e têm três frentes. Cada uma das habitações destes edifícios tem entradas independentes

---

<sup>78</sup> LAMEIRA, Gisela, *O Prédio de Rendimento Portuense – topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do séc. XX*, Tese de Doutoramento, FAUP, 2016.



Fig. 115. Edifício Bastos Xavier (1957). Fig. 116. Edifício Moreira de Sousa (1956).

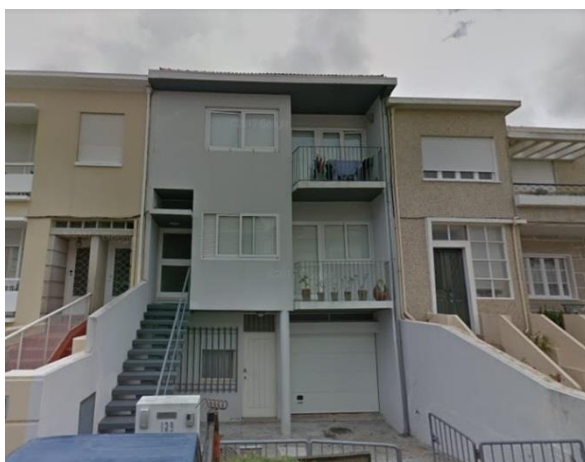


Fig. 117. Edifício Sousa Guimarães (1956). Fig. 118. Edifício Gomes Ferreira (1959).



Fig. 119. Esquerda, os edifícios Pereira Viana 3 e Sousa Oliveira (1961). Fig. 120. Edifício Pereira Ramos e Ferreira (1963).

entre si e existem entradas principais e de serviço. O desenho dos alçados é equilibrado e a escada tem um papel importante na composição. Esta está no exterior e é uma escada de tiro, ligeiramente inclinada. Tem um patamar generoso, também inclinado no sentido oposto. Com as devidas diferenças, a inclinação desta escada faz lembrar a do prédio Pinto Leite. A sua volumetria confere dinamismo e grande qualidade plástica ao edifício. No alçado posterior surge a escada de serviço em caracol. O edifício Bastos Xavier (1957) é um bloco de apartamentos situado na Av. Sidónio Pais, com grande qualidade arquitectónica e o mais conhecido de todos os seus projectos. O prédio Moreira de Sousa (1956) da Rua da Bateria nº 88, tem três pisos e um alçado discreto e o prédio Sousa Guimarães (1956), da Rua Cónego Ferreira Pinto nº 137-139, apresenta também três pisos, mas só duas habitações, sendo uma delas duplex. Neste último existe uma escada interior e outra exterior presente no alçado principal. O prédio Gomes Ferreira (1959) da Rua do Lugarinho nº 94-98, tem um desenho de alçado, que pelas suas proporções, desenho dos vãos e varandas, encontra semelhanças nos prédios da Rua Henrique Pousão, na Casa Lanhas e na Casa Pires da Silva (1961), da Rua Antunes Guimarães nº 268, embora esta última tenha uma escadaria arredondada no alçado, e também nos prédios Pereira Viana 3 (1961), e prédio Sousa Oliveira (1961), da Rua do Lidador nº 171-183, todos no Porto. Ainda em 1961 é de destacar o prédio A. Guedes da Silva, da Rua Oliveira Monteiro nº 791, que analisaremos nos casos de estudo. O prédio Pereira Ramos e Ferreira (1963), da Rua de Cima nº 246 tem três pisos. Destaca-se no alçado principal a porta de acesso ao prédio com padieira recta ligeiramente arqueada e o corrimão em madeira da guarda das varandas que se prolonga para além do seu plano. O edifício M. M. Teixeira (1968) da Rua Heróis de Mucaba nº 116-126, é um dos edifícios mais peculiares e mais plasticamente interessantes e que certamente resultará da experiência acumulada das diferentes habitações unifamiliares que Lanhas projectou desde o início dos anos de 1960 e que terá aplicado neste prédio. Será também analisado mais em detalhe no capítulo seguinte, sendo um dos cinco casos de estudo. Lanhas introduz nos seus projectos as novas concepções espaciais como a sala comum ou a separação por

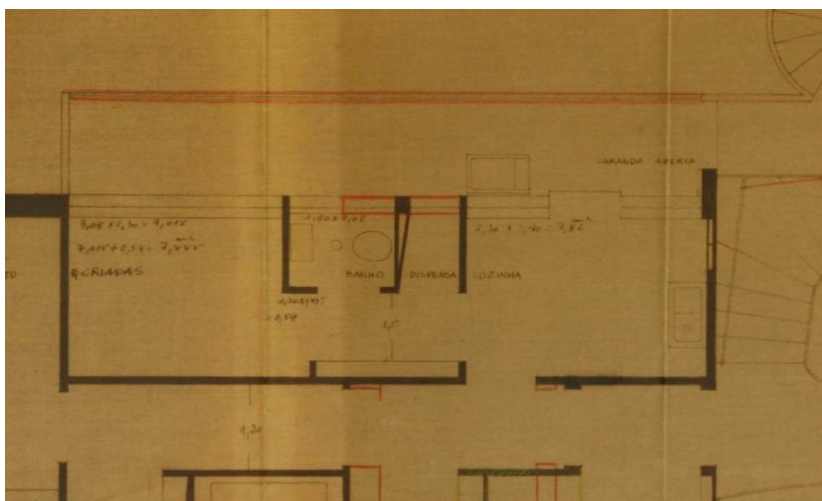


Fig. 121. Pormenor da planta de rés-do-chão de uma habitação do edifício Bastos Xavier (1957), onde é visível o “quarto das criadas” à esquerda, situado na zona de serviço junto à cozinha.



Fig. 122. Fotografia actual do espaço onde era o “quartos das criadas” numa habitação do prédio Pinto Leite. Fig. 123. Fotografia actual na cozinha de uma habitação do edifício M. M. Teixeira, onde é visível a campainha e o mostrador com a indicação do compartimento que chamava a “criada”,



áreas e novos sistemas construtivos que aliam modernidade e tradição.

Nessa época, havia uma separação entre acessos de serviço e acessos principais. Era frequente a classe média e alta ter empregadas domésticas a viver em casa para cuidar dos afazeres do lar e, por isso, os projectos da época de diferentes arquitectos, como também Fernando Lanhas, incluíam o chamado “quarto das criadas”, como era designado na época, e também “quarto de banho das criadas”, junto à cozinha e lavandaria, com coluna de lixo e com acesso de serviço independentes da entrada principal. Esta forma de habitar tinha, obviamente, um impacto importante na organização interna das habitações. À medida que foram ocorrendo transformações na sociedade, assim também se puderam verificar alterações na disposição interior. Na obra de Fernando Lanhas está também presente essa evolução, como teremos oportunidade de estudar mais em pormenor no capítulo 3.



### Capítulo 3) Habitação Plurifamiliar

A Arquitectura Plurifamiliar de Fernando Lanhas ocorre num período muito interessante da História pelas suas transformações sociais, económicas e políticas que têm impacto na Arquitectura e no Urbanismo. O período focado pela tese corresponde às décadas de 1950 e de 1960, um tempo de tensões e confronto de ideias e de novos ideais, transformações socioeconómicas e demográficas e novas tecnologias. Na Arquitectura dessa época está a repensar-se a Modernidade, procurando-se um equilíbrio entre os avanços já conseguidos da modernidade e a experiência da arquitectura tradicional e vernacular. Importa, no entanto, contextualizar a arquitectura plurifamiliar e os prédios de rendimento<sup>79</sup> do Porto, pois é um fenómeno diferente<sup>80</sup> do observado em Lisboa e de outras capitais europeias que têm uma maior tradição na construção plurifamiliar a diferentes níveis. Segundo Barata Fernandes, até meados de 1940, a forma urbana da cidade do Porto apresenta uma imagem de coesão apenas com pequenas diferenças métricas nas frentes de lote, número de pisos, pé-direito, dimensão de vãos e ornamentação, que é fruto do seu crescimento lento. O mesmo explica que durante um longo período da História da cidade do Porto, a Arquitectura corrente não seja feita por arquitectos reconhecidos, mas por um saber empírico, adquirido pela experiência das obras e usos ao longo do tempo e que se foi racionalizando. Nas décadas de 1950 e 1960 procura-se exactamente uma arquitectura moderna enraizada na cultura local e, neste contexto, surge o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, efectuado pelo S.N.A entre 1955-60, onde se procura pensar a modernidade a partir das lições da arquitectura

---

<sup>79</sup> A definição adoptada para “prédios de rendimento” é a usada por Gisela Lameira na sua Tese de Doutoramento *O Prédio de Rendimento Portuense – topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do séc. XX*: «edifício de promoção privada estruturado em apartamentos distribuídos por andares destinados à habitação de arrendamento e partilhado por vários grupos familiares que começa a ser construído de raiz em meados da segunda metade de Novecentos, enquanto alternativa à casa para uma ou duas famílias.»

<sup>80</sup> LAMEIRA, Gisela, *O Prédio de Rendimento Portuense – topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do séc. XX*, (Tese de Doutoramento orientada por Francisco Barata Fernandes), capítulo VIII, FAUP, 2016.

vernacular. Barata Fernandes<sup>81</sup> indica que o Porto responde ao fenómeno de aumento de população a partir de Setecentos e segunda metade de Oitocentos através da sobreocupação das casas burguesas existentes. Gisela Lameira<sup>82</sup> fala de uma progressiva transformação da habitação unifamiliar em plurifamiliar e nesse aspecto as habitações burguesas existentes do tipo Mercantilista, do século XVI e XVII e Iluminista, da segunda metade do século XVIII, adaptam-se ao uso plurifamiliar com áreas mínimas e diferentes soluções<sup>83</sup>, mas mantendo no essencial a matriz de organização interna. Barata Fernandes indica ainda que «as características e a localização da caixa de escadas desempenham um papel essencial e constituem uma permanência.»<sup>84</sup>

A burguesia portuense tem um papel preponderante na cidade, abandona progressivamente as áreas mais antigas, fazendo uma ruptura entre o espaço da residência e o espaço do trabalho. Reforça o seu poder e influência, impondo uma nova ordem de organização da cidade, baseada nos seus valores económicos, ideológicos e estéticos. Apropria-se do território de maior representatividade da cidade e investe largamente na habitação plurifamiliar, contribuindo para a expansão do espaço construído. Assim, no seguimento de anos anteriores, nas décadas de 1950 e 1960 continua a expansão da cidade do Porto com muita construção de habitação plurifamiliar um pouco por toda a cidade. Como este processo de transformação vai ocorrendo progressivamente, as tipologias correntes de habitação plurifamiliar de raiz não se alheiam das pré-existências pois a construção de muitos desses edifícios insere-se nas mesmas parcelas e integra características tipológicas das formas de habitar que os precediam. Um exemplo claro desta situação pode ser o prédio Augusto Guedes da Silva, na Rua de Cedofeita nº 666-670, desenhado por Fernando Lanhas

---

<sup>81</sup> FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na habitação portuense – as formas da casa na forma da cidade*, FAUP Publicações, 1999

<sup>82</sup> LAMEIRA, Gisela, *O Prédio de Rendimento Portuense – topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do séc. XX*, (Tese de Doutoramento orientada por Francisco Barata Fernandes), FAUP, 2016.

<sup>83</sup> Essas diferentes soluções passariam por potenciar mecanismos como saguões, progressiva integração das peças sanitárias no interior das casas para libertação das fachadas, associação lateral de lotes e nos casos de duas frentes e escada central, uma caixa de escada serve dois módulos em associação horizontal.

<sup>84</sup> FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na habitação portuense – as formas da casa na forma da cidade*, FAUP Publicações, 1999, p.227.

em 1952, que se insere num lote estreito e comprido como as tradicionais casa burguesas do Porto e segue a sua lógica de organização interna. No entanto, há também alguns quarteirões construídos de raiz, como o caso dos quarteirões superiores da Rua de Sá da Bandeira.

Analisaremos seguidamente cinco casos de estudo que se consideraram ser os que melhor caracterizam a Arquitectura plurifamiliar de Fernando Lanhas, pela sua qualidade arquitectónica e plástica e por permitirem uma ponte para analisar, ainda que mais superficialmente, outros edifícios de habitação plurifamiliar de Fernando Lanhas e de outros Arquitectos da época, que de algum modo se relacionam com estes ao nível da estratégia de projecto. Todos estes edifícios se situam no Porto: Prédio e Garagem Pinto Leite, na Rua da Maternidade (1954), Prédios da Rua Henrique Pousão (1954-56), Edifício Bastos Xavier, na Av, Sidónio Pais (1957), Prédio Guedes da Silva, na Rua Oliveira Monteiro (1961) e Edifício M.M. Teixeira, na Rua Heróis de Mucaba (1968).





Edifício e garagem Pinto Leite, Rua da Maternidade (1954)

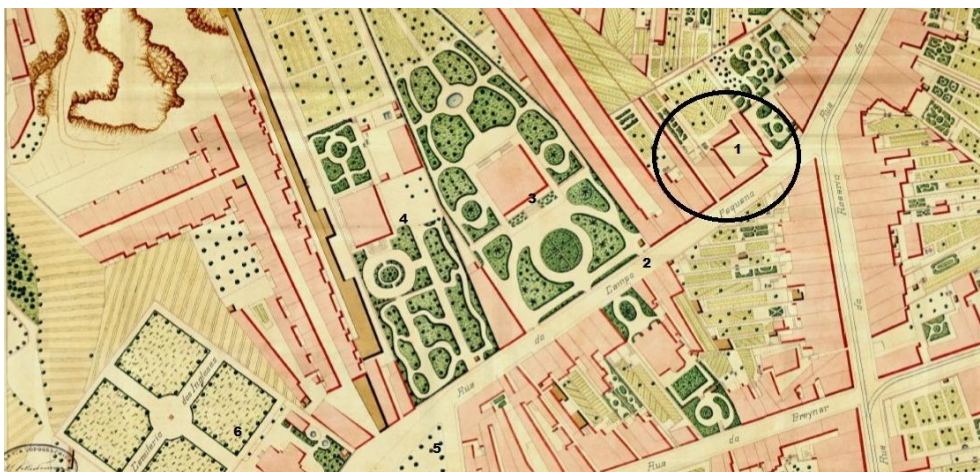


Fig. 124. Planta do Porto de Telles Ferreira de 1892. Mostra a antiga construção onde é hoje o prédio Pinto Leite.

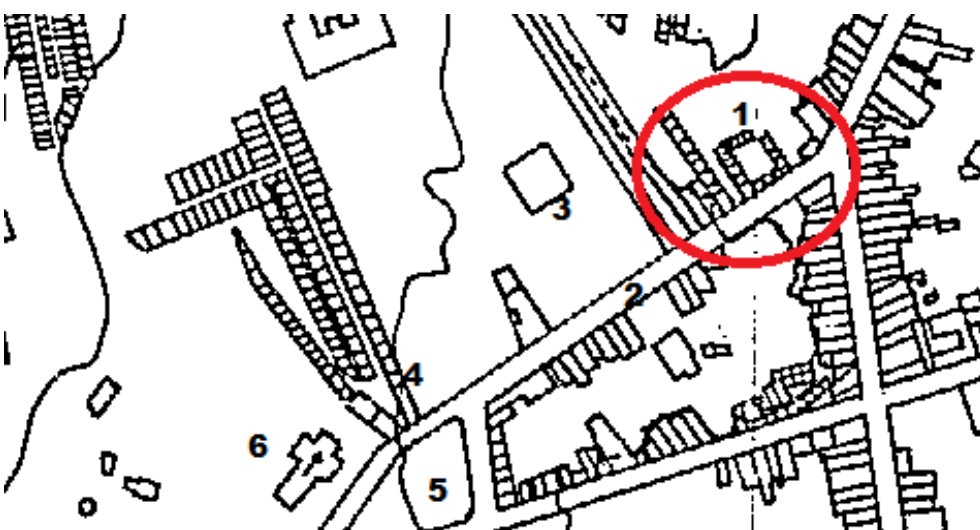


Fig. 125. Planta do Porto data de 1941- 1951 pelo Arquivo Casa do Infante. Mostra a antiga construção onde é hoje o prédio Pinto Leite.

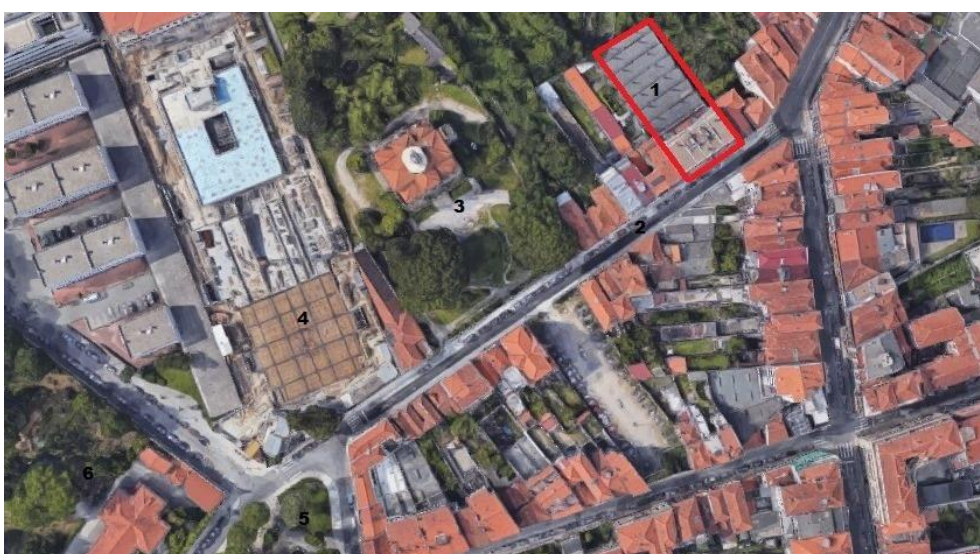


Fig. 126. Planta do Porto actual: 1-prédio Pinto Leite; 2-Rua da Maternidade (antiga Rua do Campo Pequeno); 3-Palacete Pinto Leite; 4-Maternidade Júlio Dinis (antigo terreno da família Gubian); 5-Largo da Maternidade (antigo Largo do Campo Pequeno); 6-Cemitério e capela dos Ingleses.

O prédio e garagem Pinto Leite, situado na Rua da Maternidade nº 147 a 163, foi encomendado por Licínio Machado Pereira Pinto Leite. Segundo o documento datado de 1953, dirigido à CMP, de aditamento ao ante projecto<sup>85</sup> desta obra, indica que o requerente morava no nº 13 da Rua da Maternidade. Nesse número situa-se ainda hoje o Palacete Pinto Leite, originalmente conhecido como Casa do Campo Pequeno, mandado construir por Joaquim Pinto Leite, em meados do século XIX, da abastada família burguesa portuense. Na altura da construção do Palacete Pinto Leite (cerca de 1857), a Rua da Maternidade tinha o nome de Rua do Campo Pequeno e era uma zona pouco movimentada da cidade<sup>86</sup>, com algumas quintas aí situadas. O largo do Campo Pequeno, no primeiro quartel do século XIX,<sup>87</sup> era conhecido por Largo dos Ingleses devido à colónia inglesa ter aí o cemitério e uma capela Anglicana, que ainda hoje permanecem. A maternidade Júlio Dinis foi inaugurada em Setembro de 1939, alterando o nome à rua e ao largo<sup>88</sup>. Em 1954, data de licenciamento<sup>89</sup> do projecto para o edifício e garagem Pinto Leite, em estudo, esta era uma zona consolidada da cidade do Porto, com uma malha de lotes estreitos e compridos, na sua maioria nos quarteirões próximos, com cerca de 5 e 6m de largura, mas não tanto como no centro da cidade, existindo também lotes mais largos com cerca de 12m de largura. Os edifícios de duas ou mais águas têm entre rés-do-chão mais um andar até rés-do-chão mais três. Para a construção do edifício Pinto Leite foi necessária a demolição de um edifício

---

<sup>85</sup> Aditamento ao ante projecto 13290/52.

<sup>86</sup> Ver QUEIRÓZ, J. Francisco Ferreira, “A Casa do Campo Pequeno, da família Pinto Leite – Enquadramento e abordagem preliminar a uma habitação notável do Porto Romântico”, revista da faculdade de Letras “Ciências e Técnicas do Património”, I série, volume III, P. 187.

<sup>87</sup> Conforme informação do centro hospitalar do Porto que pode ser consultado em <http://www.chporto.pt/ver.php?cod=0A0C0C>, no tópico “Enquadramento”.

<sup>88</sup> Conforme informação do centro hospitalar do Porto que pode ser consultado em <http://www.chporto.pt/ver.php?cod=0A0C0C>, nos tópicos “Caracterização” e “Enquadramento”.

<sup>89</sup> Licença de obra na CMP - L.O. 85/54.

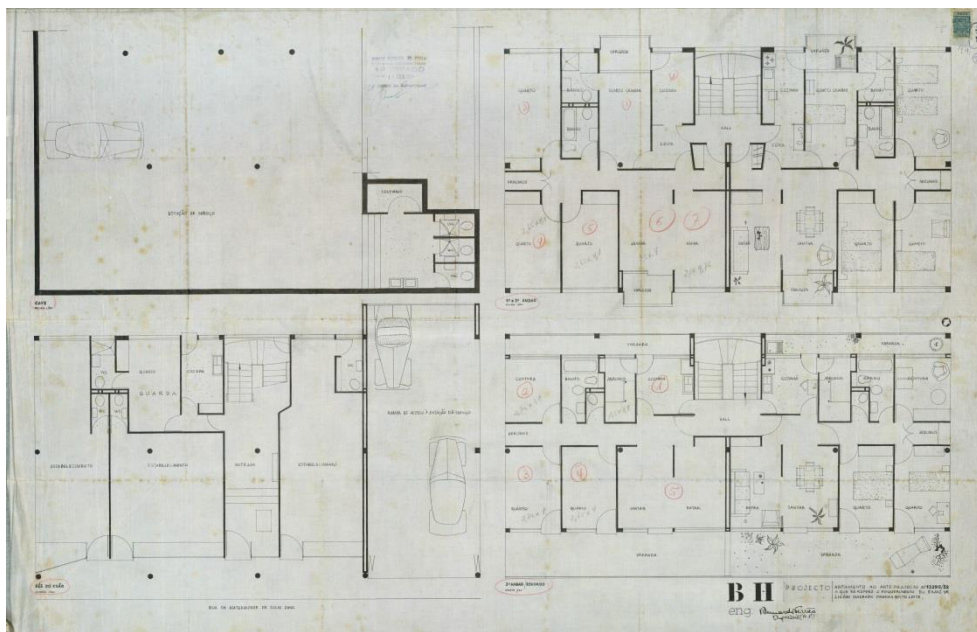


Fig. 127. Plantas do projecto para o prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, de 1952.

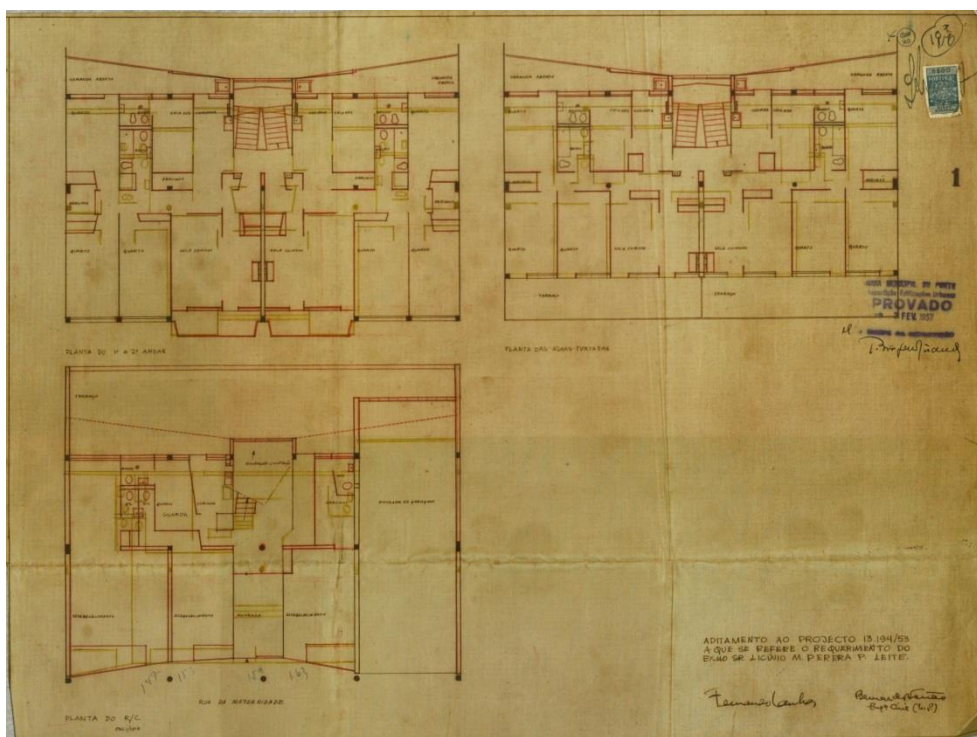


Fig. 128. Plantas do projecto para o prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, a partir de 1956, já com a assinatura do arquitecto Fernando Lanhas em conjunto com Bernardo Ferrão.



pré-existente<sup>90</sup>, que estava construído no alinhamento da rua e que ocupava toda a largura da parcela<sup>91</sup>.

O lote tem uma forma rectangular e é bastante mais largo do que os lotes adjacentes. O edifício Pinto Leite, tal como o que o antecedeu, alinha rente ao passeio público. É constituído por rés-do-chão e mais três andares, tendo mais dois andares que o edifício na sua empena Nascente e mais um andar do que o edifício a Poente. Destaca-se pelo seu desenho moderno, pelas lojas no rés-do-chão e pela sua cobertura plana.

Muitos dos projectos de arquitectura de Fernando Lanhas são elaborados em co-autoria com outros arquitectos e em conjunto com engenheiros. Verifica-se, inclusive, que algumas vezes ocorre, na consulta das licenças de obra que constam na Câmara Municipal do Porto (CMP), que as memórias descritivas e termos de responsabilidade são assinadas por outros projectistas, aparecendo apenas a assinatura de Fernando Lanhas nas peças desenhadas. No caso do projecto do prédio e garagem Pinto Leite surge, na licença de obra L.O. 85/54, a assinatura do engenheiro Bernardo Ferrão, na memória descritiva, termo de responsabilidade e desenhos de 1952. Este processo de licenciamento tem diferentes aditamentos e só a partir de 1956 surge nas peças desenhadas a assinatura de Fernando Lanhas em conjunto com Bernardo Ferrão. Este facto é importante, pois não fica claro se Fernando Lanhas só foi co-autor neste projecto de arquitectura a partir de 1956, ou se teria participado desde o início, apesar de não assinar. No entanto, pela análise dos desenhos das plantas, cortes e alçados que surgem desde o início da licença de obra, verifica-se que são introduzidas grandes alterações à planta com consequência também na volumetria do edifício. Os desenhos, datados de 1956 e após 1956, têm o traço e a linguagem de desenho distintos dos anteriores. E, para além de estarem assinados pelo arquitecto Fernando Lanhas, é mesmo visível essa diferença e que coincide com outros desenhos de outras

---

<sup>90</sup> Conforme indicado na memória descritiva da L.O.85/54.

<sup>91</sup> É visível em planta da cidade do Porto (D-CDT-A4-054-04) datada entre 1941-1951 pelo Arquivo Histórico do Porto – Casa do Infante, o edifício que existia alinhado pela rua a ocupar toda a largura do lote, assim também como na planta de implantação da licença de obra do edifício Pinto Leite da CMP: L.O. 85/54.

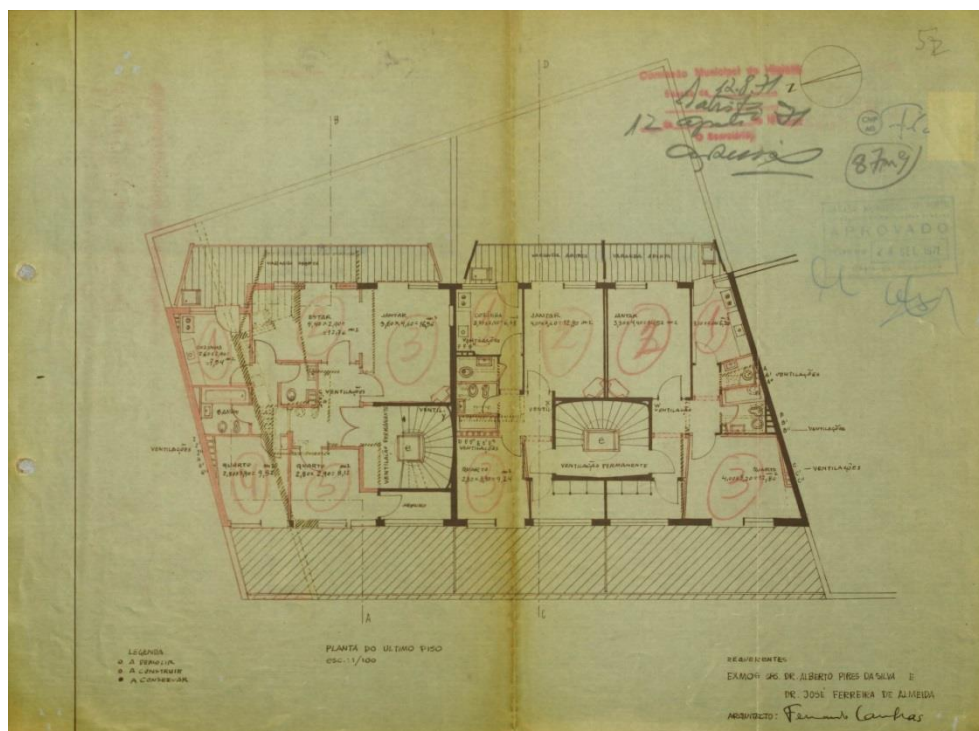


Fig. 129. Planta do projecto de Arquitectura para o edifício Silva e Almeida, na Rua da Alegria nº 308-316, L.O. 651/67, assinado apenas por Fernando Lanhas

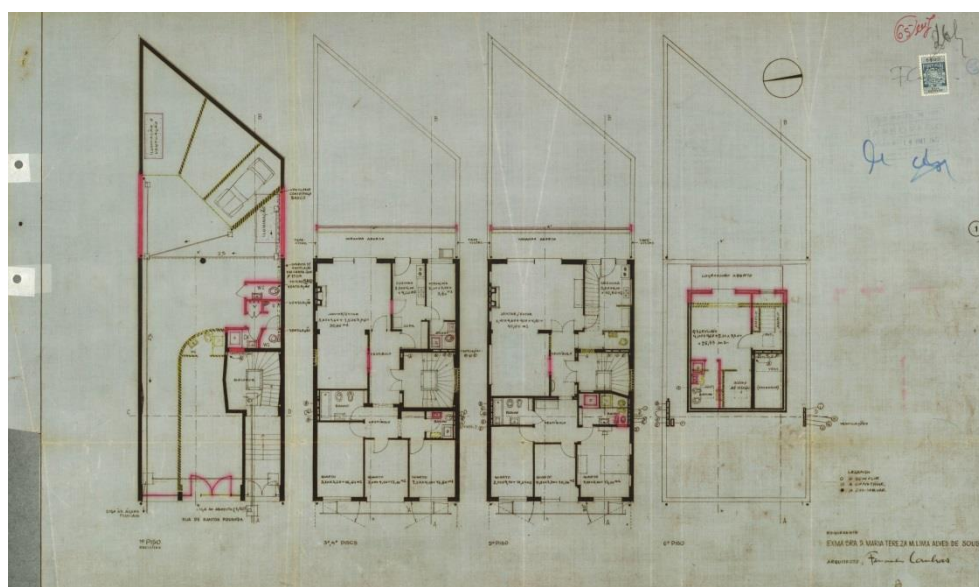


Fig. 130. Planta do projecto de Arquitectura para o edifício Alves de Sousa, na Rua da Santos Pousada nº 110-118, L.O. 245/70, assinado apenas por Fernando Lanhas.



licenças<sup>92</sup> assinadas apenas por Fernando Lanhas. O que nos leva a duvidar se ele terá sido o autor do projecto desde o início<sup>93</sup>. Estas alterações ao projecto melhoram o desenho e inserem um maior dinamismo quer em planta, quer em volume, que contrasta com a rigidez inicial. Um documento enviado pelo Engenheiro Bernardo Ferrão ao Arquitecto Fernando Lanhas, datado de 1957, atesta que Lanhas era nessa altura o responsável pelo projecto de Arquitectura:

«RS, Ribeiro da Silva, Lda.  
Empreiteiros de Obras Públicas

Escritório: Rua dos Bragas nº 54, 1º Esq.  
Gerente técnico: Engº Bernardo Ferrão

Porto, 28 de Agosto de 1957

Exmo. Sr.

Arqº Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas

Construção de um prédio de rendimento e garagem na Rua da Maternidade nº 65, no Porto, para o Snr. Licínio Machado Pereira Pinto Leite.

Junto temos a honra de enviar a V. Exia. Para seu conhecimento e devidos efeitos, cópia de nota de trabalhos a mais ou não previstos, que se executaram na obra em epígrafe sob a direcção de V. Exia., nota que nesta data se remeteu ao Snr. Pinto Leite.

Como este Snr. não deixará de ouvir V. Exia. Sobre os mesmos, estamos ao seu inteiro dispor para quaisquer esclarecimentos complementares que careça, sendo certo que a nota corresponde ponto por ponto àquilo que nos foi determinado por V. Exia., de acordo com o proprietário, no decorrer dos trabalhos ou a sequência e categoria dos mesmos exigiu além do previsto.

Com os nossos melhores cumprimentos de toda a consideração e estima,  
Subscrevemo-nos,

Muito atentamente,

Bernardo Ferrão»

---

<sup>92</sup> Exemplos de licenças de obra apenas assinadas por Fernando Lanhas e em que se podem verificar semelhanças nas peças desenhadas: L.O. 651/67; L.O. 228/68; L.O. 458/69; L.O. 245/70; L.O. 187/74.

<sup>93</sup> Esta constatação está em linha com o que é indicado por José Pedro Tenreiro, na sua dissertação de Mestrado Integrado: “O grupo ODAM – Organização dos Arquitectos Modernos: a Construção do Racionalismo Portuense”, apresentada à FAUP em 2008, que tem um quadro com as obras de Fernando Lanhas e que menciona em relação ao edifício da Maternidade: «Fernando Lanhas a partir de 1956». Existe também a ideia popular de que este edifício terá tido a participação do arquitecto Fernando Távora no início do projecto. Tal não se conseguiu confirmar.



Fig. 131. Prédio Pinto Leite integrado na Rua



Fig. 132

O programa<sup>94</sup> de construção do prédio da Rua da Maternidade (1954) previa a demolição do edifício pré-existente e a implantação de um edifício de habitação plurifamiliar constituído por cave, rés-do chão, e mais três pisos. Na cave seria construída uma estação de serviço, lavabos para o pessoal, um escritório de serviço e um armazém de material<sup>95</sup>. No rés-do chão três estabelecimentos comerciais, entrada e casa do guarda-porteiro, constituída por um quarto, sala comum e quarto de banho. O primeiro e segundo andares teriam duas habitações T3 por piso, numa lógica esquerdo-direito, e cada habitação seria constituída por entrada, sala de estar e de jantar, três quartos<sup>96</sup>, cozinha, quartos de banho, quarto das criadas, arrumos e varanda. O terceiro andar<sup>97</sup>, que é recuado do alinhamento, é constituído por duas habitações T3, com sala de estar e jantar, três quartos, quartos de banho, cozinha, varanda para a frente e para as traseiras.

O prédio Pinto Leite está bem integrado no local, sendo notórias preocupações com alinhamentos e marcação de ritmos. No entanto, destaca-se dos edifícios da envolvente pelo seu desenho moderno, pela sua horizontalidade, pelos pilotis e pela sua cor branca. Este é um dos edifícios desenhados por Fernando Lanhas que melhor exprime as ideias de modernidade presente nos anos de 1950, quer pela sua volumetria e organização interna, quer pela sua estrutura. O sistema estrutural<sup>98</sup> do edifício é constituído por pilares, vigas, lajes de piso e cobertura de betão armado. As lajes são unidireccionais e constituídas por elementos pré-

---

<sup>94</sup> O programa é indicado na memória descritiva da licença de obra L.O. 85/54 da CMP.

<sup>95</sup> Inicialmente o programa da cave incluía cabines particulares para automóveis, mas um aditamento datado de 1956 suprime essas cabines e acrescenta a construção de um escritório de serviço e de um armazém de material.

<sup>96</sup> A memória descritiva de Julho de 1952, da licença de obra L.O. 85/54 da CMP, indica dois quartos, uma sala de costura e um escritório no 1º e 2º andares de cada habitação, mas nos desenhos surgem três quartos, por isso identifica-se aqui a tipologia como sendo T3. Nos desenhos não se identifica onde seria o escritório e em vez de sala de costura surge a indicação do quarto das criadas.

<sup>97</sup> Numa planta inicial estão desenhados dois quartos, uma sala de costura e dois arrumos, mas na planta a partir de 1956 surge a indicação de três quartos, desaparece a sala de costura e o arrumo junto à cozinha é substituído pelo quarto das criadas.

<sup>98</sup> O sistema estrutural é descrito na memória descritiva e nas peças desenhadas que constam da licença de obra L.O. 85/54.

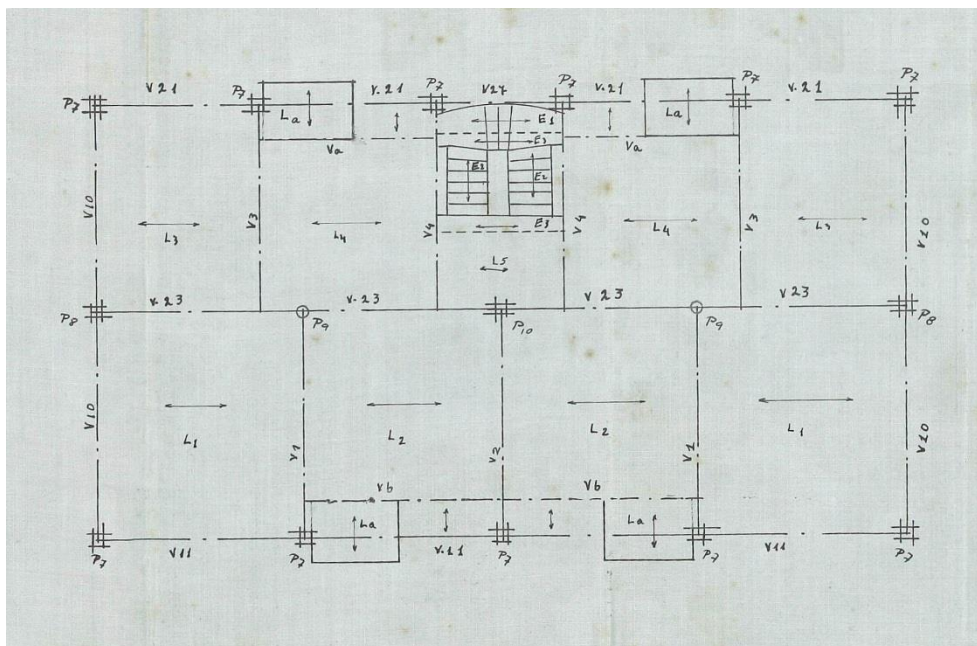


Fig. 133. Planta estrutural do 1º e 2º andares

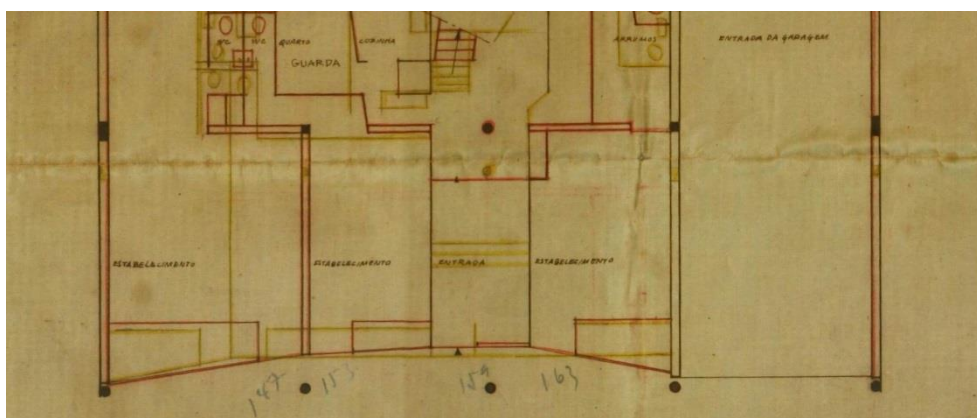


Fig. 134. Estrutura embutida nas paredes à excepção do pilar na zona de entrada do edifício.

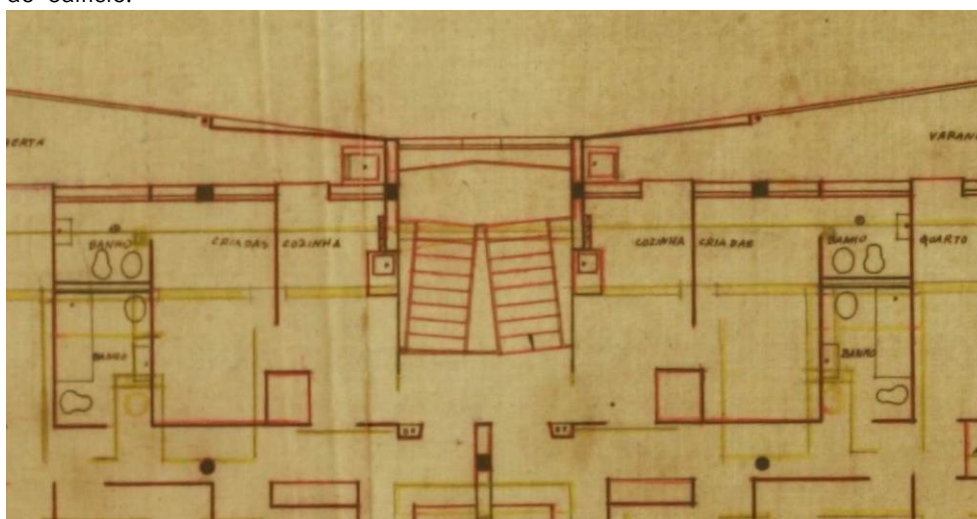


Fig. 135. Estrutura embutida à excepção do pilar nos corredores de acesso aos quartos

-esforçados. Este sistema construtivo moderno advém do *Dom-ino* ou Casa Dominó, desenvolvido por Le Corbusier desde 1914, liberta as paredes da sua função estrutural. As paredes portantes desaparecem, sendo as paredes interiores apenas divisórias, e a estrutura torna-se independente deixando de condicionar o espaço interior, ou seja, a *Planta Livre*. Nesse sistema os pilares recuam em relação ao plano da fachada, permitindo que esta seja uma fina membrana de separação entre o interior e o exterior, a *Fachada Livre*. Este sistema permite uma poética de planos de parede finas e lajes delgadas, características do Modernismo. No prédio Pinto Leite os pilares estão no mesmo plano do alçado principal, fazendo com que não exista total liberdade no desenho. Ainda assim, é possível o recuo das paredes do alçado na zona das varandas. As janelas cobrem quase a totalidade do alçado em largura, sendo separadas, no entanto, por esses elementos estruturais, conferindo horizontalidade ao alçado, numa aproximação às *Janelas Alongadas* de Le Corbusier.

As lajes são unidireccionais<sup>99</sup> e apoiam-se em vigas com vãos reduzidos, o que permite que a altura das vigas seja reduzida e a espessura das lajes seja delgada. Os pilares, que descarregam as cargas verticais, são também esbeltos e estão embutidos nas paredes ou escondidos em armários. Por isso, os elementos estruturais são dissimulados, podendo haver uma ténue leitura da sua presença no ritmo dos vãos e nos pilotis do rés-do-chão. No interior do edifício no rés-do-chão, um pilar de secção circular surge a marcar a transição entre o corredor de entrada e as escadas. E no piso recuado surge um pilar de secção circular à vista em cada habitação a marcar a transição para a zona íntima no corredor. As paredes de elevação são de alvenaria de *pedra de perpianho de meia falha* com a espessura de 0,28m<sup>100</sup>. O acesso às habitações é comum através de uma escada de betão armado revestido com placas de mármore.<sup>101</sup> As varandas são também em betão armado. As guardas do alçado principal são constituídas por *vidro armado*

<sup>99</sup> Conforme memória descritiva e desenhos da licença de obra L.O. 85/54.

<sup>100</sup> Conforme caderno de encargos consultado na Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS/FL/34).

<sup>101</sup> Conforme memória descritiva e caderno de encargos consultado na Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS/FL/34).





Fig. 136. Acesso à garagem. Fig. 137. Pormenor da cobertura da garagem.



Fig. 138. Lojas do prédio Pinto Leite.



Fig. 139. Ed. Silva e Almeida, na Rua da Alegria nº 308-316 (L.O. 651/67). Fig. 140. Ed. Augusto Guedes da Silva, na Rua de Cedofeita nº 666-670 (L.O.431/52), ambos com o volume alinhado pela rua e com lojas no rés-do-chão.



e as do alçado posterior são, em parte, em betão e outra parte em rede e tubo de 2 e  $\frac{1}{2}$ "<sup>102</sup>. As paredes de alvenaria de tijolo, não tendo função estrutural, servem como divisórias para organizar o espaço interior e para fazer a fronteira com o exterior. As interiores são de tijolo com 0,08m de espessura *estucado a gesso* e as paredes exteriores são duplas, de tijolo com 0,08 e 0,05m de espessura, revestidas com *argamassa de cimento e areia*. As chaminés são também em tijolo e têm 0,05m de espessura. Os tectos são *estucados a gesso* sob a placa de betão<sup>103</sup>.

A composição do seu alçado principal é simétrica nos andares superiores, apresentando-se o rés-do-chão como excepção, com as lojas e acesso à garagem, que conferem uma base que estabelece relação com a ligeira pendente da rua. O portão da garagem é de grandes dimensões e o acesso a essa garagem é feito através de uma rampa no interior do edifício que liga a um piso abaixo do nível da rua. A garagem que parte do prédio ocupa toda a restante área do lote. A iluminação natural desse espaço é feita pela zénite, por lanternins no intervalo das coberturas inclinadas voltadas a Norte-Noroeste, que se estendem ao longo de todo esse volume. A estrutura da cobertura da garagem é constituída por treliças de betão com terças metálicas revestidas por chapa ondulada. O prédio tem duas frentes, o alçado principal fica voltado para Sul-Sudeste e o alçado posterior para Norte-Noroeste. Para Sul-Sudeste estão voltadas as lojas, acessos ao edifício, e o acesso à garagem e nos pisos superiores, os quartos e as zonas de estar. O edifício da Rua da Maternidade é o único caso em estudo em que a entrada principal é ladeada por lojas e em que a entrada no edifício não é tão evidente como nos restantes. Todos os outros permitem um afastamento em relação à rua, tendo de se efectuar um percurso exterior desde o portão junto à rua, até à portaria do prédio. Na Rua da Maternidade a lógica é inversa à dos restantes, devido à zona onde se implanta, em que o alinhamento do edifício tem de ser feito junto ao passeio público e principalmente porque as lojas no rés-do-chão vivem desse contacto imediato com a rua. Exemplos semelhantes

---

<sup>102</sup> Conforme caderno de encargos consultado na Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS/FL/34).

<sup>103</sup> Informação combinada entre a memória descritiva e desenhos da licença de obra L.O. 85/54 e o caderno de encargos consultado na Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS/FL/34).

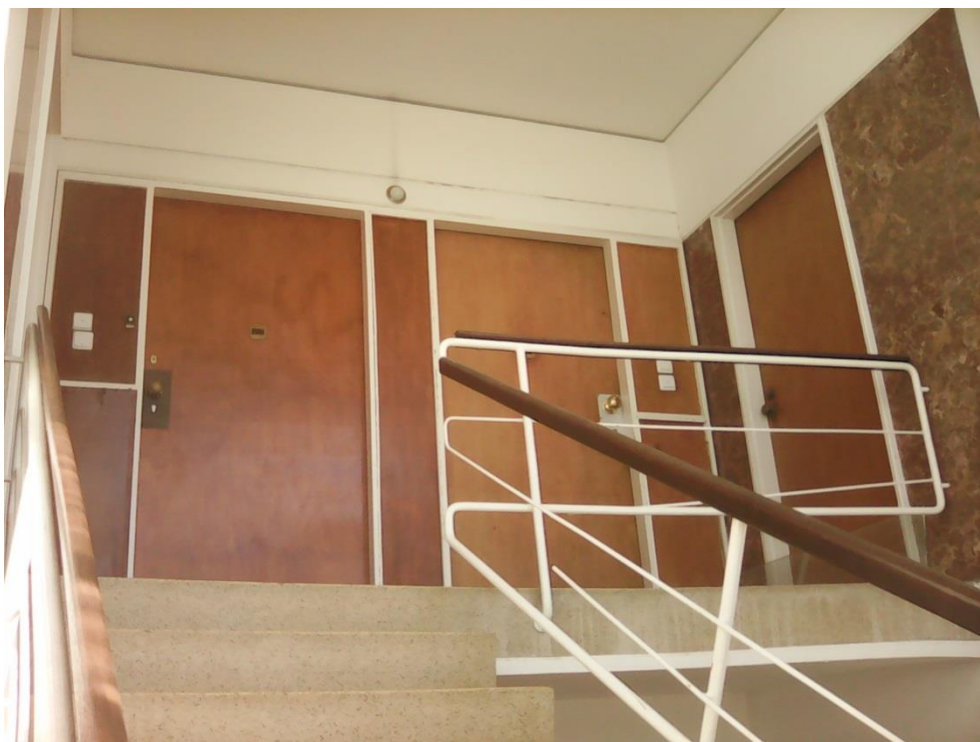


Fig. 141. Vista interior de um patamar de acesso às habitações do prédio Pinto Leite, onde é visível no plano principal o acesso principal e no plano lateral o acesso de serviço.



Fig. 142. Vista de acesso ao prédio Pinto Leite, onde é visível o plano diagonal que faz recuar esta zona e cria um espaço de transição.

a este são os edifícios que Lanhas projectou para a Rua da Alegria e para a Rua de Cedofeita que também ficam rente ao passeio público e com lojas no rés-do-chão. O sistema de distribuição é de acesso vertical aos fogos. O acesso às habitações dos andares é feito por uma escadaria comum, que se situa junto ao envidraçado do alçado posterior. O espaço de patamar de cada piso é outro espaço de transição importante. Cada habitação é constituída por duas portas de entrada lado a lado fazendo canto, a que se acede pelo mesmo patamar do piso: a porta de serviço, que dá acesso directo à cozinha, arrumos, *quarto das criadas* e quarto de *banho das criadas*; e a porta principal que dá acesso ao vestíbulo e a um corredor central de distribuição que interliga as zonas de serviços de um lado, as zonas de estar, do lado oposto e a zona íntima, dos quartos, ao fundo. Esta disposição das portas pode ser vista também no edifício do Bloco da Carvalhosa, na Rua da Boavista, no Porto, projectado pelos arquitectos Arménio Losa e Cassiano Barbosa, entre 1945-1950, altura em que Lanhas estagiava no gabinete de Cassiano Barbosa, e que pode ter influenciado este desenho. Na época era comum as classes médias e altas terem empregadas domésticas internas, designadas muitas vezes por “*criadas*” ou *serviçais*”. Daí a importante área que é concedida à vivência destas profissionais na zona de serviço. Apesar disso, o acesso ao edifício e a circulação vertical é comum, ao contrário de outros projectos que as separam totalmente, como exemplo, o edifício Bastos Xavier que mais à frente analisaremos. O acesso ao edifício e as lojas estão protegidos do sol de Verão, de Sul e das chuvas do Inverno por um ligeiro recuo do rés-do-chão em relação aos pisos superiores. As salas do primeiro e segundo andares, em que é previsível passar mais tempo, são também recuadas, ao contrário das janelas dos quartos que não gozam dessa protecção. Todos os vãos exteriores dos andares estão equipados com estores, para um controlo mais eficaz da luz exterior. Os planos diagonais envidraçados das lojas e os delgados pilotis conferem leveza ao alçado principal e acentuam o portão da garagem que fica mais à frente alinhado pelos prédios adjacentes. Esse ligeiro recuar das lojas e entrada constitui um espaço de transição<sup>104</sup> da rua para o interior do prédio. É um espaço de alguma

---

<sup>104</sup> A noção de espaço-transição foi teorizada por Pedro Vieira de Almeida.

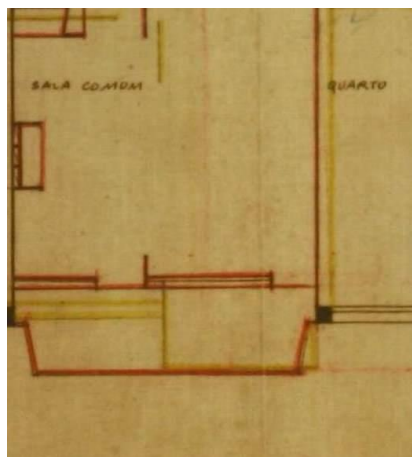


Fig. 143. Fotografia de pormenor das varandas do alçado principal do prédio Pinto Leite. Fig. 144. Pormenor de varanda em planta.



Fig. 145. Alçado principal – marcação ténue de ritmos verticais e zona das salas emoldurada com o seu recuo.



Fig. 146. Vista aérea do alçado posterior do prédio Pinto Leite com as varandas na diagonal e corpo central. Fig. 147. Alçado principal do Bloco da Carvalhosa de Arménio Losa e Cassiano Barbosa onde se vêem também varandas diagonais e um corpo central.

ambiguidade, pois ainda se está num espaço público, fora do prédio, mas ao mesmo tempo é uma zona abrigada pelo volume do próprio prédio. Este aspecto confere densidade e qualifica o espaço arquitectónico, ao mesmo tempo que resolve questões práticas do dia-a-dia, de preparação à entrada do prédio. Acrescentando à leitura do recuar do plano da fachada na zona das salas, o balanceamento das varandas, verificam-se jogos de cheios e vazios, de luz e sombra, dinamizando a fachada e enriquecendo o volume. O recuar do plano das salas, confere-lhes uma moldura. Outra subtilidade é a forma como os planos laterais das varandas balanceadas se ligam ao alçado. Esses planos são ligeiramente oblíquos em relação ao plano da fachada e não se ligam directamente. Deixam um espaçamento e vão juntar-se ao plano perpendicular ao da fachada, já no interior do volume do edifício e não à sua face como se vê nos desenhos. Esse pormenor confere poética e as sombras que produz no alçado contribuem para a sua plasticidade. As janelas do alçado principal têm uma métrica regular e, com as varandas compridas do centro da fachada e a cor uniforme do edifício, conferem uma leitura de horizontalidade ao alçado. Apesar disso, há um ritmo vertical delicadamente marcado no alçado principal, através dos pilotis e das linhas verticais que se enunciam no seu prolongamento, nos intervalos dos vãos e das varandas. Esse ritmo mimetiza a cadência vertical dos edifícios da envolvente e é acentuado pelo recuar do alçado na zona das varandas. No último piso o volume do edifício recua, do lado do alçado principal, seguindo a lógica dos edifícios pré-existentes a Poente, mas o recuo é maior, permitindo mais espaço às varandas-terraço.

A Norte-Noroeste estão as zonas de circulação e zonas de serviço e mais um quarto<sup>105</sup> por cada habitação por piso. O alçado posterior do prédio tem também uma composição simétrica à excepção do piso térreo.

---

<sup>105</sup> A memória descritiva fala em dois quartos por cada habitação, embora esteja desenhado um terceiro espaço identificado nos desenhos também como quarto. Este cumpre as exigências legais do Regulamento Geral de Edificações Urbanas (RGEU) para ser um quarto e está localizado na zona íntima da habitação, junto aos restantes quartos. Uma vez que está voltado a Norte-Noroeste, poderia ser um quarto de hóspedes, em que o tempo de permanência seria reduzido, ou ser um quarto de trabalho, «quarto de costura», e assim sendo a luz uniforme durante o dia deste quadrante poderia ser interessante para trabalhar.



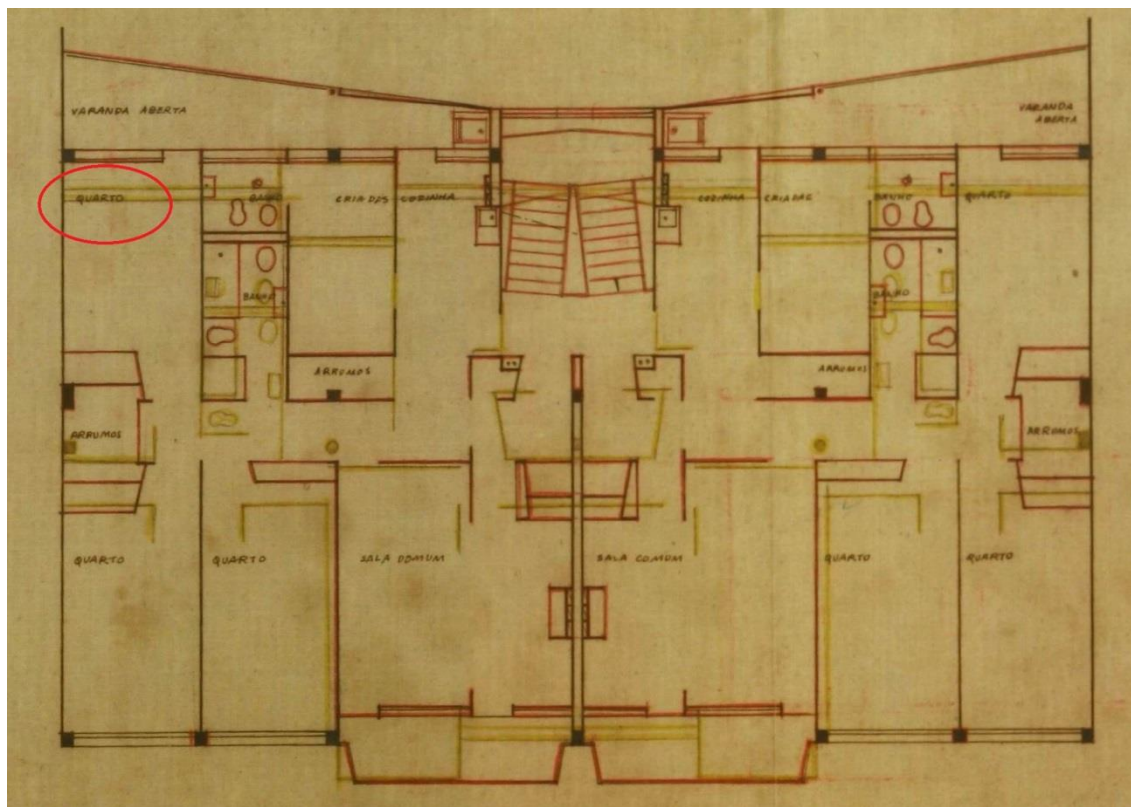


Fig. 148. Planta do 1º e 2º andar do edifício Pinto Leite de Fernando Lanhas.

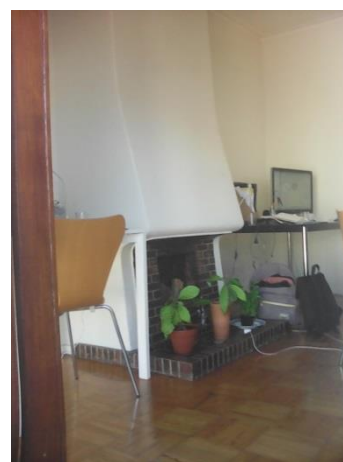
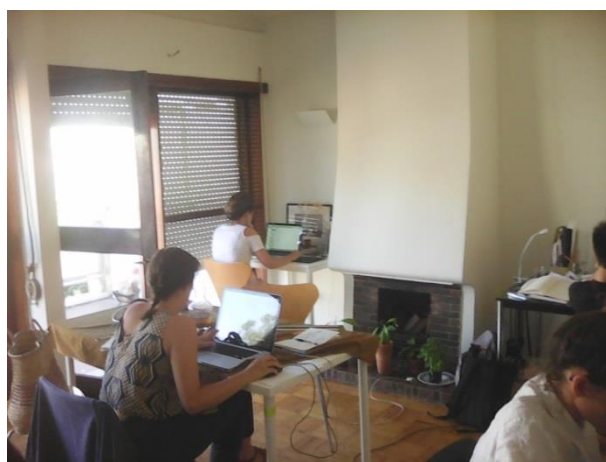


Fig. 149 e Fig. 150. mostram o ambiente da sala comum.

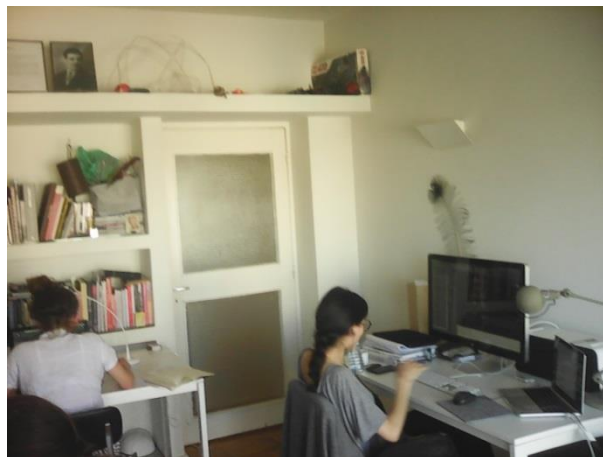
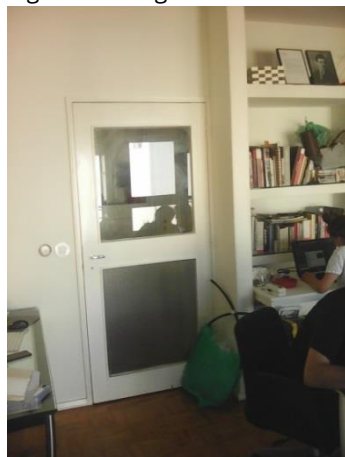


Fig. 151. e Fig. 152. mostram o ambiente da sala comum.



Neste alçado, as varandas estão inseridas no volume do prédio, fazendo uma diagonal<sup>106</sup> acentuada dos seus extremos até ao elemento central envidraçado, marcadamente vertical, onde se situam as escadas de acesso às habitações. Existe uma tensão latente entre a verticalidade desse elemento central e a horizontalidade das varandas. O recuar da fachada à excepção desse elemento central da escadaria e o plano da guarda das varandas em parte constituído por betão e outra parte envidraçada, dá complexidade ao alçado e ao volume. Cria também um jogo interessante de cheios e vazios e de luz e sombra, de transparências e opacidades.

O desenho da planta reflecte ideias modernas como a organização do espaço por zonas e a sala comum. Esta inovação moderna da *sala comum* está presente nas zonas de estar e permite juntar no mesmo espaço a sala de jantar e a sala de estar. Isto confere uma maior amplitude espacial e permite-lhe um carácter dinâmico e multifuncional. Estas salas comuns têm, no entanto, ainda a marcação ao seu eixo de arranque de parede nos seus extremos e duas zonas de acesso. Por isso, podem ler-se duas zonas, apesar do espaço ser contínuo. Além disso existem duas portas de acesso à sala comum, uma junto ao átrio de entrada da habitação e outra junto à cozinha e acesso aos quartos. Esse aspecto, a juntar a alguns recantos que se podem ler no espaço, cria algum aconchego. No espaço da sala comum poderão ler-se alguns nichos de maior estaticidade e intimidade como por exemplo, um espaço de refeição, espaço de reunião à lareira ou nos recantos ao lado desta. A zona dos quartos, é por excelência o espaço de maior intimidade e de *espaços núcleo*. Pedro Vieira de Almeida teorizou que na massa espacial interna haveriam *espaços-influência* que teriam a ver com as relações entre os diferentes espaços e a forma como nos apropriamos deles. Daí resultariam espaços sociópetos ou *espaço-núcleo*<sup>107</sup>, de carácter estático e

<sup>106</sup> Esta diagonal das varandas faz lembrar o Bloco da Carvalhosa, na Rua da Boavista, no Porto, dos arquitectos Arménio Losa e Cassiano Barbosa (1945-1950) com quem Lanhas estagiou.

<sup>107</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira de, *Dois parâmetros de Arquitectura postos em surdina – leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional*, (2011), 1ª edição CEAA - CESAP/ESAP, Porto, 2013.



Fig. 153. O corredor central mais escuro onde é visível a porta de padieira recta ligeiramente arqueada e o pilar de secção circular na transição para os quartos. Fig. 154. A zona da sala mais iluminada. A luz diferencia os espaços.



Fig. 155. Átrio de entrada no prédio Pinto Leite

de intimidade e espaços sociófugos ou *espaços-complementares*<sup>108</sup>, de carácter dinâmico e de circulação e que envolvem esses *espaços núcleo*. Estas noções teóricas são contudo, pouco mensuráveis mas são um contributo importante para a análise espacial.

O pé-direito do piso térreo é de 3m e dos andares é de 2,80m. Existem, no entanto, ligeiras flutuações na dimensão do pé-direito, que tem uma altura inferior, para a marcação de alguns espaços de menor permanência ou de ligação. Os corredores e os vestíbulos dos andares têm tectos falsos de fasquio lincado, contrastando assim, com os demais espaços. A sensação dada pela altura do pé-direito é agradável e adequada ao espaço. O tratamento da luz não é uniforme, sendo este um elemento expressivo que ajuda a marcar diferentes espaços. O corredor central de distribuição é uma zona de “penumbra” pois não recebe luz directa do exterior e com a luz que vai entrando ocasionalmente proveniente dos compartimentos contíguos, cria um jogo expressivo de sombras. Está presente nesse corredor uma padieira recta ligeiramente arqueada entre a zona pública e mais íntima que dá para os quartos que ajuda nessa poética. As restantes zonas da habitação contrastam com a sua maior luminosidade vinda directamente das janelas. O uso dos materiais é feito de forma a proporcionar conforto. No rés-do-chão existem três portas com caixilho metálico preto e montras com bandeira, nas lojas, e uma porta metálica envidraça na entrada do prédio.

O interior do prédio na zona de entrada e escadas de acesso aos pisos é de uma elegância marcada pela presença do mármore. Este espaço de entrada, embora amplo, é marcado por dois momentos. A zona junto da porta de entrada é ladeada por caixas de correio e por painéis de mármore verde, com cerca de 1,90m de largura e de pé-direito

---

<sup>108</sup> Ouvi falar nos tipos de espaço: *núcleo, complementar e de transição*, nas aulas de Teoria da Arquitectura do arquitecto Pedro Vieira de Almeida, de quem fui aluno na Escola Superior Artística do Porto (ESAP) em 2008/2009. E também através da informação do CODA que realizou em 1962 com o tema: *Ensaio sobre algumas características do espaço em Arquitectura e elementos que o informam*. E mais tarde li o caderno: ALMEIDA, Pedro Vieira de, *Dois parâmetros de Arquitectura postos em surdina – leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional*, (2011), 1ª edição CEEA - CESAP/ESAP, Porto, 2013. Vieira de Almeida falou destes conceitos em moradias, como as casas da pradaria de Frank Lloyd Wright ou nas casa de Viana de Lima, mas considera-se no presente trabalho que estes conceitos também poderão ser aplicados no espaço da habitação plurifamiliar.

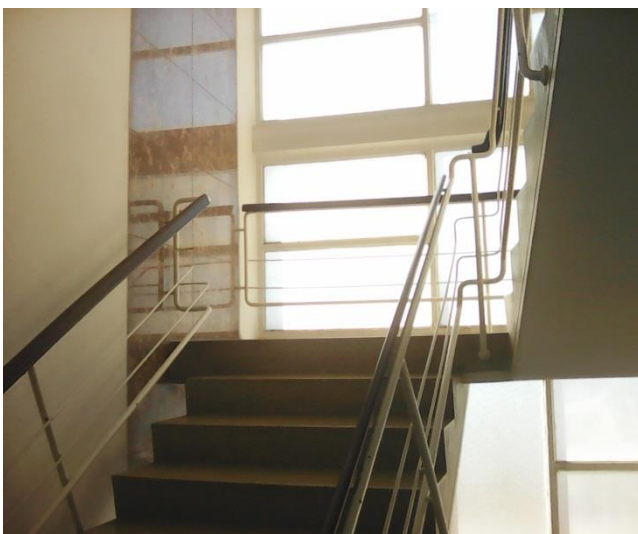


Fig. 160. e Fig. 161. Pormenores da escada de acesso aos pisos.

completo. O mármore continua depois no rodapé de cerca de 0,20m, que encontra o primeiro degrau com espelho de 0,14m. A partir daí há um segundo momento que liga a habitação do porteiro à esquerda, em frente as escadas para os pisos, e à direita, mais dissimulado, um corredor de acesso ao terraço das traseiras. Desse lado há um nicho quadrangular de mármore verde com um círculo rosado, que claramente faz lembrar uma pintura de Fernando Lanhas. O piso é em marmorite preta e as paredes e tecto são pintados de branco. O mármore surge também nas soleiras e nas escadas de acesso aos pisos. Esta escada não cumpre só a função de aceder aos pisos superiores, mas atribui também uma grande expressividade e elegância a este espaço arquitectónico que, juntamente com o nicho com o círculo de mármore, dá poética ao espaço. Outro painel de mármore rosado ladeia a porta de madeira num tom castanho alaranjado da habitação do porteiro que fica junto à escada e que dá o mote para todas as portas dos pisos superiores de acesso às habitações. O desenho das escadas e da sua guarda branca e corrimão em madeira, o ladear dos patamares em mármore rosado, o desenho do envidraçado com a entrada de luz e as sombras que se fazem reflectir e cor das duas portas em cada canto das habitações e respectivo painel de mármore tornam o espaço uma verdadeira pintura. Este ambiente moderno e requintado pode também encontrar-se em edifícios projectados por Arménio Losa e Cassiano Barbosa, como por exemplo o Bloco da Carvalhosa (1945-1950) na Rua da Boavista, o edifício DKW (1946-1951), na Rua Sá da Bandeira e o edifício Soares e Irmãos (1950-1953) na Rua de Ceuta, no Porto, com quem Fernando Lanhas estagiou. No interior das habitações a madeira confere uma temperatura mais quente ao espaço e a sua materialidade<sup>109</sup> está muito presente. As caixilharias exteriores são de castanho do Minho. Estão presentes na fachada principal, nas janelas de correr dos andares e nas portas e janelas exteriores do piso recuado. Lanhas desenhou todo o painel de madeira nas paredes que são envidraçadas, incluindo porta e janelas. As madeiras que as emolduram são bastante salientes do plano da parede e, mesmo quando as janelas e

---

<sup>109</sup> Os materiais indicados constam da memória descritiva de licença de obra L.O. 85/54 da CMP e também do caderno de encargos consultado na Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS): FIMS/FL/34.





Fig. 162. um quarto e Fig. 163. o quarto de banho



Fig. 164. quarto de banho e Fig. 165. o quarto de banho das criadas.



Fig. 166. a cozinha e Fig. 167. a varanda de serviço.



portas não ocupam todo o comprimento da parede, a moldura superior estende-se até ela. Além disso um roda-tecto de 0,165m surge no plano da parede envidraçada recuando, cerca de 0,03m do plano da parede. Esse conjunto da madeira alude à espessura e essas saliências no plano da parede criam sombras conferindo grande expressividade ao espaço. Na fachada posterior do prédio, também em madeira de castanho do Minho, estão as janelas fixas ou de correr no rés-do-chão e andares e portas de abrir. O mesmo tipo de madeira é aplicado na fachada posterior da garagem, em janelas fixas e basculantes e na porta de correr de acesso à garagem. As caixilharias interiores são de pinho nacional, pintado de branco, e estão presentes no rés-do-chão, nas portas dos sanitários, na *casa do guarda* e nas portas interiores dos andares. De pinho são também as guarnições, apainelados e rodapés. Os pavimentos das lojas e *quarto do guarda*, no rés-do-chão, e as salas, quartos e corredores dos andares, são em *parquet* de pinho, com as medidas 0,07X0,21X0,016m e este é aplicado em xadrez com remate de três filas. Os corrimões da escada de acesso aos andares e as caixas de correio são de sucupira. É usada madeira prensada nas portas dos móveis e andiroba na tábua que remata os fogões de sala. O pavimento da cozinha é mosaico de 0,15x0,15m e as paredes são revestidas a azulejo, disposto até à altura dos móveis superiores ou até à altura do exaustor de um lado e na parede oposta até 1,55m. Os azulejos são brancos com 0,15x0,15m e têm rodapé de azulejo preto de 0,05m de altura. Um friso de 0,012m faz o remate e a restante parede é pintada de branco. Os móveis da cozinha são em pinho pintado de branco, sendo também revestidos de lado por azulejo branco. O quarto de *banho das criadas* tem azulejo igual ao da cozinha e o mosaico é de 0,20x0,20m em xadrez. No outro quarto de banho, junto aos quartos, o azulejo vai até 2,00m de altura na parede e o mosaico do piso é de cor preta. Uma janela redonda de vidro fosco na parede contígua ao outro quarto de banho ilumina este espaço interior.

A habitação do terceiro andar recuado, que foi visitada, mantém grande parte dos materiais originais, tendo sido notada a alteração no pavimento da varanda-terraço do alçado principal, alterados alguns puxadores das portas e interruptores



**Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão, Porto (1954-1956)**



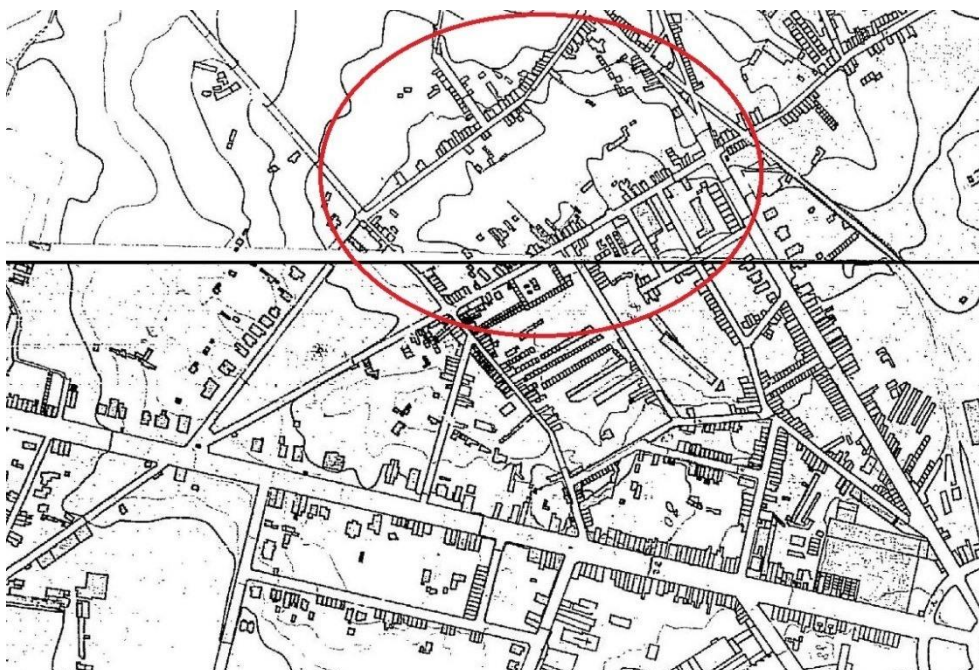


Fig. 168. Zona da Carcereira. Planta da cidade do Porto (D-CDT-A4-054-03) e (D-CDT-A4-054-04) datada entre 1941--1951 pelo Arquivo Histórico do Porto - Casa do Infante.

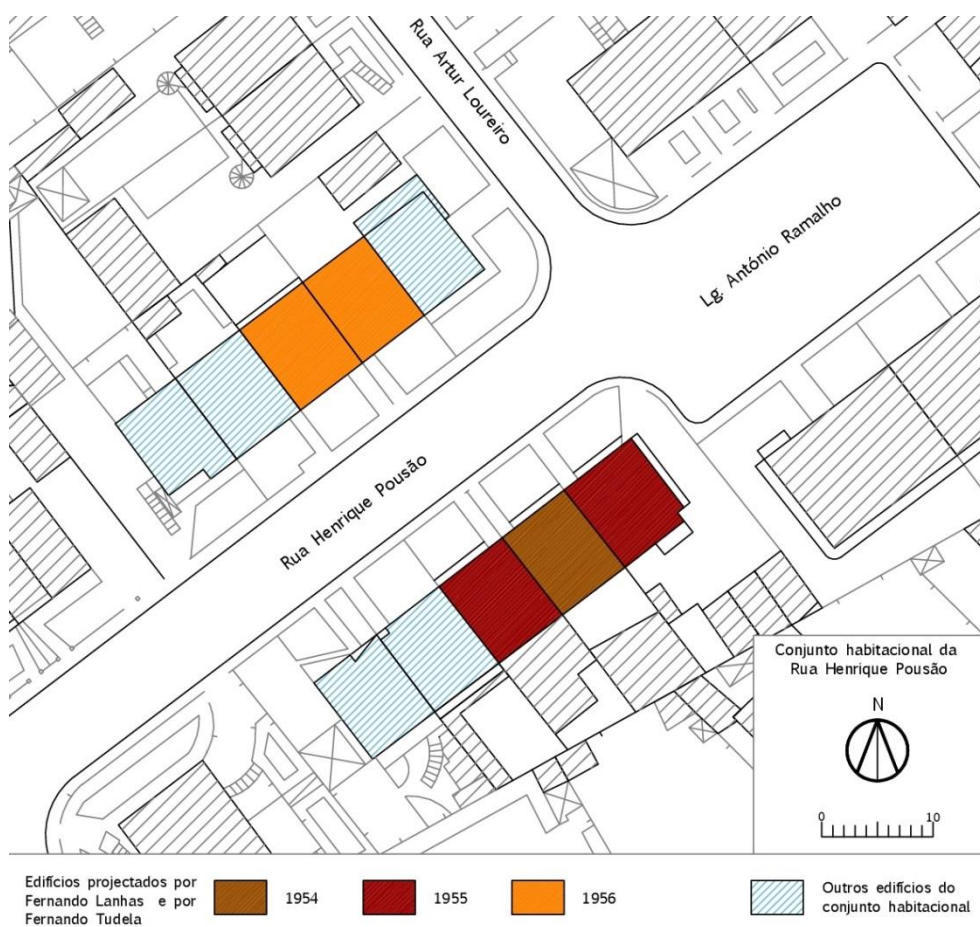


Fig. 169. Planta do conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão com a indicação dos edifícios construídos por Lanhas e Tudela entre 1954-56.

A Rua Henrique Pousão fica compreendida entre a Rua de João de Deus e o Largo António Ramalho, na freguesia de Ramalde. Segundo a planta da cidade do Porto<sup>110</sup> datada entre 1941 e 1951, a Rua Henrique Pousão ainda não existia, nem o Largo António Ramalho, o que pode indicar que pode ter sido projectada tendo em conta um plano para construir estes edifícios. Para além dos edifícios de gaveto com a Rua de João de Deus, existem dez edifícios de habitação plurifamiliar geminados, cinco de um lado da rua e outros cinco do lado oposto. Estão organizados em lotes de cerca de 7m de largura por 20m de comprimento, aproximadamente, à excepção dos lotes em gaveto com o Largo António Ramalho que são ligeiramente mais largos. Estes edifícios são de rés-do-chão e mais dois andares. Desses dez edifícios existentes, cinco foram desenhados por Fernando Lanhas em três fases: em 1954 é licenciado o edifício do nº 17<sup>111</sup>, a pedido de Lísio Manuel Moreira Camarinha, à CMP. Em 1955, são licenciados mais dois edifícios do mesmo lado da rua, o edifício Pereira Viana, a que é atribuído o nº 19<sup>112</sup>, semelhante ao nº 17, e com o nº 11<sup>113</sup> o edifício Rogério Guedes da Silva, um prédio em gaveto. Os restantes dois edifícios desenhados por Lanhas, edifício Pereira Viana 2 com o nº 18<sup>114</sup> e o edifício Camarinha com o nº 20<sup>115</sup>, são licenciados em 1956. O projecto dos edifícios da Rua Henrique Pousão foi elaborado por Fernando Lanhas em co-autoria com o arquitecto Fernando Tudela. A memória descritiva e o termo de responsabilidade são assinados por Fernando Tudela e os desenhos são assinados por ambos<sup>116</sup>.

O programa do prédio aprovado em 1954 com o nº 17 constitui a construção de três habitações T2, uma por piso. Cada habitação compreendia dois quartos, um quarto de banho, sala de jantar, cozinha,

<sup>110</sup> Planta da cidade do Porto (D-CDT-A4-054-03) e (D-CDT-A4-054-04) datada entre 1941-1951 pelo Arquivo Histórico do Porto – Casa do Infante.

<sup>111</sup> Conforme L.O. 408/54.

<sup>112</sup> Conforme L.O. 227/55.

<sup>113</sup> Conforme L.O. 703/55.

<sup>114</sup> Conforme L.O. 229/56.

<sup>115</sup> Conforme L.O. 228/56.

<sup>116</sup> Conforme L.O. 408/54; Conforme L.O. 227/55; Conforme L.O. 703/55; Conforme L.O. 229/56 e Conforme L.O. 228/56.

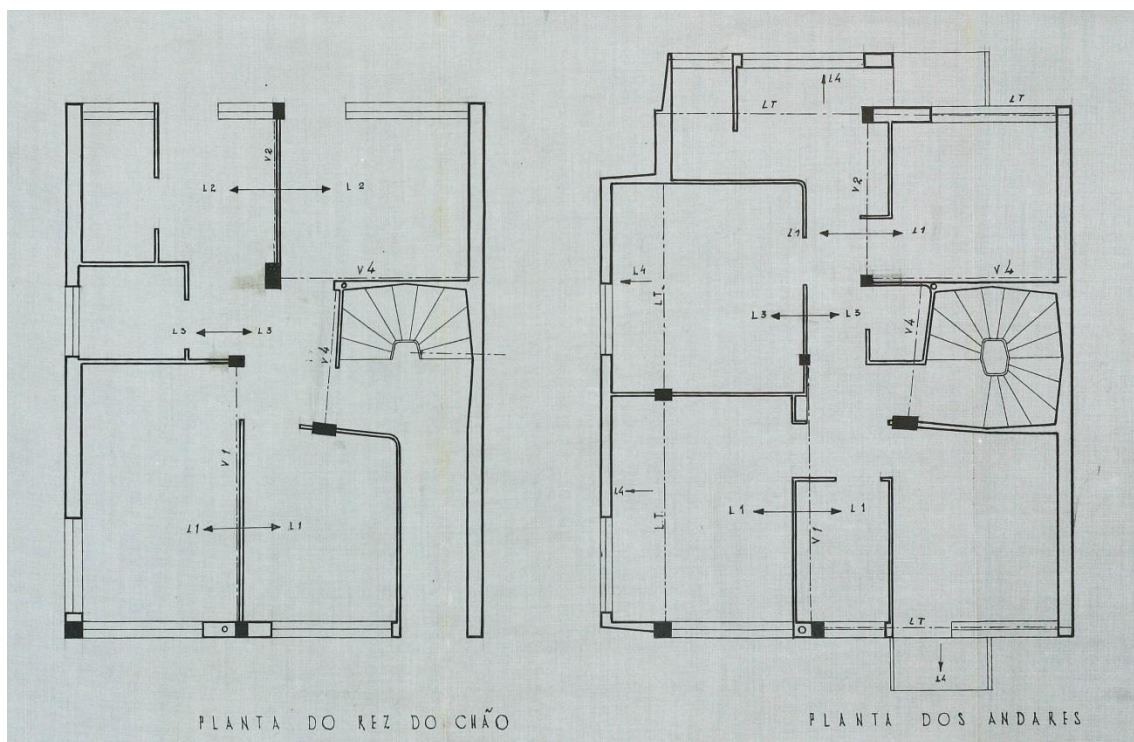


Fig. 170. Plantas estruturais do edifício nº 11.

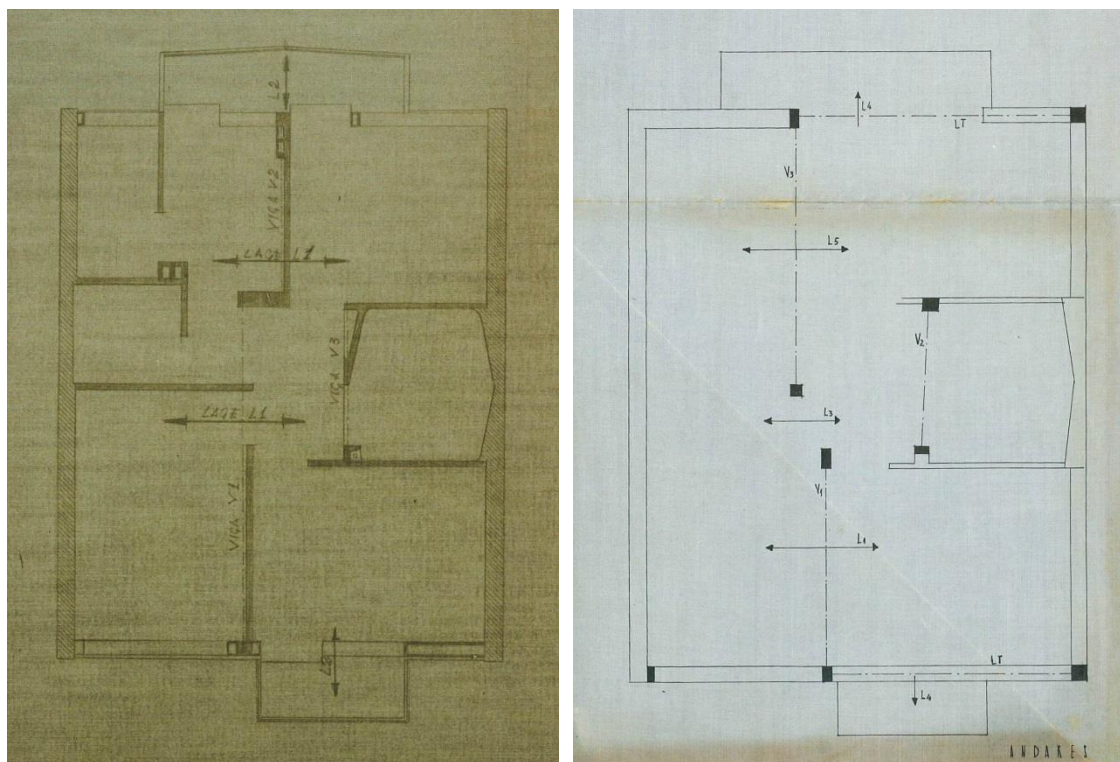


Fig. 171. e Fig. 172. Plantas estruturais dos edifícios 17, 18, 19 e 20.



despensa e hall de entrada. O programa do edifício com o nº 20, aprovado em 1956, é semelhante. Constitui também a construção de três habitações T2, uma por piso, constituídas por: dois quartos, um quarto de banho, sala de jantar, cozinha, despensa e arrumos.

O sistema estrutural é constituído por pilares e lajes de betão armado e por paredes de alvenaria de pedra de perpianho no rés-do-chão, andares e nas fundações. As vigas e lajes de betão armado descarregam nas paredes e pilares de alvenaria de granito. É um sistema que combina a estrutura tradicional e moderna ao contrário do primeiro caso de estudo e que se aproxima mais das casas burguesas do Porto. As paredes de elevação são de alvenaria de *pedra de perpianho de meia falha* com a espessura de 0,28m. As lajes são unidireccionais e aligeiradas com tijolos de 0,12x0,225x0,30m com uma camada de compressão de 0,03m, tendo uma espessura total de 0,15m. As vigas têm altura total de 0,60m e largura de 0,20m. Os pilares têm secção de 0,20x0,20m. As varandas e as escadas de acesso aos pisos são também em betão armado. As guardas do alçado principal são constituídas por *vidro armado*<sup>117</sup> e as do alçado posterior são em rede com malha de 4X4. A armação do telhado de duas águas é construída em pinho nacional e as secções empregues nos diferentes elementos são: 0,22X0,08m para cumieiras ou pau de fileira, terças ou madres, pernas, pendurais e linhas de estuque e armação; 0,11X0,08m para frechais e escoras; 0,06X0,07m para barrotes e caibros e 0,04X0,02m para ripas. O ripado recebe telha Lusa. A cobertura contém também um lanternim construído em pinho sobre a caixa de escada com 1,50X1,50m. As paredes de alvenaria de tijolo, não tendo função estrutural, servem como divisórias para organizar o espaço interior e para fazer a fronteira com o exterior. As interiores são de tijolo vasado com 0,08 e 0,05 e as paredes exteriores são construídas com tijolo “Tijomel” com 0,20m de espessura. Os revestimentos exteriores são de *argamassa de cimento e areia*. As chaminés são também em tijolo e

---

<sup>117</sup> Actualmente só se verifica vidro armado na guarda das varandas do alçado principal do prédio com o nº 17. Nas varandas dos alçados principais dos restantes prédios desenhados por Lanhas, as guardas são em barras de ferro.



Fig. 173. Edifícios nº 11, 17 e 19.



Fig. 174. Edifícios nº 18 e 20.

têm 0,03m de espessura. Os tectos são *estucados a gesso* sob a placa de betão e em *estafe*. Os volumes de cada um destes edifícios geminados de Lanhas estão bem integrados no conjunto com os demais edifícios. Cada um dos edifícios individualmente não tem simetria na composição do seu alçado. A simetria ocorre na conjugação com o edifício adjacente, que o completa em termos de composição. É o caso do conjunto 17 e 19 e do conjunto 18 e 20. Estes prédios da Rua Henrique Pousão desenhados por Lanhas têm duas frentes, à excepção do nº 11 que faz um gaveto e assim consegue três frentes. Os nºs 11, 17 e 19 têm o alçado principal a noroeste, para onde estão voltados os quartos e o alçado posterior fica voltado a sudeste, lado onde se situam as salas de jantar e as cozinhas. Do outro lado da mesma rua situam-se os nºs 18 e 20 com sentidos inversos, sendo o alçado principal a sudeste e alçado posterior a noroeste. Apesar da diferente orientação solar por força da diferente implantação na rua, a organização interna é exactamente a mesma, os quartos estão voltados para o alçado principal, que neste caso está a sudeste, e as zonas de serviço e sala de jantar estão a noroeste. Não existem palas ou recuos das fachadas mas as varandas podem ajudar ao controlo da luz solar, embora no quadrante sudeste já não exista um controlo total. Para além disso todas as janelas estão equipadas com estores.

Existem habitações ao nível do rés-do-chão, uma por prédio, um degrau acima do nível do passeio público. Os volumes dos edifícios apresentam um afastamento em relação à rua e são intermediados por um muro divisório e por um jardim. O muro é baixo, servindo apenas para delimitar o terreno, permitindo assim, a continuidade visual. O muro contém junto ao portão as caixas de correio, com o espelho das caixas à superfície do muro, não sendo preciso entrar para deixar a correspondência. Contém também o número de polícia em latão. O portão no extremo do muro é feito com delicadas barras verticais de ferro. Este está alinhado com a porta de acesso ao prédio, fazendo-se um caminho recto sobre placas de betão *areadas* ladeadas pelo jardim. As soleiras do portão de entrada no muro exterior e as portas do rés-do-chão são em cantaria lavrada. As portas de entrada do prédio levavam uma grade de



Fig. 175. Fotografia do edifício nº 11 em gaveto.

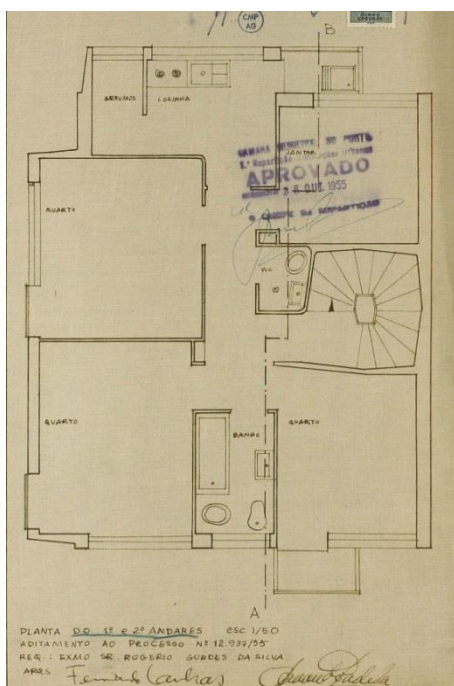


Fig. 176. Planta do edifício nº 11 e Fig. 177. Fotografia de pormenor do edifício nº 11 em gaveto.

barra quadrada<sup>118</sup>. Uma vez que não existem palas nem varandas que sobreponham a porta de entrada no prédio esta é desabrigada, não havendo um espaço de transição. Não tendo sido previstas garagens para estes prédios, à excepção do nº 11, o eventual estacionamento é feito na rua. O sistema de distribuição é de acesso vertical aos fogos, mas a habitação do rés-do-chão do prédio nº 11 também permite o acesso directo pelas traseiras. O acesso às habitações dos diferentes pisos é feito por uma escadaria comum.

Os edifícios com o nº 17, 19 e 18, 20 são estreitos e os alçados individualmente caracterizam-se por alguma verticalidade apesar de cada volume ter só três pisos. Esse efeito é potenciado pelas varandas do 1º e 2º andares e pelo pano de parede nos andares por cima da porta de acesso ao edifício, que acentua verticalidade. As lajes de piso e as paredes e pilares salientes marcam uma quadrícula no alçado principal destes edifícios. Isso marca linhas de sombra no alçado que em conjunto com as linhas de sombra da moldura das janelas, do beiral do telhado e com as sombras projectadas das varandas animam a fachada e criam jogos de luz e sombra. Estes pormenores “inventam” complexidade num alçado muito simples. O volume do nº 11 é a excepção, faz um gaveto e tem um alçado maior e mais dinâmico. Tem mais janelas que cobrem quase todo o alçado e de diferentes dimensões já não sendo tão acentuada a ideia de verticalidade no alçado principal. Além disso, prepara a transição para o alçado do Largo António Ramalho, estendendo um plano nos pisos superiores, recuado do alçado principal e prolongando na diagonal a saliência da laje de piso do alçado principal até esse plano. Essas saliências provocam novos jogos de sombras e o volume sacado nos pisos superiores do alçado lateral aumenta a riqueza e complexidade do conjunto. O alçado lateral tem uma composição mais horizontal e serena. O volume sacado dos pisos superiores está marcado por duas linhas horizontais ao longo de toda a sua extensão: uma pelo sacar do volume entre o rés-do-chão e 1º andar e outra pela marcação da laje entre o 1º e 2º andares. Apesar disso está também presente uma

---

<sup>118</sup> Hoje as portas já estão alteradas permanecendo apenas o que se pensa ser original da porta do prédio nº 17 que está igual ao desenho da licença de obra L.O. 408/54.



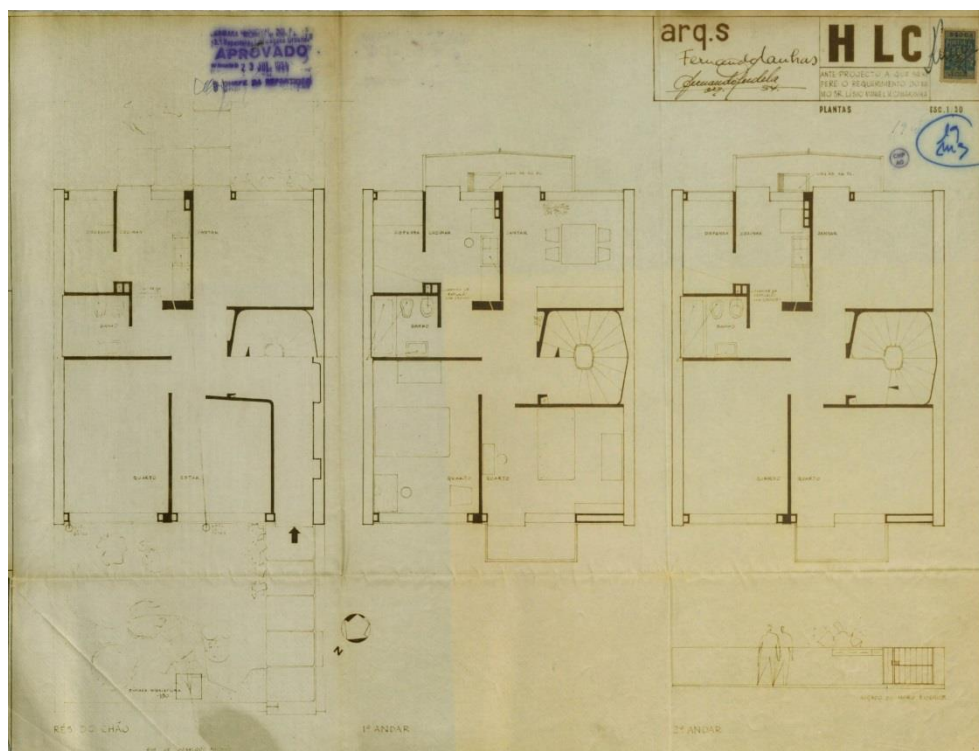


Fig. 178. Plantas dos fogos do rés-do chão, 1º e 2º andar do edifício nº 17.

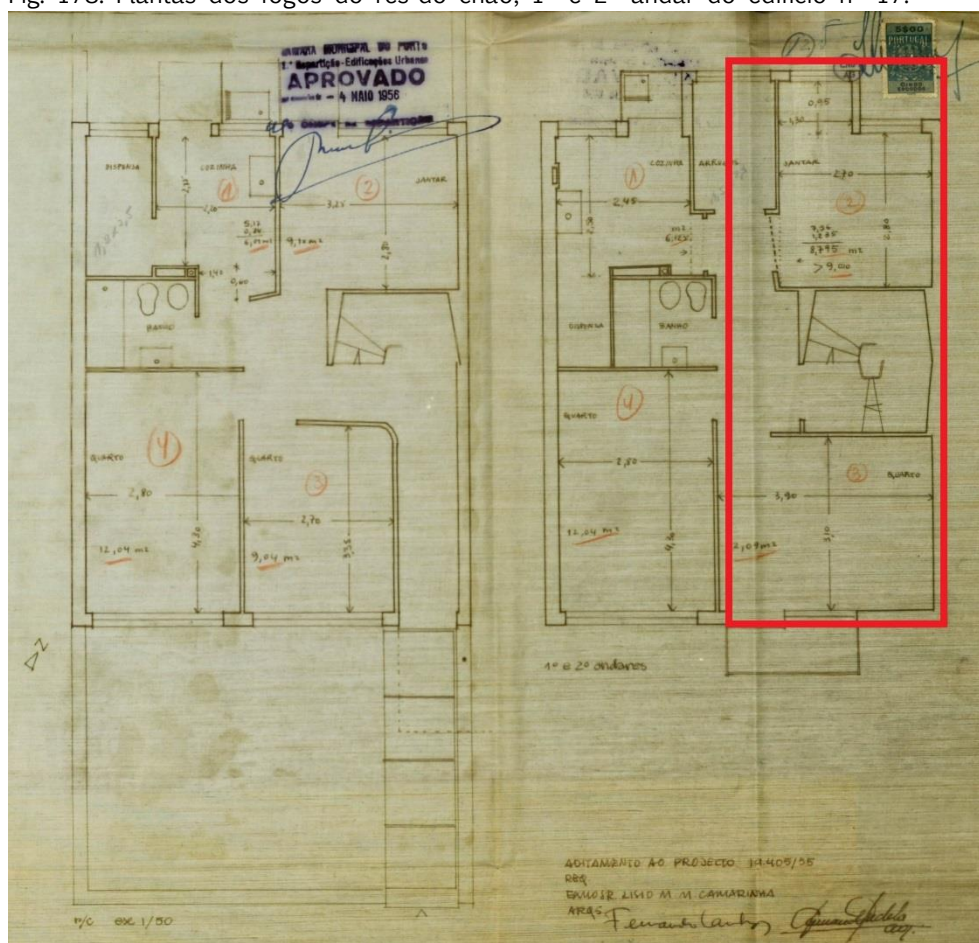


Fig. 179. Plantas dos fogos do rés-do chão, 1º e 2º andar do edifício nº 20. O rectângulo a vermelho indica que a organização do fogo provavelmente corresponde ao desdobramento por simetria de dois fogos da casa burguesa do Porto.

marcação vertical através de duas janelas para equilibrar a composição. Essas janelas verticais são espaçadas por um pano de parede. Esses elementos combinados dão a sensação de uma grelha marcada como no alçado principal. No rés-do-chão do alçado lateral existem apenas uma fresta horizontal de um lado e uma janela quadrada do outro, no alinhamento das janelas verticais do volume superior. O volume sacado recorta novamente para fazer a transição para o alçado posterior e está mais recuado em relação a esse, criando um maior pano de fachada. Os alçados posteriores dos edifícios nº 17, 18 e 19 têm no 1º e 2º andares, uma varanda por piso a meio da fachada, entre a sala de jantar e a cozinha. A centralidade das varandas, juntamente com as janelas e portas que ocupam quase a totalidade da fachada, dão uma maior sensação de horizontalidade ao contrário do alçado principal. Mantém-se a marcação das lajes e paredes na fachada, na mesma lógica do alçado principal. Nas traseiras existem logradouros que são acedidos apenas pelas habitações do rés-do-chão. No alçado posterior dos edifícios nº 11 e 20 há o prolongamento do volume do edifício na zona da sala de jantar e arrumos e uma varanda no mesmo alinhamento. Isso concede maior área interior a essas habitações e atribui maior dinâmica ao volume. No caso do edifício nº 11 em gaveto, o lote é maior que os restantes e permite um distanciamento entre o alçado lateral e o muro de limitação do lote. Na curvatura desse muro existe um portão de acesso aos logradouros e às garagens nas traseiras do lote.

O desenho da planta dos fogos deste conjunto habitacional difere um pouco do estudado no edifício da Rua da Maternidade. Os fogos da Rua Henrique Pousão são de menor escala, mais compartimentados e não têm sala comum. No entanto, caracterizam-se também pelo desenho moderno dos alçados e têm áreas reduzidas características da Arquitectura moderna. Com as devidas diferenças, estes prédios têm semelhanças na forma de organização interna da casa burguesa do Porto. Têm lotes estreitos. A escada e o seu corredor de acesso encontram-se ancorados a uma das paredes de meação, sendo que o lanço de escadas acontece a meio do eixo longitudinal do fogo. A organização deste fogo provavelmente corresponde ao desdobramento por simetria de dois fogos da casa



Fig. 180. Percurso de acesso às habitações que se faz através de lajetas de betão que ladeiam o jardim desde o portão. Fig. 181. Vê-se o edifício nº 17 com a porta original.



Fig. 182. Pormenor da varanda do edifício nº 17 com as guardas em *vidro armado* ainda original.

burguesa do Porto. A porta de acesso de cada fogo situa-se ao centro da planta. Em volta da zona de entrada é organizado o espaço interior: em frente situa-se o quarto de banho, de um lado os quartos e de outro lado a sala, cozinha e despensa. Curiosamente, a porta de entrada está mais próxima dos quartos, não havendo nenhuma antecâmara e estes situam-se sempre para a fachada principal do prédio, mesmo no piso do rés-do-chão. Assim, não existe a preocupação em delimitar uma zona íntima. As salas e cozinhas, por sua vez, situam-se sempre para as traseiras. A varanda que existe num dos quartos parece mais assinalar a presença de uma zona de estar no alçado principal do que de um quarto, que se verifica em planta. Também não existe sala comum, havendo apenas referência a “*sala de Jantar*” que se situa junto à cozinha e de dimensões reduzidas. A ideia de sala de estar não está presente e inclusivamente os quartos têm áreas superiores à da sala de jantar. Isso pode indicar que a zona destinada à sala de jantar não seria um espaço de permanência. No caso dos prédios nº 17, 18 e 19 existe ainda assim uma proporção equilibrada entre a sala de jantar e a zona de serviços que contém a cozinha e a despensa. No entanto, no prédio com o nº 20, no 1º e 2º andares, é acrescentada uma divisória de arrumos entre a cozinha e a sala que reduz ainda mais a área da sala de jantar, mesmo tendo havido um prolongamento do volume.

Quanto a materiais<sup>119</sup> de revestimento, é usada marmorite no corredor de entrada e em todo o desenvolvimento das escadas: espelhos, passos e ilhargas. Nas cozinhas e nos quartos de banho o chão é pavimentado a mosaico e as paredes são revestidas a azulejo, disposto até 1,60m de altura. O pavimento das salas e quartos é em *parquet* de pinho, com as medidas 0,05X0,15X0,016m aplicado em xadrez com remate de três filas. Os rodapés são também em pinho. As caixilharias exteriores são de castanho do Minho e estão presentes na fachada principal em janelas de correr, janelas fixas e portas. Na fachada posterior estão presentes em janelas basculantes, fixas e de abrir. As caixilharias interiores são de pinho nacional e estão presentes no rés-do-chão e andares em

---

<sup>119</sup> A informação sobre os materiais consta nas memórias descritivas das licenças de obra consultadas na CMP: L.O. 408/54, L.O. 228/56 e L.O. 703/55 e do caderno de encargos consultado na FIMS/FL/11, Porto, Abril 2018, pp. 13-27.





Fig. 183. Fotografia dos prédios 18 e 20. Verifica-se que as janelas, as portas e as varandas não são originais.



Fig. 184. Fotografia de pormenor dos prédios 18 e 20. Verifica-se que as janelas e as portas de madeira foram substituídas por alumínio.



portas pintadas dos quartos e quartos de banho e nas portas envidraçadas e pintadas das salas e cozinhas. São também em pinho as guarnições, apainelados, rodapés e os armários de cozinha. Os apainelados são peças inteiras sem emendas com junções de meia-esquadria. As dobradiças das portas são em ferro pintado e os puxadores em latão cromado. Infelizmente não nos foi possível aceder ao interior de nenhuma destas habitações, mas foi-nos indicado pela proprietária no 17 que a sua habitação, a do 1º andar, ainda conserva as características originais. Todos os outros fogos parecem ter tido algumas alterações. Apesar de não ter havido possibilidade de aceder ao seu interior, são visíveis as alterações efectuadas nas guardas das varandas, nas janelas e nas portas de acesso aos prédios. O *vidro armado* das guardas das varandas foi substituído por grades, e algumas janelas e portas de madeira foram substituídas por alumínio.



**Edifício Bastos Xavier, Av. Sidónio Pais, Porto (1957)**

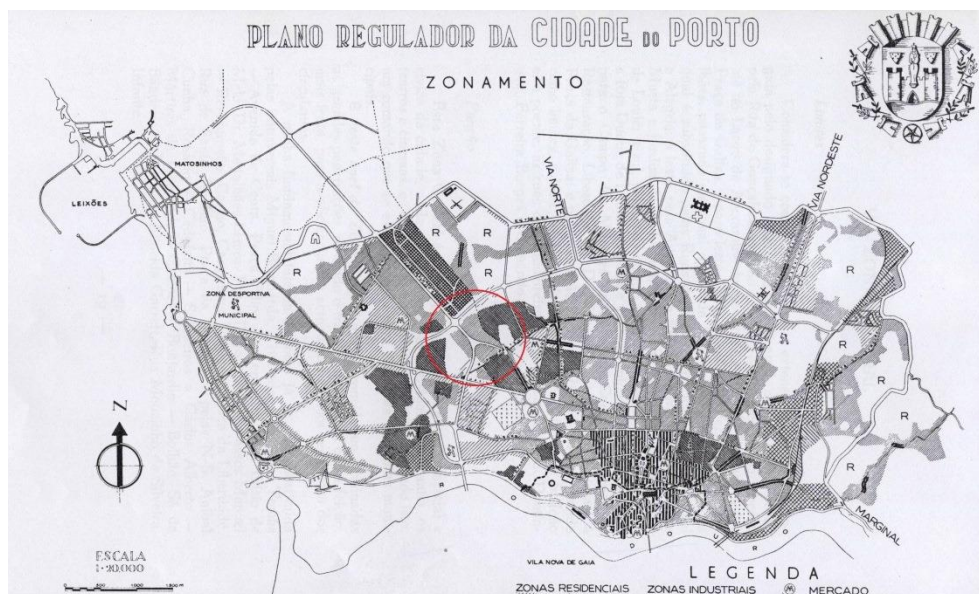


Fig. 185. Planta de zonamento do Plano Regulador da Cidade do Porto 1947-1952.



Fig. 186. Av. Sidónio Pais na actualidade.



Fig. 187. Fotografia tirada no local de implantação em 1956. É visível o edifício pré-existente e a marcação do local onde seria construído o edifício Bastos Xavier.

Também na freguesia de Ramalde, no Porto, o arquitecto Lanhas projecta<sup>120</sup> o edifício Bastos Xavier que é encomendado pelo industrial João de Bastos Xavier, para prédio de rendimento a construir no talhão nº 9 da Av. Sidónio Pais, hoje com o nº 190, com licença de obra<sup>121</sup> aprovada em 1957. Na planta de zonamento do Plano Regulador da Cidade do Porto, de Antão Almeida Garrett, de 1952, verifica-se que a área onde se viria a implantar o edifício em estudo, está identificada como uma zona residencial, sendo ladeada por zonas mistas de residência e indústria e por uma zona de grande indústria. A avenida Sidónio Pais é uma via de uma escala considerável, tendo em conta as dimensões em largura das ruas correntes do Porto. É ladeada por árvores com jardim, formando um corredor verde, e com passeio largos. Essa escala da via “pede” a construção de edifícios que sejam também de maior escala. Esta zona da cidade era ainda um pouco periférica, com muitos terrenos livres e lotes largos, sem a pressão comercial da zona central. Isso permitia a edificação de prédios mais largos, não ocupando a totalidade do lote em largura, não sendo geminados, e influencia a relação do edifício com a rua. O lote entre a Av. Sidónio Pais e a Rua Tenente Valadim é bastante comprido e estende-se ao longo da avenida. Pela fotografia e planta de implantação que constam nos documentos de licenciamento de obra verifica-se que havia apenas um edifício construído nesse local, no terreno imediatamente ao lado Nascente, do mesmo lado na avenida. Apesar disso, o edifício Bastos Xavier não segue o mesmo alinhamento, chegando-se mais perto da rua, e também não segue a cércea, tendo menos um piso do que o prédio adjacente. O edifício Bastos Xavier é constituído por rés-do-chão e mais dois andares, ao passo que o edifício do lado já

---

<sup>120</sup> O arquitecto Fernando Lanhas trabalha em conjunto com o engenheiro civil Armando dos Santos Paupério que assina a memória descritiva e o termo de responsabilidade e os desenhos de Arquitectura são assinados por ambos.

<sup>121</sup> Conforme L.O. 288/57. Uma vez mais se verifica nesta licença de obra que consta no Gabinete do Município da CMP, que o termo de responsabilidade e a memória descritiva são assinadas pelo técnico que colaborou com Fernando Lanhas, neste caso o engenheiro Armando dos Santos Paupério. Os desenhos arquitectura são assinados por ambos.



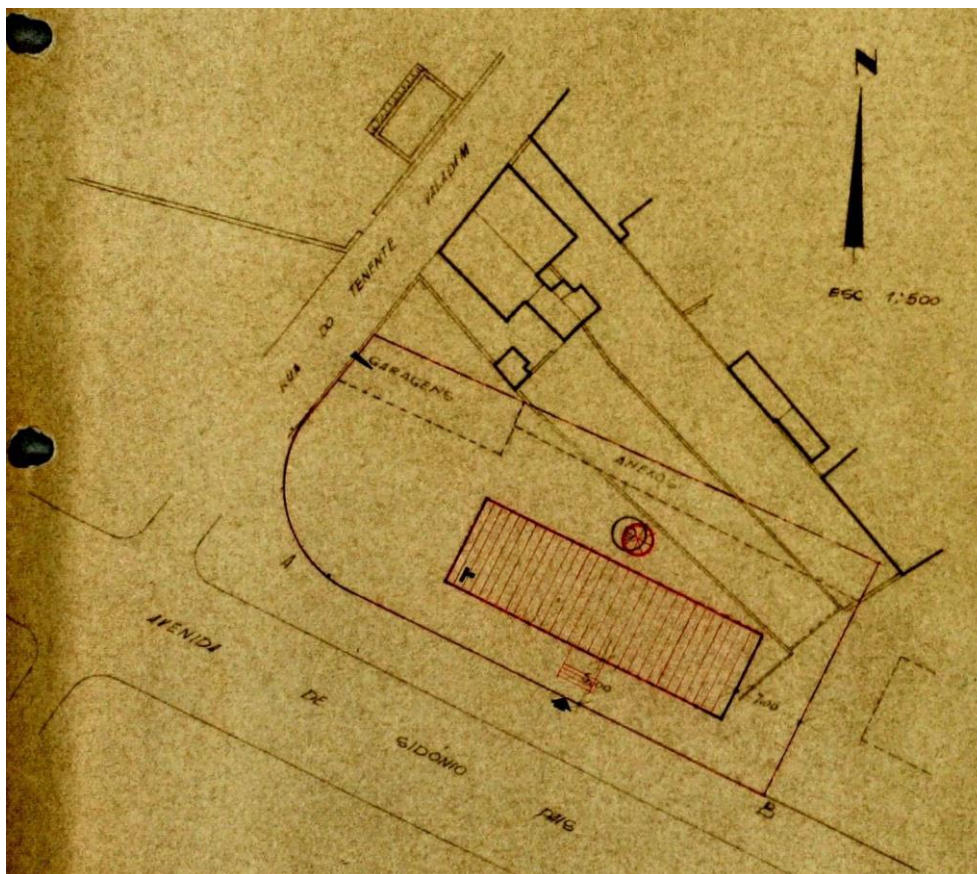


Fig. 188. Planta de implantação do edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

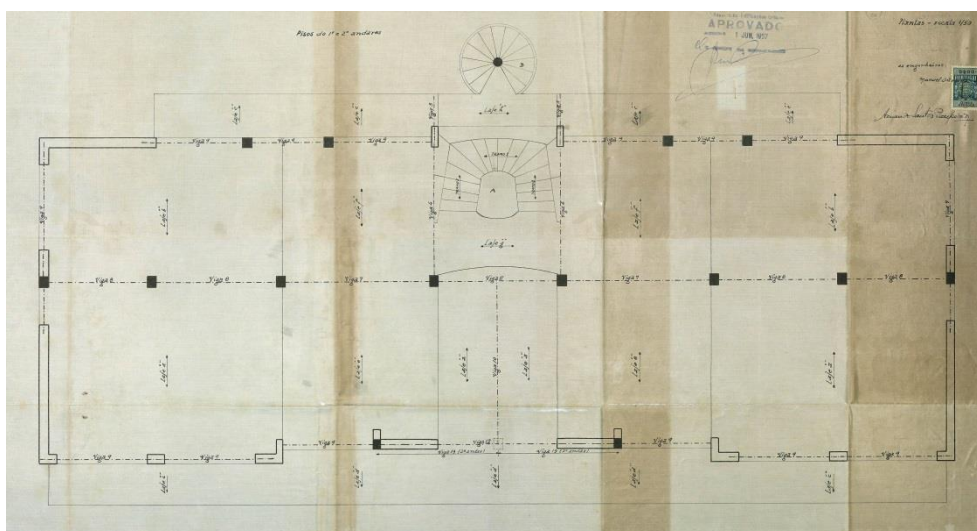


Fig. 189. Planta estrutural do 1º e 2º andares com paredes laterais resistentes.

existente, tem rés-do-chão e mais três andares. Tendo um lote maior e sobre o comprido, o edifício Bastos Xavier caracteriza-se pela sua horizontalidade, muito acentuada pelas varandas que se estendem ao longo do alçado, em contraponto com o edifício ao lado, pré-existente, que se caracteriza por linhas mais verticais, mais rígidas e menos dinâmicas.

O programa para o edifício Bastos Xavier constituía a construção de seis habitações, havendo duas por cada andar. A tipologia presente é a T3. O edifício constitui-se por quatro pisos: cave, rés-do-chão e mais dois andares. A cave destina-se à garagem para moradores e cada habitação do rés-do-chão seria constituída por: hall de entrada, sala de jantar, cozinha, despensa, arrumos, quarto de banho das serviçais, vestiário, quarto das serviçais, três quartos<sup>122</sup> e um quarto de banho. Cada habitação dos andares compreenderia: hall de entrada, vestiário, sala de estar e jantar, cozinha, despensa, arrumos, quarto de banho das serviçais, quarto das serviçais, três quartos<sup>123</sup> e um quarto de banho. Na parte posterior, cada habitação teria uma varanda de serviço em comunicação com uma escada de serviço. As zonas de estar e quartos são também servidas por varandas.

Este prédio caracteriza-se pelo seu desenho Moderno, com volumes muitos bem definidos, e com uma proporção muito equilibrada. Apresenta uma perfeita simetria que é claramente evidenciada pelo seu eixo na zona de acesso ao edifício<sup>124</sup> e escadas exteriores de acesso. O seu sistema estrutural combina o tradicional com o moderno. É um sistema misto com descarga contínua perimetral nas paredes exteriores sem vãos, de perpianho de 0,28m, em combinação com a descarga pontual a partir de pilares e vigas. As fundações são em perpianho assente ao baixo. As lajes são aligeiradas com *tijolos furados* e unidireccionais, apoiadas nas paredes perimetrais e em vigas e pilares de betão armado. As escadas e as

---

<sup>122</sup> Na memória descritiva da licença de obra L.O. 288/57 da CMP datada de 12 de Novembro de 1956, lê-se no entanto, dois quartos e não três, apesar de nos desenhos estarem desenhados três quartos.

<sup>123</sup> Mais uma vez encontramos a indicação na memória descritiva de dois quartos, quando nas plantas estão desenhados três quartos.

<sup>124</sup> O eixo de simetria era também evidenciado por uma plano que havia na cobertura, infelizmente já retirado ao edifício.



Fig. 190. Pormenor de divisórias das varandas do alçado principal.



Fig. 191. Varandas com hastes metálicas. Guardas alternam entre betão e grelha metálica. A horizontalidade da fachada é evidente apesar de ser pontuada por alguns ritmos verticais que lhe conferem equilíbrio.

varandas são lajes maciças de betão armado. As paredes exteriores de enchimento são paredes duplas de alvenaria de tijolo revestidas a *cimento e areia*. Os tabiques interiores são também em tijolo. Os tectos são *estucados a gesso*.

Este edifício tem quatro frentes. O alçado principal fica voltado para Sudoeste, onde se situam os quartos e as salas por cada habitação, que ficam protegidos do sol deste quadrante pelas varandas e pala. A Nascente e a Poente fica situado mais um quarto por cada habitação. O alçado posterior é voltado a Nordeste, conseguindo assim, receber parte da luz da manhã. Para esse quadrante situam-se as zonas de serviço, circulação de acesso às habitações, varandas e escada de serviço, zonas normalmente mais frias devido à pouca incidência directa de luz solar. Apesar da sua simplicidade aparente, este volume paralelepípedo ganha alguma complexidade através do jogo compositivo do alçado principal, que recua na zona das salas, ao centro do alçado. Além disso as varandas que acompanham todo o alçado principal, têm a guarda em betão no centro do alçado onde a parede das salas recua e nas partes laterais a guarda é em grade. Esse aspecto, juntamente com as hastes metálicas nos extremos das varandas, permite de forma ligeira a leitura de um ritmo vertical que equilibra a clara horizontalidade que o edifício apresenta. Estas malhas metálicas oblíquas nos extremos das varandas atribuem uma interessante plasticidade ao edifício. A sua transparência efectua contraste com os panos de betão do centro das varandas e ajuda ao mesmo tempo a diluir essa grande massa. Conforme se pode observar nos desenhos de licenciamento, inicialmente estas guardas metálicas eram barras verticais rematadas por uma peça de madeira, mas foram substituídas por uma grelha de ferro<sup>125</sup>. Esta opção aumenta a complexidade e a riqueza do alçado. Estas alterações volumétricas e plásticas, com avanços e recuos da fachada e com diferentes materiais, varandas balançadas e palas, permitem um jogo de claro-escuro, de luz e sombra e conferem um grande

---

<sup>125</sup> O aditamento que alterou, entre outros aspectos, a grade das guardas das varandas do alçado principal, data de 9 de Dezembro de 1958, conforme licença de obra L.O. 288/57.



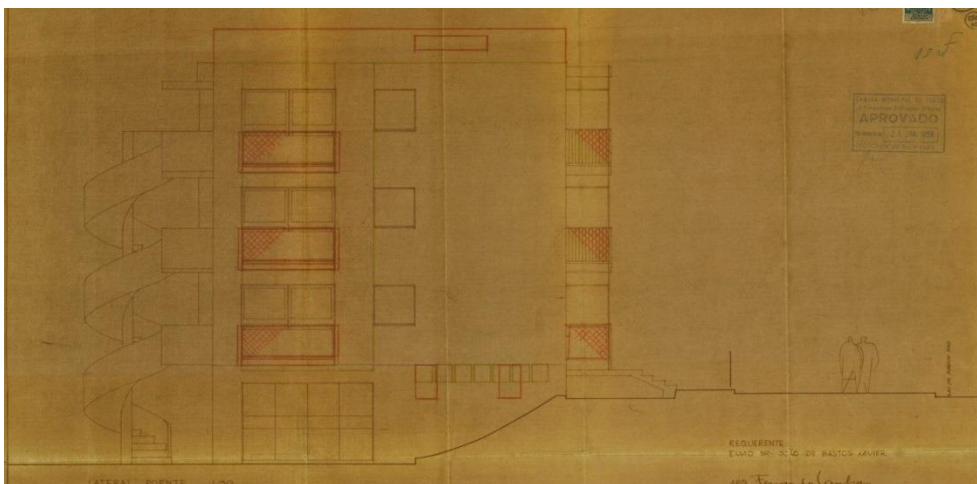


Fig. 192. Alçado lateral voltado a poente. É visível a forma como o edifício está implantado no terreno. Um talude faz a transição das diferentes cotas entre a entrada principal à direita e a entrada secundária à esquerda.



Fig. 193. Fotografia da zona de acesso principal ao edifício



Fig. 194. Fotografias de pormenor da escada à esquerda e da varanda à direita



dinamismo ao alçado. Os elementos de divisão das varandas do 1º e 2º andares, ao eixo do alçado, são singelos, mas os planos diagonais que se estendem desde esses até às janelas têm um carácter bastante expressivo. Há toda uma subtiliza na forma como o edifício está desenhado e na forma como este se implanta no terreno. O edifício estende-se cerca de 30 metros ao longo da Avenida Sidónio Pais, afastando-se cerca de 12 metros medindo perpendicularmente em relação à fachada do edifício pré-existente a Nascente<sup>126</sup>. O solo é delicadamente modelado em torno do edifício. Aproveitando a inclinação do terreno que desce para o sentido Norte, conforme a Rua Tenente Valadim, Fernando Lanhas insere mais um piso parcialmente enterrado para a garagem que tem acesso pela referida rua. O acesso principal ao edifício é bem evidente, ao eixo da fachada, caracterizando-se por um percurso largo, desde o portão que separa o passeio público do lote até aos degraus junto à porta do edifício, elevando-se a entrada em relação à rua. O muro que delimita o lote é praticamente inexistente em relação à sua altura, tendo uma barra de ferro que está coberta com arbustos e o portão tem grade vertical. Também neste caso é delimitado o espaço, permitindo a continuidade visual entre o prédio e a rua. Este recuo do edifício em relação à rua permite uma transição suave entre o espaço que é público, passando por um espaço semi-público, até chegar ao interior privado. O edifício adquire leveza na forma como aparentemente o alçado principal se eleva através das varandas do piso térreo que não tocam o chão, assim como os degraus da escadaria principal exterior de acesso ao prédio e respectivo patamar, cujo cobertor parece flutuar. A marcação da entrada principal é feita através das varandas do 1º andar que cobrem o acesso e com a interrupção das varandas do rés-do-chão. O já referido recuo do alçado nesta parte central reforça também esta marcação. Outra subtileza é o recuo da portaria envidraçada para além desta parte da fachada já

---

<sup>126</sup> Apesar do Regulamento de Edificações Urbanas (RGEU) indicar no artigo 60º que “(...) a distância mínima entre fachadas de edificações nas quais existam vãos de compartimentos de habitação não poderá ser inferior a 10 metros”, neste local parece ter-se considerado uma medida de cerca de 12 metros, pois outros edifícios construídos posteriormente a Poente no seguimento desta avenida têm aproximadamente o afastamento entre si de 12 metros quando há vãos de compartimentos.

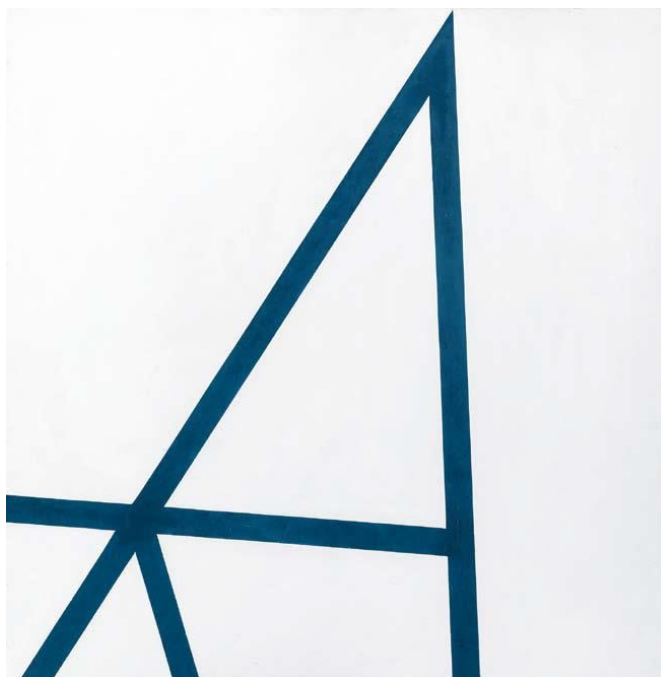


Fig. 195. Pintura O38-53-68

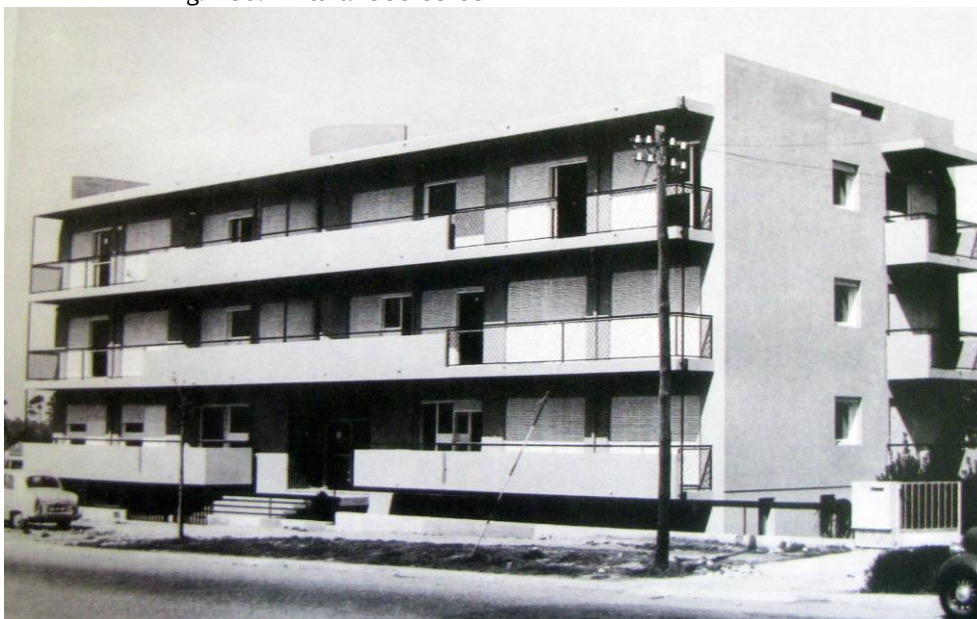


Fig. 196. Fotografia do edifício Bastos Xavier em 1958. Os planos das paredes laterais prolongavam-se além da cobertura com elementos bastante largos que alinhavam pela parte de fora das janelas de cada um dos extremos do edifício, fazendo parecer que toda a parede lateral era bastante espessa. As varandas acentuavam ainda mais essa ideia de espessura, pois não estão alinhadas pela parte exterior da parede, mas terminam um pouco antes. Esta espessura surge aqui como um elemento de composição do alçado e não tem impacto na vivência interior como teorizada por Pedro Vieira de Almeida. Este falava da poética das paredes espessas, que ao contrário da poética de paredes delgadas, proporcionava ao espaço uma maior intimidade e aconchego. Permitia emoldurar a paisagem e modelar a luz de forma expressiva. No entanto, esta opção de desenho de Fernando Lanhas reflecte uma tensão da época entre estas duas poéticas de paredes e é mais uma subtilidade a juntar a muitas outras presentes neste volume como, por exemplo, as varandas que quase tocam nas paredes, mas não chegam a tocar, as escadas que quase tocam no chão, etc. como que procurando o “tom” entre notas musicais. O mesmo faz com a Pintura O38-53-68.

recuada, criando assim, outro patamar inserido num pórtico revestido a mármore, que marca um espaço de transição do exterior para o interior. As subtilezas presentes no desenho deste edifício, como as varandas do rés-do-chão que parece que pousam, mas não chegam a pousar, que quase tocam a parede do alçado, que são ligeiramente inclinadas nas laterais da guarda, ou os degraus das escadas que quase pousam, mas também parecem levitar, fazem lembrar algumas das suas pinturas como o óleo O38-53-68 que Rui Mário Gonçalves<sup>127</sup> chama a «nota sensível». Nesse quadro as linhas são quase verticais e as linhas horizontais, não o são realmente, são ligeiramente inclinadas. E a linha diagonal quase toca no vértice da folha, mas não chega a tocar, na procura de um “tom intermédio”.

Os alçados laterais apresentam uma composição vertical devido ao seu tratamento e às suas dimensões em contraste com os alçados principal e posterior. As paredes laterais do edifício faziam-se prolongar<sup>128</sup> em altura, quando inicialmente foram construídas, para além do volume, acima da cobertura, em planos bastante espessos. Assumiam-se como elementos de composição e a sua espessura conferia um carácter expressivo à sua arquitectura na ausência das características chaminés usadas noutros projectos. Justapunha-se a ideia de uma *poética de paredes espessas* e outra de *paredes delgadas*<sup>129</sup>. O próprio contraste da massa das guardas e da sua ausência e o contraponto com a laje mais fina podem aludir a esse efeito. O espaço de transição da entrada no edifício conseguido pelo recuo da portaria, este espaço-entre, cria uma linha de passagem com espessura.

---

<sup>127</sup> Rui Mário Gonçalves (1934-2014) professor, crítico e historiador de arte comenta o processo de criação e subtileza presente nos quadros de Lanhas e a pintura abstracta geométrica, nomeadamente o quadro O38-53-68, no documentário intitulado: «Lanhas, o Mais Desirmanado» exibido pela RTP em Junho de 2001, entre os minutos 36,56 e 39,50. Fala de linhas quase verticais e quase horizontais, de uma linha diagonal que quase toca no vértice da moldura que compara à musicalidade do Jazz e aos Blues. Chama-lhe a «nota sensível (...) o Si que está a meio tom do Dó, que vai depois retomar uma escala»; nota que fica perto da outra que fecha a escala, mas que não chega.

<sup>128</sup> Infelizmente esses elementos dos planos laterais acima da cobertura foram retirados ao edifício que sofreu algumas alterações desde que foi construído.

<sup>129</sup> O arquitecto Pedro Vieira de Almeida abordaria mais tarde a noção de *Espessura* como parâmetro expressivo na linguagem da Arquitectura.

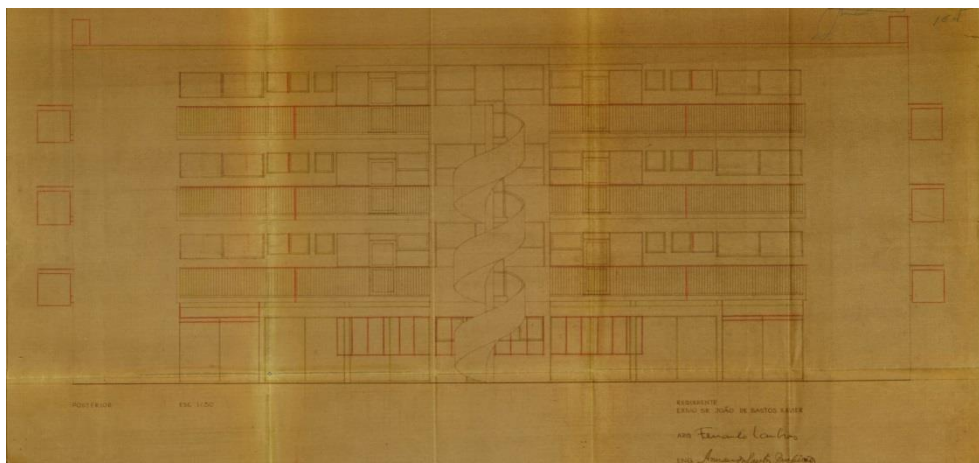


Fig. 197. Desenho do alçado posterior.

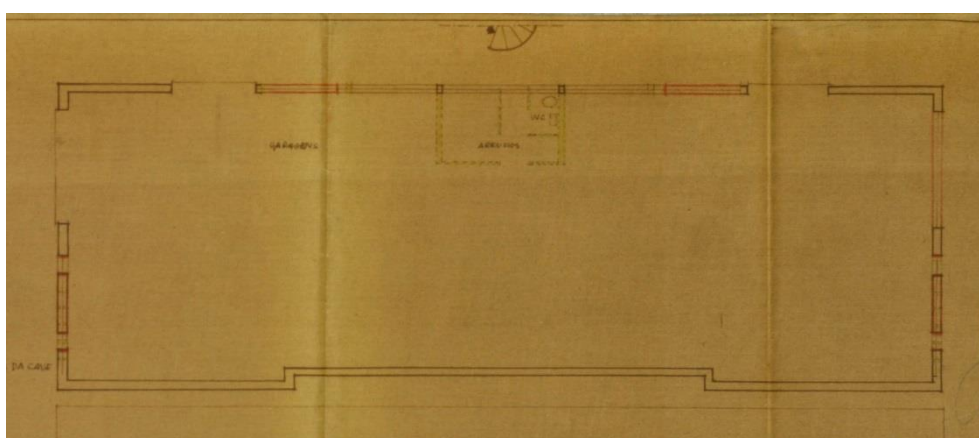


Fig. 198. Desenho da planta da garagem.



Fig. 199. Escada helicoidal de serviço. Fig. 200. Porta da garagem e é visível percurso de acesso à entrada principal.

Um elemento curvo de grande massa ao eixo da cobertura que também já não consta do edifício, era outro elemento que enriquecia toda esta composição. A procura por esta tensão entre uma poética de paredes delgadas do Modernismo em contraponto com paredes espessas Expressionistas está também presente noutros projectos de arquitectura, como por exemplo, o projecto da *Villa Mairea*, de Alvar Aalto, construída entre 1938-39. Aí, as janelas da casa saem obliquamente do plano da fachada criando espessura. Os projectos das *Quatros Casas em Matosinhos* de Siza Vieira, iniciadas em 1954, abordam também este aspecto.

Outro elemento que enriquece e equilibra o volume são as suas varandas laterais<sup>130</sup>. O edifício tinha inicialmente uma cobertura plana e a sua cor original era um verde acinzentado num tom semelhante à das suas pinturas. Infelizmente questões de infiltrações acabaram por fazer com que os proprietários do edifício alterassem a cobertura para um telhado de quatro águas. Nessa remodelação do edifício foi também alterada a cor para rosa que actualmente podemos verificar no local. Um talude faz a transição entre as diferentes cotas dos alçados principal e posterior. O piso da garagem constitui também nos alçados laterais, a excepção, em relação à composição dos pisos superiores. No piso rebaixado do alçado Nascente existem janelas que saem do alinhamento dos pisos superiores e no alçado Poente localiza-se o portão de acesso à garagem. A composição do alçado posterior é também simétrica tendo ao eixo uma escada helicoidal de serviço que liga, por sua vez, às varandas e áreas de serviços. Este tipo de escada atribui também plasticidade ao alçado. Era comum na época e muito utilizada por Fernando Lanhas que as desenhou em vários projectos, mesmo quando não chegava a ser construída ou quando posteriormente alterada<sup>131</sup>. Este alçado tem mais um piso do que o

<sup>130</sup> As varandas laterais constam de um aditamento ao projecto inicial. Na memória descritiva da licença de obra L.O. 288/57, que data de 9 de Dezembro de 1958, pode ler-se: «(...) entendeu-se a criação de umas varandas laterais em benefício do volume da construção (...)».

<sup>131</sup> Como exemplos de escadas helicoidais em projectos de Fernando Lanhas: Casa Lanhas (L.O. 357/59), Prédio A. Guedes da Silva (L.O. 403/61) que foi desenhada inicialmente, mas um aditamento posterior a retirou do projecto. Outro exemplo é a Casa Amaro Ferreira (L.O. 187/74) que teve construída uma escada helicoidal, mas projecto posterior a substituiu por uma escada recta.





Fig. 201. Átrio de entrada.

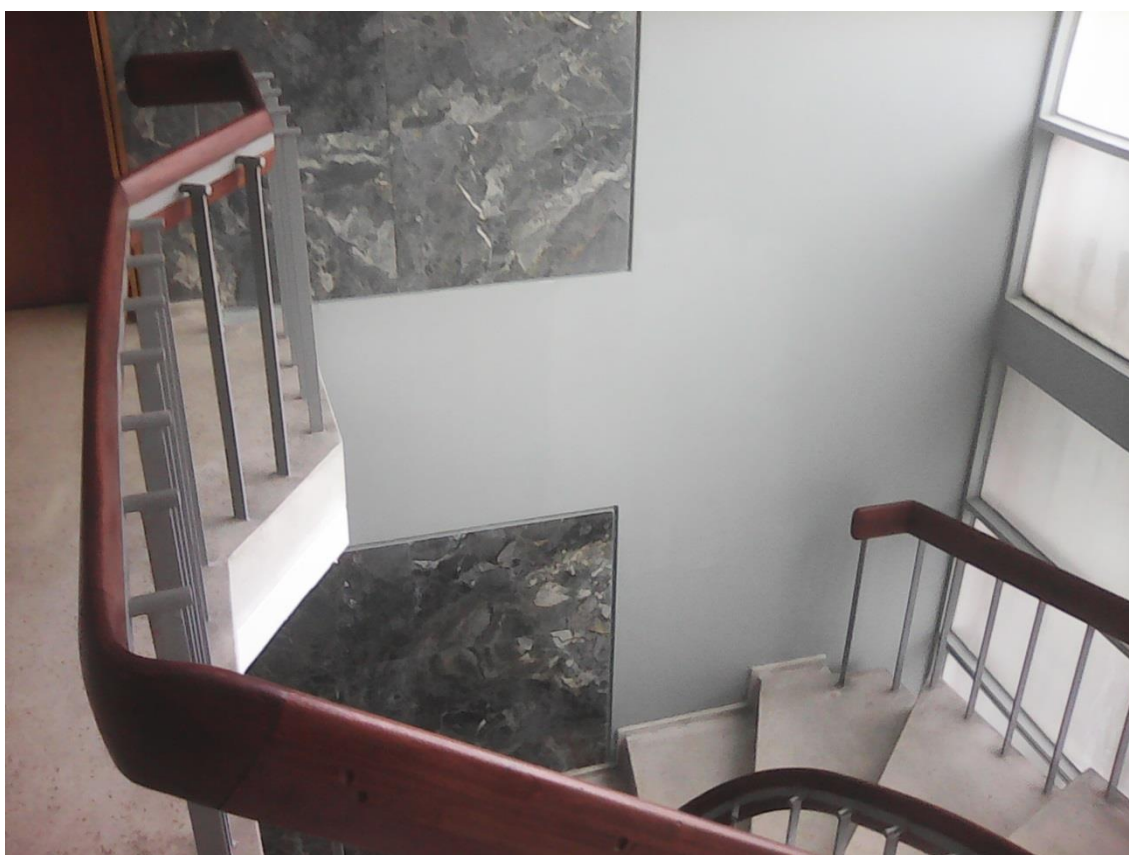


Fig. 202. Pormenor da escada interior de acesso à habitações.

principal, o da garagem, pois o terreno é rebaixado nas traseiras. O piso da cave assume-se como a excepção relativamente à disposição dos vãos, tendo menos aberturas e desligando-se da repetição dos pisos superiores, não tendo varanda, funcionando assim, quase como um pódio. O alçado posterior foi já algo adulterado, as guardas metálicas das varandas foram substituídas por panos de alvenaria e as varandas foram fechadas com envidraçados, o que tem impacto na leitura de composição do alçado<sup>132</sup>. O edifício Bastos Xavier é composto também por uma entrada secundária através da Rua Tenente Valadim que permite o acesso à garagem e à escada helicoidal de serviço no alçado posterior. A garagem não tem acesso aos pisos das habitações pelo interior do edifício, pelo que é necessário, depois de estacionar o veículo, sair do prédio e contorná-lo através do jardim para aceder à escada principal ou subir pela escada de serviço. Neste edifício faz-se notar uma separação clara dos acessos às habitações. Os donos da casa e eventuais visitas acediam pela entrada principal do prédio através da Av. Sidónio Pais e as empregadas acediam pela entrada secundária através da Rua Tenente Valadim. Por essa rua as empregadas subiam pela escada helicoidal e chegavam directamente às zonas de serviço, nunca tendo de se cruzar com os donos da casa. Assim, o sistema de distribuição deste edifício é de acesso vertical pela entrada principal e por galeria na entrada secundária. A entrada principal tem toda a largura da escadaria ao fundo, fazendo-se um percurso recto até se subirem dois degraus que marcam o patamar de acesso às habitações do rés-do-chão, uma à esquerda e outra à direita. Em frente fica a escada principal situada junto ao alçado posterior, que é separada da galeria por um envidraçado e está alinhada com a escada secundária. O átrio de entrada no edifício tem semelhanças ao do prédio Pinto Leite. A escadaria é bem desenhada e existem também painéis de mármore verde a ladear a porta de cada um dos fogos. A luz proveniente do envidraçado da escada é constante e suave ao longo do dia pois está voltada a Norte. A escada secundária ou de serviço dá acesso à varanda corrida ou galeria que liga

---

<sup>132</sup> Como se verifica nos desenhos de licenciamento L.O. 288/57 da CMP, o alçado posterior tinha as varandas abertas e as guardas em gradeamento com barras verticais ao longo de toda a sua extensão.

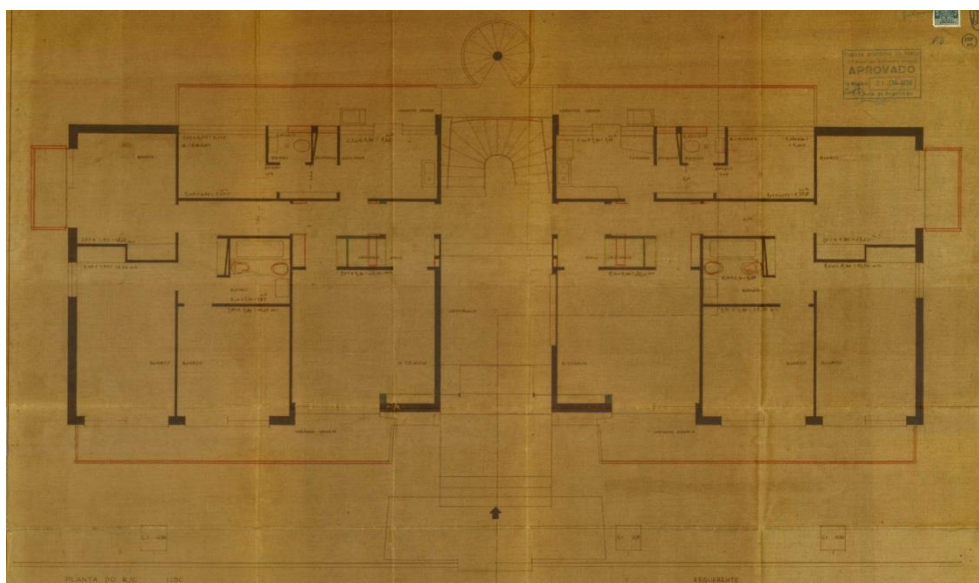


Fig. 203. Planta do rés-do-chão.

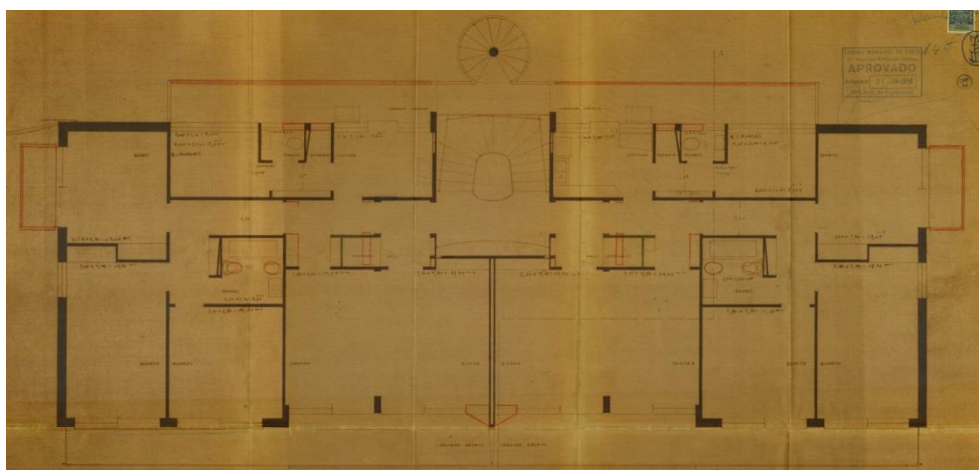


Fig. 204. Planta do 1º e 2º andar.

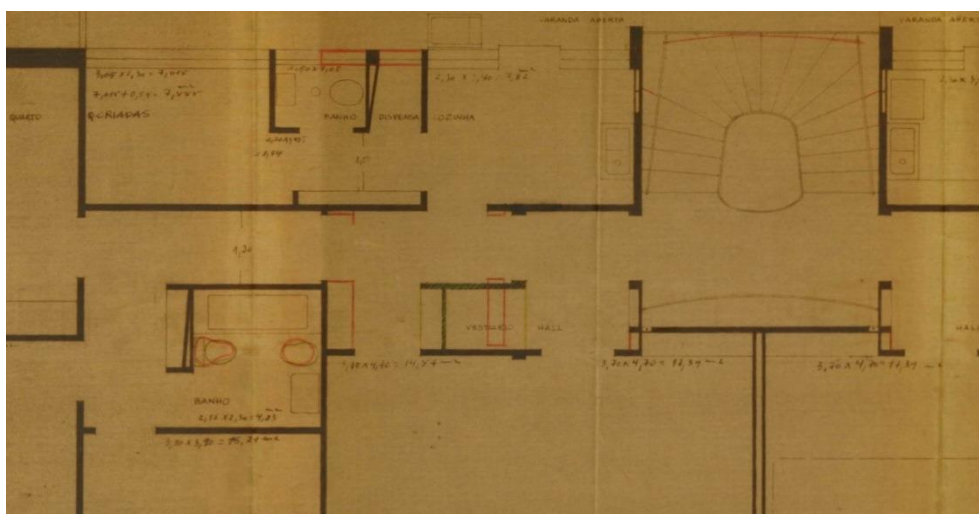


Fig. 205. Pormenor da planta.

à cozinha. A cozinha por sua vez está interligada com a despensa, quarto de *banho das criadas* e *quarto das criadas*. Como é habitual em Fernando Lanhas, a aparente simplicidade é fruto de um meticoloso trabalho de desenho que torna a análise complexa. A ideia moderna de *open space* está presente e a organização do espaço através de planos e armários. A preocupação com espaços de arrumação também está muito presente, havendo vários armários embutidos. A circulação é fluida e, apesar do espaço aberto, podem identificar-se alguns recantos de estaticidade e intimidade próprios de *espaços núcleo*. Existia um espaço central de distribuição que permeava quase toda a extensão do fogo e que organizava e hierarquizava o espaço. Promoviam-se elevados padrões de habitabilidade e uma hierarquização da privacidade ou da intimidade. A Norte desse espaço de distribuição estava a zona de serviço com a cozinha, a Sul a zona de estar da sala comum, num extremo estava a entrada principal e no extremo oposto a zona íntima onde se localizavam os quartos. Perpendicular a esse espaço de distribuição existia um armário que criava duas entradas na zona de estar e identificava dois momentos no espaço. Entrando nos fogos pelo acesso principal chegávamos a um átrio onde se situava o armário vestíbulo que marcava um primeiro momento de ligação entre a entrada e a sala comum. As salas dos fogos do rés-do-chão tinham uma área inferior às dos pisos superiores pois ficavam restringidas pelo corredor da entrada no prédio. As salas dos restantes pisos, sem essa limitação, estendiam-se até ao eixo do edifício, acabando por se compreender melhor dois espaços, um de estar, outro de *jantar*, apesar do espaço ser amplo. Ao eixo deste espaço da sala comum estava de um lado um armário e do outro um pilar rectangular saliente que ajudava à marcação intuída de dois espaços. Alguns *espaços núcleo* podiam intuir-se: um recanto com um armário embutido na *sala de estar*, o espaço do sofá, ou até o espaço de refeições, assim como os seus *espaços complementares*. Outro átrio, que é um segundo momento, estava situado entre a sala comum, nomeadamente a zona de *jantar* e a cozinha, com um armário de apoio. Isto permitia marcar momentos de





Fig. 206. Porta de acesso a uma habitação e Fig. 207. Escada de acesso às habitações.



Fig. 208. Átrio de entrada e porta de acesso ao fogo e Fig. 209. Arco, actualmente com porta que dá para o corredor dos quartos.

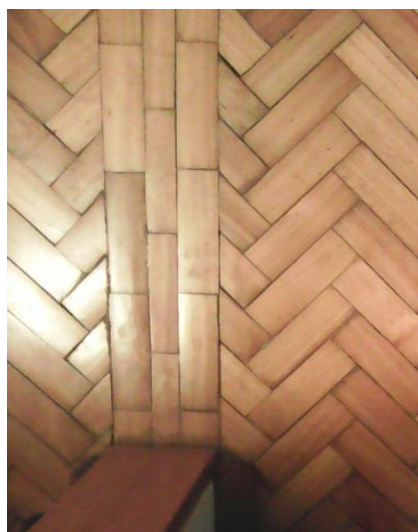
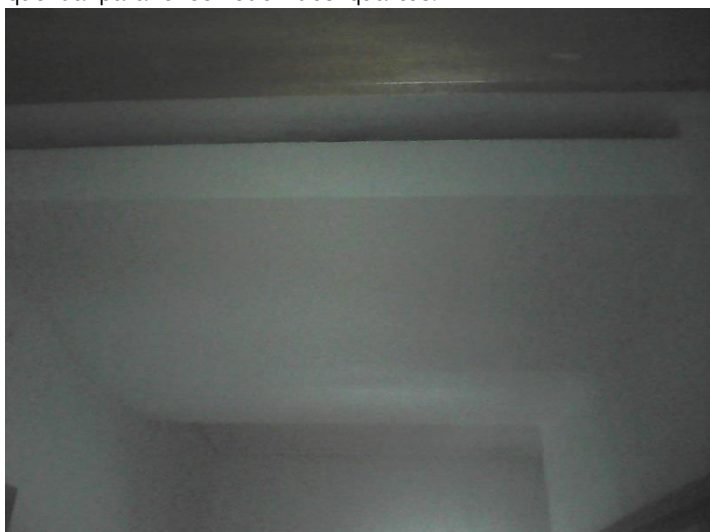


Fig. 210. Pormenor de arco invertido no tecto do corredor dos quartos e Fig. 211 à direita, pormenor do pavimento do átrio e corredor.



transição entre os espaços de uma forma fluida, e distanciar a zona de serviços da zona nobre. Desse espaço existia uma porta de padieira recta ligeiramente arqueada, que ainda existe e que liga a um terceiro momento, mais íntimo, o corredor que liga aos quartos e quarto de banho. Essa zona mais íntima da habitação é constituída por um quarto de banho completo que era envolvido pelos três quartos em “L”, e que agora são quatro, pois o *quarto das criadas* passou a ser um quarto. Existe um armário para arrumos embutido na parede da entrada no quarto de banho. Dois desses quartos têm também roupeiro embutido.

Em relação a materiais, o acesso principal às habitações, sendo o mais nobre, é em marmorite. As zonas húmidas do quarto de banho e áreas de serviço têm piso em mosaico e azulejos até 1,50m de altura nas paredes. Os quartos, salas, átrio e corredor têm pisos com tacos de madeira de castanho e pinho, com as medidas 0,05X0,15X0,016m, aplicado em xadrez com remate de três filas. As caixilharias exteriores são em castanho pintado e as interiores em tola para encerar.

Infelizmente este foi um dos edifícios mais alterados desde a sua construção, e para além da cobertura, cor e varandas do alçado posterior, também os interiores foram bastante alterados. No rés-do-chão esquerdo onde nos foi possível entrar, foi visível que tempos diferentes e um modo distinto de habitar forçam mudanças. No átrio e corredor de entrada já não existem as duas entradas para a sala, havendo apenas uma porta. Frente à porta de entrada na habitação, o ripado de madeira que existiria foi substituído por uma parede. Uma marquise na varanda de serviço e a junção do antigo *quarto de banho das criadas* fez ampliar a cozinha que se tornou um espaço maior e mais aberto. E já não havendo a figura da empregada doméstica, o antigo *quarto das criadas* foi transformado noutro quarto, tendo sido fechado o acesso pela cozinha e passando a ter acesso pelo corredor dos restantes quartos. A porta de padieira recta ligeiramente curva continua presente na abertura que liga para o corredor que dá para os quartos, mas agora tem uma porta. Um outro arco, invertido, no tecto do corredor dos quarto também ainda permanece, assim como o armário embutido junto ao quarto de banho.

Habitação Plurifamiliar na obra de Fernando Lanhas



Edifício A. Guedes da Silva, Rua  
Oliveira Monteiro nº 791, Porto (1961)





Fig. 212. Pormenor da planta do Plano Director da Cidade do Porto (PDCP) de 1962, onde a Rua da Graciosa ainda não chegava até à Rua Oliveira Monteiro.

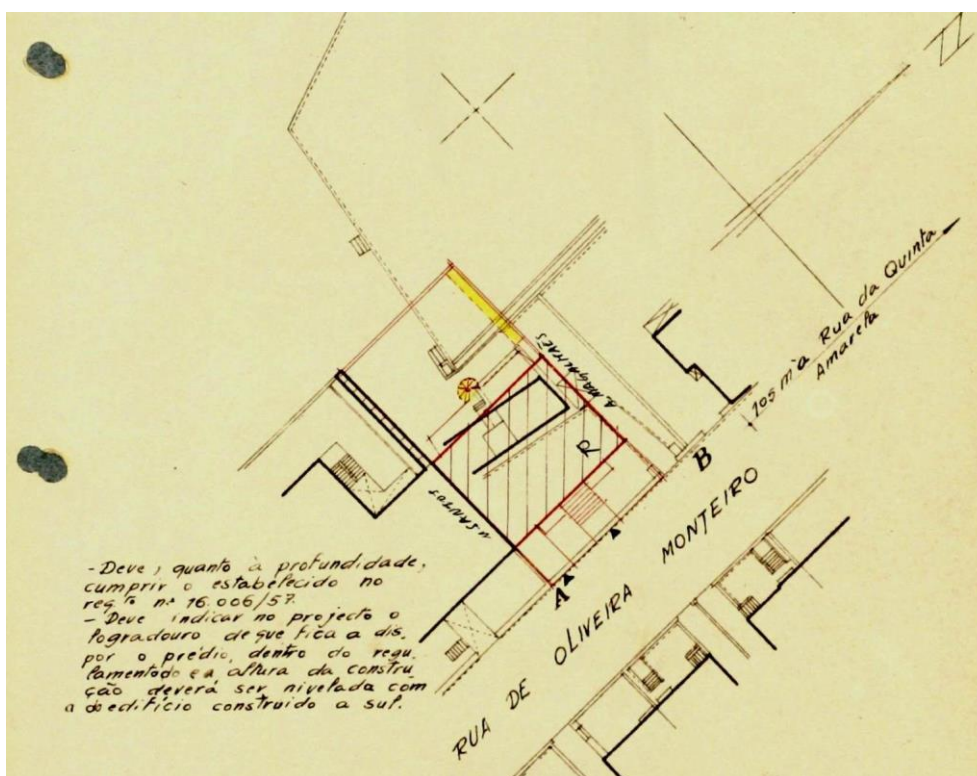


Fig. 213. Desenho de implantação do edifício na licença de obra L.O. 403/61.

Em 1961 é atribuída a licença<sup>133</sup> de obra para a construção do prédio A. Guedes da Silva, na Rua Oliveira Monteiro, situado na freguesia de Cedofeita. O projecto<sup>134</sup> é encomendado por António Augusto A. Guedes da Silva Santos. A Rua Oliveira Monteiro é uma rua bastante extensa que vai desde a Rua da Boavista até à Praça do Exército Libertador, no Carvalhido. Na fotografia constante no processo de licença de obra pode ver-se que na rua ainda circulavam eléctricos sobre carris e que não existia à data a Rua da Graciosa, havendo um muro de granito, onde hoje é o início dessa rua. O edifício com o nº 773 da Rua Oliveira Monteiro, hoje um lote de gaveto com a Rua da Graciosa, era pré-existente à data de construção do edifício que Lanhas desenhou para o nº 791. Apesar dessa rua ainda não existir, certamente já deveria estar prevista, a julgar pela forma como o edifício com o nº 773 foi desenhado em esquina, voltando uma frente importante com varandas para esse lado. Na planta do Plano Director da Cidade do Porto (PDCP) de 1962, surge a Rua da Graciosa apenas entre a Av. de França e a Rua Cónego Ferreira Pinto. Havia mais tarde de se estender até à Rua de Oliveira Monteiro. Na altura existiam ainda poucas construções na Rua Oliveira Monteiro, principalmente no seu troço entre a Rua N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Fátima e a Rua da Quinta Amarela, mais próximas da área de implantação. Fernando Lanhas seguiu exactamente o mesmo alinhamento e a mesma cércea de 13,90m do edifício com o nº 773. O lote tem uma profundidade de cerca de 29,60m e uma largura de 12,40m, e o prédio tem uma profundidade de cerca de 12,80m medido ao eixo. O edifício tem um gradeamento que separa o passeio público do lote e o prédio dista cerca de 4,70m desse gradeamento.

O programa para o prédio de rendimento Guedes da Silva, na Rua Oliveira Monteiro (1961), era a construção de um edifício de seis pisos. O 1º piso compreendia o logradouro para os inquilinos e garagem.

---

<sup>133</sup> Licença de obra L.O. 403/61.

<sup>134</sup> O arquitecto Fernando Lanhas trabalha em conjunto com o engenheiro civil Armando dos Santos Paupério que assina a memória descritiva e o termo de responsabilidade e os desenhos de Arquitectura são assinados por ambos, tal como acontece em alguns outros projectos.





Fig. 214. Fotografia tirada em 1960.

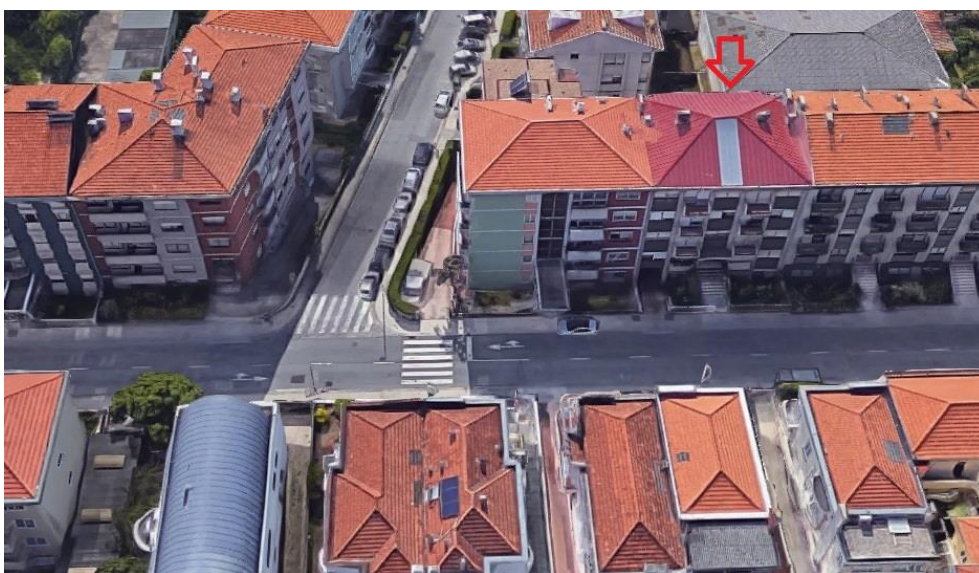


Fig. 215. Fotografia aérea de implantação do edifício na actualidade.

O 2º piso seria constituído por duas habitações, um T0<sup>135</sup> que seria destinado às instalações do porteiro e eventual habitação que teria uma sala de jantar, cozinha, quarto de banho, despensa e varanda, e outra habitação T4 com quatro quartos, sala de jantar, quarto de banho, lavabo, cozinha, despensa, arrumos e varanda. O 3º piso, ao nível do rés-do-chão, teria duas habitações T2, cada uma com dois quartos, sala de jantar, quartos de banho, lavabos, cozinha, despensa, arrumos e varanda; os restantes pisos, do 4º ao 6º, teriam duas habitações por piso, uma T2 e outra T3, sendo uma com dois quartos, sala de jantar, quarto de banho, lavabos, cozinha, despensa, arrumos e varanda e a outra com dois quartos, *quarto das serviçais*, sala de jantar, quarto de banho, lavabo, cozinha, despensa, arrumos e varanda.

O sistema estrutural é constituído por lajes aligeiradas com *tijolos furados* apoiadas numa estrutura resistente constituída por pilares e vigas de betão armado e de paredes de alvenaria de granito. Apenas as paredes das empenas e da garagem são estruturais pelo que as fachadas poderiam ter maior liberdade de composição. No entanto, os pilares do alçado principal ficam alinhados com as paredes exteriores do alçado, aliás, até um pouco salientes, o que diminui significativamente a flexibilidade de desenho desse alçado. Certamente terá sido uma opção de projecto, pois essa marcação dos pilares na fachada é bastante expressiva, marcando um ritmo vertical muito acentuado, dando uma ideia de espessura à composição do alçado. As escadas e as varandas são também em betão armado. A cobertura é um telhado de duas águas com beiral. As paredes exteriores são duplas de alvenaria de tijolo revestidas a *cimento e areia*. Os tabiques interiores são também em tijolo. Os tectos são *estucados a gesso*.

O prédio da Rua Oliveira Monteiro tem duas frentes. O alçado principal voltado a Nascente, onde se situam os quartos, e o alçado

---

<sup>135</sup> Segundo a memória descritiva do aditamento ao projecto efectuado em Novembro de 1963 (L.O. 403/61) é suprimido o quarto das instalações do porteiro, cujo fogo passa de T1 a T0 e esse quarto passa a fazer parte do fogo contíguo, que passa de um T2 para um T4, porque, conforme é visível nos desenhos, além de ficar com o quarto que era da habitação do porteiro, ainda é dividido um dos quartos existentes ao meio.

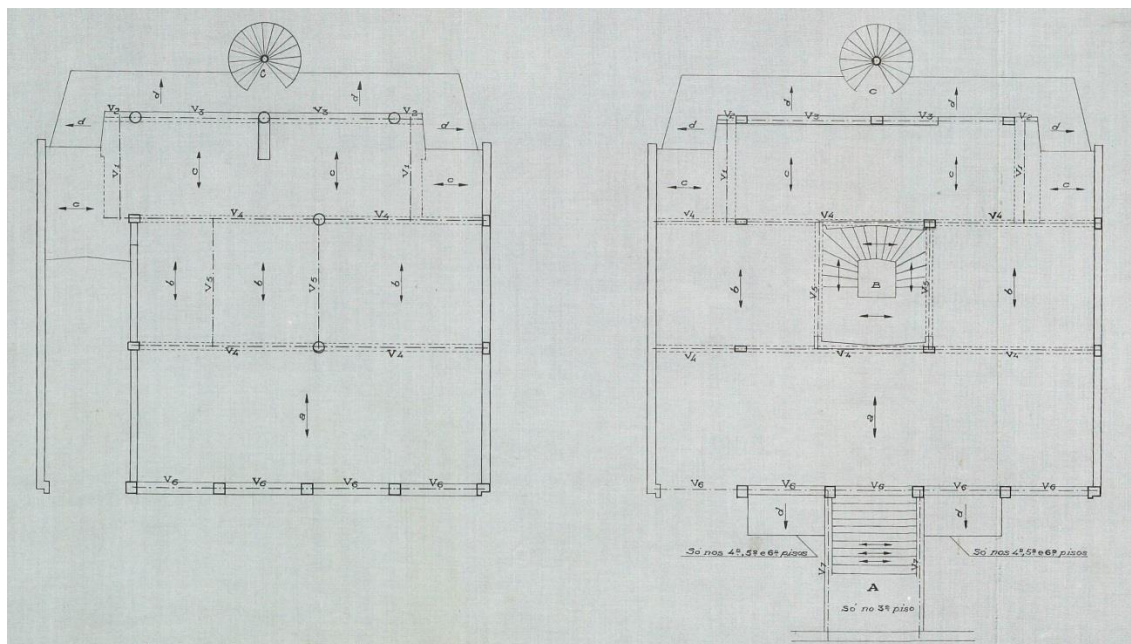


Fig. 216. Plantas estruturais onde é visível a combinação de paredes resistentes de alvenaria de granito com pilares e vigas de betão armado. Mais uma vez a tradição e a modernidade em conjunto.



Fig. 217. Fotografia de pormenor do acesso ao edifício A. Guedes da Silva.

posterior é voltado a Poente, para onde ficam voltados a *sala de jantar* e a cozinha. Os quartos são uma zona da casa, normalmente com maior utilização à noite, e voltados a Nascente recebem a luz da manhã para começar o dia. Os raios solares nesse quadrante têm uma posição mais horizontal, penetrando todo o compartimento, e como não têm a mesma duração nem intensidade do quadrante Sul, podem tornar-se agradáveis. No entanto, com as casas que se encontram do outro lado da rua e tendo em conta o baixo ângulo dos raios solares da manhã, o edifício poderia ficar total ou parcialmente em sombra, não fosse o facto, deste edifício em particular beneficiar não só de ter uma cércea quase o dobro das casas em frente, como de não estar alinhado com estas mas sim com a entrada para as suas garagens, que é parte do lote onde não existe construção. O mesmo acontece a Poente, havendo uma zona aberta de logradouros que permite que a luz entre no interior das habitações ao fim da tarde, e seja possível observar o pôr-do-sol.

O prédio A. Guedes da Silva está afastado da rua e o lote é delimitado por uma delicada grade de barras verticais de ferro pintada de branco. Esta é ladeada e até permeada por elementos orgânicos. O piso de acesso ao prédio está elevado em relação à rua. O percurso até à entrada do prédio faz-se subindo um degrau em relação ao passeio público, no portão de acesso, onde se é recebido por um patamar. De seguida há um lanço de escadas com nove degraus até chegar a outro patamar abrigado por uma pala junto à porta envidraçada do prédio. A pala de betão armado descreve uma curvatura subtil. É forrada a madeira na sua parte inferior e confere o aconchego que se antevê para o espaço interior. O último degrau está alinhado com a fachada, pelo que o patamar junto à porta do prédio é conseguido pelo recuo da porta de entrada, obtendo-se assim um espaço de transição. A marcação da entrada está assim bem evidente com a escada e a pala bem visíveis, situando-se ao eixo do alçado principal. Entre a grade de separação do lote e o prédio há um fosso, pois o terreno é rebaixado e existem mais dois pisos para baixo, um de habitação e outro de garagem que recebem dessa forma a luz natural. O acesso à garagem é feito também pela





Fig. 218. Fotografia do edifício A. Guedes da Silva bem integrado com o edifício à esquerda que é pré-existente.



fachada principal, no seu extremo junto ao prédio adjacente, através de uma rampa que leva à cave. Como já referido, o alçado principal deste edifício tem salientes quatros pilares que dividem o alçado em cinco partes iguais, o que lhe confere grande verticalidade. O prédio pré-existente que o ladeia apresenta também elementos de verticalidade, mas são mais diluídos com a marcação das lajes, ao passo que no edifício desenhado por Lanhas isso não acontece e a verticalidade é muito mais acentuada. A espessura dos pilares e a saliência em relação ao plano da fachada atribuem grande expressividade. No alinhamento visual dos pilares do centro do alçado saem duas chaminés do telhado, que iniciam com a mesma espessura e alargam no topo, afirmando ainda mais esse carácter expressivo do volume. No correr vertical cada pano de fachada entre os pilares tem uma dicotomia parede janela. O pano de janela ocupa toda a largura entre pilares, mas como não é uma janela inteira mas sim duas, com dois estores, consegue ler-se ainda outra linha vertical mais ténue entre elas pelo alçado acima. O pano de parede entre as janelas é pintado com um verde cinza escuro, fazendo lembrar a cor de algumas das suas pinturas. Utiliza uma cor mais discreta do que a do prédio pré-existente do nº 773 e obtém continuidade num tom mais claro nos prédios que seriam posteriormente construídos na sua outra empena. Na segunda e quarta fiadas do alçado, ao nível do 4º, 5º e 6º pisos, situam-se varandas de betão com guarda em finas barras de ferro brancas com parapeito em madeira. Para o alçado posterior previa-se inicialmente também uma escada secundária<sup>136</sup> mas aditamentos ao projecto eliminaram essa opção. O alçado posterior é simétrico e ao contrário do alçado principal caracteriza-se mais pela horizontalidade. A massa horizontal das guardas das varandas em betão, assim como o ritmo quase contínuo das janelas dá bastante força horizontal ao alçado. As linhas verticais que se lêem são muito mais ténues neste alçado. Uma delas é a divisória ao eixo

---

<sup>136</sup> Conforme se verifica na licença de obra L.O. 403/61 da CMP inicialmente estava prevista uma escada helicoidal de serviço no alçado posterior do prédio A. Guedes da Silva, tal como também acontece no edifício Bastos Xavier já atrás analisado, mas aditamento datado de Maio de 1962, suprime essa escada pois «sendo possível um eventual aproveitamento do primeiro piso, e talvez conveniente vedação do acesso, a utilidade da escada seria nessa circunstância, anulada.» Da mesma forma foi suprimida a construção de anexos destinados a aves.

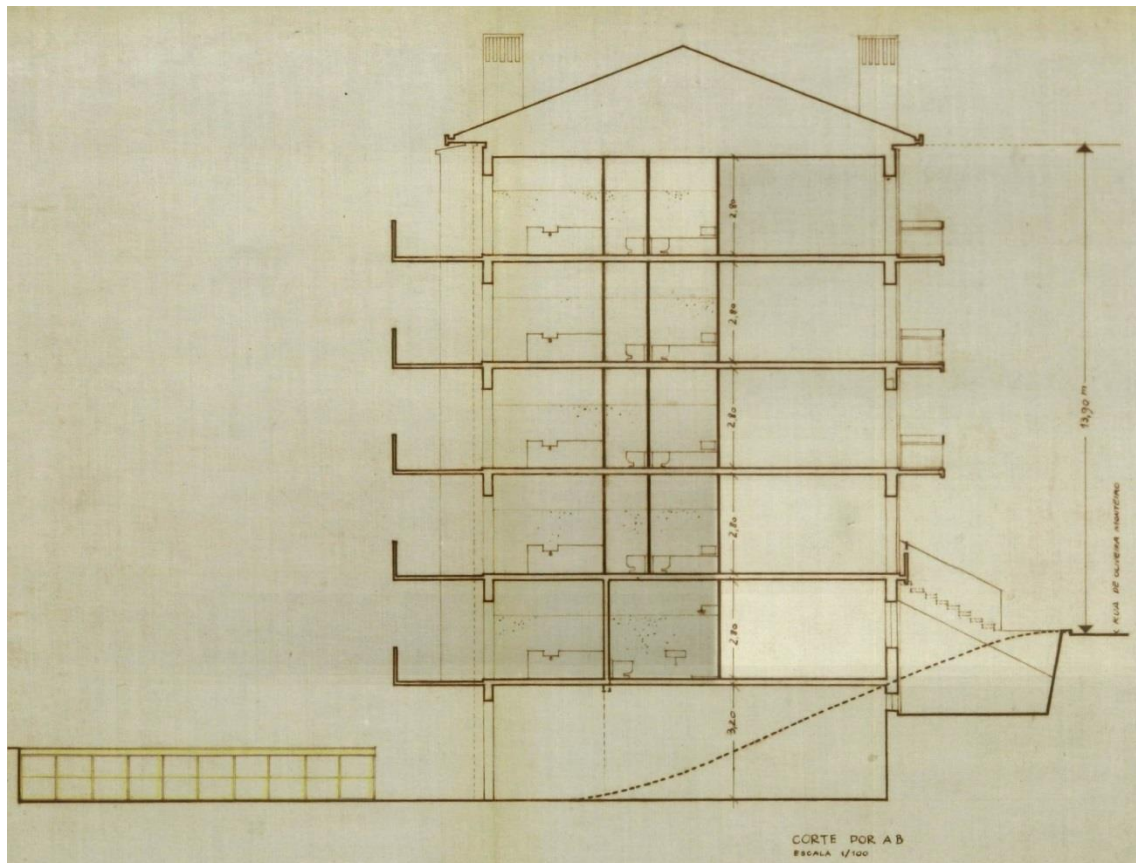


Fig. 219. Corte.

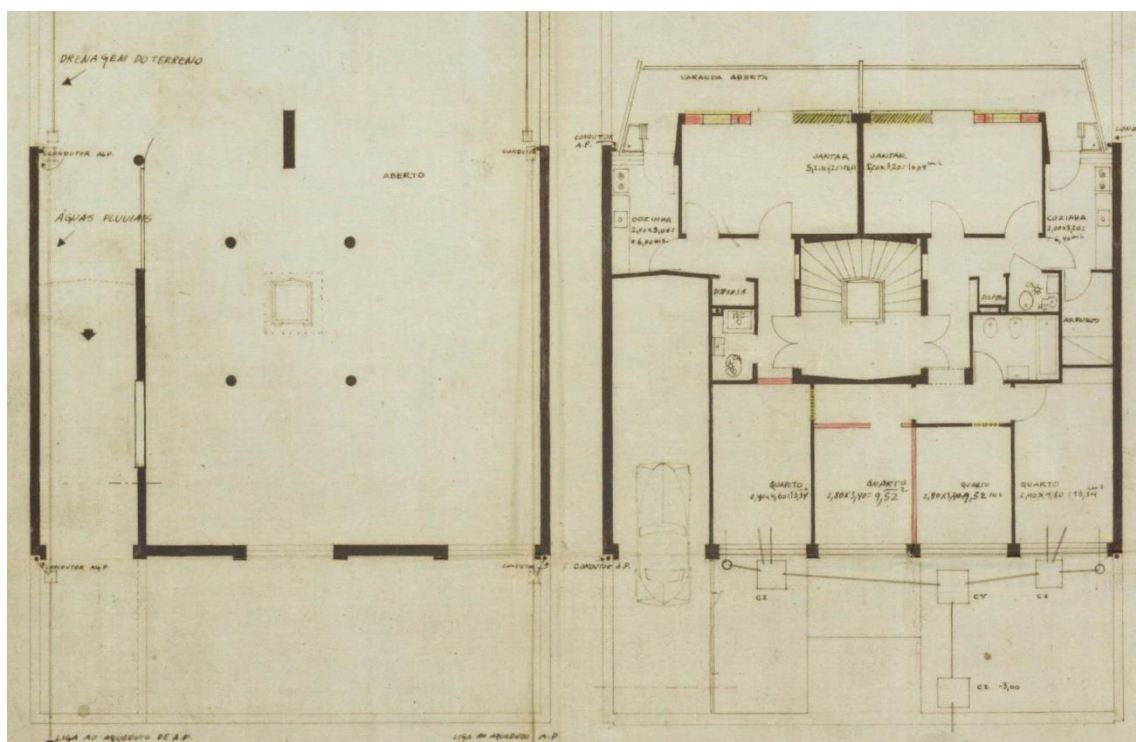


Fig. 220. Planta do 1º piso, a cave com a garagem e planta do 2º piso.

das varandas em alvenaria de tijolo. As janelas maiores ao centro do alçado correspondem às da sala e as dos extremos às da cozinha. O plano das guardas das varandas quebra em diagonal para se juntar ao plano do alçado em cada uma dos extremos deste. Subtilmente não chega a tocar e deixa ver a espessura das paredes laterais. As varandas balançadas do volume do prédio provocam efeitos de cheios e vazios e efeitos de luz e sombra que qualificam o alçado. Actualmente esse efeito é, infelizmente diminuído, devido ao facto de várias varandas estarem totalmente ou em parte fechadas por *marquises*. O piso da garagem não tem janelas, em planta é aberto, mas será hoje fechado com portões e tem uma parede a meio a marcar o eixo da composição. Serve como base na composição dos andares.

O piso da garagem tem um pé direito de 3,20m e 2,80m nos restantes pisos. Existem dois fogos por cada piso dispostos numa lógica de esquerdo-direito. O sistema de distribuição deste prédio é de acesso vertical e tem uma inovação em relação aos demais. Para além das escadas que permeiam o edifício desde o 2º piso até ao 6º, contém um elevador no centro das escadas com capacidade para três pessoas e que liga todos os pisos desde a garagem. A portaria de entrada no prédio liga-se ao átrio de acesso às habitações desse piso e às escadas e elevador através de um corredor. As escadas e o elevador situam-se ao centro da planta e são envolvidas por um fogo de cada lado. A organização interna dos fogos em planta está bem estruturada. De um lado a zona pública, com a sala e a cozinha, e do outro a zona íntima com os quartos. Um corredor liga a entrada à designada *sala de jantar* que é na verdade uma sala comum. O corredor faz de antecâmara para a entrada na sala e, dobrando em “L”, contém um lavabo de serviço e uma despensa e liga também à cozinha. A sala comum tem duas portas, uma alinhada com o corredor da entrada e outra mais próxima da cozinha. As duas portas propõem uma organização no espaço aberto da sala comum, intuindo-se um espaço de refeições e outro de estar, *espaços núcleo*, de estaticidade e intimidade, como o recanto atrás da porta na zona de estar. A sala e a cozinha são ambas servidas por uma varanda contínua

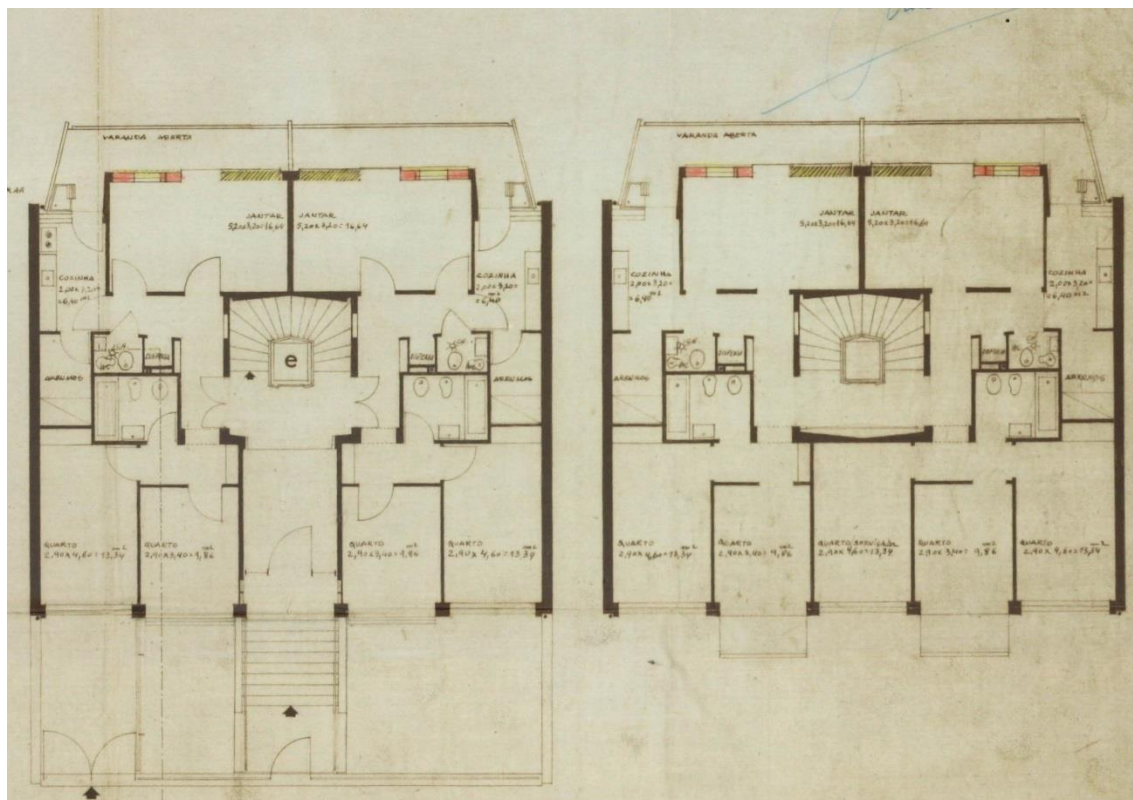


Fig. 221. Planta do 3º piso, nível de entrada no prédio e Planta dos pisos 4º, 5º e 6º.

no alçado posterior orientado a Poente, onde se poderá observar o pôr-do-sol. Como o volume do edifício recua nos extremos onde se situam as cozinhas, cria um recanto na varanda que serve de varanda de serviço. A cozinha é também servida por um espaço de arrumos, à excepção da habitação do porteiro que não tem espaço para esse compartimento, pois tem nesse piso a entrada para a garagem. Do lado oposto à entrada em cada fogo situa-se a zona íntima que contém uma antecâmara que liga aos quartos. Como já referido anteriormente na descrição do programa, a habitação do porteiro não tem quarto. Um aspecto interessante nas habitações T3 dos pisos 4 a 6 é a indicação escrita nas plantas de *quarto das serviçais* num dos três quartos. Não existe qualquer distinção, nem separação do quarto das empregadas da dos patrões como acontecia normalmente noutros projectos da época. Aliás, se não estivesse escrito quarto das serviçais num deles não haveria forma de distinguir. Alguns quartos têm roupeiro embutido e nas habitações T2, em que um dos quartos não tem roupeiro embutido, existe um armário na antecâmara de acesso aos quartos. Um quarto de banho serve de igual forma todos os quartos. Um dos quartos em cada habitação nos pisos 4 a 6 tem uma varanda que balança no alçado principal voltado a Nascente.

O acesso principal às habitações, sendo o mais nobre, é em mármore e marmorite. As zonas húmidas do quarto de banho e áreas de serviço têm piso em mosaico e azulejos até 1,60m de altura nas paredes. Os quartos e salas têm pisos com tacos de madeira de castanho e pinho, com as medidas 0,05X0,15X0,016m aplicado em xadrez com remate de três filas. As caixilharias exteriores são em madeira de castanho e as interiores em tola<sup>137</sup>.

---

<sup>137</sup> A informação dos materiais é baseada na memória descritiva da licença de obra da CMP, L.O. 403/61.



Habitação Plurifamiliar na obra de Fernando Lanhas



**Edifício M.M. Teixeira, Rua  
Heróis de Mucaba nº116-126, Porto (1968)**



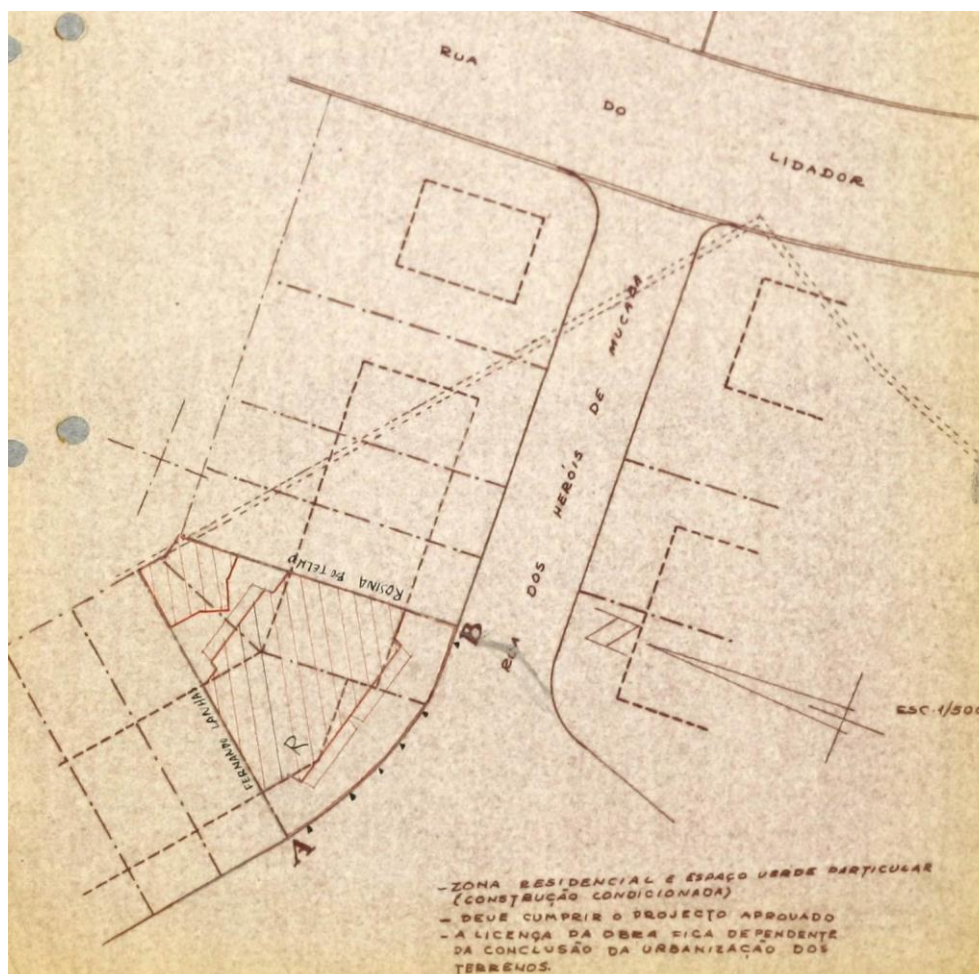


Fig. 222. Planta de implantação do prédio M. M. Teixeira no gaveto da Rua Heróis de Mucaba com o Largo da Pedra Verde constante na licença L.O. 228/68 da CMP



Fig. 223. Fotografia do local de implantação tirada em 1967 conforme L.O. 228/68.

Na freguesia de Aldoar é atribuída licença de obra para construção do edifício M. M. Teixeira em 1968, a José Delmar de Magalhães Mendes Teixeira. O lote é um gaveto entre a Rua Heróis de Mucaba e o Largo da Pedra Verde. Tem uma forma trapezoidal com uma profundidade de cerca de 30,50m com cerca de 27m de frente, mas apenas cerca de 5.70m de largura no fundo do lote. O prédio tem de alçado principal cerca de 25m, medidos na horizontal entre os pontos mais distantes, e no alçado posterior afunila para cerca de 14m. Vai buscar o alinhamento aos edifícios adjacentes mas estende um corpo central para além desse alinhamento com a sala e um quarto em cada uma das habitações. O edifício é constituído por rés-do-chão e mais dois andares, semelhante aos edifícios do quarteirão. O edifício encostado à sua empena Nascente tem também rés-do-chão e mais dois andares e o lote estreito na sua empena Poente está vazio, seguindo-lhe um edifício com cave, rés-do-chão e mais dois andares.

Para o edifício M. M. Teixeira (1968), situado na rua Heróis de Mucaba nº 116-126, o programa constitui a construção de um prédio com rés-do-chão e dois andares com quatro habitações com garagem independente. Todos os fogos teriam entradas independentes e todas as habitações teriam o mesmo número de compartimentos e uma igual distribuição, variando apenas ligeiramente as áreas em alguns. Cada fogo seria constituído por: entrada, sala, três quartos, *quarto das serviçais*, quarto de banho e *banho das serviçais*, cozinha e despensa. As habitações teriam varandas à frente e nas traseiras.

O sistema estrutural mais uma vez combina elementos de betão armado com alvenaria de granito. As lajes de pavimento são unidireccionais com 0,18m de espessura, em betão pré-esforçado e *tijolos ocós* apoiados em vigas que, por sua vez, apoiam em pilares e em paredes exteriores resistentes de perpianho nas empenas, que por sua vez estão assentes sobre *fundações de perpianho ao baixo*<sup>138</sup>. As lajes de betão armado são maciças nas varandas e nas escadas. As sapatas dos pilares

---

<sup>138</sup> Conforme a memória descritiva da licença de obra L.O. 228/68 da CMP.



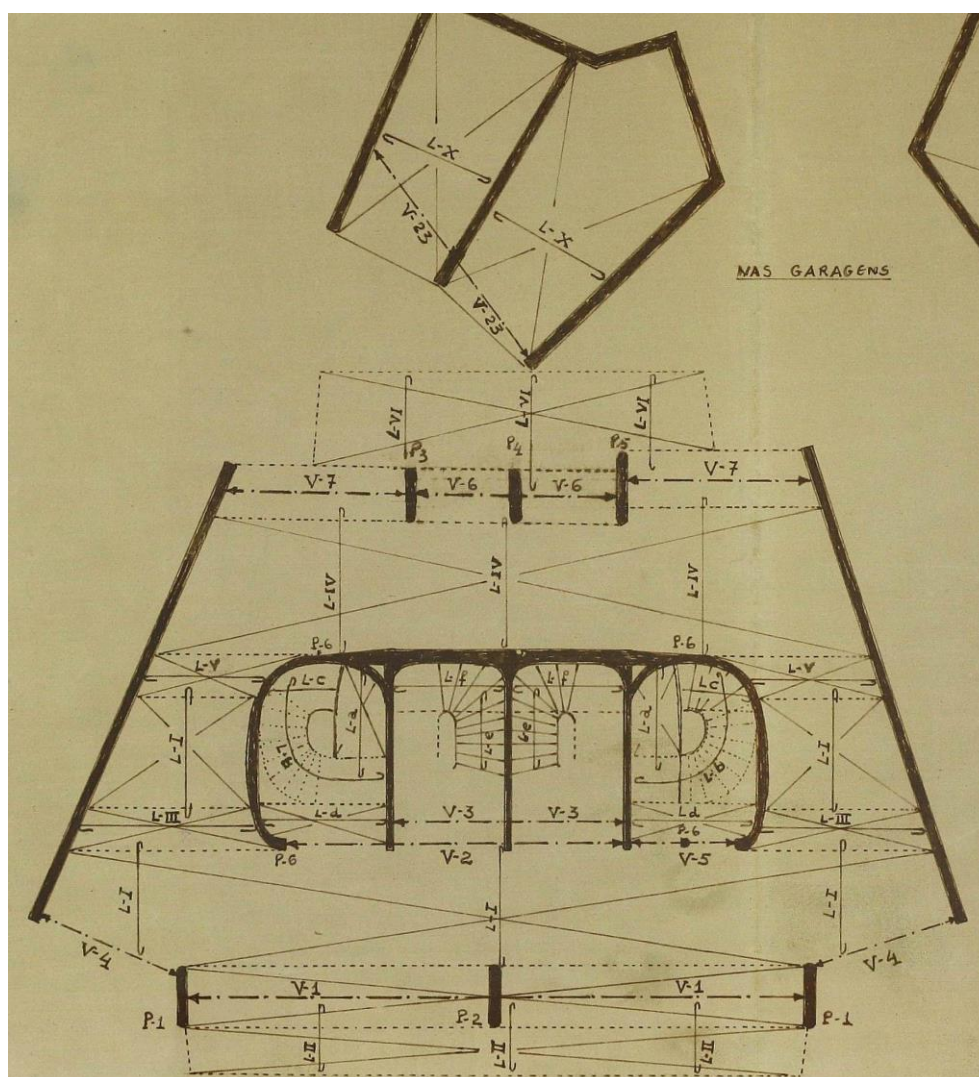


Fig. 224. Planta estrutural do rés-do-chão conforme L.O. 228/68.



Fig. 225. Fotografia do alçado principal.



e paredes das caixas de escadas são também em betão armado. A armação do telhado de duas águas é feita com madeira de eucalipto com telha Lusa. Os alçados, ainda assim, conseguem ter grande liberdade de desenho. As paredes dos alçados principal e posterior são de alvenaria de tijolo vazado, revestido a *cimento e areia* e pintadas de branco. As paredes interiores são *estucadas a areia* e também pintadas de branco.

O alçado principal está voltado a Sul-Sudoeste e o alçado posterior a Norte-Nordeste. Para o alçado principal situam-se os quartos e as salas; um dos quartos e sala por cada andar são protegidas do quadrante Sul, no 1º andar pelas varandas do 2º andar, e no 2º andar pelo beiral do telhado. O outro quarto voltado para o alçado principal não tem qualquer protecção. Para o alçado posterior situam-se quartos, cozinhas e *quarto das criadas*. Apesar das empenas não terem exactamente o mesmo ângulo de inclinação entre si, os alçados, quer o principal, quer o posterior, são desenhados cada um com simetria. A chaminé, um dos elementos muito expressivo e característico da arquitectura de Fernando Lanhas, encontra-se no eixo de simetria do alçado principal, sobressaindo no telhado de duas águas. O rés-do-chão do alçado principal é recuado e contém as quatro portas brancas de acesso às habitações. É constituído um painel com cada uma delas que são ladeadas por ripados de madeira pintada de branco com envidraçados que iluminam o átrio interior junto às escadas. As varandas estendem-se no alçado principal no 1º e 2º andares, servindo a sala e um dos quartos com guarda em rede, corrimão de madeira e hastes metálicas entre as varandas e o beiral do telhado. O corrimão de madeira das guardas das varandas prolonga-se para além destas. O alçado, em todo o seu conjunto, caracteriza-se pela sua horizontalidade que é acentuada pelas varandas. No entanto, as hastes e os planos laterais marcam também ritmos verticais. Estes elementos estão também presentes, como vimos anteriormente, no edifício Bastos Xavier, da Av. Sidónio Pais. Nos extremos do alçado principal, o plano faz uma rotação para cada um dos lados para acompanhar o alinhamento dos edifícios adjacentes, dado que este é um lote de gaveto e faz um recuo em relação ao plano central. Esse recuo salienta os pilares laterais que se estendem a toda a altura do alçado e que dão uma ideia de espessura



Fig. 226. Percurso do portão até às portas do edifício e Fig. 227. Onde é visível esse espaço de transição, espaço aberto por baixo do 1º andar, de acesso às portas de entrada de cada um dos fogos do edifício.



Fig. 228. Espaço de transição entre o portão junto à rua e a entrada nas habitações e Fig. 229. Pormenor de uma porta de entrada numa das habitações.



Fig. 230. Espaço de transição, Espaço-Função e Fig. 231. Acesso às garagens.

muito expressiva ao edifício. Ao nível do 1º e 2º andares, os planos laterais do alçado principal contêm uma janela de mais um quarto por piso. A massa construída dos andares com o vazio do rés-do chão, assim como o contraste da luminosidade dos primeiros com a obscuridade dos segundos e as sombras provocadas pelas varandas e beiral do telhado dão uma plasticidade interessante ao volume. O alçado posterior contém a mesma lógica do alçado principal, mas não tem portas ao nível do rés-do-chão mas sim um espaço aberto e a massa do plano arredondado das caixas de escada.

O prédio da Rua Heróis de Mucaba é afastado do portão de entrada e o rés-do-chão é parcialmente coberto pelos pisos superiores. Não existem habitações a essa cota, iniciando-se as mesmas só a partir do 1º andar. Há uma ideia de percurso e de espaços de transição contida em todo o espaço do piso térreo deste prédio. Existe um percurso ajardinado a percorrer desde o portão junto ao passeio público até à porta de acesso ao prédio. O piso do caminho de acesso à entrada é feito organicamente por pedras graníticas irregulares ladeado por relva e elementos arbóreos, que contrastam com a regularidade do edifício. Chegando à entrada um “deck” de madeira marca a paragem na porta e é também um elemento característico de Lanhas. O painel constituído pela porta de acesso a cada habitação e um ripado de madeira com um envidraçado a ladear cada porta é branco na continuidade da parede do prédio e é muito bem desenhado. Esse enorme espaço coberto de acesso às habitações é um importante espaço de transição que, para além do seu carácter expressivo, é responsável pela articulação com o espaço envolvente, entre a Rua e o interior dos fogos. É um espaço de liberdade, que apesar de ter marcado um desenho para acesso aos fogos, pode permitir outras funções. A luz neste espaço é mais ténue e controlada contrastando com a rua, devido a estar envolvido pelo edifício, dando uma sensação muito agradável e de aconchego em que apetece permanecer. O acesso às garagens é feito em rampa entrando pela rua principal, por um portão em cada um dos extremos do gradeamento. As garagens situam-se nas traseiras do lote. A partir destas percorre-se pedonalmente até ao





Fig. 236. Pormenor que expressa espessura pela largura dos pilares e massa das paredes e Fig. 237. Pormenor da diferença de cota entre as garagens.

espaço da entrada principal para acesso às habitações. A forma afunilada nas traseiras do terreno, muito estreito em relação à sua frente, constituía um problema a resolver pois não havia espaço para colocar as quatro garagens individuais necessárias, uma por cada habitação. Com imaginação, Lanhas resolveu a situação, que passou por sobrepor as garagens, construindo duas ligeiramente abaixo do rés-do-chão e as outras duas em cave, por baixo das primeiras, aproveitando o desnível do terreno. No espaço junto às garagens existe outro *espaço de transição*, muito mais evidente como espaço de liberdade funcional. A este tipo de espaços o arquitecto Pedro Vieira de Almeida chamava de *Espaço-Função*<sup>139</sup>, que não tem uma função definida e que permite várias utilizações e uma liberdade de apropriação do espaço de habitar. O gradeamento a todo o comprimento do alçado principal é feito em finos tubos brancos com um desenho de malha diagonal cruzada. É também um dos elementos característico em Fernando Lanhas que atribui grande qualidade plástica ao edifício.

Se outros prédios são desenhados com alguma imagética que possa aludir à ideia de “moradia isolada”, o prédio M. M. Teixeira parece ser o mais evidente. A forma como implanta o edifício no terreno, a guarda exterior para delimitar o lote e que faz lembrar o delimitar da moradia, o espaço semi-público, com jardim que distancia o prédio da rua, são elementos que aproximam este e outros edifícios plurifamiliares às habitações unifamiliares. Esta imagética da casa está na linha de pensamento de Gaston Bachelard, que referiu que «todo o espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa<sup>140</sup>» e refere que a *imaginação constrói paredes como sombras impalpáveis*. Existe ainda outro elemento de destaque. Ao contrário dos outros edifícios em que é promovido o sentido de comunidade com uma entrada e escadas comuns que ligam às habitações, no prédio da Rua Heróis de Mucaba, os fogos

---

<sup>139</sup> Espaço- Função: conceito adquirido nas aulas de Teoria da Arquitectura com o Arquitecto Pedro Vieira de Almeida na E.S.A.P. em 2008/2009 e também lido em: ALMEIDA, Pedro Vieira de, “Dois parâmetros de Arquitectura postos em surdina – leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional”, (2011), CEAA – CESAP/ESAP, caderno 2, Porto, 2013.

<sup>140</sup> BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, Paris, 1958.



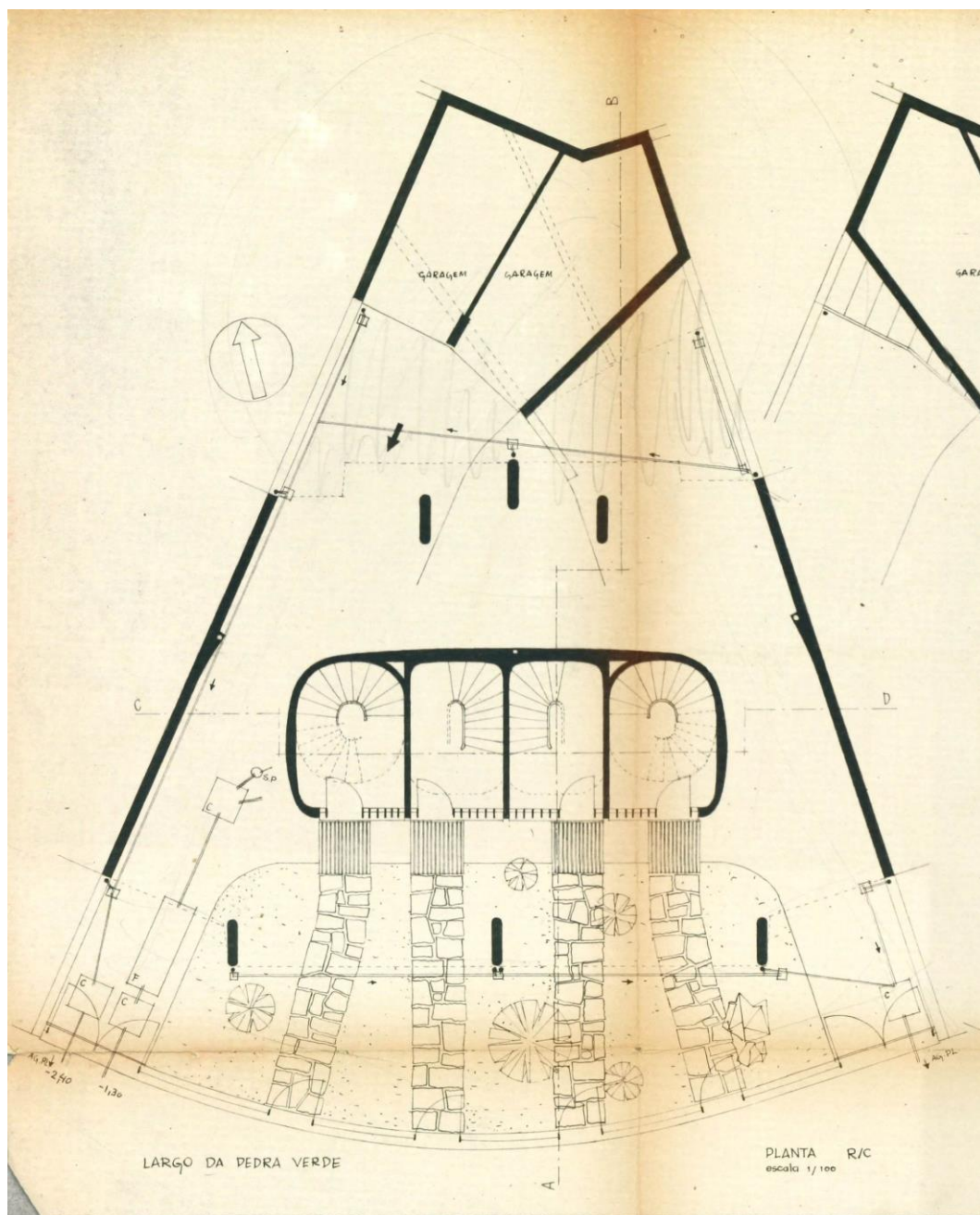


Fig. 238. Planta do rés-do-chão.

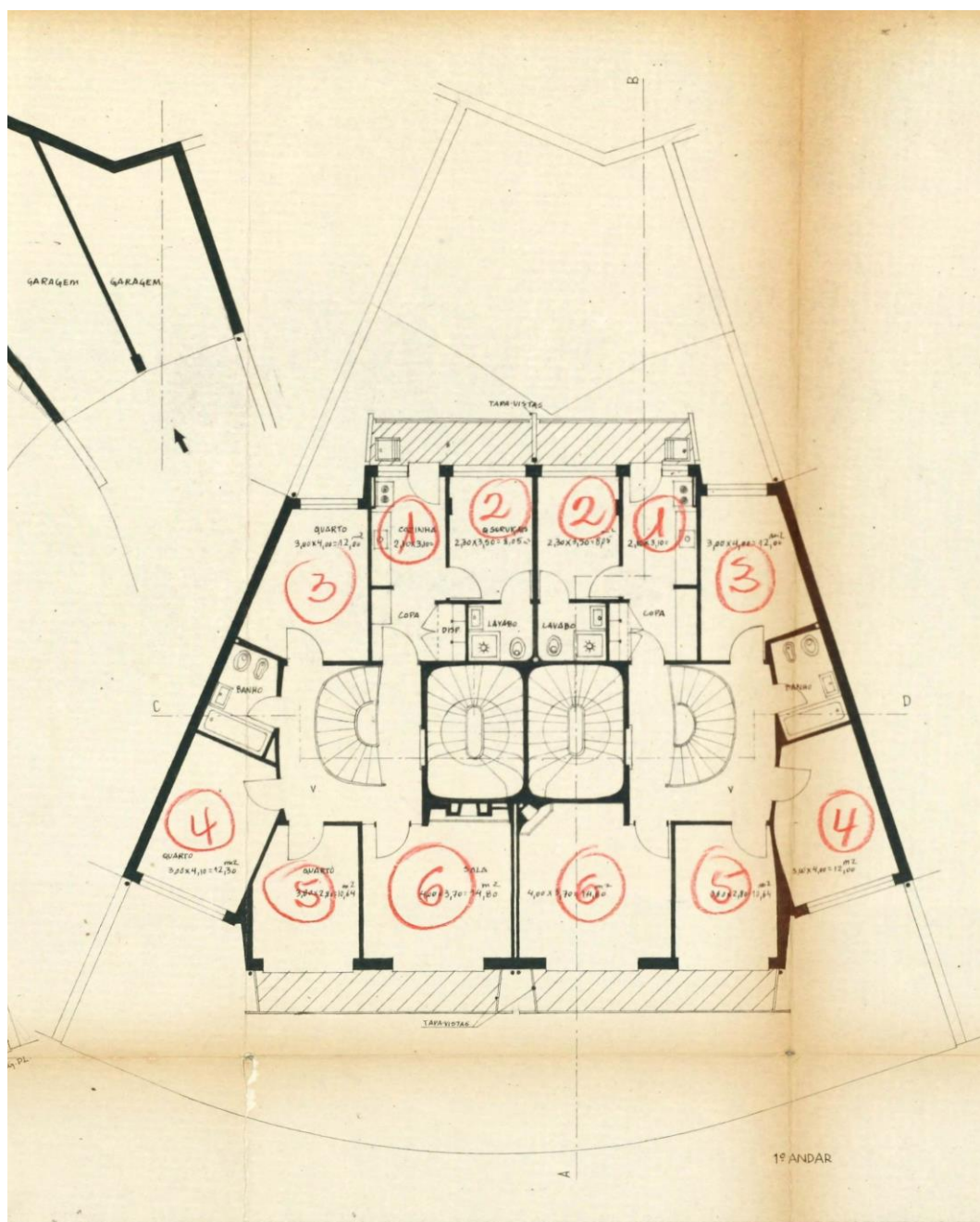


Fig. 239. Planta do 1º andar.

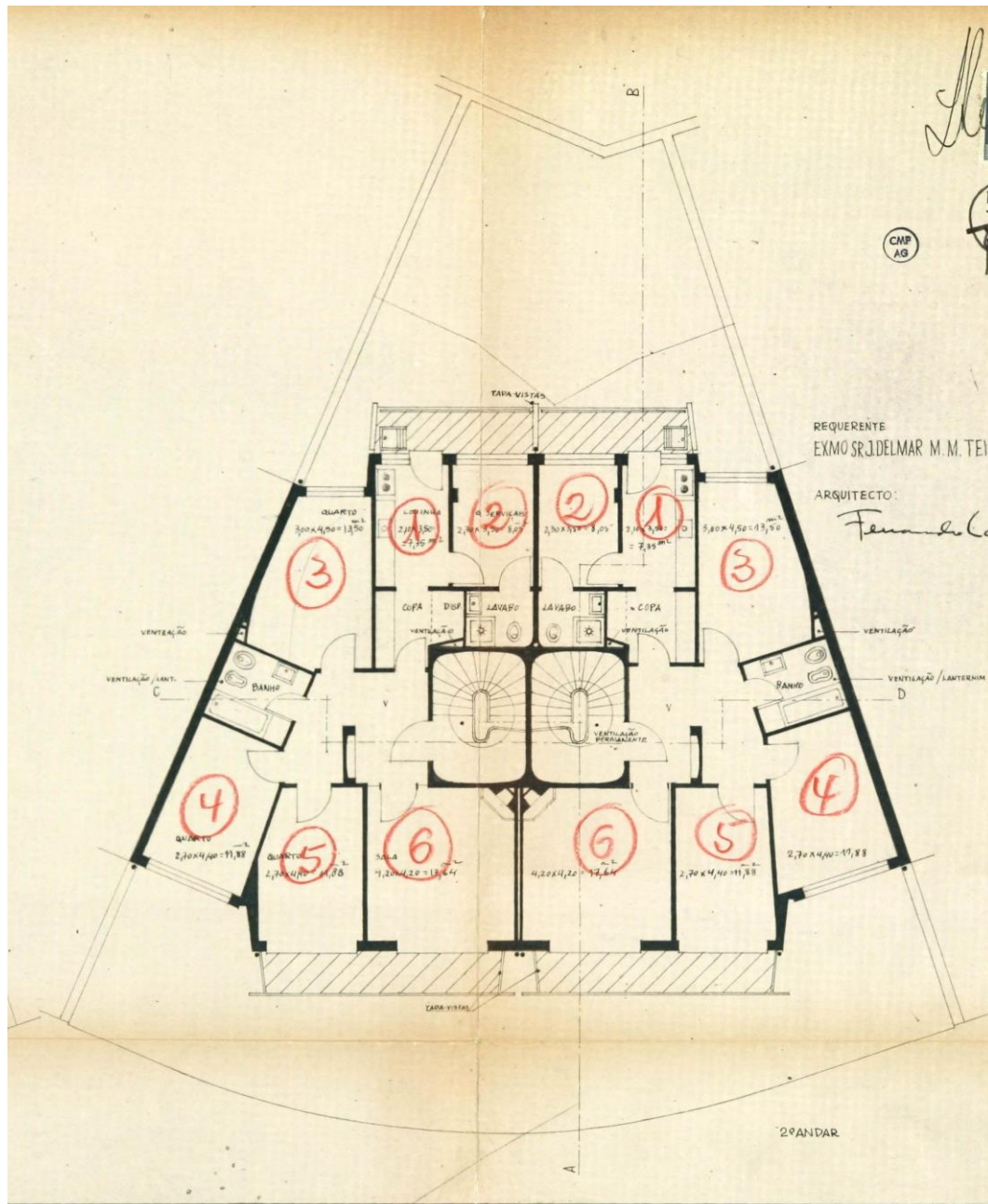


Fig. 240. Planta do 2º andar.



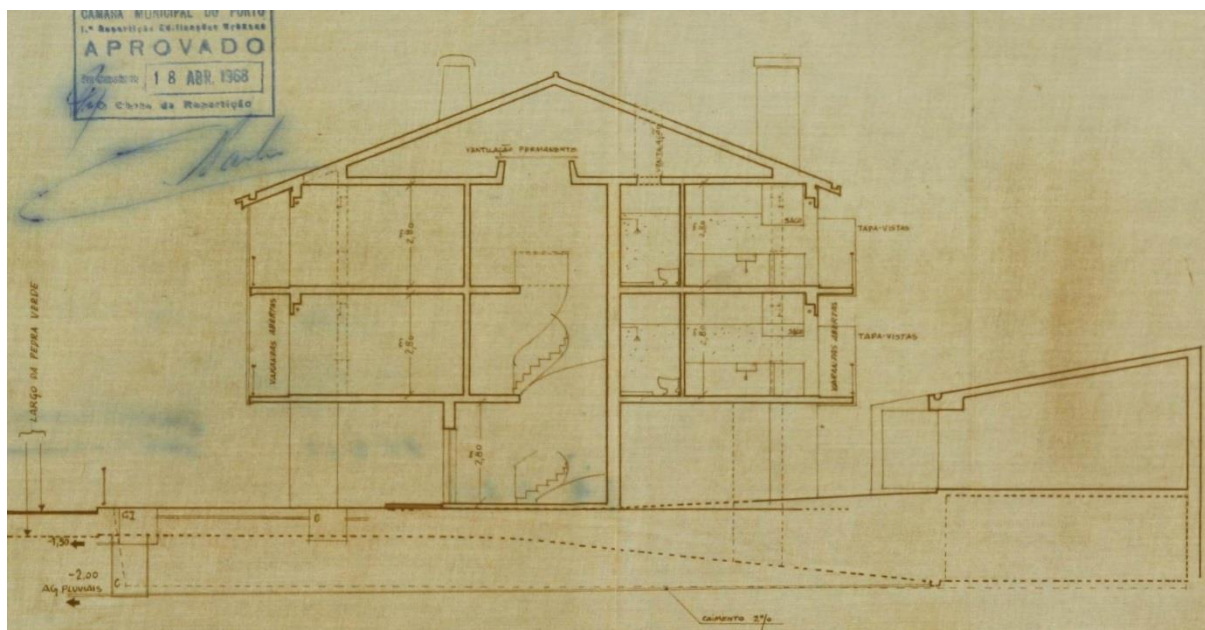


Fig. 241. Corte longitudinal.

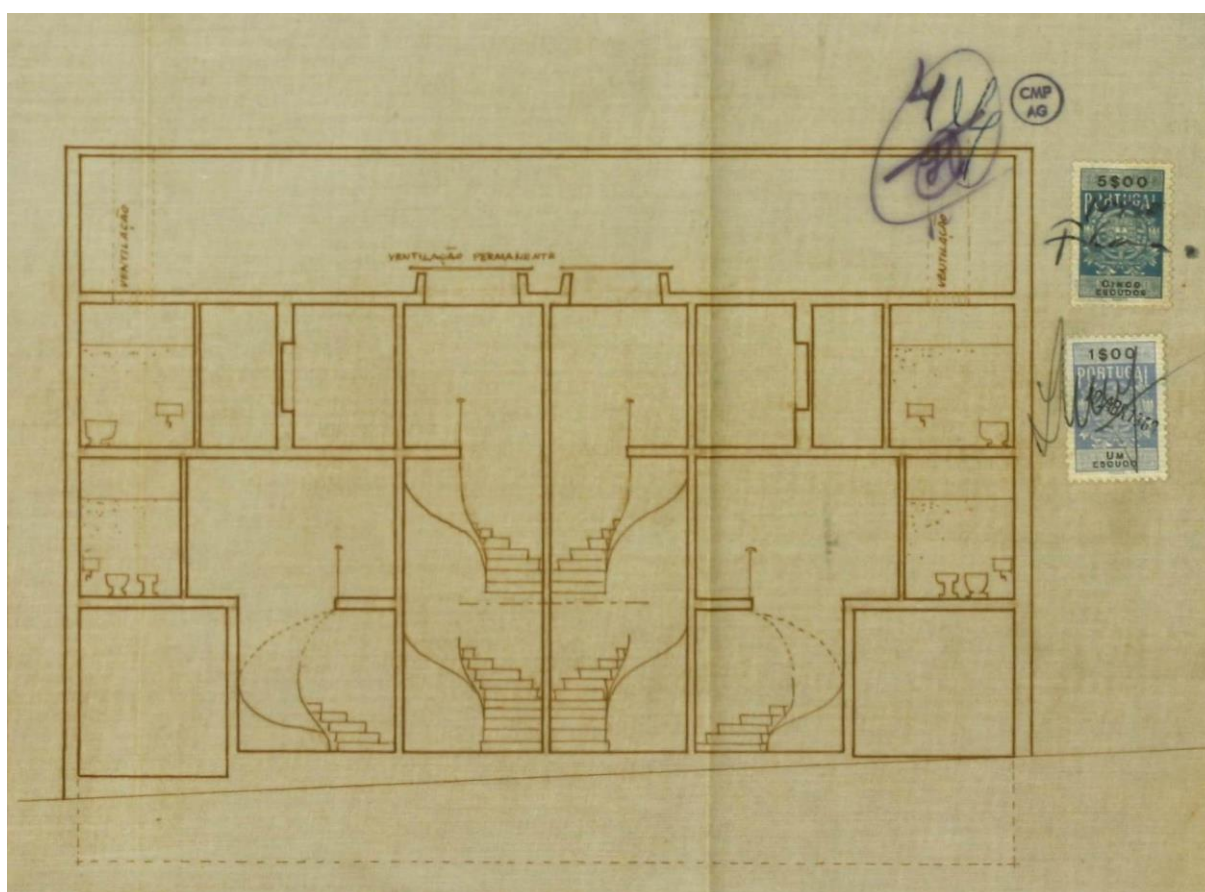


Fig. 242. Corte transversal.



Fig. 243. Pormenor de átrio de entrada e Fig. 244. Escada interior de um fogo.

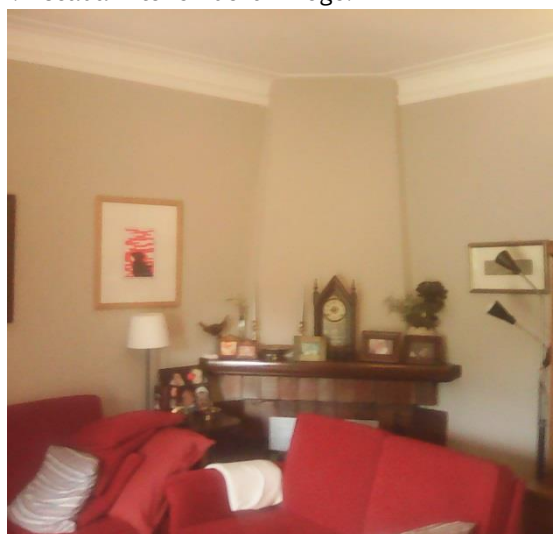
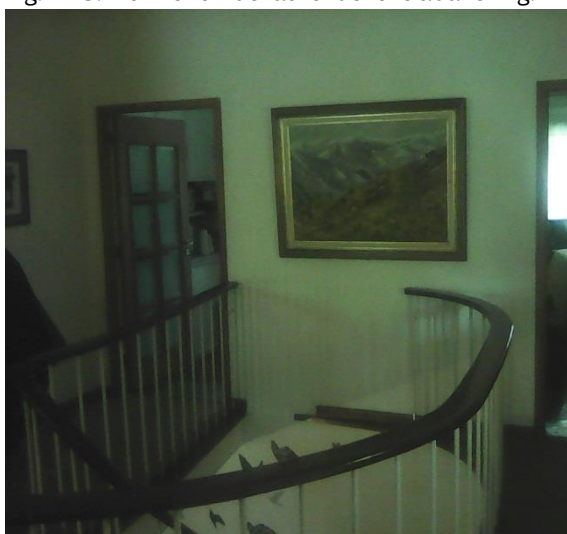


Fig. 245. Zona da escadaria interior de uma habitação do 1º andar e Fig. 246. Uma sala de estar de uma habitação do 1º andar.

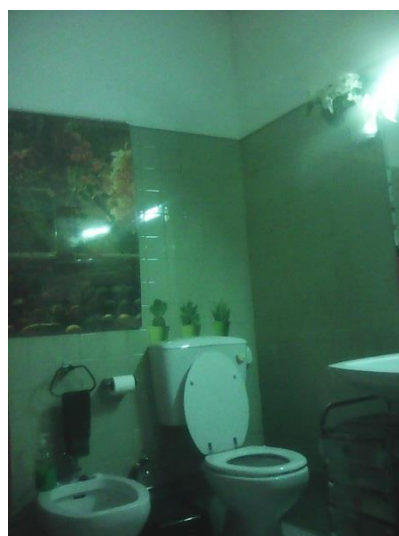


Fig. 247. Pormenor da banca da cozinha e Fig. 248. O quarto de banho.



são de acesso directo. Os moradores nunca se cruzam, a partir do momento em que entram no edifício, pois existem entradas e escadas individuais para cada habitação. É bem visível a preponderância das escadas em planta, que são o elemento central a partir do qual se desenvolvem as diferentes partes das habitações. Existem, portanto, quatro escadas individuais, uma para cada uma das habitações. As escadas situadas à esquerda e à direita, em planta, dão acesso aos dois fogos do 1º andar e as duas escadas no centro, dão acesso aos outros dois fogos situados no 2º andar. Existe, portanto, um sentido de ‘individualidade’ que se aproxima mais à moradia isolada e que destaca este prédio dos restantes. As plantas desenham-se em simetria, ainda que esta não seja praticada com rigor, dada a diferença de ângulo entre si das paredes das empenas. Nas habitações do 1º andar, as escadas são o centro sobre o qual se desenvolve o espaço. São desenhadas com grande elegância, com destaque para o corrimão em madeira, como também acontece nos anteriores casos de estudo e têm capeamento também em madeira sobre o betão. A zona interior da entrada ao nível do rés-do-chão é também um espaço de transição. Ao chegar ao 1º andar o espaço é amplo sem barreiras para além do corrimão da escada. Assim, a subida da escada permite a percepção e compreensão do espaço em volta. Chega-se ao patamar do piso junto da sala e do lado oposto à cozinha, com o espaço do antigo *quarto e banho das criadas*, hoje sendo espaços de apoio à cozinha e transformados em quartos. Nas costas de quem chega ao patamar de piso ficam os quartos e um quarto de banho. Nas habitações do 2º andar a relação com as escadas já é diferente. Se na leitura da planta estas continuam a ter grande centralidade, já não têm tanta influência no espaço da habitação como no 1º andar pois estão contidas numa caixa de escada, havendo uma porta de entrada. As escadas já não são visíveis no interior do fogo. Gera-se, assim, um átrio de chegada e distribuição e há uma maior separação do espaço mais público e mais íntimo da habitação. Há inclusive, um armário embutido que faz essa separação em três zonas: de um lado temos a sala, do lado oposto a cozinha e zonas de serviço e em frente os quartos e o quarto de banho. As áreas dos espaços não são muito grandes, mas são as necessárias.

Pela forma como o espaço está concebido gera-se uma sensação de tranquilidade. Há pequenos núcleos que se podem intuir, como um espaço de reunião à lareira, espaços de contemplação junto à varanda e mesmo o espaço da escada das habitações do 1º andar, como espaço complementar e que unifica todo o conjunto.

Em relação a materiais<sup>141</sup>, a madeira é um elemento sempre muito presente, quer seja no pavimento, em armários ou caixilhos, e que aquece o ambiente espacial. As caixilharias exteriores são de madeira de castanho e as interiores em tola. O pavimento em volta da escada, salas e quartos é em tacos de pinho, com as medidas 0,05X0,15X0,016m aplicado em xadrez com remate de três filas. A cozinha, os quartos de banho e as zonas de serviço têm mosaico no pavimento e azulejos de 0,15x0,15m nas paredes até 1,50m de altura. O mármore está presente na bancada da cozinha e nas soleiras das portas.

---

<sup>141</sup> A informação dos materiais é baseada na memória descritiva da licença de obra L.O. 228/68, da CMP e na visita a uma destas habitações.

## Considerações Finais

A época de transformação e de discussão de ideias em que centramos o estudo, décadas de 1950 e 1960, coincide também com o período de maior actividade arquitectónica de Fernando Lanhas e a sua personalidade peculiar e multifacetada, contribuíram para o desenvolvimento de uma arquitectura muito interessante. Não tendo tanta obra arquitectónica produzida em comparação com outros arquitectos que se dedicaram exclusivamente a essa actividade, projectou de forma intensa nestas décadas, sobretudo se tivermos em conta a quantidade de outras actividades em que estava envolvido. Depois de ter terminado o curso superior de Arquitectura na EBAP em 1947, estagiou com o arquitecto Cassiano Barbosa até 1951. Nesse período era também membro da ODAM, assim como Cassiano Barbosa e Arménio Losa, e em 1951 Lanhas organizou uma exposição de Arquitectura com estes arquitectos em conjunto com Viana de Lima. O processo de aluno menciona também um outro estágio até 1957 no atelier do arquitecto Jorge Pizarro Monteiro de Campos. Cassiano Barbosa e Arménio Losa parece ser uma referência nítida para a sua obra, sobretudo no projecto do prédio e garagem Pinto Leite (1954), da Rua da Maternidade, analisado no primeiro caso de estudo. O seu ambiente moderno e requintado pode também encontrar-se em edifícios projectados por Arménio Losa e Cassiano Barbosa, como por exemplo o Bloco da Carvalhosa (1945-1950) na Rua da Boavista, o edifício DKW (1946-1951) na Rua Sá da Bandeira e o edifício Soares e Irmãos (1950-1953) na Rua de Ceuta, no Porto. Talvez essa influência possa ser potenciada pelo facto do tamanho do lote e pela encomenda e não só pela proximidade temporal ao seu estágio. Entre 1954-56, Lanhas projecta também o conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão. Em relação aos casos em estudo, os edifícios desenhados nesse conjunto habitacional serão, possivelmente, os primeiros que Lanhas projectou, uma vez que há dúvida se Lanhas terá projectado o edifício da Rua da Maternidade desde 1956 ou se já estaria envolvido no projecto antes disso. O desenho dos seus alçados e as áreas mínimas aproximam-se das ideias da Arquitectura moderna. No entanto, têm também semelhanças na forma de organização

interna da casa burguesa do Porto, pois a planta de cada fogo provavelmente corresponde ao desdobramento por simetria de dois fogos da casa burguesa do Porto (ver fig. 179).

Apesar do arquitecto Lanhas ter terminado o curso de Arquitectura na EBAP em 1947, só obtém o diploma de Arquitecto em 1963. Assim, para realizar projectos de Arquitectura até essa data, necessitava de o fazer em co-autoria com outros Arquitectos já diplomados, ou a trabalhar em conjunto com Engenheiros, que assinariam os termos de responsabilidade. Desenvolve em 1946 o seu primeiro projecto de Arquitectura, de que há registo, em conjunto com Fernando Távora, seu colega de curso da EBAP. Trata-se de um edifício para a Rua de Vilar no Porto, que não chegou contudo a ser construído. Lanhas participou também com Távora em projectos de Arquitectura como a Creche da Fábrica de Fiação de Tomar, em 1947, obra não construída, e participou no projecto de Távora para o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, em 1954, juntamente com Alberto Neves e Álvaro Siza. Fernando Lanhas trabalhou também em co-autoria com o arquitecto Fernando Tudela, por exemplo, no conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão (1954-56) e no edifício Sousa Guimarães, da Rua Cónego Ferreira Pinto (1956). Trabalhou também em conjunto com o engenheiro Bernardo Ferrão, por exemplo, no desenho do arco do Túnel da Ribeira (1947-56), no edifício e garagem Pinto Leite, da Rua da Maternidade (1954), e no edifício Augusto Guedes da Silva, da Rua de Cedofeita (1952). Também trabalhou em conjunto com o engenheiro Armando dos Santos Paupério no projecto do edifício Bastos Xavier, da Av. Sidónio Pais (1957) e no edifício A. Guedes da Silva, da Rua Oliveira Monteiro (1961).

A aparente simplicidade da sua arquitectura acaba por revelar uma grande complexidade, com muitas subtilidades fruto de um grande rigor no desenho e de uma grande importância dada aos pormenores. Congrega de forma muito equilibrada diferentes elementos modernos e da tradição. A estrutura dos edifícios é em betão armado, mas muitas vezes faz-se acompanhar por paredes portantes em pedra de perpianho. O tijolo, a madeira e o mármore estão muito presentes nos seus diferentes projectos. A organização interna segue maioritariamente uma hierarquia moderna de

separação das habitações em zonas mais públicas e mais privadas, separando zonas de estar, serviços e zona de quartos. O desenho dos alçados é discreto, numa aparente simplicidade, mas apresenta qualidade plástica e expressiva. Usa paredes delgadas mas usa a espessura como elemento compositivo dos alçados que lhe confere poética. Os espaços interiores são desenhados com grande cuidado, por forma a serem vividos e proporcionarem bem-estar. A relação dos espaços entre si, a riqueza e subtiliza dos pormenores e o tratamento da luz são elementos trabalhados por Fernando Lanhas, criando nichos e intimidades. Espaços *núcleo, complementares e espaços de transição*<sup>142</sup> conferem grande expressividade e qualidade no habitar nos edifícios que projectou. Nos projectos de Arquitectura de Fernando Lanhas, tal como na Pintura, é perceptível um conjunto restrito de elementos que se repetem e que são característicos da sua obra. Parece haver um conjunto de elementos base que se vão adaptando e evoluindo conforme cada novo projecto: a padieira recta ligeiramente arqueada em vãos ou em palas; as chaminés grandes e expressivas; o desenho delicado dos portões e das guardas; o desenho das guardas das varandas que se prolongam para além dos limites da mesma; a importância da escada que, para além de elemento de circulação, é usada como elemento de organização espacial estruturante e como elemento plástico; e as cores cinzento esverdeadas ou azuladas que utiliza nos seus edifícios tal como nas suas pinturas. Segundo Egídio Álvaro, a cor desbotada das pinturas de Lanhas, «tem uma permanência e um significado que se ajustam com o equilíbrio e com a continuidade (...) uma segura, uma serenidade voluntárias que correspondem à distância e à interioridade procuradas por Lanhas».<sup>143</sup>

As obras de Fernando Lanhas acompanham cronologicamente o debate em torno da modernidade na Arquitectura. Nessa altura procura-se um equilíbrio entre os avanços já conseguidos da modernidade e a

---

<sup>142</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira de, *Dois parâmetros de Arquitectura postos em surdina – leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional*, (2011), Ed. Maria Helena Maia, CEEA – CESAP/ESAP, caderno 2, Porto, 2013.

<sup>143</sup> AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, “Fernando Lanhas na origem da pintura abstracta em Portugal - Cor”, ÁLVARO, Egídio, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 217.



experiência da arquitectura tradicional e vernacular. Para isso contribuiu o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, efectuado pelo SNA entre 1955-60 e publicado como *Arquitectura Popular em Portugal* em 1961. Esse inquérito põe em evidência a diversidade regional da arquitectura portuguesa e procura repensar a modernidade a partir das lições do vernacular. Pedro Vieira de Almeida faria, mais tarde, uma leitura crítica desse inquérito teorizando sobre uma poética de *paredes delgadas e espessas*. A arquitectura de Fernando Lanhas reflecte essa discussão. Há uma evolução no sentido do fazer-se modernista, para o pensar-se a modernidade. As primeiras duas obras em estudo, o edifício e garagem Pinto Leite, na Rua da Maternidade (1954) e o conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão (1954-56) são os que demonstram ter mais proximidade às ideias modernistas. O sistema estrutural do primeiro, as áreas mínimas do segundo e a delicadeza de desenho dos alçados e as paredes finas de ambos atestam isso. Nos edifícios Bastos Xavier, da Av. Sidónio Pais (1957) e edifício A. Guedes da Silva, da Rua Oliveira Monteiro (1961) verificam-se alguns elementos de desenho, mais expressionista, com a introdução de elementos que aludem à *espessura* que revelam algum desprendimento do movimento moderno e caminham para um repensar a modernidade com base nas nossas raízes. O edifício M. M. Teixeira, da Rua Heróis de Mucaba (1968) é, sem dúvida, o que demonstra uma arquitectura mais expressionista e organicista, mais associada ao pensar a modernidade dos anos 1950 e 1960 em Portugal. Fernando Guedes indica, em relação à Arquitectura de Fernando Lanhas que, «nos fins de 40 e pelos anos 50 se podia ainda filiar claramente numa tradição, (...) da *Bauhaus*, se adoça e humaniza com o decorrer do tempo e como se nacionaliza, sem todavia abdicar de um certo rigor e, principalmente, de uma certa modernidade austera que recebera daquela lição germânica.»<sup>144</sup> Luís Soares Carneiro considera que a obra de Lanhas pode ser encarada «como uma síntese particular de um processo de aculturação e

---

<sup>144</sup> GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 121.

domesticação do Moderno, ajustada aos valores da época e do lugar onde se inscreve»<sup>145</sup>.

Lanhas revela muito cuidado na implantação dos seus edifícios. Isso é visível no modo como encontra os edifícios vizinhos e como se relaciona com o espaço público. Sobre a importância da implantação no terreno, Norberg-Schulz adoptou o conceito de *Genius Loci*<sup>146</sup> para definir uma abordagem fenomenológica da atmosfera ou ambiente espacial e da interacção com a identidade do lugar. Este conceito é também utilizado por Aldo Rossi<sup>147</sup>, em 1966, referindo-se à preocupação em torno do local da obra e da sua envolvente. Em grande parte os edifícios de Lanhas afastam-se da rua, existindo um portão e um jardim a intermediá-los. Há um percurso de “descompressão” que se estabelece entre a rua e o interior do edifício. A imagética da *casa* está presente em muitos dos seus projectos, principalmente no edifício da Rua Heróis de Mucaba, sendo visível no desenho dos alçados e nas opções tipológicas apresentadas. Esse aspecto acaba por dar grande conforto às habitações plurifamiliares que o Arquitecto Fernando Lanhas projecta em diferentes momentos. Muitos dos elementos que Lanhas utiliza são comuns na sua época e estão também presentes na obra de outros Arquitectos. Aquilo que torna única a Arquitectura de Fernando Lanhas é a forma inteligente e sensível como os conjuga.

---

<sup>145</sup> SOARES CARNEIRO, Luís. “Diálogos com Fernando Lanhas”. Em conferência organizada pela Fundação Instituto Marques da Silva, 18/05/2018. Porto: FIMS, 18/05/2018. Consultado em <https://fims.up.pt/index.php?cat=6>, disponível a 21/09/2018.

<sup>146</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci towards a phenomenology of architecture*, Nova York, Rizzoli, 1980.

<sup>147</sup> ROSSI, Aldo, *L'Architettura della Città* (1966). *A Arquitectura da Cidade*, Trad. José Charters Monteiro, Edições Cosmos, Lisboa, 2001.

## Quadro Síntese

	Edifício e Garagem Pinto Leite, Rua da Maternidade	Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão	Edifício Bastos Xavier, Av. Sidónio Pais	Edifício A. Guedes da Silva, Rua Oliveira Monteiro	Edifício M.M. Teixeira, Rua Heróis de Mucaba
Tipologia	T3	T2 e T3	T3	T0, T2, T3 e T4	T3
Nº de Pisos	4	3	3	6	3
Nº de habitações	7	3	6	10	4
Situação morfológica	Empena/geminado	Empena/geminado	Topo livre	Empena/geminado	Gaveto
Sistema de distribuição	Acesso vertical	Acesso vertical	Acesso directo e acesso vertical	Acesso vertical	Acesso directo
Acesso vertical/Escadas	Escada	Escada	Escada Principal e de serviço	Escadas e elevador	Escada
Distância à rua	Junto à rua e com lojas	Afastado com jardim	Afastado com jardim	Afastado com jardim	Afastado com jardim
Quarto das <i>criadas</i>	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Sistema construtivo	Betão Armado: pilares, vigas e lajes	Pilares e vigas de batao armado e paredes de perpianho	Pilares e vigas de batao armado e paredes de perpianho	Betão Armado: pilares, vigas e lajes	Pilares e vigas de batao armado e paredes de perpianho
Elementos com ideia de <i>Espessura</i>	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Arcos ou padieiras arqueadas	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Chaminés expressivas	Não	Não	Não	Sim	Sim

## Lista de referências bibliográficas

### Fontes Primárias:

Licenças de Obra (L.O.):

L.O. 187/74, Arquivo Histórico – Casa do Infante, CMP, 28/12/2017.  
L.O. 228/68, Arquivo Histórico – Casa do Infante, CMP, 28/12/2017.  
L.O. 245/70, Arquivo Histórico – Casa do Infante, CMP, 28/12/2017.  
L.O. 305/76, Arquivo Histórico – Casa do Infante, CMP, 28/12/2017.  
L.O. 458/69, Arquivo Histórico – Casa do Infante, CMP, 28/12/2017.  
L.O. 651/67, Arquivo Histórico – Casa do Infante, CMP, 28/12/2017.

L.O. 3/97, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 85/54, Gabinete do Município, CMP, 02/03/2018.  
L.O. 110/53, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 142/66, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 198/52, Gabinete do Município, CMP, 06/03/2018.  
L.O. 222/71, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 228/56, Gabinete do Município, CMP, 12/03/2018.  
L.O. 228/68, Gabinete do Município, CMP, 18/01/2018.  
L.O. 245/70, Gabinete do Município, CMP, 18/01/2018.  
L.O. 254/51, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 270/52, Gabinete do Município, CMP, 06/03/2018.  
L.O. 271/51, Gabinete do Município, CMP, 06/03/2018.  
L.O. 282/59, Gabinete do Município, CMP, 06/03/2018.  
L.O. 288/57, Gabinete do Município, CMP, 12/03/2018.  
L.O. 651/67, Gabinete do Município, CMP, 18/01/2018.  
L.O. 361/66, Gabinete do Município, CMP, 06/03/2018.  
L.O. 396/56, Gabinete do Município, CMP, 06/03/2018.  
L.O. 403/61, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 408/54, Gabinete do Município, CMP, 12/03/2018.  
L.O. 431/52, Gabinete do Município, CMP, 06/03/2018.  
L.O. 434/62, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 704/60, Gabinete do Município, CMP, 05/03/2018.  
L.O. 703/55, Gabinete do Município, CMP, 03/08/2018.

Arquivo FBAUP – consulta de documentação a 15/02/2018:

Livro de Inscrições Nº 1 – Cursos Superiores, Fernando Lanhas, Fernando Távora, AFBAUP nº

284, Porto, 1945-1947, pp. 287 e 286.

Livro de Matrículas Nº 2 - Cursos Especiais, Fernando Lanhas, Fernando Távora, AFBAUP nº 279, Porto, 1941-1945, pp. 140 e 141.

Livro de Urbanismo, 15ª e 16ª Cadeiras, Fernando Lanhas, Fernando Távora, AFBAUP Nº 275, Porto, 1947-1948, pp. 27 e 25.

Processo de aluno, Fernando Lanhas, AFBAUP, Porto, 1941-1963.

Programa de Cadeiras, Fernando Lanhas, AFBAUP Nº 240, Porto.

Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS) – consulta em 20, 23 e 26/04/2018:

Caderno de encargos, FIMS/FL/11, Porto, Abril 2018, pp. 13-27.

Caderno de encargos, FIMS/FL/34, Porto, Abril 2018, pp. 1-21.

### Fontes Secundárias:

Livros:

AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura – Desenho*, entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, Colecção Quadrado Azul, Porto, 1992.

AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001.

AA.VV., *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970. Um Património a conhecer e salvaguardar*, IPPAR e Ministério da Cultura, 2004.

ALMEIDA, Bernardo; GUEDES, Fernando; PINHARANDA, João Lima; *LH – Lanhas*, Edição Galeria Quadrado Azul, Porto, 1994.

ALMEIDA, Pedro Vieira de, *A noção de espessura na linguagem arquitectónica*, (2011), Ed. Maria Helena Maia, CEAA – CESAP/ESAP, Porto, 2013.



ALMEIDA, Pedro Vieira de, *Dois parâmetros de Arquitectura postos em surdina – leitura crítica do Inquérito à Arquitectura Regional*, (2011), Ed. Maria Helena Maia, CEEA – CESAP/ESAP, caderno 2, Porto, 2013.

BACHELARD, Gaston, *La Poétique de L'Espace*, Presses Universitaires de France, Paris, 1958.

BARBOSA, Cassiano (comp.), *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*, Edições ASA, Porto.

GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988.

LANHAS, Fernando, *Desenhos*, Cadernos das Nove Musas, sob o signo de Portucale, 1ª série, Porto, 1948.

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci towards a phenomenology of architecture*, Nova York, Rizzoli, 1980.

PORTAS, Nuno, “A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, uma interpretação”, em ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, Arcádia, Lisboa, 1978, pp. 7-23.

ROSSI, Aldo, *L'Architettura della Città* (1966). *A Arquitectura da Cidade*, Trad. José Charters Monteiro, Edições Cosmos, Lisboa, 2001.

#### Catálogos:

*Fernando Lanhas 1943-1988*, Exposição comissariada por Fernando Guedes e Rui Feijó, Lisboa: Galeria Almada Negreiros/Porto: Casa Serralves, 1988.

*Fernando Lanhas Hoje*, Edição Jornal de Notícias/Diário de Notícias, Porto, 2008.

*Fernando Lanhas: Fragmentos*, Exposições Itinerantes, 19/03 – 07/05/2016, Museu de Serralves, Porto, 2016.

SOARES, Ribeirinho (ed.), *Trilobites – Quadro Sinóptico – Fernando Lanhas*, FCUP, Fundação Ciência e Desenvolvimento, Porto, 1998.

SOARES, Ribeirinho (ed.), *Ser – Síntese histórica – Fernando Lanhas*, FCUP, Fundação Ciência e Desenvolvimento, Porto, 1999.

*O Mundo do Universo – Fernando Lanhas*, Museu de Serralves, Porto, 2005.

*Universo – Fernando Lanhas*, Museu de Serralves, Porto, 2007.

Artigos:

BARROSO, Eduardo Paz, “Lanhas Abstracto”, *Jornal de Notícias*, Outubro 2000.

CORREIA, Nuno, “A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos ‘Pequenos Congressos’ – 1959/1968”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, dedicada ao tema Debate social e Construção do território, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, nº 91, 2010.

DIAS, Fernando Paulo Rosa, “Fernando Lanhas: o rosto da pintura”, *Revista Arte Teoria* nº 6, FBA, Lisboa, 2005, pp. 152-164.

MOURÃO, Sérgio, “Exposição com Lanhas, Cargaleiro, José Rodrigues... Dário Ramos inaugurou Galeria na Foz”, *O Comércio do Porto*, Outubro 1997.

QUEIRÓZ, J. Francisco Ferreira, “A Casa do Campo Pequeno, da família Pinto Leite – Enquadramento e abordagem preliminar a uma habitação notável do Porto Romântico”, revista da faculdade de Letras “Ciências e Técnicas do Património”, I série, volume III, Porto, 2004, p. 187.

SANTOS, Agostinho, “Sonhos de Lanhas vivem em Serralves”, *Jornal de Notícias*, Abril 2001.

Videos:

Documentário *Fernando Lanhas - Os Sete Rostos*, realizado por António de Macedo para a RTP em 1988.

Documentário *Nadir Afonso*, realizado por Jorge Campos para a RTP em 1993.

Documentário *Lanhas, o Mais Desirmanado*, realizado por Jorge Campos para a RTP, 2001.

Teses e dissertações:

BAÍA, Pedro, *Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981*, (Tese de Doutoramento em Arquitectura, na especialidade de Teoria e História da Arquitectura apresentada à DAFCTUC, orientada por Mário Júlio Teixeira Kruger), Coimbra, FCTUC, 2014.

CARVALHO, Mariana, *O Desenho como Instrumento de Análise – Três casas de Coderch*, (Dissertação MIARQ apresentada à FAUP, orientada por Pedro Alarcão e Silva), Porto, FAUP, 2011.

FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e Permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*, Tese de Doutoramento, Porto, FAUP, 1996.

LAMEIRA, Gisela, *O Prédio de Rendimento Portuense – topologias, tipologias e modelos de habitação plurifamiliar na 1ª metade do séc. XX*, (Tese de Doutoramento apresentada à FAUP, orientada por Francisco Barata Fernandes), Porto, FAUP, 2016.

MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto, *O Ensino Moderno da Arquitectura – a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, (Tese de Doutoramento apresentada à DAFCTUC, orientada por Alexandre Alves Costa e por José Bandeirinha), Coimbra, FCTUC, 2011.

MOREIRA, Elda, *A Arquitectura de Fernando Lanhas*, (Dissertação MIARQ apresentada à FAUP, orientada por Luís Soares Carneiro), Porto, FAUP, 2015.

NUNES, Paula, *Casa Pátio de Mies Van Der Rohe*, (Prova Final de Licenciatura em Arquitectura apresentada à FAUP, orientada por Carlos Machado), Porto, FAUP, 2009.

RIBEIRO, Helder Casal, *A experimentação do moderno na obra de Mário Bonito – um processo de desenho dos anos 40 a 60*, (Tese de Doutoramento apresentada à FAUP, orientada por Francisco Barata Fernandes), Porto, FAUP, 2012.

ROCHA, Luciana, *Intervenção no Moderno: reconhecimento, caracterização e salvaguarda de edifícios de habitação plurifamiliar*, (Tese de Doutoramento apresentada à FAUP, orientada por Ana Tostões e por Luís Soares Carneiro), Porto, FAUP, 2016.

RODRIGUES, Carolina, *Panificadora de Vila Real – um moderno condenado à morte*, (Dissertação de MIARQ apresentada à DAFCTUC, orientada por Joaquim Almeida), Coimbra, FCTUC, 2013.

ROSA, Edite, *ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva*, (Tese de Doutoramento apresentada à ETSAB, orientada por Teresa Rovira Llobera), Barcelona, ETSAB, 2005.

SALES, Fátima, “Januário Godinho e os Paradigmas da Modernidade. Uma perspectiva crítica” in AA.VV, *Januário Godinho. Leituras do Movimento Moderno*. Porto: CEAA Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP, 2009, pp. 15-42, p. 19.

SANTOS, Paulo, *Fernando Lanhas: Arquitecto*, (Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, apresentada à UFP), Porto, UFP, 2009.

TENREIRO, José Pedro, *O grupo ODA: Organização dos Arquitectos Modernos: a construção do racionalismo português*, (Prova Final Mestrado apresentado à FAUP, orientada por Domingos Tavares), Porto, FAUP, 2008.

TOSTÕES, Ana, *Arquitectura Portuguesa nos anos 50: “os verdes anos” ou o Movimento Moderno em Portugal*, (Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à FCSHUNL), Lisboa, FCSHUNL, Setembro de 1994.

## Referências de imagens

Todas as fotografias tiradas pelo autor desta dissertação não serão referidas nesta listagem. As imagens de outros autores que aqui se referenciam são as seguintes:

**Fig. 1** - AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.7.

**Fig. 2** - AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.5.

**Fig. 3** - AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura - Desenho*, entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, Coleção Quadrado Azul, Porto, 1992, p. 17.

**Fig. 4** - <http://bipz.inescporto.pt/arquivo/49/paginas/noticia3.html>

**Fig. 5** - <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/cramos.html>

**Fig. 6** - *Os Independentes*, 1945, Porto. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 215.

**Fig. 7** - Desenho de João Abel Manta. Em BARBOSA, Cassiano (comp.), *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*, Edições ASA, Porto.

**Fig. 8** - Estudantes da ESBAP. Desenho de João Abel Manta. Em BARBOSA, Cassiano (comp.), *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos Porto 1947-1952*, Edições ASA, Porto.

**Fig. 9** - Placard CIAM. Em BAÍÁ, Pedro, *Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981*, (Tese de Doutoramento em Arquitectura, na especialidade de Teoria e História da Arquitectura apresentada à DAFCTUC, orientada por Mário Júlio Teixeira Kruger), Coimbra, FCTUC, 2014, p. 15.

**Fig. 10** - Nuno Portas no Congresso PPCC, em Tomar, 1965. Em CORREIA, Nuno, “A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos ‘Pequenos Congressos’ – 1959/1968”, Em Revista Crítica de Ciências Sociais, “debate social e construção do território, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, [Online] 91|2010.

**Fig. 11** - Quadro das diferentes actividades de Lanhas no tempo. Em AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura - Desenho*, entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, Coleção Quadrado Azul, Porto, 1992, p. 3.

**Fig.12** - Imagens de A a I com as diferentes actividades: **A** - PIMENTA, Paulo, “Morreu o pintor Fernando Lanhas”, Ípsilon, Jornal *Público*, e Lusa, On-Line, Fevereiro 2012. **B** - ALMEIDA, Bernardo; GUEDES, Fernando; PINHARANDA, João Lima; *LH - Lanhas*, Edição Galeria Quadrado Azul, Porto, 1994, p. 102. **C** - GUEDES,



Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 73. **D** - GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 123. **E** - AA.VV., *Fernando Lanhas – Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.105. **F** - AA.VV., *Fernando Lanhas – Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.111. **G e H** - AA.VV., *Fernando Lanhas – Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 192 e 187. **I** - AA.VV., *Fernando Lanhas – Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 210.

**Fig. 13** - GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p.90.

**Fig. 14** - Sonho de 19-20 de Setembro de 1975. Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 106.

**Fig. 15** - **A:** ALMEIDA, Bernardo; GUEDES, Fernando; PINHARANDA, João Lima; *LH – Lanhas*, Edição Galeria Quadrado Azul, Porto, 1994, p. 103. **B:** ALMEIDA, Bernardo; GUEDES, Fernando; PINHARANDA, João Lima; *LH – Lanhas*, Edição Galeria Quadrado Azul, Porto, 1994, p. 102. **C:** <https://www.quadradoazul.pt/pt/qa/exposition/2012-09-15-memorial-1923-2012/>. **D:** Sonho de 22-23 Maio de 1983. Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 113.

**Fig. 16** - Desenho aguarelado 1939. Representação de cidade futurista e utópica. Em AA.VV., *Fernando Lanhas – Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 28.

**Fig. 17** - *Rapaz com o Mundo*. Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 82.

**Fig. 18** - *Cristo*. Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 83.

**Fig. 19** - Auto-retrato. Em AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura – Desenho*, entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, Coleção Quadrado Azul, Porto, 1992, p. 35.

**Fig. 20** - Retrato de Teixeira de Pascoaes. Em AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura – Desenho*, entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, Coleção Quadrado Azul, Porto, 1992, p. 38.

**Fig. 21** - Retrato de Eugénio de Andrade. Em AA.VV., *Fernando Lanhas: Pintura – Desenho*, entrevista elaborada por Joaquim Matos Chaves, Coleção Quadrado Azul, Porto, 1992, p. 36.

**Fig. 22** - *Composição VIII*, de Wassily Kandinsky (1923). Em <https://www.wassilykandinsky.net/work-50.php>.

**Fig. 23** - *Quadro negro sobre fundo branco*, de Kazimir Malevich (1915). Em <https://www.pinterest.pt/pin/567101778058448345>.

**Fig. 24** - *Composição II com vermelho, azul e amarelo*, de Piet Mondrian (1930). Em <https://www.Piet-Mondrian.org>.

**Fig. 25** - *Le Premier Disque*, de Robert Delaunay (1912). Em <http://www.artnet.com/artists/robert-delaunay/le-premier-disque-a-10CSXRofJAGPC54msVmh1A2>.

**Fig. 26** - Óleo com título desconhecido de Amadeo de Souza Cardoso (1913). Em [https://gulbenkian.pt/museu/works\\_cam/titulo-desconhecido-140118/](https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/titulo-desconhecido-140118/).

**Fig. 27** - *O quarto dos azulejos*, de Maria Helena Vieira da Silva (1935). Em <https://pt.slideshare.net/profisabelmartins/helena-vieira-da-silva>.

**Fig. 28** - *Meninas e Barco* (1943). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.39.

**Fig. 29** - *Mulher Cega* (1945). Em <https://www.serralves.pt/pt/a-colecao/obras-por-artista/?l=L&col=&cat=>.

**Fig. 30** - Estudo para *Tambores* (1945). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 46.

**Fig. 31** - *Tambores* (1945) Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 47.

**Fig. 32** - Catarina – A fealdade magnífica (1946). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 45.

**Fig. 33** - Mulher do chapéu (1945). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 41.

**Fig. 34** - Quadro sem título de Júlio Pomar (1944). Em [https://gulbenkian.pt/museu/works\\_cam/stitulo-156900/](https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/stitulo-156900/).

**Fig. 35** - Aguarela intitulada *No Circo*, de Júlio Resende (1944). Em <http://www.lugardodesenho.org/005.aspx?dqa=0:20:0:19:0:0:-1:0:0>. (Imagem 4).

**Fig. 36** - óleo *Geometria Irisada*, de Nadir Afonso (1944). Em <https://www.nadirafonso.com/periodos/periodo-surrealista/>.

**Fig. 37** - *O Caís*, de Fernando Lanhas (1944). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p.51.

**Fig. 38** - Grupo de amigos das Belas Artes do Porto, 1944. Em RODRIGUES, Carolina, *Panificadora de Vila Real – um moderno condenado à morte*, (Dissertação de MIARQ apresentada à DAFCTUC, orientada por Joaquim Almeida), Coimbra, FCTUC, 2013, p.50.

**Fig. 39** - Malha linear. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, folha de guarda da capa.

**Fig. 40** - Estudo do *S5-89*. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 136.

**Fig. 41** - *S5-89*. Em <https://www.serralves.pt/pt/a-colecao/obras-por-decada/?d=80&p=8>.

**Fig. 42** - *Pássaros e rochedos* (1944/45). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 49.

**Fig. 43** - *O5-48*. Em *Fernando Lanhas: Fragmentos*, Exposições Itinerantes, 19/03 – 07/05/2016, Museu de Serralves, Porto, 2016, p. 6.

**Fig. 44** - *Paisagem com castelo* (1930), de Dominguez Alvarez. Em [https://gulbenkian.pt/museu/works\\_cam/paisagem-com-castelo-154566/](https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/paisagem-com-castelo-154566/).

**Fig. 45** - *D. Quixote* (1934), de Dominguez Alvarez. Em [https://gulbenkian.pt/museu/works\\_cam/d-quixote-139498/](https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/d-quixote-139498/).

**Fig. 46** - *O2-44* (1943-44). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 42.

**Fig. 47** - *O9-49* (1949). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 45.

**Fig. 48** - *O15-53* (1953). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 47.

**Fig. 49** - *O23-57* (1957). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 50.

**Fig. 50** - *O25-59* (1959). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 51.

**Fig. 51** - *O36-C-61* (1961). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 87.

**Fig. 52** - *O40-69* (1969). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 92.

**Fig. 53** - *O41-69* (1969). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 93.

**Fig. 54** - *O47-72* (1972). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 96.

**Fig. 55** - *O48-72* (1972). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 97.

**Fig. 56** - Pesos de rede. <http://leriasrendasvelhariasdamaria.blogspot.com/2012/06/pesos-de-rede-e-restos-de-anfora.html>.

**Fig. 57** - *P83-85 e P90-85*. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 111.

**Fig. 58** - *P41-72, P21-72 e P39-72*. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 95.

**Fig. 59** - Fernando Lanhas na Serra da Varziela em 1944. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 25.

**Fig. 60** - Fernando Lanhas a pintar nas rochas da Serra de Valongo em 1952. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 25.

**Fig. 61** - Fernando Lanhas a pintar nas rochas da Serra de Valongo em 1952. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 25.

**Fig. 62** - Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 184.

**Fig. 63** - Mapa quadriculado do distrito do Porto, inventário de objectos e lugares de interesse arqueológico (1967). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 185.

**Fig. 64** - Penedo de amolar. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 186.

**Fig. 65** - Gravura rupestre. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 187.

**Fig. 66** - Fosseis, Valongo (1945). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 192.

**Fig. 67** - Lanhas com Júlio Resende e Amândio Silva, Valongo (Outubro 1942). Em ALMEIDA, Bernardo; GUEDES, Fernando; PINHARANDA, João Lima; *LH - Lanhas*, Edição Galeria Quadrado Azul, Porto, 1994, p. 112.

**Fig. 68** - Quadro das Grandezas Físicas (1971/86). AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, P. 206.

**Fig. 69** - Quadro das Grandezas Físicas (1971/86). Em <https://www.serralves.pt/pt/a-colecao/obras-por-categoria/?l=L&col=&cat=1>.

**Fig. 70** - Mapa de distribuição das Trilobites - Câmbrico-Pérmico (1998). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, pp. 196-197.

**Fig. 71** - Universo com predomínio progressivo de um vão central (1969). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 201.

**Fig. 72** - Sala de Cosmografia do Liceu Garcia de Orta, Porto (1970). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 204.

**Fig. 73** - Fernando Lanhas com o *Cosmoscópio* (1974). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 208.

**Fig. 74** - *Cosmoscópio* (1974). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 209.

**Fig. 75** - Carta das distâncias e rotas do sistema solar (1969). Em ALMEIDA, Bernardo; GUEDES, Fernando; PINHARANDA, João Lima; *LH - Lanhas*, Edição Galeria Quadrado Azul, Porto, 1994, p. 117.

**Fig. 76** - Expositor *diorâmico* do sistema solar (1980/82). Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 210.

**Fig. 77** - *O81-45-05*. Em <https://www.pinterest.pt/pin/137500594857582074/>.

**Fig. 78** - *O62-54-03*. Em <https://www.serralves.pt/pt/a-colecao/obras-por-decada/?d=00&p=3>.

**Fig. 79** - *O69-57-04*. Em <https://www.serralves.pt/pt/a-colecao/obras-por-decada/?d=00&p=3>.

**Fig. 80** - *O75-69-05*. Em <https://www.serralves.pt/pt/museu/a-colecao/obras-por-decada/?d=00&p=4>.

**Fig. 81** - *O71-94-05*. Em <https://www.serralves.pt/pt/museu/a-colecao/obras-por-decada/?d=00&p=4>.

**Fig. 82** - *O58-R7-61-98*. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 116.

**Fig. 83** - Fotomontagem para estudo de cor para painel de azulejo. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 117.

**Fig. 84** - Estudo de traçado para o *O54-89-93*. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 104.

**Fig. 85** - Estudo de traçado para o *O54-89-93*. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 104.

**Fig. 86** - Estudos de cor para o *O54-89-93*. Em <https://www.publico.pt/2015/02/22/local/noticia/obra-de-fernando-lanhas-chega-finalmente-ao-tunel-ribeira-do-porto-1686807#&gid=1&pid=14>.

**Fig. 87** - *O54-89-93*. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001, p. 105.

**Fig. 88** - Estudo de cor para *AZ4-054-89-11*. Em <https://www.publico.pt/2015/02/22/local/noticia/obra-de-fernando-lanhas-chega-finalmente-ao-tunel-ribeira-do-porto-1686807#&gid=1&pid=7>.

**Fig. 89** - Estudo para adaptação ao painel *AZ4-054-89-11*. Em <https://www.publico.pt/2015/02/22/local/noticia/obra-de-fernando-lanhas-chega-finalmente-ao-tunel-ribeira-do-porto-1686807#&gid=1&pid=11>.

**Fig. 90** - Painel final *AZ4-054-89-11* “*in loco*”. Em <https://www.google.pt/search?q=T%C3%BAnel+da+Ribeira,+Porto&source=lnms&tbn=isch&sa>



=X&ved=0ahUKEwjCvdLv3M\_dAhUBzhoKHFvDR4Q\_AUICigB&biw=1366&bih=657#imgsrc=QVnwOczaXiwiLM:

**Fig. 91** - Panorâmica do Túnel da Ribeira com o painel AZ4-054-89-11. Em [https://www.google.pt/search?q=T%C3%BAnel+da+Ribeira,+Porto&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjCvdLv3M\\_dAhUBzhoKHFvDR4Q\\_AUICigB&biw=1366&bih=657#imgsrc=t411yHXgT5v5PM](https://www.google.pt/search?q=T%C3%BAnel+da+Ribeira,+Porto&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjCvdLv3M_dAhUBzhoKHFvDR4Q_AUICigB&biw=1366&bih=657#imgsrc=t411yHXgT5v5PM):

**Fig. 92** - Estudo para T1-85-2000. Em

**Fig. 93** - Tapeçaria T1-85-02. Em

**Fig. 94** - Desenho de estudo para integração da tapeçaria T1-85-02. Em

**Fig. 95** - Fotografia da nave central da igreja de Sto Ovídio com a tapeçaria T1-85-02. Em

**Fig. 96** - Exposição de Arquitectura, O.D.A.M., Ateneu Comercial do Porto (1951). Em [https://www.google.pt/search?q=Exposi%C3%A7%C3%A3o+de+Arquitectura,+O.D.A.M.,+Ateneu+Comercial+do+Porto+\(1951\)&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi7\\_4c\\_dAhUDuRoKHSrjCBUQ\\_AUICigB&biw=1366&bih=657#imgsrc=zwBef09gOxrkBM](https://www.google.pt/search?q=Exposi%C3%A7%C3%A3o+de+Arquitectura,+O.D.A.M.,+Ateneu+Comercial+do+Porto+(1951)&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi7_4c_dAhUDuRoKHSrjCBUQ_AUICigB&biw=1366&bih=657#imgsrc=zwBef09gOxrkBM):

**Fig. 97** - A Casa do Espaço, estudo do acesso (1962). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 133.

**Fig. 98** - C.O.D.A. – Planta de Implantação (1962). Em Centro de Documentação FAUP.

**Fig. 99** - C.O.D.A. – Planta do piso térreo do Museu (1962). Em Centro de Documentação FAUP.

**Fig. 100** - Pavilhão Municipal de Matosinhos, 1ª Feira de Amostras (1965). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 125.

**Fig. 101** - Sala do Mobiliário Indo-Português, Museu da Figueira da Foz (1980). GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 128.

**Fig. 102** – Sala da Arqueologia, Museu da Figueira da Foz (1980). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 129.

**Fig. 103** - Conjunto urbano da Av. da Boavista, IP. Em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72277>.

**Fig. 104** - Pormenor das escadas do alçado posterior da Casa Lanhas (1959). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 124.

**Fig. 105** – Pormenor de escada de moradia em Espinho (1970). Em GUEDES, Fernando, *Fernando Lanhas – Os Sete Rostos*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1988, p. 124.

**Fig. 106** – Casa Pires, na Rua António Nobre, Porto. Em

**Fig. 107** – Casa Pires da Silva. Av. Dr. Antunes Guimarães, Porto.

**Fig. 108** – Casa Milheiro Sarmento e casa Fróis, na Av. Dr. Antunes Guimarães, Porto.

**Fig. 109** – Casa Sousa Carneiro na Av. Dr. Antunes Guimarães, Porto.

**Fig. 110** – Casa Correia Pinto na Av. Dr. Antunes Guimarães, Porto.

**Fig. 111** – Edifício Augusto Guedes da Silva, Porto.

**Fig. 112** – Edifício e garagem Pinto Leite, Porto.

**Fig. 113** – Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão, Porto.

**Fig. 114** – Conjunto habitacional da Rua Artur Loureiro, Porto.

**Fig. 115** – Edifício Bastos Xavier, Av. Sidónio Pais, Porto.

**Fig. 116** – Edifício Moreira de Sousa, Rua da Bateria, Porto.

**Fig. 117** – Edifício Sousa Guimarães, Rua Cónego Ferreira Pinto, Porto.

**Fig. 118** – Edifício Gomes Ferreira, Rua do Lugarinho, Porto.

**Fig. 119** – Edifícios Pereira Viana 3 e Sousa Oliveira, Rua do Lidador, Porto.

**Fig. 120** – Edifício Pereira Ramos e Ferreira, Rua de Cima, Porto.

**Fig. 121** – Pormenor da planta de rés-do-chão de uma habitação do edifício Bastos Xavier, no Porto. Em LO-1957-0288-0074.

**Fig. 124** – Planta do Porto de Telles Ferreira de 1892.

**Fig. 125** – Planta do Porto data de 1941– 1951 pelo Arquivo Casa do Infante.

**Fig. 126** – Planta do Porto actual (Google Maps, 2018).

**Fig. 127** – Plantas do projecto para o prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, de 1952. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 128** – Plantas do projecto para o prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, a partir de 1956. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 129** – Planta do projecto de Arquitectura para o edifício Silva e Almeida, na Rua da Alegria nº 308-316, L.O. 651/67, CMP.

**Fig. 130** – Planta do projecto de Arquitectura para o edifício Alves de Sousa, na Rua da Santos Pousada nº 110-118, L.O. 245/70, CMP.

**Fig. 133** – Planta estrutural do 1º e 2º andares do prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, a partir de 1956. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 134** – Estrutura embutida nas paredes à excepção do pilar na zona de entrada do edifício. Prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, de 1952. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 134** - Estrutura embutida nas paredes à excepção do pilar na zona de entrada do edifício. Prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, de 1952. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 135** - Estrutura embutida à excepção do pilar nos corredores de acesso aos quartos. Prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, de 1952. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 144** - Pormenor em Planta de uma varanda. Prédio Pinto Leite, na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, de 1952. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 146** - Vista aérea do alçado posterior do prédio Pinto Leite. Em Google Maps, 2018.

**Fig. 147** - Alçado principal do Bloco da Carvalhosa de Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Em MAGRI, Lucio. TAVARES, José Luís. *Arménio Losa-Cassiano Barbosa*, Arquitectos Portugueses, Edições Quidnovi, Vila do Conde, 2011.

**Fig. 148** - Planta do 1º e 2º andar do edifício Pinto Leite, , na Rua da Maternidade nº 147-163, no Porto, de 1952. L.O. 85/54 CMP.

**Fig. 168** - Zona da Carcereira. Planta da cidade do Porto (D-CDT-A4-054-03) e (D-CDT-A4-054-04). 1941—1951, Arquivo Histórico do Porto – Casa do Infante. Consulta em 2018.

**Fig. 170** - Plantas estruturais do edifício nº 11. Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão. L.O. 703/55.

**Fig. 171** - Plantas estruturais dos edifícios 17 e 18. Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão. L.O. 408/54 e L.O. 229/56.

**Fig. 172** - Plantas estruturais dos edifícios 19 e 20. Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão. L.O. 227/55 e L.O. 228/56

**Fig. 176** - Planta do edifício nº 11. Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão. L.O. 703/55.

**Fig. 178** - Plantas dos fogos do rés-do chão, 1º e 2º andar do edifício nº 17. Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão. L.O. 408/54.

**Fig. 179** - Plantas dos fogos do rés-do chão, 1º e 2º andar do edifício nº 20. Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão. L.O. 228/56.

**Fig. 185** - Planta de zonamento do Plano Regulador da Cidade do Porto 1947-1952.

**Fig. 186** - Av. Sidónio Pais na actualidade. Google Maps, 2018.

**Fig. 187** - Fotografia tirada no local de implantação em 1956. É visível o edifício pré-existente e a marcação do local onde seria construído o edifício Bastos Xavier. L.O. 288/57.

**Fig. 188** - Planta de implantação do edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 189** - Planta estrutural do 1º e 2º andares. Edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 192** - Alçado lateral voltado a poente. Edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 195** - Pintura O38-53-68. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001.

**Fig. 196** - Fotografia do edifício Bastos Xavier em 1958. Em AA.VV., *Fernando Lanhas - Lugar do Desenho*, Museu de Serralves, Edições ASA, Porto, 2001.

**Fig. 197** - Desenho do alçado posterior. Edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 198** - Desenho da planta da garagem. Edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 203** - Planta do rés-do-chão. Edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 204** - Planta do 1º e 2º andares. Edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 205** - Pormenor da planta. Edifício Bastos Xavier na Av. Sidónio Pais. Documento da licença de obra L.O. 288/57 da CMP.

**Fig. 212** - Pormenor da planta do Plano Director da Cidade do Porto (PDGP) de 1962

**Fig. 213** - Desenho de implantação do edifício na licença de obra L.O. 403/61, CMP.

**Fig. 214** - Fotografia tirada em 1960. Ao edifício da Rua Oliveira Monteiro, Licença de obra L.O. 403/61, CMP.

**Fig. 215** - Fotografia aérea de implantação do edifício na actualidade. Rua Oliveira Monteiro, Licença de obra L.O. 403/61.

**Fig. 216** - 216. Plantas estruturais do edifício da Rua Oliveira Monteiro, Licença de obra L.O. 403/61, CMP.

**Fig. 219** - Corte. Edifício da Rua Oliveira Monteiro, Licença de obra L.O. 403/61, CMP.

**Fig. 220** - Planta do 1º piso, a cave com a garagem e planta do 2º piso. Edifício na actualidade. Rua Oliveira Monteiro, Licença de obra L.O. 403/61, CMP.

**Fig. 221** - Planta do 3º piso, nível de entrada no prédio e Planta dos pisos 4º, 5º e 6º. Edifício na actualidade. Rua Oliveira Monteiro, Licença de obra L.O. 403/61, CMP.

**Fig. 222** - Planta de implantação do prédio M. M. Teixeira no gaveto da Rua Heróis de Mucaba com o Largo da Pedra Verde constante na licença L.O. 228/68 da CMP.

**Fig. 223** - Fotografia do local de implantação tirada em 1967 conforme L.O. 228/68.

**224** - Planta estrutural do rés-do-chão conforme L.O. 228/68. Edifício M. M. Teixeira, da Rua Heróis de Mucaba. Em C.M.P.

**Fig. 238** - Planta do rés-do-chão. Em L.O. 228/68. Edifício M. M. Teixeira, da Rua Heróis de Mucaba. Em C.M.P.

**Fig. 239.** - Planta do 1º andar. Em L.O. 228/68. Edifício M. M. Teixeira, da Rua Heróis de Mucaba. Em C.M.P.

**Fig. 240** - Planta do 2º andar. Em L.O. 228/68. Edifício M. M. Teixeira, da Rua Heróis de Mucaba. Em C.M.P.

**Fig. 241** - Corte longitudinal. Em L.O. 228/68. Edifício M. M. Teixeira, da Rua Heróis de Mucaba. Em C.M.P.

**Fig. 242** - Corte transversal. Em L.O. 228/68. Edifício M. M. Teixeira, da Rua Heróis de Mucaba. Em C.M.P.



# Habitação Plurifamiliar na obra de Fernando Lanhas

Um contributo para pensar a modernidade no Porto entre  
1954 e 1968

Volume II

**ANEXOS**

PEDRO MIGUEL PEREIRA DA COSTA  
ORIENTADORA: ARQ<sup>a</sup> MARIA SOFIA SANTOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA  
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, 2017/2018



**FORMAÇÃO**

Tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz na sua Tese de Doutoramento:  
*O ensino moderno da Arquitectura - A reforma de 57 e as escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69).*

Tabela Director-Cadeira-Professor, EBAP, 1939-1945.	5
Tabela Director-Cadeira-Professor, EBAP, 1945-1952.	6
Tabela Disciplinas-Professores, E(S)BAP, 1940-57.	7

Processo de Aluno:	8
--------------------	---

Pedidos de matrícula  
 Oficio nº 1398 da EBAP,  
 Pedidos de inscrição nas 15ª e 16ª cadeiras  
 Declarações de estágio  
 Requerimento para concurso de professor provisório  
 do ensino técnico profissional  
 Pedidos de Admissão ao CODA

Inscrições de Fernando Lanhas	39
-------------------------------	----

Curso especial 1941-45  
 Curso superior 1945-47

**PROCESSOS DE OBRA** 47

Gabinete do Municpe (licenciamento e aditamentos)

Edifício e garagem Pinto Leite, Rua da Maternidade L.O. 85/54	48
---	----

Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão	65
--	----

L.O. 408/54  
 L.O. 703/55  
 L.O. 228/56

Edifício Bastos Xavier, Av. Sidónio Pais	100
L.O. 288/57	

Edifício A. Guedes da Silva, na Rua Oliveira Monteiro	124
L.O. 403/61	

Edifício M. M. Teixeira, na Rua Heróis de Mucaba	144
L.O. 228	

Fernando Lanhas estudou na Escola de Belas Artes do Porto (EBAP) entre 1941-1947. Estudou durante a Reforma do ensino superior de 1931 e passou pela vigência de dois directores, Aarão Lacerda e Joaquim Lopes. O curso da 4ª cadeira Architectura foi ministrado pelo architecto Carlos Ramos.

Do 1º a meio do 4º ano (1941-45) o curso era chamado *Curso Especial de Architectura* e a partir dessa altura *Curso Superior de Architectura* (1945 em diante).

Apresentam-se em seguida três tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz na sua Tese de Doutoramento: *O ensino moderno da Architectura - A reforma de 57 e as escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*. As duas primeiras tabelas identificam o número e o nome a que correspondem cada uma das disciplinas, designadas na altura por “cadeiras”. A primeira tabela identifica as “cadeiras” leccionadas na EBAP na reforma de 1931, de 1939-1945 e a segunda tabela de 1945-1952. A terceira tabela identifica o plano de estudos.

Tendo como base estas tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz sublinha-se a amarelo os nomes daqueles que provavelmente foram os professores de Fernando Lanhas, baseando-nos nas datas em que leccionaram e no plano de estudos do curso de Architectura.

## Tabela Director-Cadeira-Professor, EBAP, 1939-1945

Tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz na sua Tese de Doutoramento: *O ensino moderno da Arquitectura - A reforma de 57 e as escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*.

Tendo como base estas tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz sublinha-se aqui a amarelo os nomes daqueles que provavelmente foram os professores de Fernando Lanhas, baseando-nos nas datas em que leccionaram e no plano de estudos do curso de Arquitectura.

REFORMA 1931 (1939-45)	
Director	Acácio Lima (1939-10-17) Aarão de Lacerda (1939-11-07 a 1945-02-28)
Subdirector	Joaquim Lopes (1940-05-27)
Cadeira	Professor
01 Geometria Descritiva e Estereotomia	António Maria Cândido de Brito (1940-01-11)
02 Ornamento, Estilizao e Composio Ornamental	Manuel Marques (1926-1956)
03 Desenho de Figura do Antigo e de Modelo Vivo	Acácio Lima (1913-1948)
04 Arquitectura	Manuel Marques (1939-1940) Carlos Ramos (1940-46 e 1948-67) Rogério de Azevedo (1942-04-01 a 1942-07)
05 Pintura	Joaquim Lopes (1930-1955)
06 Pintura	Dordio Gomes (1933-1960)
07 Escultura	Rodolfo Pinto do Couto (1940-1945)
08 Desenho Arquitectónico, Construo e Salubridade das Edificaes	Júlio José de Brito (1939-1940) Rogério de Azevedo (1940-1967)
09 História Geral da Arte	Aarão de Lacerda (1918-1945)
10 Arqueologia Artstica Geral e Portuguesa	Aarão de Lacerda (1918 a 1945-02-28) Joaquim Lopes (1945-02-08 a 1945-12-11)
11 História, Geografia Histórica e Etnografia	Miguel de Mendonça Monteiro (1919-05-26 a 1964)
12 Anatomia Artstica	Manuel Monterroso (1918-11-30 a 1945)
13 Álgebra, Geometria Analstica e Trigonometria Plana. Elementos de Cálculo Integral e Diferencial. Mecânica.	Rogério Barroca (1940-10-01 a 1954)
14 Esttica Gráfica, Resistência dos Materiais, Construes Metálicas, Betão Armado e Topografia	Júlio José de Brito, (1926-12-15 a 1964-11)

Nota de Gonçalo Canto Moniz em relao a estas tabelas: «As datas referem-se  relao do professor com a cadeira, mesmo em planos de estudos distintos.»



## Tabela Director-Cadeira-Professor, EBAP, 1945-1952

Tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz na sua Tese de Doutoramento: *O ensino moderno da Arquitectura - A reforma de 57 e as escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*.

Tendo como base estas tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz sublinha-se aqui a amarelo os nomes daqueles que provavelmente foram os professores de Fernando Lanhas, baseando-nos nas datas em que leccionaram e no plano de estudos do curso de Arquitectura.

REFORMA 1931 (1945-52)	
Director	Joaquim Lopes (12-04-1948 a 1952)
Subdirector	Joaquim Lopes (27-05-1940 a 1948)
<b>Cadeira</b>	<b>Professor</b>
01 Geometria Descritiva e Estereotomia	Ant3nio Maria C3ndido de Brito (1940-01-11 a 1973)
02 Ornamentação, Estilização e Composição Ornamental	Manuel Marques (1926-1956)
03 Desenho de Figura do Antigo e de Modelo Vivo	Ac3cio Lima (1913-1948) Heitor Cramez (1948-10-30)
04 Arquitectura	Carlos Ramos (1940-1946 e 1948-01-22 a 1957) J3lio Jos3 de Brito (1946-04-08 a 1948-01-22) Assistente Delfim Amorim (1951-01 a 1951-12) Assistente Agostinho Ricca (1952-01 a 58) Assistente Fernando T3vora (1951-01 a 1993) Assistente Jos3 Carlos Loureiro (1951-01 a 1972) Assistente M3rio Bonito (1951-01 a 58)
05 Pintura	Joaquim Lopes (1930-1955)
06 Pintura	D3rdio Gomes (1933-1960)
07 Escultura	Joaquim Lopes (1945-1948) Salvador Barata Fayo (1949-03-03 a 1969-10)
08 Desenho Arquitect3nico e de Construção e de Salubridade das Edificações	Rog3rio de Azevedo (1940-1967)
09 Hist3ria Geral da Arte	Armando Manuel Lemos de Matos (1945-12-11 a 1953-05-14)
10 Arqueologia Artística Geral e Portuguesa	Joaquim Lopes (1945-02-08 a 1945-12-11) Armando Manuel Lemos de Matos (1945-12-11 a 1953-05-14)
11 Hist3rica, Geografia Hist3rica e Etnografia	Miguel de Mendonça Monteiro (1919-05-26 a Dezembro 1964)
12 Anatomia Artística	Gaspar Augusto Melo Pestana (1945-1946) D3rdio Gomes (1946-1948) Alberto Silva e Sousa (1948-10-30 a 1954)
13 3lgebra, Geometria Analítica e Trigonometria Plana. Elementos de C3lculo Integral e Diferencial. Mecânica.	Rog3rio Barroca (1940-10-01 a 1954)
14 Estática Gráfica, Resistência dos Materiais, Construções Met3licas, Betão Armado e Topografia	J3lio Jos3 de Brito (1926-12-15 a 1954-01-22)
15 Urbanologia (1945)	Jos3 Fonseca Llamado (1945-1946) Assistente Arm3nio Losa (Janeiro 1946 a Abril 1946) Ant3nio Brito e Cunha (1946-1962) Assistente Jos3 Sequeira Braga (1948-63)
16 Projectos e obras de urbanização (1945)	David Moreira da Silva (1945-1962) Assistente Ant3nio Brito e Cunha (1945-1946) Assistente Jo3o Andresen (1948-1967)

Nota de Gonçalo Canto Moniz em rela3o a estas tabelas: «As datas referem-se à rela3o do professor com a cadeira, mesmo em planos de estudos distintos.»

## Tabela Disciplinas-Professores, E(S)BAP, 1940-57

### Plano de estudos

Tabelas elaboradas por Gonçalo Canto Moniz na sua Tese de Doutoramento: *O ensino moderno da Arquitectura - A reforma de 57 e as escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*.

REFORMA DE 1931-32		
	DISCIPLINAS	PROFESSORES
<b>1º Ano</b>	<b>Curso Especial</b>	
01. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Elementos da Geometria Descritiva, Perspectiva e teoria das sombras	António Brito
03. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Desenho de figura do Antigo	Acácio Lino Heitor Cramés Dórdio Gomes
02. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Estilos Ornamentais, ornamentação do natural, Estudo Comparado (desenho e modelação)	Manuel Marques
08. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Ordens e trechos arquitectónicos (desenho a traço e aguarelado)	Rogério de Azevedo
13. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Álgebra, geometria analítica e trigonometria plana	Rogério Barroca
11. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	História, Geografia histórica e Etnografia	Miguel de Mendonça Monteiro
<b>2º Ano</b>		
01. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	Geometria Descritiva e Estereotomia	António Brito
03. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	Desenho de modelo vivo	Acácio Lino Heitor Cramés Dórdio Gomes
04. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Edifícios e monumentos da Antiguidade (desenho a traço e aguarelado) e Elementos Analíticos	Carlos Ramos (1940-57) Júlio José de Brito (1946-48) Mário Bonito (1951-52) Agostinho Ricca (1952-57)
13. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	Elementos de cálculo integral e diferencial, mecânica	Rogério Barroca
09. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	História da Arte na Antiguidade	Aarão de Lacerda (1918-45) Armando de Matos (1945-53) Alberto Sousa (1953-54) Nobre Gusmão (1954-57)
<b>3º Ano</b>		
02. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	Estilização e Composição Ornamental	Manuel Marques
04. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	Pequenas composições e Elementos Analíticos	Carlos Ramos (1940-57) Júlio José de Brito (1946-48) José Carlos Loureiro (1951-57)
14. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Estática Gráfica, resistência dos materiais, estabilidade (aplicações ao ferro, à pedra e à madeira)	Rogério Barroca e Júlio José de Brito
14. <sup>a</sup> - 3. <sup>a</sup>	Topografia	Júlio José de Brito
09. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	História da Arte Medieval e Moderna	Aarão de Lacerda (1918-45) Armando de Matos (1945-53) Alberto Sousa (1953-54) Nobre Gusmão (1954-57)
<b>4º Ano</b>		
04. <sup>a</sup> - 3. <sup>a</sup>	Composição	Carlos Ramos (1940-57) Júlio José de Brito (1946-48) Fernando Távora (1951-57)
08. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	Prática da Construção (estudos parciais e pequenos projectos de conjunto) Salubridade das Edificações	Rogério de Azevedo
14. <sup>a</sup> - 3. <sup>a</sup>	Construções Metálicas e Betom Armado	Júlio José de Brito
<b>Curso Superior (2 anos)</b>		
04. <sup>a</sup> - 4. <sup>a</sup>	Concurso de Grandes Composições Concurso de Composição Decorativa Concurso de Projectos definitivos e de Esboceto	Carlos Ramos (1940-57) Júlio José de Brito (1946-48) Delfim Amorim (1951-52) Mário Bonito (1952-57)
08. <sup>a</sup> - 3. <sup>a</sup>	Concurso de Projectos de Construção Geral	Rogério de Azevedo (1940-57)
10. <sup>a</sup> - 1. <sup>a</sup>	Curso Teórico de Arqueologia Artística, Geral e Portuguesa	Armando de Matos (1945-53) Alberto Sousa (1953-54) Nobre Gusmão (1954-57)
10. <sup>a</sup> - 2. <sup>a</sup>	Concurso de Arqueologia Artística	Armando de Matos (1945-53) Alberto Sousa (1953-54) Nobre Gusmão (1954-57)
15. <sup>a</sup>	Projectos e Obras de Urbanização	José Fonseca Llamado, Arménio Losa António Brito e Cunha, João Sequeira Braga
16. <sup>a</sup>	Urbanologia	David Moreira da Silva, António Brito e Cunha David Moreira da Silva, João Andresen
<b>CODA</b>		



# Escola Superior de Belas-Artes do Porto

---

Processo do aluno

*Fernando Perende da Silva Magalhães Lemos*





Recebido em 20 de Setembro de 1941  
Respondido em de de 1941  
Expediente L.º E.º

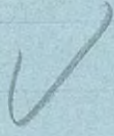
Admissões - arquitectura

Todas as provas

Ex.º Sr. Director da Escola de Belas Artes do Porto

22 de Setembro de 1941

A Director  
do h.º



Porto

Fernando Resende da Silva Magalhães Santos, filho de Luiz da Cunha Magalhães Santos, natural da freguesia da Vitória, concelho e distrito do Porto, com o bilhete de identidade nº 593392 do Arquivo de Identificação do Porto, de 17 de Novembro de 1939, morador na Rua de José Falcão, 74, desejando fazer no presente ano lectivo exame de admissão à esta Escola com destino ao Curso Especial de Arquitectura

Pede a V. Ex.ª se digne deferir  
Porto, 20 de Setembro de 1941



Fernando Resende da Silva Magalhães Santos





ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO

SECRETARIA

Entrado em 21/9 1942

L.º 1 F.º

Deferido Ex.ª Senhor Director da Escola de  
Belas Artes do Porto.  
do Porto 22 de Setembro de 1942

A Director

*[Signature]*

Fernando Resende da Silva Magalhães  
Lambrão, filho de Luis da Cunha da  
Magalhães Lambrão, de 18 annos de idade,  
natural da freguesia da Victoria, concelho  
do Porto, distrito do Porto, morador  
na Rua de Frei Falcão, n.º 74-1.º, por-  
tador do bilhete de identidade  
n.º 593392 de 17 de Novembro de 1939.  
tendo concluido o 1.º anno do curso Espe-  
cial de Architectura e desejando ma-  
tricular-se no presente anno lectivo 2.º  
do referido curso.

Pede a V. Ex.ª se digne  
deferir

Porto, 14 de Setembro de 1942

Fernando Resende da Silva





ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO  
SECRETARIA

Entrado em 17/9/1943  
Fol 566

Deferido  
Fôrto e Recola  
de Belas Artes,  
em 14 de Setembro  
de 1943.

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director da Escola de Belas  
Artes do Porto

O Director  
KL15

Fernando Resende da Silva Magalhães  
Lauhas, filho de Luis da Cunha Maga-  
lhães Lauhas e de Maria Anúlia Resende  
da Silva Magalhães Lauhas, de 20 anos  
de idade, natural da freguesia de  
Vitória, concelho do Porto, distrito do  
Porto, morador na rua de José Fal-  
cão, 74-1.º, portador do bilhete de  
identificação n.º 3-93392, de 17 de  
Novembro de 1939, do Arquivo de Identifi-  
cação do Porto, tendo concluído o  
1.º e 2.º ano do curso Especial de  
Arquitetura e desejando matricu-  
lar-se no presente ano lectivo no 3.º  
ano do referido curso.

Pede a V. Ex.<sup>a</sup> se digne deferir

Porto, 16 de Setembro de 1943

Fernando Resende da Silva Magalhães Lauhas





Fernando Peres de Silva  
Magalhães Lanhas.

SECRETARIA DE BELAS ARTES DO PORTO  
Entrado em 1/9/1944  
F.º 614.

Defendo Ex.<sup>ma</sup> Senhor Director da Escola L.<sup>a</sup> de Belas Artes  
do Porto.

de Belas Artes.

em 4 de Setembro. Fernando Peres de Silva Magalhães Lanhas  
n.<sup>o</sup> de 1944. filho de Luis da Cunha Magalhães Lanhas.

Director, de 20 anos de idade, natural da freguesia de Vitória, concelho do Porto, distrito do Porto, morador na Rua de José Falcão, 74, portador do bilhete de identidade n.<sup>o</sup> 593392, de 17 de Novembro de 1939, do Arquivo de Identificações do Porto, sendo concluído o 3.<sup>o</sup> ano do curso Especial de Arquitectura e desenhando matricular-se no presente ano lectivo no 4.<sup>o</sup> ano do referido curso

Pede a V. Ex.<sup>a</sup> se digne deferir

Porto, 2 de Setembro de 1944

Fernando Peres de Silva Magalhães Lanhas.





Fls 287  
L.º 1.º  
E.S.

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhos

Referido Ex.<sup>ma</sup> Senhor Director da Escola de Belas Artes do  
Porto e Escola  
de Belas Artes,  
em 28 de Setembro  
de 1945.

ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO  
SECRETARIA

Pôrto

Entrado em 11/9/1945  
L.º 1.º F.º 40

*João Hope*

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhos,  
filho de Luís de Cunha Magalhães Lanhos  
e de Maria Amélia Resende da Silva  
Magalhães Lanhos, de 21 anos de  
idade, natural da freguesia da  
Vitória, concelho do Pôrto, distinto  
do Pôrto, morador na rua de José  
Falcão, 74, 1.º, portador do bilhete  
de Identidade n.º 899178, de  
8 de Setembro de 1945, do Arquivo  
de Identificação do Pôrto, tendo  
concluído o 4.º ano do Curso Especial  
de Arquitectura e desejando ins-  
crever-se, no presente ano lectivo,  
no Curso Superior do referido Curso.

Pede a V. Ex.<sup>ma</sup> se digne deferir.  
Pôrto, 11 de Setembro de 1945

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhos



Exmº Senhor

Fernando Rezende da Silva Magalhães Lanhas

14

1398

P Ô R T O

Levo ao seu conhecimento que, tendo sido presente ao Conselho Escolar, no dia 17 do corrente, um suplemento extraordinário referente ao extinto Grupo dos Estudantes de Belas Artes, assinado pelas secções administrativas e cultural da que o senhor fazia parte, e no qual se fazem afirmações menos verdadeiras e desrespeitosas para o Conselho, suplemento este nitidamente contrário aos princípios da disciplina escolar, decidiu o mesmo Conselho suspender-lhe imediatamente a frequência nas aulas e convidá-lo, nos termos do Artº 109º do Decreto Nº 21:662, de 12 de Setembro de 1932, a apresentar por escrito, no prazo de cinco dias, o que em sua defesa houver por conveniente.

A bem da Nação

Pôrto e Escola de Belas Artes, em 18 de Maio de 1946.

O Sub-Director,

a)-Joaquim Francisco Lopes

Fernando Rezende da Silva Magalhães Lanhas

Declaro que recebi da Direcção da Escola de Belas Artes do Pôrto,  
o officio número 1398, Lº 14, com data de 18 de Maio de 1946.

Pôrto, 18 de Maio de 1946.

*Fernando Rezende da Silva Magalhães Lanhas*



Ex.<sup>mo</sup> Sr. Sub-Director da Escola de  
Belas Artes do Porto

Em resposta ao ofício L.º 14 n.º 1398,  
venho declarar que desde Janeiro de  
1946, e devido às minhas occupa-  
ções particulares, não voltei a tomar  
parte nas decisões da direcção do  
Grupo de Estudantes de Belas Artes,  
o que pode ser comprovado por qual-  
quer membro da referida direcção,  
nem, para efeitos do mesmo, me  
avistei nunca com S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Sub-  
Director da Escola de Belas Artes  
do Porto, o que o mesmo Senhor  
pode comprovar, e que, portanto,  
não só desconhecia a publicação  
do Suplemento ao Boletim n.º 6,  
como não fui consultado para  
a sua elaboração.

Porto, 21 de Maio de 1946.

Fernando Resende da Silva Magalhães Lameira





Fernando Resende Lauras



Deferido Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director da Escola de Belas Artes  
Porto, 25 de Setembro do Porto  
de 1946.

ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO

SECRETARIA

Entrado em 2/9/1946

L.<sup>o</sup> 1 F.<sup>o</sup> 51

O Sub-director,

Moçoim Rafe

Fernando Resende da Silva Magalhães Lauras, filho de Luis da Cunha Magalhães Lauras e de Maria Anúlia Resende da Silva Magalhães Lauras, de 22 anos de idade, natural da freguesia de Vitória, concelho do Porto, distrito do Porto, morador na Rua de José Falcão, n.º 74-1; portador do Bilhete de Identidade n.º 899178, de 8 de Setembro de 1945, do Arquivo de Identificação do Porto, desejando matricular-se no presente ano lectivo nas 15.ª e 16.ª cadeiras, por se encontrar nas condições exigidas pelo artigo 5.º do decreto-lei n.º 34.607 de 15 de Maio de 1945. Pede a V.ª Ex.ª se digne deferir

Porto, 2 de Setembro 1946  
Fernando Resende Lauras.





A' Comissão Ex.<sup>ca</sup> Juiz Directo da Escola de Belas  
preparatoria. Arts do Porto

5-4-951.

Ex.<sup>ca</sup> Senhor:

O Director

*Imprimido em 18/4/951  
no alvará do Juiz Directo  
da Escola de Belas Artes do Porto  
em 18/4/951*

Fernando Rende de Silva Magalhães Santos,  
de 27 annos de idade, filho de Luis da  
Cunha Magalhães Santos e de Maria Amélia  
Rende de Silva Magalhães Santos, natural  
do Porto, freguesia de Vitória, concelho e  
distrito do Porto, portador do bilhete de  
Identidade n.<sup>o</sup> 39024-A, do orgão  
de Identificação do Porto, tendo concluído  
os estudos primários que a lei exige no  
Curso superior de Architectura do  
anno lectivo de 1944 a 1945 e des-  
fendo ser admitido à prova final  
para obtenção do diploma de Architecto  
em termos do decreto n.<sup>o</sup> 26347  
de 11 de Fevereiro de 1936, faz o pre-  
sente o respectivo programma e certi-  
ficado de frequência

Pede a V. Ex.<sup>ca</sup> que se decrete

Porto 22 de Maio de 1951

Fernando Rende de Silva Magalhães Santos.

30-4-951

O Director

*[Signature]*





## Programa

Manifesta-se a ausência de um museu de Arte moderna no Porto, cidade de grandes responsabilidades artísticas, hoje como noutras épocas. Pretende-se pois construir um museu que supra essa falta em local de futura expansão da cidade, permitindo-se dessa maneira mais amplitude na concepção. Envolher-se o Campo Alegre, zona ainda em estudo, e na parte mais próxima do rio Douro.

A construção seria no material de registo e betão.

Este museu comportaria salas de exposições permanentes, particulares, colectivos e itinerantes. Salão de chá, salas de estar. Sala para leitura de livros, reproduções de obras e pinturas. Bibliotecas, arquivos, gabinetes. Armazém de trocas de substituição, salas de organização de exposições, cinema, sala de concertos, laboratório de fotografia,



Instalação de fumineiros e quartos,  
aparelhamentos para ductos e organi-  
zados de expropriações, poque de auto-  
moveres, garagem, etc.

Pecos emitidos:

Memoria definitiva e just. ficativa.

Cadernos de encargos

medicões

Trein. minip e preen. compr. m  
orçamento.

Pecos desenhadas

Planta de distribuições ex. 1/100

plantas 1/100

planta geral 1/1000

alcados 1/100

cortes ex. 1/100

Detalhes constructivos

Fernando Prende & Irla Aguilera Carlos

Patr 27 Maio de 1951





Ex<sup>mo</sup> Senhor Director da Escola de Belas  
Artes do Porto

Ex<sup>ma</sup> Senhor

Declaração de estágio  
Carrasco Barbosa de Alencar e Lima  
Lopes Rodrigues, Architecto pela  
Escola de Belas Artes do Porto,  
declara que Fernando Resende da  
Silva Magalhães Loureiro terminou  
no seu atelier de arquitectura  
na rua de Magalhães Loureiro  
n.º 111-2.ª desta cidade, desde que  
terminou o curso superior de  
architectura, pelo que se encon-  
tra em condições de ser admi-  
tido no concurso para obten-  
ção do diploma de Architecto

Porto 27 de Janeiro de 1951

Carrasco Barbosa de Alencar e Lima  
Lopes Rodrigues

Racônego a \_\_\_\_\_ assinatura

Carrasco Barbosa de Alencar e Lima  
Lopes Rodrigues

Emplumado, adicional e selo \_\_\_\_\_ 356

Registrado no respectivo livro, sob o n.º \_\_\_\_\_ 23

PORTO 29 MAR 1951

O AJUDANTE DO NOTÁRIO DR. CALISTO





Excepcional Director da Escola  
de Belas Artes do Porto

Fernando Brande da Silva Magalhães  
Cauhas, natural da freguesia da  
Vitória, concelho do Porto, distrito  
do Porto, portador do bilhete  
de identidade n.º 39024-A, de  
15 de Agosto de 1947, do Arquivo  
de Identificação do Porto, mor-  
ador na rua do Bragas 43-1.º,  
Porto, vem requerer a V. Ex.ª para  
fim de concurso para professor  
provisório do Ensino Técnico Profis-  
sional, lhe seja passada certi-  
ficação do curso especial de Arqui-  
tectura do Decreto n.º 21.662 de  
12 de Setembro de 1932

Pede a V. Ex.ª se digno deferir

Porto, 13 de Agosto de 1951

Fernando Brande da Silva Magalhães Cauhas,



JOAQUIM FRANCISCO LOPES PROFESSOR E DIRECTOR

DA ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO;

CERTIFICO, para fins de concurso para profes-

sor provisório do Ensino Técnico Profissional e em face

do requerimento que me foi dirigido e fica arquivado no

processo do requerente que, FERNANDO RESENDE DA SILVA MA-

GAL A S LAMPAS, portador do bilhete de identidade número

trinta e nove mil e vinte e quatro, de quinze de Agosto de

mil novecentos e quarenta e sete, do Arquivo do Porto, fez

nesta Escola, com a rovação, os afixes adeante mencionados

que constituem o quarto ano do curso especial de Architectu-

ra.

Porto e Escola de Belas-Artes, em dezoito de

Agosto de mil novecentos e cinquenta e um.

PEL O DIRECTOR,

a) Miguel de Mendonça Monteiro



### ARQUITECTOS

Classificação para professor provisório:-12,75 de média geral

FERNANDO RESENDE DA SILVA MAGALHÃES LARIAS

Habilitações exigidas por lei:-+=+=+=+=+=+=+=+=	VALORES
Primeira cadeira-primeira parte-----	13
Segunda cadeira-primeira parte-----	13
Terceira cadeira-primeira parte-----	13
Oitava cadeira-primeira parte-----	12
Décima primeira cadeira-primeira parte-----	13
Décima terceira cadeira-primeira parte-----	14
Primeira cadeira-segunda parte-----	16
Terceira cadeira-segunda parte-----	12
Terceira cadeira-terceira parte-----	12
Quarta cadeira-primeira parte-----	14
Nona cadeira-primeira parte-----	15
Décima terceira cadeira-segunda parte-----	10
Segunda cadeira-segunda parte-----	11
Quarta cadeira-segunda parte-----	14
Nona cadeira-segunda parte-----	16
Décima quarta cadeira-primeira parte-----	11
Décima quarta cadeira-terceira parte-----	11
Quarta cadeira-terceira parte-----	13
Oitava cadeira-segunda parte-----	11
Décima quarta cadeira-segunda parte-----	11
Total-----	<u>255</u>





*Deferido*

*26-6-956*

*O Director,*

*I. Nam*

Excelentissimo Senhor Director da Escola Superior de  
Belas Artes do Porto

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas, de 32  
anos de idade, filho de Luís da Cunha Magalhães Lanhas e de  
Maria Amélia Resende da Silva Magalhães Lanhas, natural de  
Vitoria, concelho do Porto, distrito do Porto, morador na  
Rua de Grijó 93, Porto, portador do Bilhete de Identidade  
nº 383.452 A, de 23 de Julho de 1952, do Arquivo de Identifica-  
ção do Porto, desejando lhe seja passado certidão em como  
é architecto estagiário, para fins de tirar carta de condução,

pede a V.Excia se digne deferir.

Porto, 25 de Junho de 1956

*Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas*



+++++CARLOS JOÃO CHAMBERS RAMOS PROFESSOR E DIRECTOR DA ES-  
COLA DE BELAS ARTES DO PORTO; ++++++  
+++++  
+++++CERTIFICO, para fins de obtenção da carta de condução  
e em face do requerimento que me foi dirigido e fica arquivado  
no processo do requerente que, FERNANDO RESENDE DA SILVA MAGALHÃES  
LANHAS, portador do bilhete de identidade número trezentos e oiten-  
ta e tres mil quatrocentos e cinquenta e dois-A, de vinte e tres  
de Julho de mil novecentos e cinquenta e dois, do Arquivo de Iden-  
tificação do Porto, se encontra na situação de Arquitecto estagiá-  
rio.+++++  
+++++Porto e Escola de Belas-Artes, em vinte e sete de  
Junho de mil novecentos e cinquenta e seis.+++++

PEL O DIRECTOR,

a) Júlio José de Brito



Em anexo de  
seu expediente de  
1.º de Novembro



A Comissão  
preparatória.  
4-11-957

Obisector,  
1.º de Novembro  
Exmo Senhor:  
Fernando Resende da Silva Mamalhães Lanhas, de 34  
anos de idade, filho de Luis da Cunha Magalhães Lanhas e de Maria Amélia  
Resende da Silva Magalhães Lanhas, natural do Porto, freguesia de Vitoria,  
concelho e distrito do Porto, portador do bilhete de identidade nº 735.389  
do arquivo de Identificação do Porto, tendo concluído todos os pontos  
que a Lei exige no Curso Superior de Arquitectura, e desejando ser  
admitido à prova final para obtenção do diploma de Arquitecto, nos  
termos do Decreto nº 26.347 de 11 de Fevereiro de 1936, para o que  
junta o respectivo programa e certificado de tirocínio.

Não tendo apresen-  
tado o trabalho

dentro do prazo  
estabelecido por  
lei, a arquivar-se.  
7-1-1958

Obisector,  
1.º de Novembro

PEDE A V. EXCIA SE DIGNE DEFERIR.

Porto, 30 de Outubro de 1957

Reconheço a assinatura  
de Fernando Resende da Silva  
Mamalhães Lanhas.

Emolumento e sêlo 3 \$ n  
Reg.º no respect.º liv.º sob o n.º 16.5  
Porto, 31 OUT 1957 de 1957

O AJUDANTE DO 2.º CARTÓRIO NOTARIAL

Júlio Brandão de Sousa







### Programa

Consta o programa do projecto de um bloco para rendimento, a construir em arteria ultimamente aberta e dentro dum plano urbanístico importante.

Não houve exigências especiais e não é finalidade da obra, exactamente, o movimento de capitais, mas a sua colocação em condições que se julgam defendidas da demasiada desvalorização que as actuais construções deste tipo, tenham no futuro.

O bloco comporta seis habitações, de tres quartos cada, banho, dependencias das serviçais, cozinha e dispensa, varandas de serviço com acesso proprio, salas de jantar e estar, é cave para guarda de carros, e logradoura para recreio.

Temos portanto um programa de tipo corrente, em que se atendeu devidamente, no referente à obra, e na medida em que isso não importa um agravo económico excessivo, à vedação, ao isolamento e ao comportamento geral da construção.

Plantas, alçados e cortes à escala 1/50

planta geral 1/100

detalhes 1/10, 1/20 e tamanho natural

Memoria descritiva, e justificativa.

Caderno de encargos, medições, séries de preços simples e compostos, e orçamento.

Porto, 30 de Outubro de 1957

*Fernando Paulo dos Reis Carlos*





Excelentissimo Senhor Director da Escola de Be las Artes do

Porto

DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO

Jorge Manuel Pizarro Monteiro <sup>\*</sup> dos Santos, Arquitecto

pela Escola de Be las Artes do Porto, declara que Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas, tirocinou no seu atelier de arquitectura na Pr. do Município 267, 7º sl3, Porto, desde que terminou o curso superior de arquitectura, pelo que se encontra em condições de ser admitido ao concurso para obtenção do diploma de architecto.

Porto, 30 de Outubro de 1957

\* de Campos

Jorge Manuel Pizarro Monteiro <sup>\*</sup> de Campos

Reconheço a \_\_\_\_\_ assinatura Supera

Emolumento e selo: Esc. 2\$00

Registada no respectivo livro, sob o n.º 731

Porto e 1.º Cartório Notarial, 31. OUT. 1957

O AJUDANTE DO CARTÓRIO,

Isaac de F. Silva





Em anuidade de  
ser admitido

1.º Yamm  
Mey

A Comissão Exulens' min deus Quitor da  
preparatória. Enre. S. de Belas Artes do Porto.

8-11-958

O Director,

Fernando Resende de Silva

1.º Yamm Magalhães Carhos, de 35 annos de  
Nas tendo appareido de, filho de Luis de Cunha Ma  
sentado o traba- y Magalhães Carhos e de Maria Amélia  
bho dentro do Resende de Silva Magalhães Carhos,  
proape estabe- nental do Porto, freguesia de  
lecidoponte; Vitoria, concelho do distrito do  
arquivo-se. Porto, portado do Bilhete de  
10-1-959 identidade n.º 735.389 do Arquivo

O Director,

de identificação do Porto, tendo  
concluido os pontos pe a lei exige  
no Curso Superior de Architectura,  
e deixando-se a admitido a prova  
final por obtenção do diploma  
de architecto, no termos do Decreto  
n.º 26.347 de 11 de Fevereiro de 1936,  
por o se pinto o repetitivo programar.

Pede - V. Ex.º Deferimento.  
Porto 25 de Outubro de 1958

Fernando Resende de Silva Magalhães Carhos.



Certificado  
de tirocinio, já  
se encontra aqui-  
vado no processo  
do reguente.

4-4-959

1.º

Em condições de  
ser admitido

Paulo Viana  
M

A Comissão Exame Junta Directiva da Escola  
preparatória de Belas Artes do Porto

4-4-959

O Director

Excmo Sr

1.º

Fernando Resende da

Seferido em Silva Magalhães Lanhos, de  
fado por 35 anos de idade, filho de  
cerda Comendador da Cunha Magalhães Lanhos  
preparatória de Maria Amélia Resende da  
6-4-959 Silva Magalhães Lanhos, natural  
O Director do Porto, freguesia da Vitória,

1.º

Justifica do bilhete de Identifi-  
cação n.º 735.389, de aquino  
apresentado de identificação do Porto, tendo  
o trabalho no conduto do trabalho que a  
prazo estabelecido exige no curso superior e  
eas por lei, de acordo com o admitido a  
Arquivar a prova final para obtenção do

6-6-959

O Director

diploma de aquino do, em

de acordo com o decreto n.º 26347

1.º

de 11 de Fevereiro de 1936, para  
o se junta o respectivo programa.

De V. B. e de J. Resende

Porto, 31-Maio 1959.

Fernando Resende da Silva Lanhos



O Certificado de  
tirocinio encontra-se  
no processo do requerente.

21-3-1961

*M. A. S.*



*Imprimado de  
admissão*

*1. Yamm  
3/5/1961*

A Comissão Excelentissimo Senhor Director da Escola Superior de  
preparatoria. Belas Artes do PORTO

3-4-1961

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas,

O Director, de 37 anos de idade, filho de Luís da Cunha Magalhães Lanhas e  
*1. Yamm* de Maria Amélia Resende da Silva Magalhães Lanhas, natural do  
*deferido em* Porto, freguesia da Vitoria, concelho e distrito do Porto, porta-  
*face do pare-* dor do Bilhete de Identidade nº 735.389 do Arquivo de Identi-  
*cer da Comis.* ficação do Porto, tendo concluido os pontos que a Lei exige no  
*oão preparatoria* Curso Superior de Arquitectura, e desejando ser admitido à prova

4-5-1961 final para obtenção do diploma de Arquitecto, nos termos do

O Director, Decreto nº 26.347 de 11 de Fevereiro de 1936, para o que junta

*1. Yamm* o respectivo programa.

Não tendo apresentado

o trabalho no prazo

que a lei exige, Arquivou-se

Pede a V. Excia se digne deferir.

15-6-1961

O Director, Porto, 29 de Março de 1961

*1. Yamm*

*Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas.*



O certificado de  
direcções, encontra-se  
arquivado no processo  
do requerente.

6.11.1961

*[Signature]*



Em cumprimento de  
seu admissível do

*[Signature]*

*[Signature]*

Comissão  
de Preparatória. Excelentíssimo Senhor Director da Escola Superior de  
Belas Artes do PORTO

11-1961

Director,

*[Signature]*

as duas

reunidas

trabalho

utro do

o que a

exige,

quiere-se

1-1-1962

Director,

*[Signature]*

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas,

de 38 anos de idade, filho de Luís da Cunha Magalhães Lanhas e  
de Maria Amélia Resende da Silva Magalhães Lanhas, natural do  
Porto, freguesia da Vitoria, concelho e distrito do Porto, por-  
tador do Bilhete de Identidade nº 735.389 do Arquivo de Identi-  
ficação do Porto, tendo concluido os pontos que a Lei exige no  
Curso Superior de Architectura, e desejando ser admitido à pro-  
va final para obtenção do diploma de Architecto, nos termos do  
Decreto nº 26.347 de 11 de Fevereiro de 1936, para o que junta  
o respectivo programa.

Pede a V.Excia se digne deferir

Porto, 28 de Outubro de 1961

*Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas*





## PROGRAMA

Há já alguns anos que se vem procedendo a criteriosas escavações na citânia de Sanfins, situada no concelho de Paços de Ferreira. Os achados dessas escavações são arrumados numa dependência duma casa particular que assim serve de museu á citânia.

Julga-se agora possível a concretização da ideia, há algum tempo posta, de construir um museu que, servindo para recolha e exposição das peças provenientes das escavações, poderia igualmente alojar diversos objectos de interesse arqueológico dispersos nesse concelho em colecções particulares.

Com a construção deste museu aventa-se a hipótese da sua utilização para diversos fins culturais, concertos e exposições, circunstância que vem sobremaneira condicionar a sua localização nas proximidades da vila de Paços de Ferreira.

É o estudo deste museu que nos propomos apresentar para prova final do Curso de Architectura.

Peças a apresentar:

planta geral, esc. 1/100; plantas, alçados e cortes, esc. 1/50; detalhes em tamanho natural e à esc. 1/20 e 1/10;

memorias descritiva e justificativa; caderno de encargos, medição, séries de preços simples e compostos, orçamento.

Porto, 28 de Outubro de 1961

Fleming & L. H. Lytle, Carls.



O certificado de  
troco não encontra-se  
requirido no processo  
e requerimento.

5-4-962  
I. Nam



Em anexo de  
seu despacho  
I. Nam

W

Comissão  
reparatória.

Excelentíssimo Senhor Director da Escola Superior de  
Belas Artes do Porto

7-4-962

Fernando Resende da Silva Magalhães

Director,

Lanhas, de 38 anos de idade, filho de Luís da Cunha Magalhães

I. Nam

Lanhas e de Maria Amélia Resende da Silva Magalhães Lanhas,

resido em

natural do Porto, freguesia da Vitoria, concelho e distrito

do pa.

do Porto, portador do Bilhete de Identidade nº 735.389 do

ccer da

Arquivo de Identificação do Porto, tendo concluido os pontos

minha

que a Lei exige no Curso Superior de Architectura, e desejan-

reparatória.

do ser admitido à prova final para obtenção do diploma de

2-4-962

Arquitecto, nos termos do Decreto nº 26.347 de 11 de Fevereiro

Director

ro de 1936, para o que junta o respectivo programa.

Já foi apresentado o certificado de estágio.

ão tendo apresentado

Pede a V. Excia se digne deferir.

trabalho dentro do

ago que a lei exige,

quisse re

Porto, 28 de Março de 1962

2-6-962

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas

O Director,



O certificado de  
técnico encontra-se  
arquivado no processo  
do requerente.

Nos termos da Lei não  
é permitido aumentar o  
número de linhas deste  
papel ou escrever nas  
suas margens.



Requente  
em 28/11/1962  
L. Ham  
[Signature]

Excelentíssimo Senhor Director da Escola Superior de

BELAS ARTES do Porto

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas,

de 39 anos de idade, filho de Luis da Cunha Magalhães Lanhas  
e de Maria Amelia Resende da Silva Magalhães Lanhas, natural  
do Porto, freguesia da Vitoria, concelho e disdrito do Porto,  
portador do bilhete de identidade nº 735.389 do Arquivo de  
Identificação do Porto, tendo concluido os pontos que a Lei  
exige no Curso Superior de Architectura, e desejando ser admi-  
tido à prova final para obtenção do diploma de Architecto,  
nos termos do Decreto nº 26.347 de 11 de Fevereiro de 1936,  
para o que junta o respectivo programa.

Mais declara já ter apresentado o certificado  
de estágio.

Pede a V.Excia se digne deferir,

Porto, 28 de Outubro de 1962

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas.



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



#### PROGRAMA

Há já alguns anos que se vem procedendo a criteriosas escavações na Citania de Sanfins, situada no Concelho de Paços de Ferreira. Os achados dessas escavações são arrumados numa dependência duma casa particular, que assim, serve de museu.

Julga-se agora possível concretizar a sugestão, há algum tempo posta, de construir um museu que, servindo para recolha e exposição das peças provenientes das escavações, poderia igualmente alojar diversos objectos de interesse arqueológico dispersos nesse concelho em colecções particulares.

Com a construção desse museu aventa-se a possibilidade da sua utilização para diversos fins culturais, concertos, exposições, colóquios, circunstância que vem condicionar a sua localização.

É o estudo desse museu que nos propomos apresentar para prova final do Curso de Arquitectura.

#### Peças a apresentar:

planta geral, esc. 1/100; plantas, alçados e cortes, esc. 1/50; detalhes em tamanho natural e à esc. 1/20 e 1/10; memórias descritivas, e justificativa; caderno de encargos; medições, series de preços simples e compostos; orçamento.

Porto, 28 de Outubro de 1962

*Fernando Brandão de Sá Aguiar Carlos*



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



Exm<sup>o</sup> Senhor

Director da Escola Superior de Belas-Artes do

P O R T O

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas, de 40 anos de idade, filho de Luís da Cunha Magalhães Lanhas e de Maria Amélia Resende da Silva Magalhães Lanhas, natural da freguesia da Vitória, concelho e distrito do Porto, portador do bilhete de identidade nº 735 389, do Arquivo de Identificação do Porto, tendo realizado o concurso da prova final para a obtenção do "DIPLOMA DE ARQUITECTO", e obtido a classificação de 19 valores, vem requerer lhe seja passado o respectivo Diploma.

Pede a V. Ex<sup>a</sup> se digne deferir

Porto, 19 de Abril de 1963.

*Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas*



Livro de matrícula nº 2 Cursos Especiais (279)



N.º Nome *Fernando Resende da Silva Magalhães Loubo* de *18* anos, natural de *Vitória* concelho

Livro de matrícula N.º

N.º Folhas

INSCRIÇÃO

Ano lectivo de 1941 a 1942

1.ª cadeira - 1.ª parte  
2.ª " - 1.ª "  
3.ª " - 1.ª "  
8.ª " - 1.ª "  
11.ª " - 1.ª "  
13.ª " - 1.ª "

Curso de *Especial de Arquitectura*



Ano lectivo de 1942 a 1943

1.ª cadeira - 2.ª parte  
3.ª " - 2.ª "  
" " - 3.ª "  
4.ª " - 1.ª "  
9.ª " - 1.ª "  
10.ª " - 2.ª "

Curso de *Especial de Arquitectura*



Ano lectivo de 1943 a 1944

2.ª cadeira - 2.ª parte  
4.ª cadeira - 2.ª parte  
9.ª cadeira - 2.ª parte  
14.ª cadeira - 1.ª parte  
14.ª cadeira - 3.ª parte

Curso de *Especial de Arquitectura*



EXAME

Ano lectivo de 1941 a 1942

Aprovado com treze valores  
" " treze "  
" " treze "  
" " doze "  
" " treze "  
" " catorze "

Observações

Ano lectivo de 1942 a 1943

Aprovado com dezasseis valores  
Aprovado com doze valores  
Aprovado com doze valores  
Aprovado com catorze valores  
Aprovado com quinze valores  
Aprovado com dez valores

Observações

Ano lectivo de 1943 a 1944

Aprovado com onze valores  
Aprovado com catorze valores  
Aprovado com dezasseis valores  
Aprovado com onze valores  
Aprovado com onze valores

Observações

INSCRIÇÃO

Ano lectivo de 1944 a 1945

4.ª cadeira - 3.ª parte  
8.ª cadeira - 2.ª parte  
14.ª cadeira - 2.ª parte

Curso de *Especial de Arquitectura*



Ano lectivo de 19... a 19...

Curso de

Prestação

Ano lectivo de 19... a 19...

Curso de

Prestação





EXAME	INSCRIÇÃO	EXAME
Ano lectivo de 19 <u>44</u> a 19 <u>45</u> Aprovado com treze valores Aprovado com onze valores Aprovado com onze valores	Ano lectivo de 19..... a 19.....	Ano lectivo de 19..... a 19.....
Observações	Curso de	Observações
	Prestação	
Ano lectivo de 19..... a 19.....	Ano lectivo de 19..... a 19.....	Ano lectivo de 19..... a 19.....
Observações	Curso de	Observações
	Prestação	
Ano lectivo de 19..... a 19.....	Ano lectivo de 19..... a 19.....	Ano lectivo de 19..... a 19.....
Observações	Curso de	Observações
	Prestação	



Livro de inscrições nº 1 Cursos Superiores (284)







filho de Luiz da Cunha Resende Lancha

**Ano lectivo de 1946 a 1947**

Época dos concursos	Natureza dos concursos	Datas dos concursos	Datas dos julgamentos	Recompensas	Pontos	Valores
1. <sup>o</sup> período	Projecto de grande composição "Um centho escolar"	28-10-1946	21-12-1946	2. <sup>a</sup> menção	1/2	12
1. <sup>o</sup> período	Esboço de grande composição "Um campo de golf"		21-12-1946	Excluído	—	
2. <sup>o</sup> período	Projecto de grande composição "Uma estação de caminho de ferro"	17-1-1947	29-3-1947	2. <sup>a</sup> menção	1/2	12
2. <sup>o</sup> período	Esboço de grande composição "Um abrigo náutico"	11-2-1947	29-3-1947	Excluído	—	
2. <sup>o</sup> período	Projecto de arqueologia "Restauro da Libs Vert"		29-3-1947	2. <sup>a</sup> menção	1/2	12
3. <sup>o</sup> período	Projecto de grande composição "Monumentos dos esforços colonizadores portugueses"	19-4-1947	31-5-1947	1. <sup>a</sup> menção	1	14
3. <sup>o</sup> período	Esboço de grande composição "Uma biblioteca"	8-5-1947	31-5-1947	Excluído	—	
4. <sup>o</sup> período	Projecto de grande composição "Um balneario"	16-6-1947	31-7-1947	1. <sup>a</sup> menção	1	14

**Ano lectivo de 1946 a 1947**

Época dos concursos	Natureza dos concursos	Datas dos concursos	Datas dos julgamentos	Recompensas	Pontos	Valores
4.º período	Esboço de grande composição "Um abrigo para cegos"	19-6-1947	31-7-1947	2.ª menção	1/2	12
4.º período	Projecto de arquitectura "Restauro da igreja de Cedofeita"	4-7-1947	31-7-1947	1.ª menção	1	16
					14,5	



Livro de inscrições Urbanismo (275)

# ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO

27

Em 2 de Setembro de 1946 inscreveu-se nas cadeiras de urbanismo do artigo 1.º do Decreto N.º 34.607 do Curso Superior de Architectura do Decreto n.º 21.662, abaixo designadas, Fernando Rezende da Silva Magalhães Lanhãs de 22 anos, de nacionalidade Portuguesa, natural da Victoria, distrito de Porto, morador na Rua de José Faleão - 74-1º, com o bilhete de identidade n.º 899178 de 8 de Setembro de 1945, do Arquivo de Porto o qual obteve 3 pontos na prova de projecto de grande composição do citado Curso Superior de Architectura.



	EXAMES DE FREQUÊNCIA			CONCURSOS DE EMULAÇÃO NO CONJUNTO DAS DUAS CADEIRAS								PONTOS	
	1.º PERÍODO	2.º PERÍODO	Média (mínimo neces- sário 10 val.)	1.º PERÍODO				2.º PERÍODO				OBTIDOS	NECESSÁ- RIOS
	(Data e classificação)			Data da classificação	Menções e medalhas	Valores	Pontos	Data da classificação	Menções e medalhas	Valores	Pontos		
15.ª CADEIRA Urbanologia	14-4-1947	quinze valores	15	20-3-1948	2ª Medalha	17	2	—	—	—	—	2	2
		quinze valores	15										
16.ª CADEIRA Projectos e obras de urbanização		dezasseis valores	16										
		dezasseis valores	16										



## PROCESSOS DE OBRA

Gabinete do Município (licenciamento e aditamentos)

Edifício e garagem Pinto Leite, Rua da Maternidade L.O. 85/54

Conjunto habitacional da Rua Henrique Pousão

L.O. 408/54

L.O. 703/55

L.O. 228/56

Edifício Bastos Xavier, Av. Sidónio Pais

L.O. 288/57

Edifício A. Guedes da Silva, na Rua Oliveira Monteiro

L.O. 403/61

Edifício M. M. Teixeira, na Rua Heróis de Mucaba

L.O. 228



DEFERIDO

EM VISTA DA INFORMAÇÃO  
DA AS CONDIÇÕES IMPOSTAS

19 FEV 54

Porto, 5 de Agosto de 1953

*Henrique Monteiro*

Ex.mo Senhor

Presidente da Câmara Municipal do

PORTO

147. (148)  
C. M. P. REQUERIMENTOS

D.S.C.C. 1.ª Rep.ª (Central)

Requer. n.º 13194

Regist. n.º 27. AGO. 1953

CMP  
AG

3.6 /

LAÇADO NO LIVRO DA PORTA

85  
24 Fevereiro 54

Licínio Machado Pereira Pinto Leite, morador na Rua da Maternidade Julio Dinis, nº 13, Porto, tendo apresentado o ante-projecto para a construção de um prédio num terreno de que é proprietário na Rua da Maternidade Julio Diniz, o qual foi registado com o nº 13290/52, vem em aditamento, de acordo com as observações feitas por essa Exma. Câmara, apresentar o projecto do referido prédio.

Pede deferimento.

*Licínio Machado Pereira Pinto Leite*

Porto, 5 de Agosto de 1953

C. M. P.  
ARQUIVO GERAL

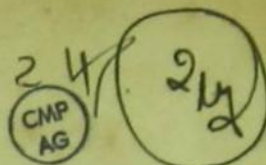
17 NOV 1960

ENTRADA

ANEXOS: Memória descritiva selada e duas cópias; uma planta topográfica e duas cópias, sendo aquela selada; três telas seladas e duas cópias de cada.



CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição-Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
em 19 FEV. 1954



O CHEFE DA REPARTIÇÃO

19 FEV. 1954

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição-Edificações Urbanas

CHEFE DA REPARTIÇÃO

MEMORIA DESCRITIVA DO ADITAMENTO AO ANTE-PROJECTO Nº

13290/52

Em aditamento ao ante-projecto nº. 13.290/

/52 a que se refere o requerimento anexo, apresenta-se o projecto com as alterações impostas pela informação dessa Ex.ma Câmara. Foram feitas ainda mais algumas modificações que se julgaram convenientes ao elaborar o presente projecto. O programa no entanto não sofreu qualquer alteração.

As modificações agora apresentadas constam de:

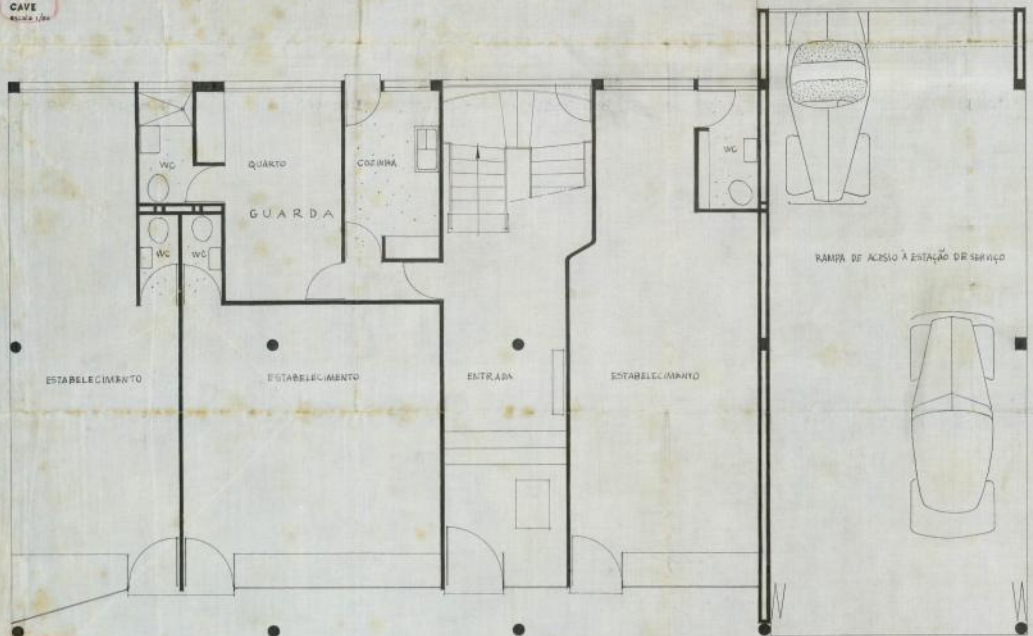
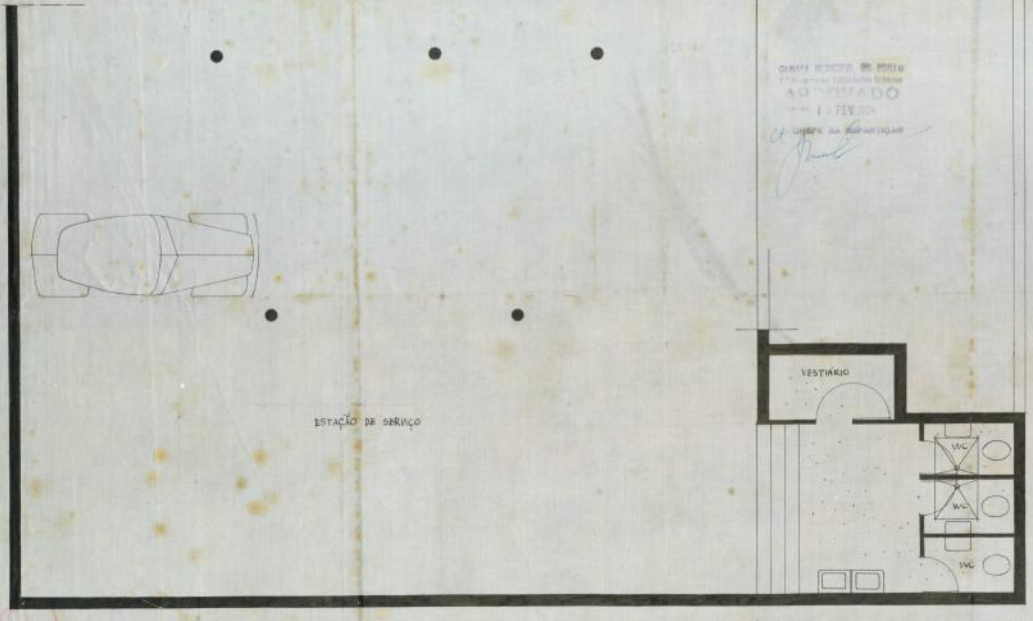
na cave (estação de serviço): construção de lavabos destinados a pessoal;

no rés-de-chão: seriam agora em número de três, e não de dois como se indicava no ante-projecto, o número de estabelecimentos; destinar-se-ia uma pequena área á casa do guarda - porteiro, a qual seria constituída por um quarto, sala comum e banho. Haveria agora sanitários em todos os estabelecimentos;

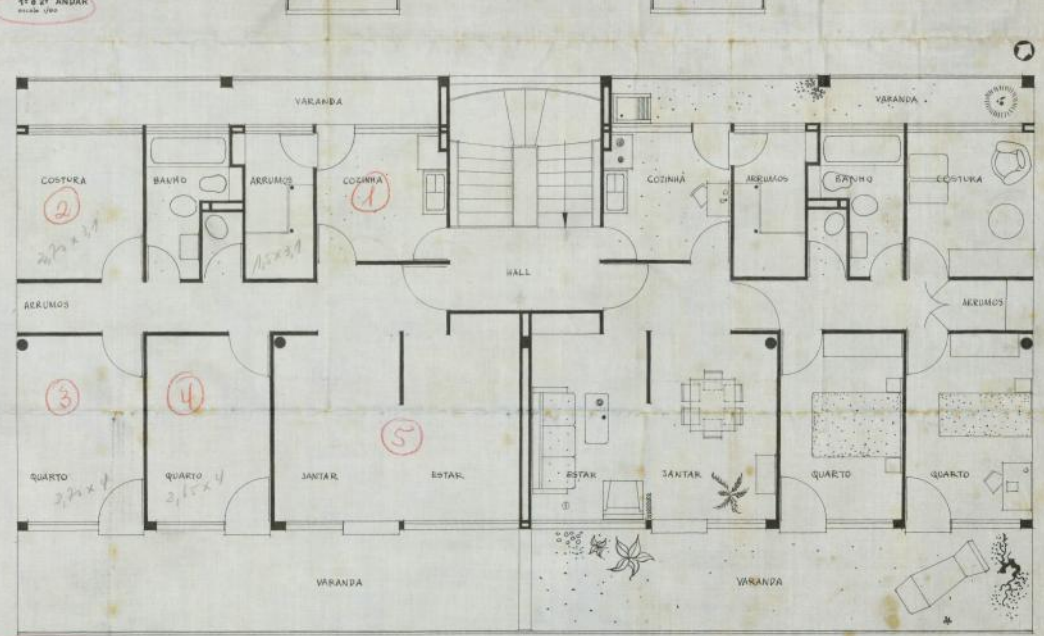
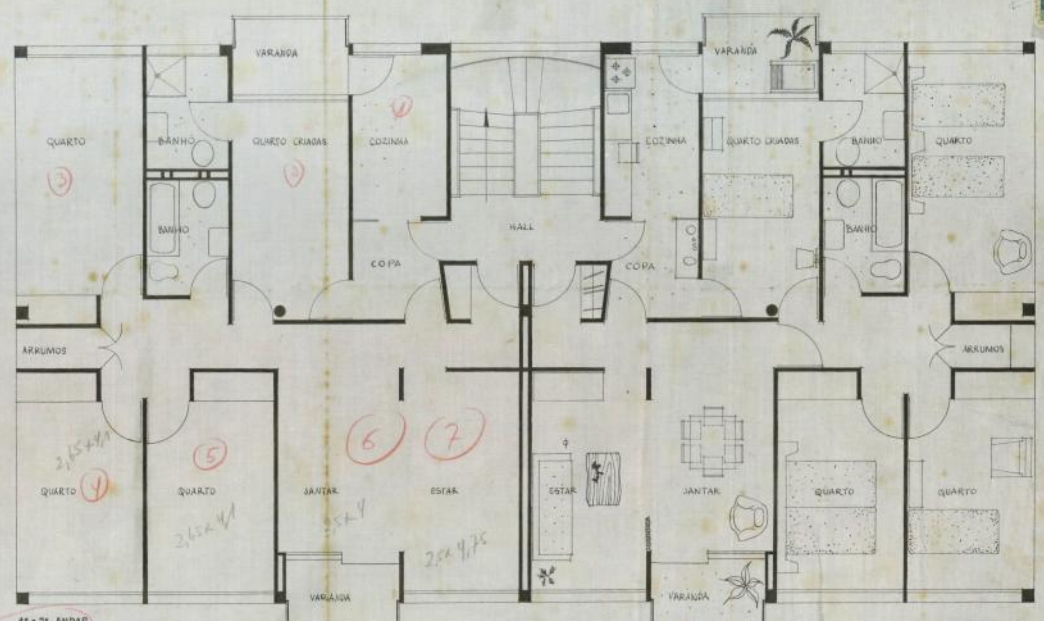
nos andares: pequenas alterações apenas.

No pavimento sobre a estação de serviço, nas traseiras, seriam colocadas de cada lado sebes conforme o projecto indica. O principio do processo constructivo seria o mesmo e oportunamente seriam fornecidos cálculos de betão.





RUA DA MATERNIDADE DE SÓDIO DAVIS



3º ANDAR / REQUADRO

**BH PROJECTO**  
eng. *Bernardo Pereira Dupont* (14.11.52)  
ADITAMENTO AO ANTE-PROJECTO Nº 13250/52  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO EXMO SR.  
LICINHO MACHADO PEREIRA BENTO LITE.





2  
37  
12

CMP  
AG

## TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado, Bernardo Ferrão, Engenheiro Civil (U.P.), residente na Rua Senhora da Luz, 24, Foz dp Douro, declara que, para todos os efeitos da legislação em vigor, assume toda a responsabilidade resultante da direcção e fiscalização da obra que o Ex.mo Snr. Licínio Machado Pereira Pinto Leite, deseja levar a efeito na Rua da Maternidade de Júlio Diniz, bem como das obras de demolição dos prédios existentes.

Porto, 10 de Julho de 1952.

*Bernardo Ferrão*

Reconheço a \_\_\_\_\_ assinatura *Luzia de*

*Bernardo Ferrão*

Emolumento, adicional e selo *3\$00*

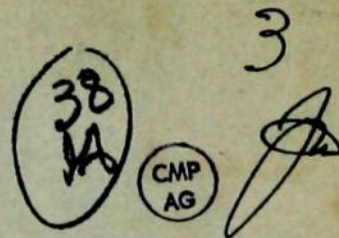
Reg.º no respect.º liv.º sob o n.º *26*

Porto *26 AGO. 1952* de 195

O AJUDANTE DO 2.º CARTÓRIO NOTARIAL

*António de Oliveira*





### Memória descritiva

Num terreno da Rua da Maternidade de Julio Diniz, pretende construir-se um prédio de rendimento constituído por um rez-do-chão destinado a estabelecimentos comerciais, 3 andares, dos quais o último recuado do alinhamento, destinados a 6 habitações e uma cave destinada a uma estação de serviço de automóveis.

Em virtude de existir actualmente no terreno uma construção, esta ter-se-ia de demolir totalmente.

As 4 habitações do 1º. e 2º. andares do novo prédio, seriam constituídas cada uma por: entrada, sala de estar e jantar, dois quartos, escritório, sala de costura, cosinha, banho lavabos, arrumos e varandas.

As duas habitações do 3º. andar, recuado do alinhamento, seriam constituídas cada uma por: sala de jantar e estar, três quartos, cosinha, banho e larga varanda para a frente e para as traseiras.

Na estação de serviço a ventilação e iluminação seria feita por 8 lanternas e haveria uma parte descoberta.

O acesso às habitações seria comum por meio de escada circular de betão.

A estrutura da construção seria constituída por pilares, vigas e lajes de betão armado. Paredes interiores de tijolo ao alto e exteriores duplas de tijolo.



Os revestimentos exteriores seriam feitos com argamassa de cimento e areia e as paredes interiores estucadas a gesso. Os tectos seriam estucados a gesso sobre a placa de betão.

As caixilharias exteriores seriam de castanho pintado e interiores castanho e pinho pintados. Caixilharia dos estabelecimentos em ferro pintado. Vidros com as espessuras próprias segundo as superfícies. Chaminés construídas em tijolo e nas condições exigidas pelo regulamento na parte referente à defesa contra incêndios. Chaminés de ventilação em tijolo. Os pavimentos das cozinhas, banhos e lavabos seriam revestidos a mosaico e as paredes a azulejo até 1,50 m. de altura.

A instalação eléctrica seria de acordo com as prescrições em vigor.

Existindo o colector geral de saneamento seriam estabelecidas caixas interceptoras. Nas traseiras a cobertura da estação de serviço seria ajardinada. Oportunamente seriam fornecidos os cálculos de betão armado.

Porto, 27 de Julho de 1952

Quem Invenção  
Rep. Cui (L.S.)



Remo Sina

40  
12

CMP  
AG

5  
2

CMP  
AG





# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO - 1.ª REPARTIÇÃO - URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 3.º  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VALIDA POR UM ANO)

*Demolir e construir prédio*

A. B. ALINHAMENTO: *O actual*

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL



61 Ma

CMP AG

O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença.  
A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM

N.º 2204 9391 FL 185/201  
10790 186/202

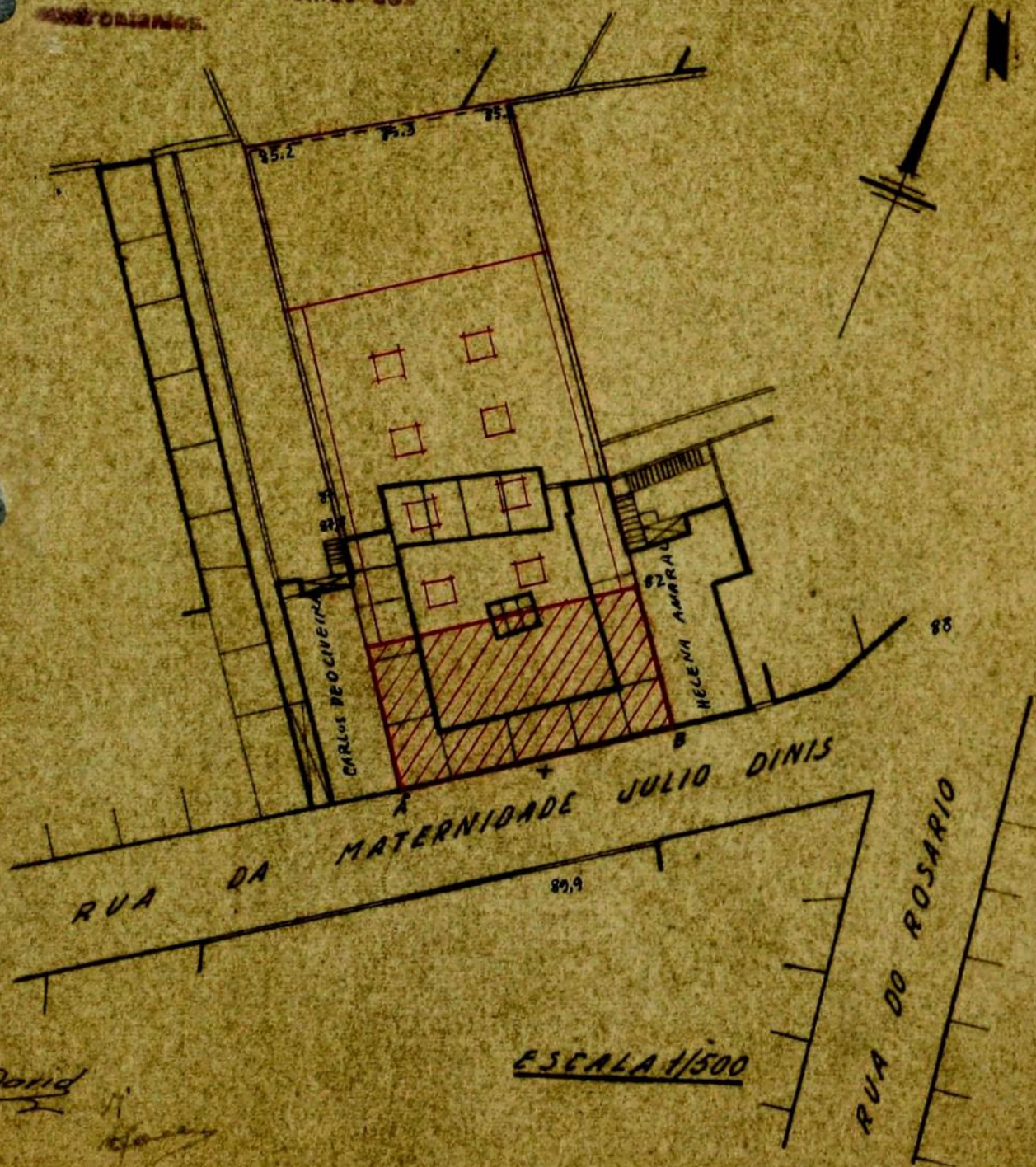
Porto, 5 de Março de 1932

Deve atender-se ao informado no pedido desta planta.

Ab ENG.º CHEFE,

*F. Rocha Marinho*

Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos vizinhos.



ESCALA 1/500

*Daniel*



20  
MUNICÍPIO DE PORTO  
1.º Repartimento de Edificações  
**APROVADO**  
7 FEV. 1957  
CMP  
AG

MEMORIA DESCRITIVA

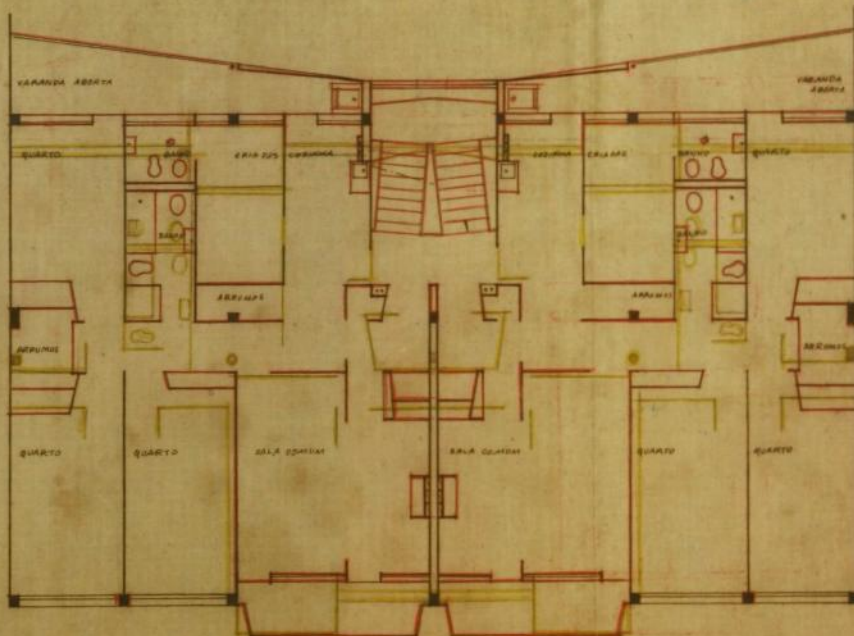
requerente: Licínio Machado Pereira Pinto Leite.

Com o presente aditamento ao projecto nº13194/53, pretende-se alterar uma parte do piso onde se encontra a a garagem, alteração essa que consistiria na supressão das cabines particulares para automoveis e a construção de um escritorio de serviço e um armazem de material; estas dependencias seriam construidas em tejolo ate cerca de 2,00m. sendo depois ou totalmente abertas ou envidraçadas. Há ainda a notar uma pequena mudança na posição dos sanitarios.

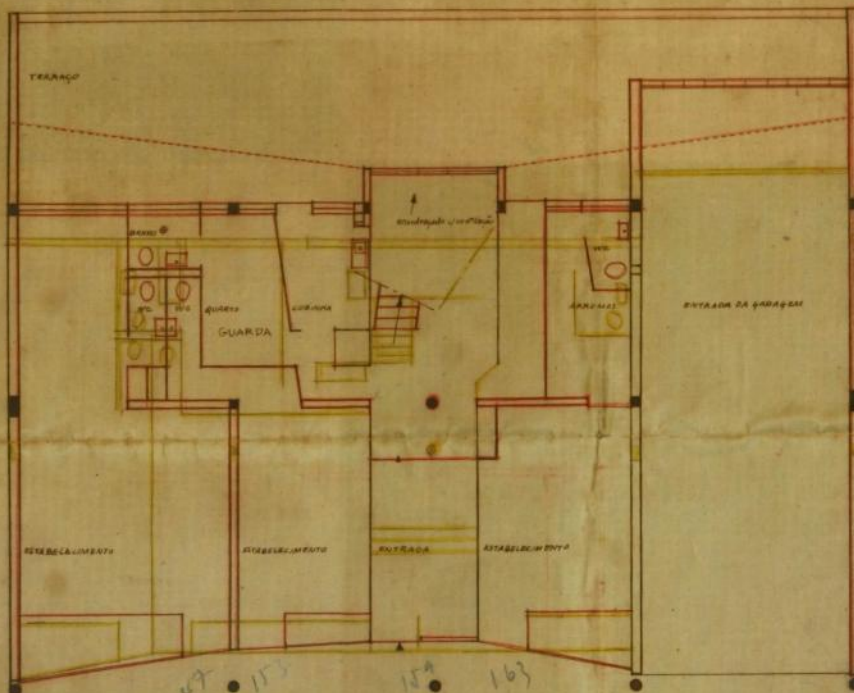
O piso destas dependencias (sanitarios e escritorio) seria ligeiramente mais elevado.

Porto, 9 de Fevereiro de 1956

*Licínio Machado Pereira Pinto Leite*  
Dep.º Civil (M.P.)

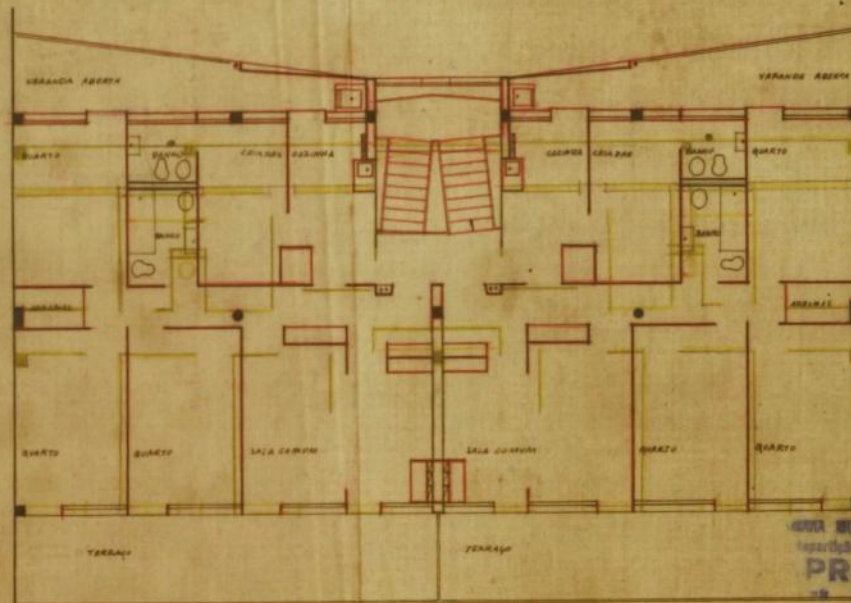


PLANTA DO 1º e 2º ANDAR



PLANTA DO R/C  
OCL/100

RUA DA MATERNIDADE



PLANTA DAS ÁGUAS-FURTADAS

CARTELA MUNICIPAL DO PORTO  
Departamento Edificações Urbanas  
**PROVADO**  
22 FEV 1957

Il. *Prof. Fernando*

ADITAMENTO AO PROJECTO 13.194/53  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO  
EXMO SR. LICÍLIO M. PEREIRA P. LEITE.

*Fernando Loureiro*

*Bernardo Loureiro*  
Eng.º Civil (M.º)

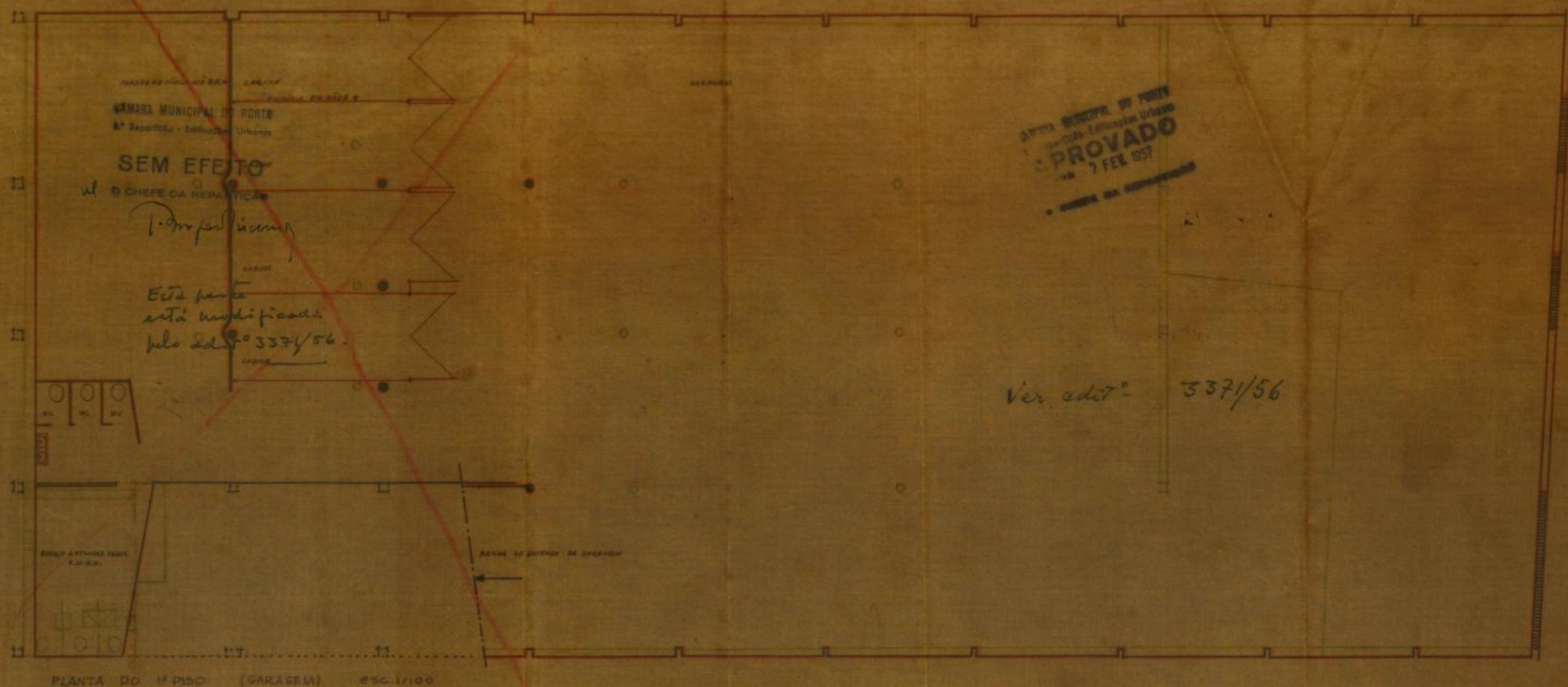


ADITAMENTO AO PROJECTO Nº 15.194/58  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO  
EXMO SR. LICÍNIO M. PEREIRA P. LEITE.

Benevolência Fernando Carlos  
Ry: Cui (h.l.)



2



PROVADO  
7 FEB 1957

Ver. editº 3371/56

PLANTA DO 1º PISO (GARAGEM) ESC. 1/100



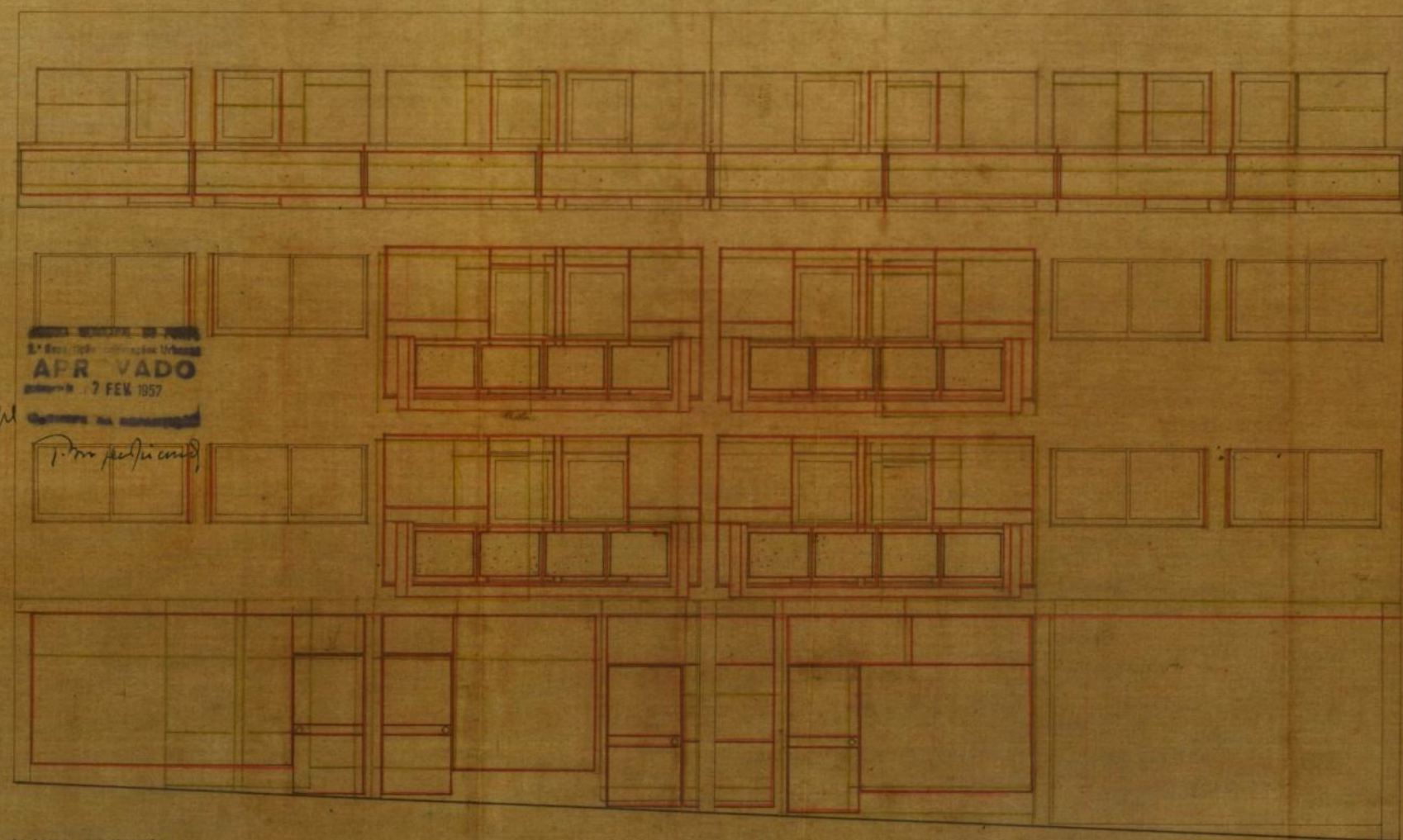
109  
144



3

ADITAMENTO AO PROJECTO N.  
13.144/53 A QUELLE REPREZ. O RE-  
QUERIMENTO DO EX. MO SR. LUCIANO  
M. PEREIRA PINTO LEITE.

Bernardo Barros  
Rep. Ato (L.P.)  
Fernando Louca



APR VADO  
7 FEB 1957

100

ALCADO PRINCIPAL  
SC 1/50



*P. m. defunctus*

Fernando Canhor

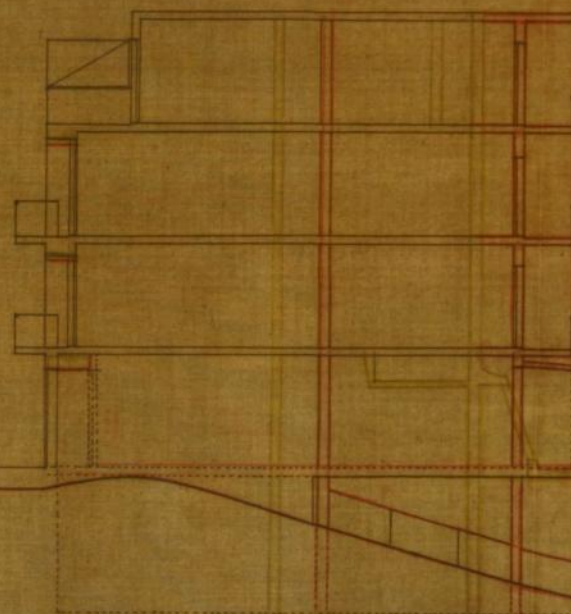
Bernard Stein  
Rep: Civil (U.S.)

ADITAMENTO AO PROJETO Nº 13.104/53  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO  
EXMO SR. LICÍNIO M. PEREIRA P. LEITE.





at *P. neoverficatus*



CORTE LONGITUDINAL ESC 1/100

ALCADO EXTERIOR A

CORTE TRANSVERSAL POR B

ADITAMENTO AO PROJECTO Nº 13.194/53  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO  
EXMO SR. LICINIO M. PEREIRA P. LEITE.

*Bemisia affinis*  
Ry. Cinc (6-7)



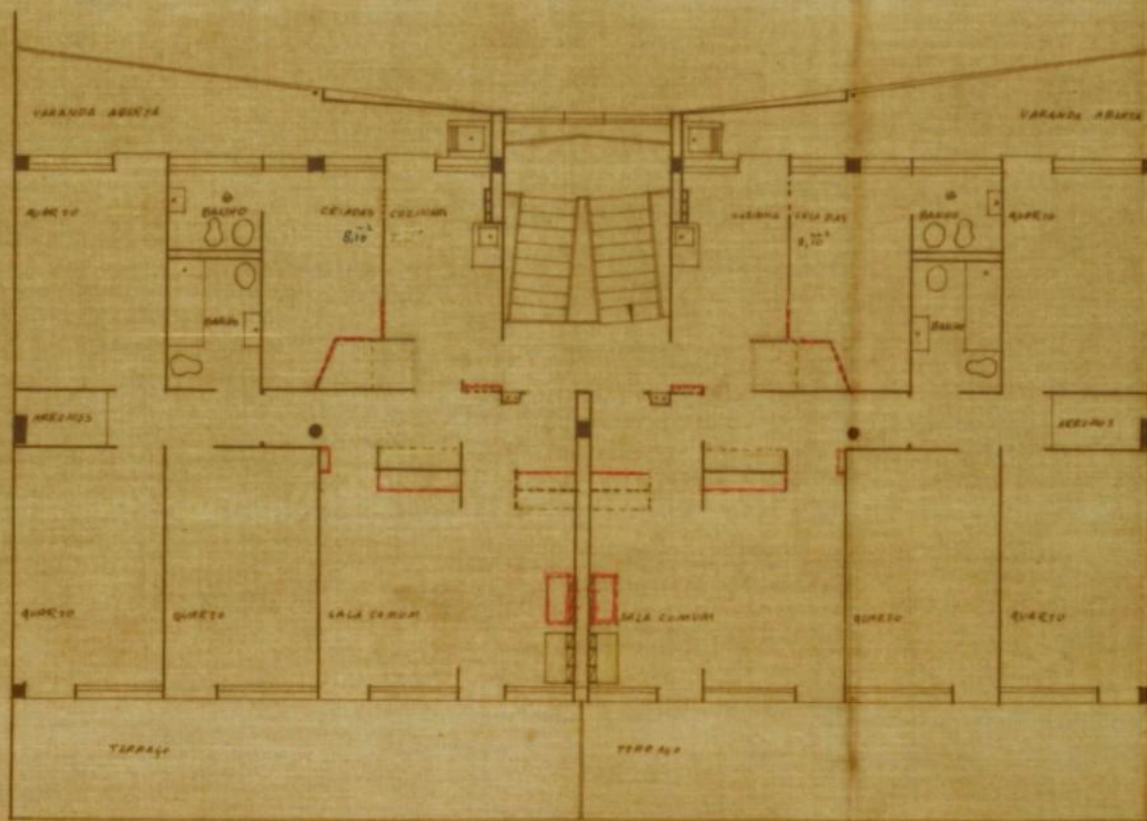
5



CNP  
AG



1



PLANTA DAS AGUAS-FORTADAS



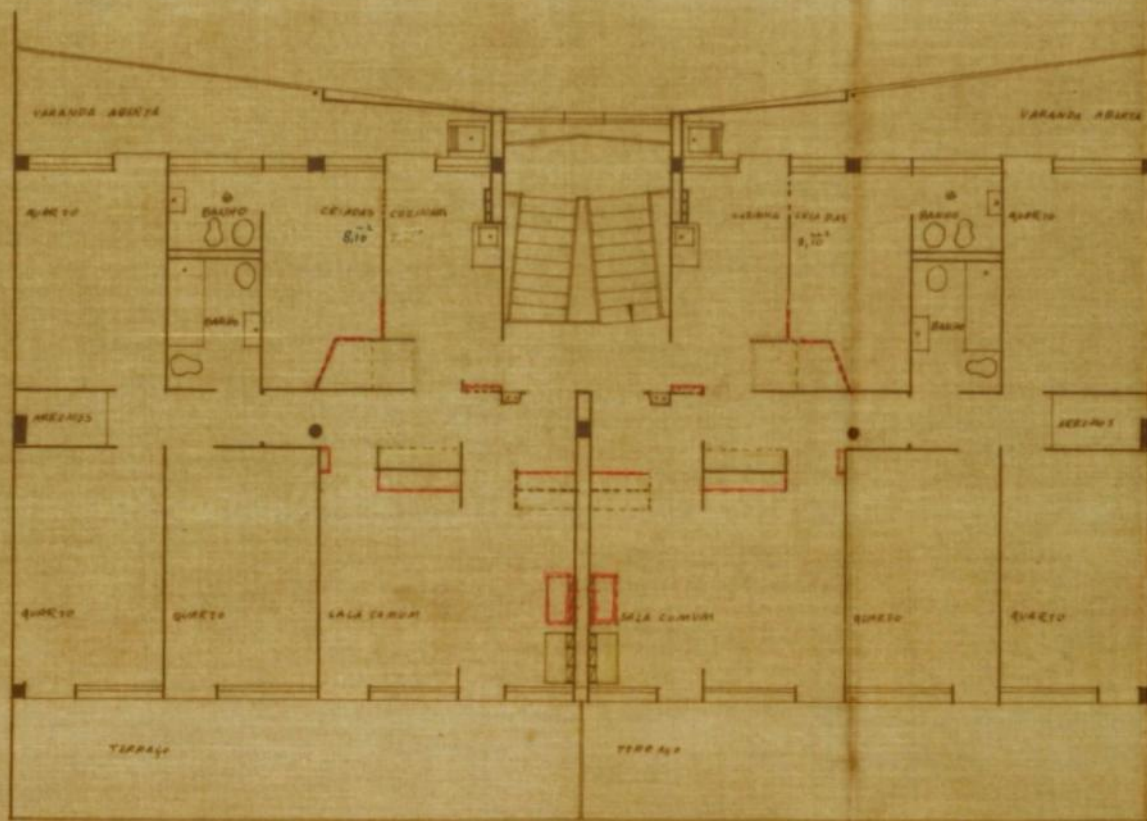
LÉGENDA

- A CONSERVAR
- A DEGRADAR
- A CONSTRUIR

ADITAMENTO AO PROJECTO 13.104/53  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO  
EXMO SR LICÍLIO M. PEREIRA P. LEITE.

Bernardo Pereira  
Eng. Civil (L. P.)





1

PLANTA DAS AGUAS-FORTADAS



LÉGENDA

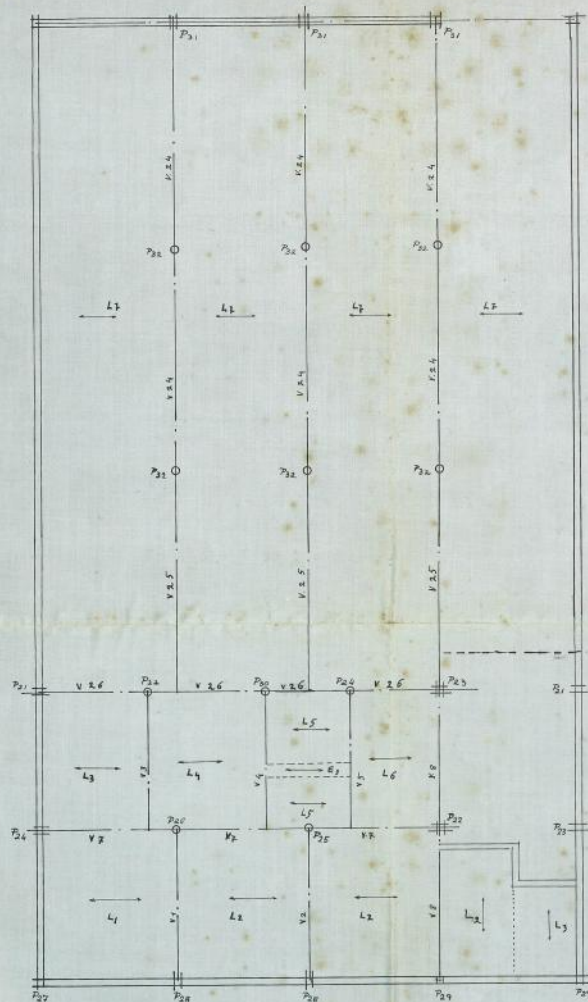
- A CONSERVAR
- A DEGRADAR
- A CONSTRUIR

ADITAMENTO AO PROJECTO 13.104/53  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO DO  
EXMO SR LICÍLIO M. PEREIRA P. LEITE.

Bernardo Pereira  
Eng.º Civil (L.º P.)

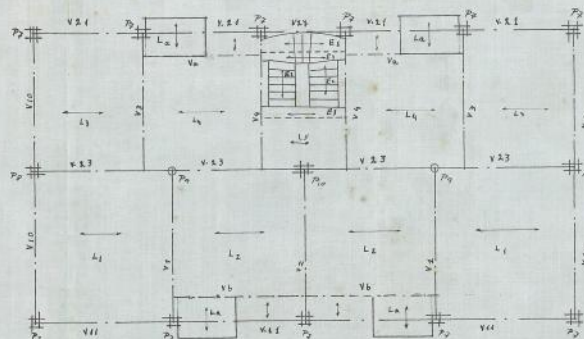


PAVIMENTO SOBRE A CAVE  
Esc. 1/100

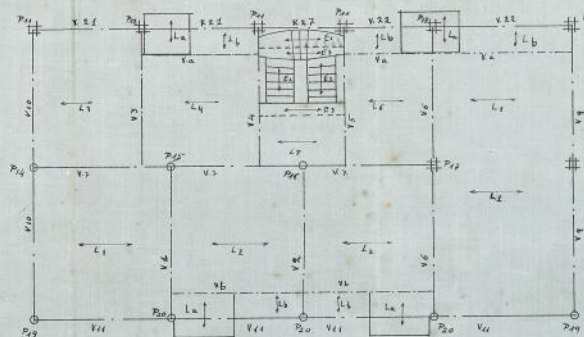


ADITAMENTO AO PROJECTO REGISTADO COM O Nº 13194/53  
BETÃO ARMADO

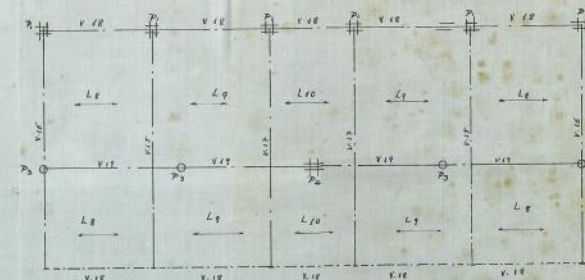
PAVIMENTO SOBRE O 1º ANDAR  
Esc. 1/100



PAVIMENTO SOBRE O R/C  
Esc. 1/100

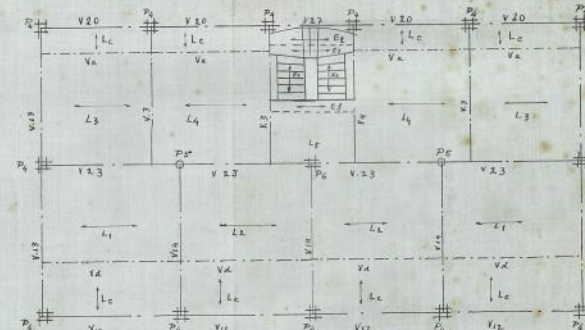


PAVIMENTO SOBRE O 3º ANDAR  
Esc. 1/100



APPROVADO  
13 FEB 1954

PAVIMENTO SOBRE O 2º ANDAR  
Esc. 1/100





DEFERIDO  
EM VISTA DA INFORMAÇÃO  
DAS CONDIÇÕES IMPOSTAS

23 JUL 1954



C. M. P. REQUERIMENTOS  
D.S.C.C. 1.ª Rep.ª (Central)

Requer. n.º 6301

Regist. em 22 ABR 1954

145

CMP  
AG

Ex.º Senhor

Presidente da Câmara Municipal do Porto

LICENÇA N.º 408

3 Agosto 1954

Lísio Manuel Moreira Camarinha, morador na Rua do Rosario, 329, desejando proceder á construcção de um prédio num terreno de que é proprietário na Rua de Henrique Pousão, vem submeter á apreciação de V. Ex.ª o ante-projecto do referido prédio.

Pelo presente mais declara delegar no seu técnico Architecto Fernando Tudela (E.B.A.P.) qualquer aditamento a apresentar nessa Ex.ª Câmara.

Pede deferimento

Porto, 18 de Abril de 1954

*Lísio Manuel Moreira Camarinha*

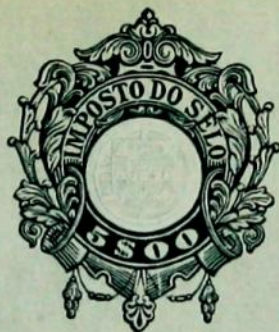
ANEXOS: 1 termo de responsabilidade; 1 memória descritiva selada e duas cópias; 1 memória descritiva de saneamento selada e duas cópias; 1 planta topográfica selada e duas cópias; 3 cópias do ante-projecto sendo uma selada.

316

C. M. P.  
ARQUIVO GERAL  
14 NOV 1960  
ENTRADA

LANÇADO NO LIVRO DO PORTO





24/

2ms



### TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado Fernando Tudela, Arquitecto diplomado pela E.B.A.P., residente na praça de Sidónio Pais, 267, 7º, Sala 7, declara que para todos os efeitos da legislação em vigor, assume toda a responsabilidade resultante da Direcção e Fiscalização da obra que o Ex.mo Senhor Lísio Manuel Moreira Camarinha, deseja levar a efeito na Rua de Henrique Pousão.

Pôrto, 18 de Abril de 1954

*Fernando Tudela*  
arp 54

RECONHEÇO A ASSINATURA SUPRA.

18 ABR 54

O.º Cartório Notarial de Porto.

Emolumento a este: - 2000

Registado no respectivo livro sob o n.º

46

O NOTÁRIO:

*[Signature of the Notary]*





CMR  
AG

3  
MS

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição Edificações Urbanas

**APPROVADO**

23 JUL. 1954

CHefe DA REPARTIÇÃO

MEMORIA DESCRITIVA DO ANTE-PROJECTO A QUE SE REFERE O  
REQUERIMENTO DO EX.MO SENHOR LÍSIO MANUEL MOREIRA CAMA-  
RINHA. -----

Num terreno da Rua de Henrique Pousão pretende construir-  
-se um prédio destinado a três habitações.

Este prédio seria constituído por três pisos, rés-do-chão  
e dois andares, com acesso por uma escada comum interior.  
Cada habitação compreenderia um piso com as seguintes de-  
pendências: dois quartos, quarto de banho, sala de jantar  
cozinha, dispensa e hall de entrada.

Os pavimentos dos andares e a escada de acesso a estes,  
seriam construídos em betão. Paredes das empenas cons-  
truídas em perpianho argamassado assentes em alicerces  
de perpianho ao baixo. Paredes de enchimento exteriores  
e interiores construídas em tijolo. Armação dos telha-  
dos em madeira de pinho para receber telha Lusa. Reves-  
timentos exteriores com argamassa de cimento e areia.  
Tetos estucados a gesso sobre placa de betão e em esta-  
fe. Os pavimentos da cozinha, dispensa, e banho, seriam  
revestidos a mosaico e as paredes forradas a azulejo  
até 1, 50 m. de altura. Chaminés construídas em tijolo  
e nas condições exigidas pelo regulamento na parte re-  
ferente á defesa contra incêndios. Caixilharias exterior-  
es de castanho para pintar e interiores de pinho também  
para pintar. Vidros com as espessuras próprias conforme



2001 1954 54

as superfícies.

A instalação eléctrica seria de acordo com as prescrições em vigor. Existindo o colector geral de saneamento, seria estabelecida uma caixa interceptora, alem das caixas de visita necessárias.

Nas traseiras haveria uns anexos destinados á criação de aves, arrumos e pia de lavar.

Oportunamente seriam fornecidos cálculos de betão armado.

Pôrto, 19 de Abril de 1954

*Francisco de Paula*  
arg. 54.



# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO - 1.ª REPARTIÇÃO - URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 3.º  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VALIDA POR UM ANO)

CONSTRUIR PRÉDIO DE 3 FOGOS

A. B. ALINHAMENTO: O APROVADO

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL



CMP  
AG

O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou a concessão da respectiva licença.

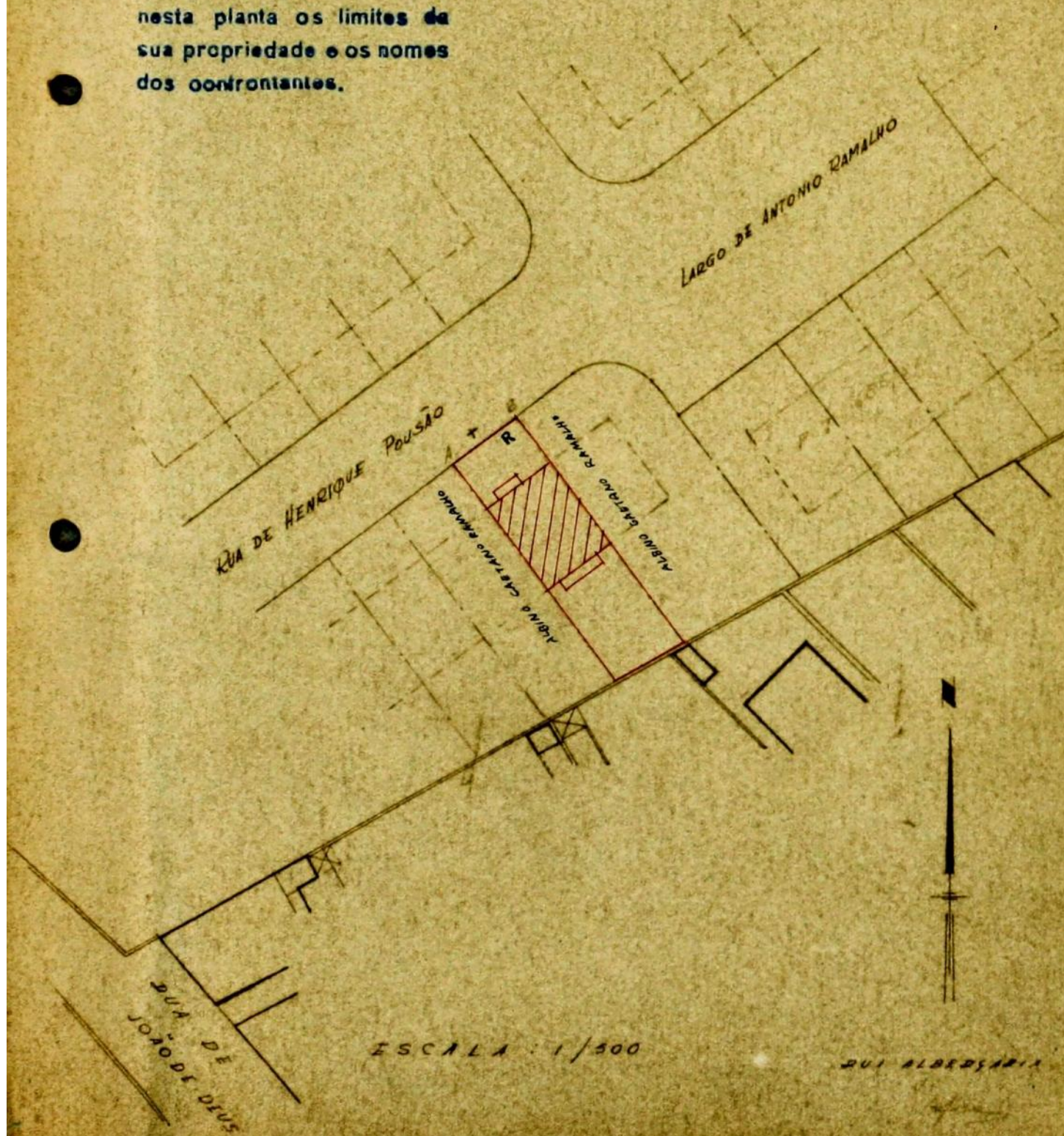
A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM

N.º 3847 12.150 FL. 139.140 Porto, 20 de MARÇO de 1954  
10.624

Eng.º CHEFE,  
*João Antunes*

DEVE ATENDER-SE AO INFORMADO NO PEDIDO DESTA PLANTA

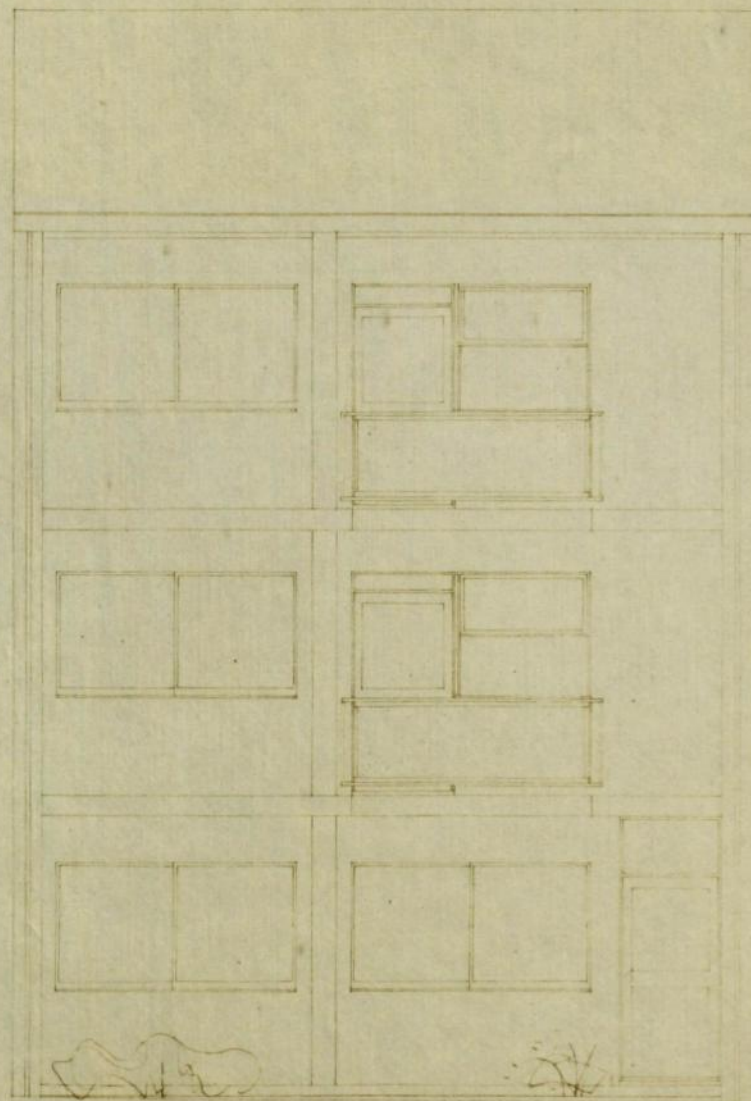
Deve o Interessado indicar  
nesta planta os limites da  
sua propriedade e os nomes  
dos confrontantes.



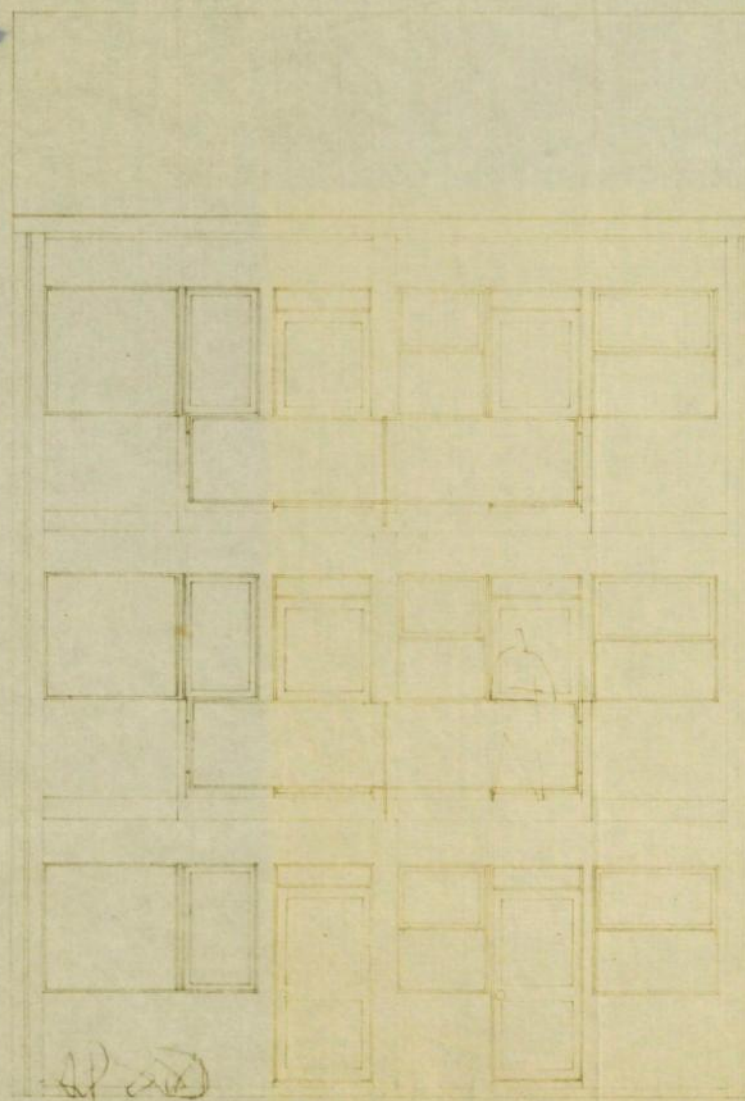
ESCALA 1/500

RUA ALBERTO SERRA





FRETE



POSTERIOR

HLC



ANTE-PROJECTO A QUE SE  
PESOU O REQUERIMENTO DO SR.  
MO SR. LISIOMARCEL X. CAMARINHA

arq.s

CMP  
AG

Fernando Lantras

*[Signature]*

ALÇADOS

ESC. 1/50

CAMARA MUNICIPAL DO PORTO

1.ª Repartição - Edificações Urbanas

**APROVADO**

em 23 JUL, 1954

O CHEFE DA REPARTIÇÃO

*[Signature]*



COMISSÃO MUNICIPAL DE ZONAMENTO URBANO  
 12.º Regimento de Engenharia Urbana  
**APROVADO**  
 em 23 JUL 1991  
 COMISSÃO DE REPARTIÇÃO

arq.s

Fernando Louhas  
 Fernando de Medeiros  
 arq. sv.

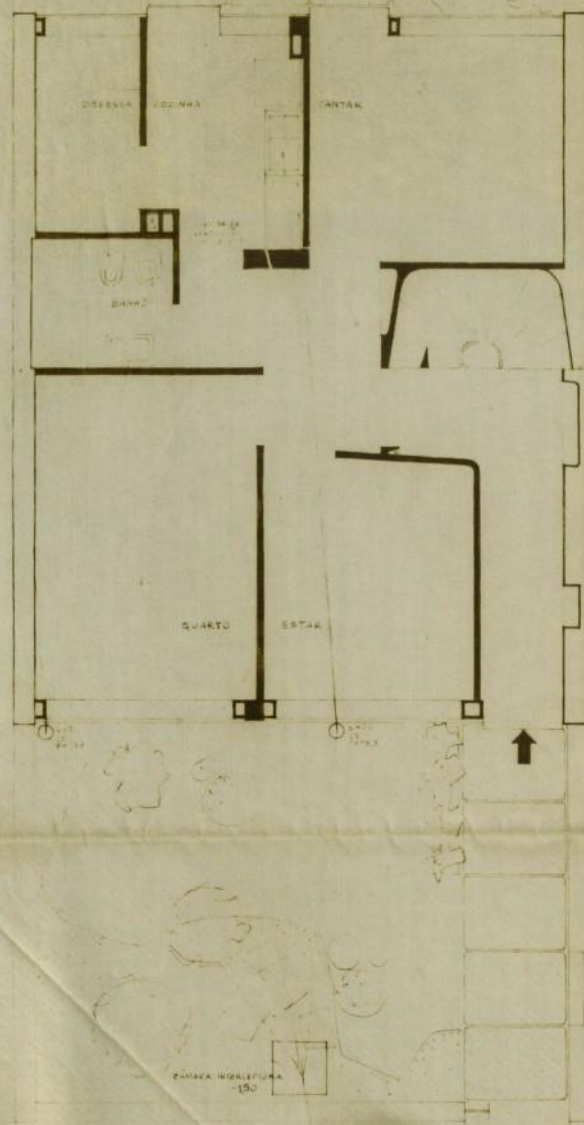
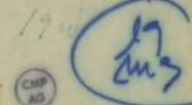
**H LC**

ANTE-PROJECTO A QUE SE RE-  
 FERE O REQUERIMENTO DO ED-  
 MO SR. LÍLIO NUNES VICARINHA

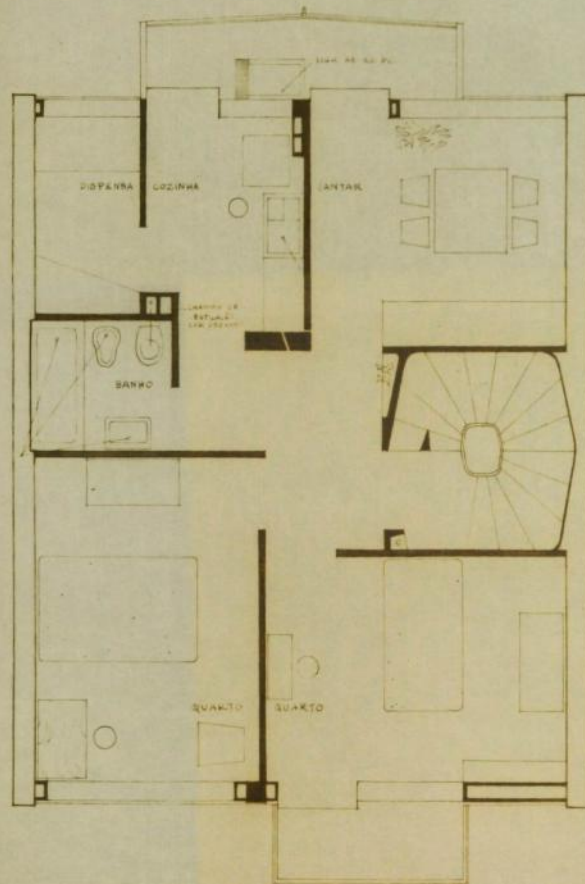


PLANTAS

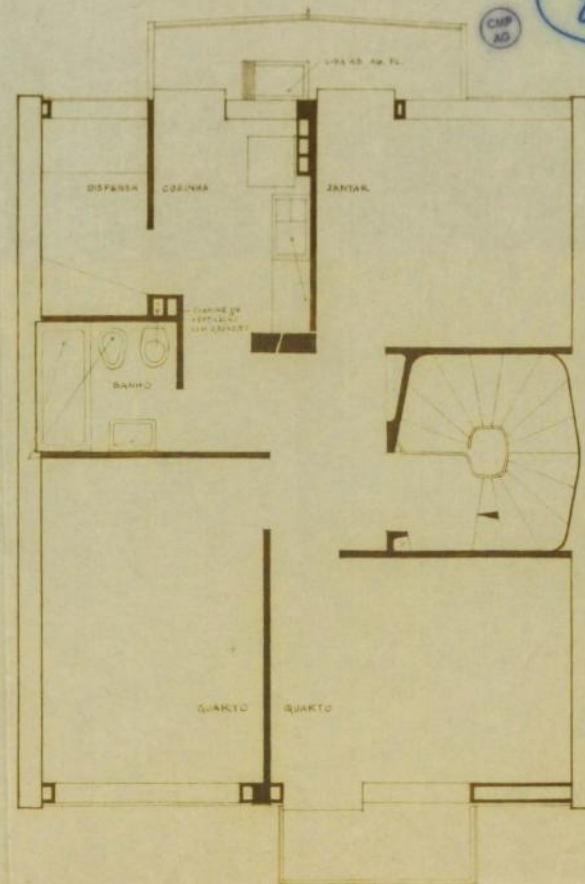
ESC. 1:50



RÉS DO CHÃO



1º ANDAR



2º ANDAR



LUGAR DO MURO EXTERIOR



arq.s

Fernando Carlos  
Arquitecto  
54.

ADITAMENTO AO ANTE-PRO-  
JECTO A QUE SE REFERE O  
REQUERIMENTO DO SR. MOISE  
LISIO M. MOREIRA LAMARINHA  
REG. DO ANTE-PROJECTO: 6301/54



PLANTA R/C (SECÇÃO)

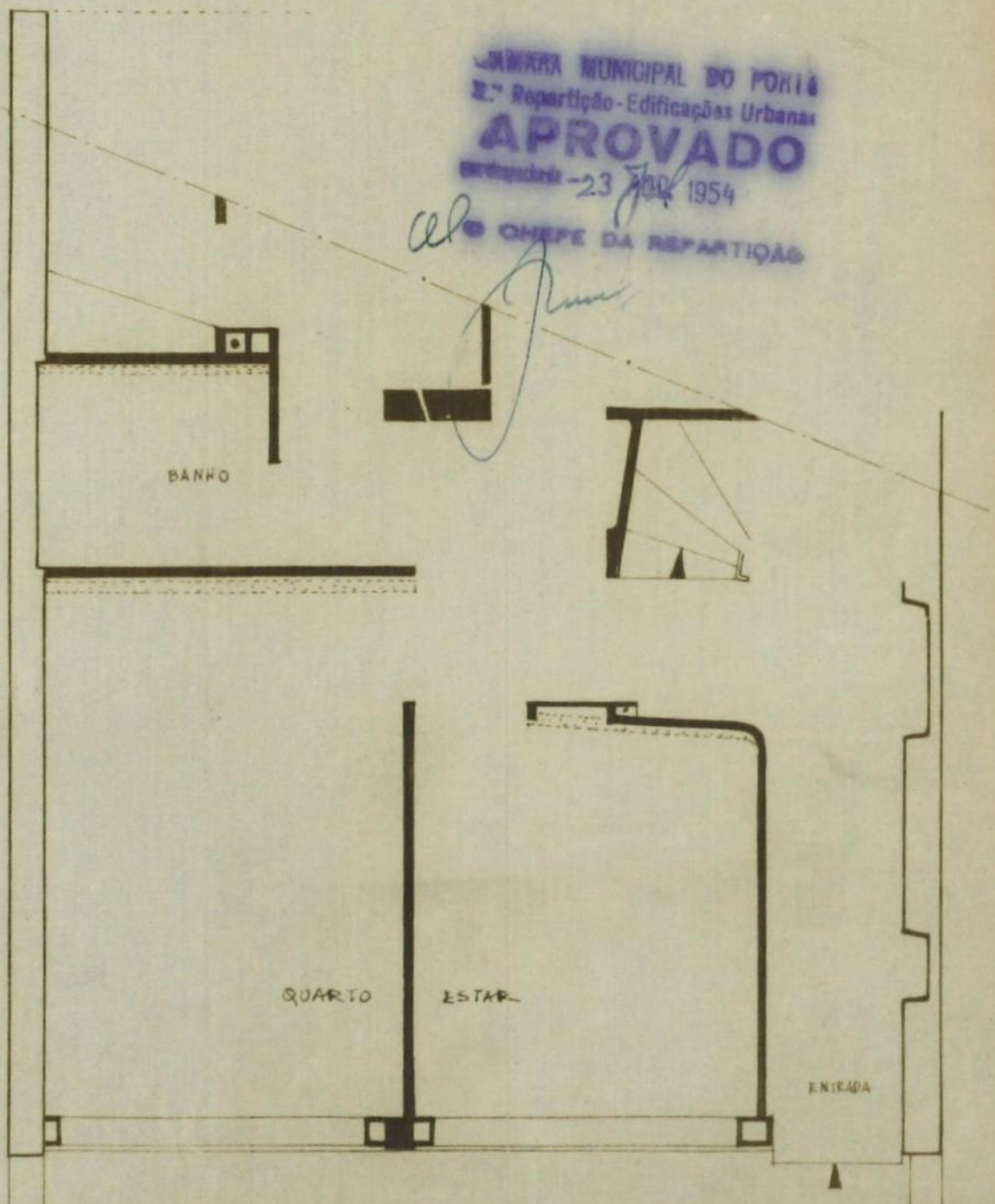
ESC. 1/50

2.0 w

20 m

CMP  
AG

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição-Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
em 23 de Maio de 1954  
O CHEFE DA REPARTIÇÃO



legenda:  
A DEMOLIR:   
PROJECTADA E A CONSTRUIR:



H L C

ANTE-PROJECTO A QUE SE RE-  
FERE O REQUERIMENTO DO EX-  
MO SR. LISIOMANUEL M. CAMARINHA

arq.s



21  
(ms)

Fernando Louisa

*Pinnatifida* 54

CORTE LONGITUDINAL

ESC.1/50

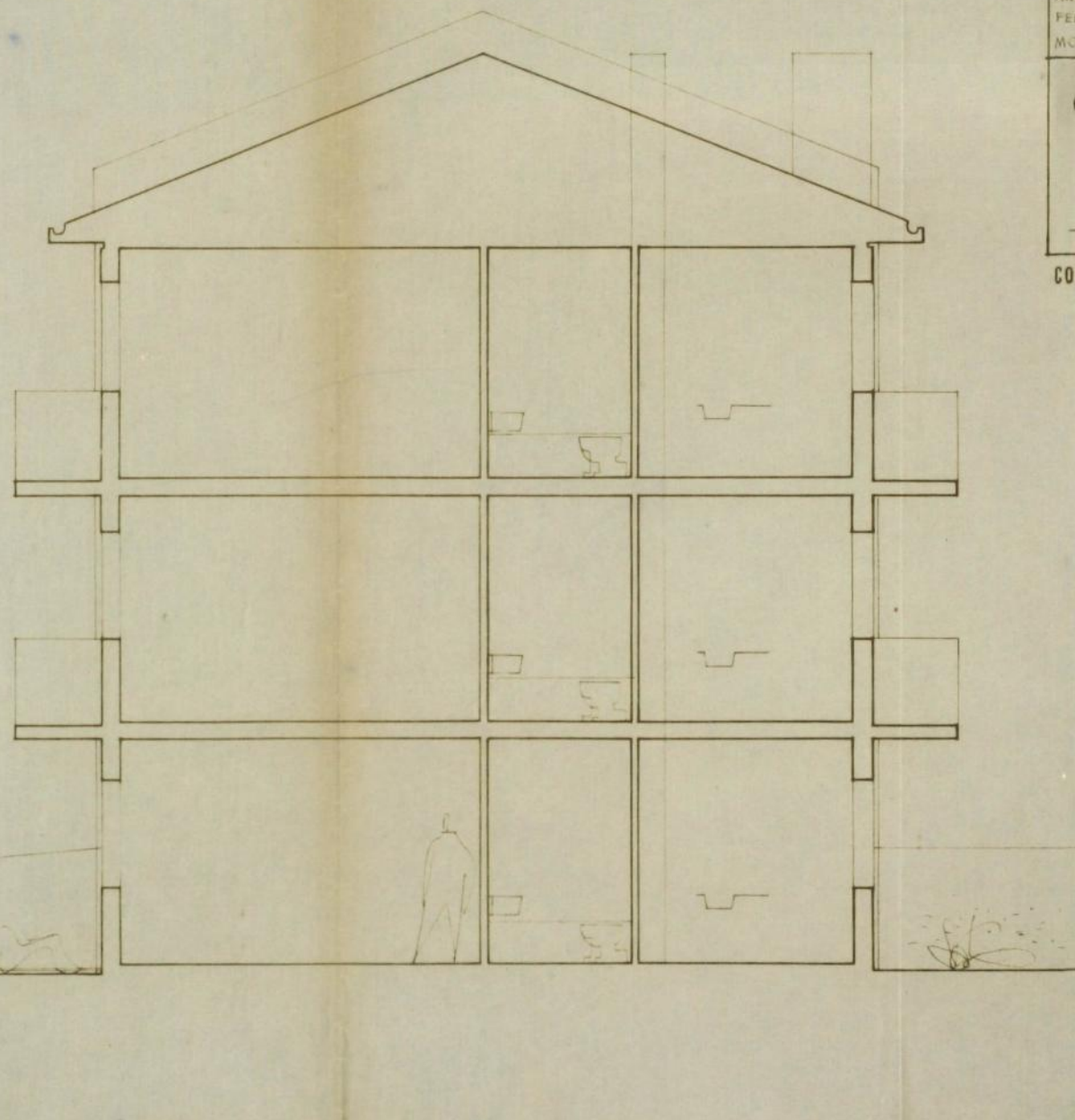
215

AMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição-Edificações Urbanas

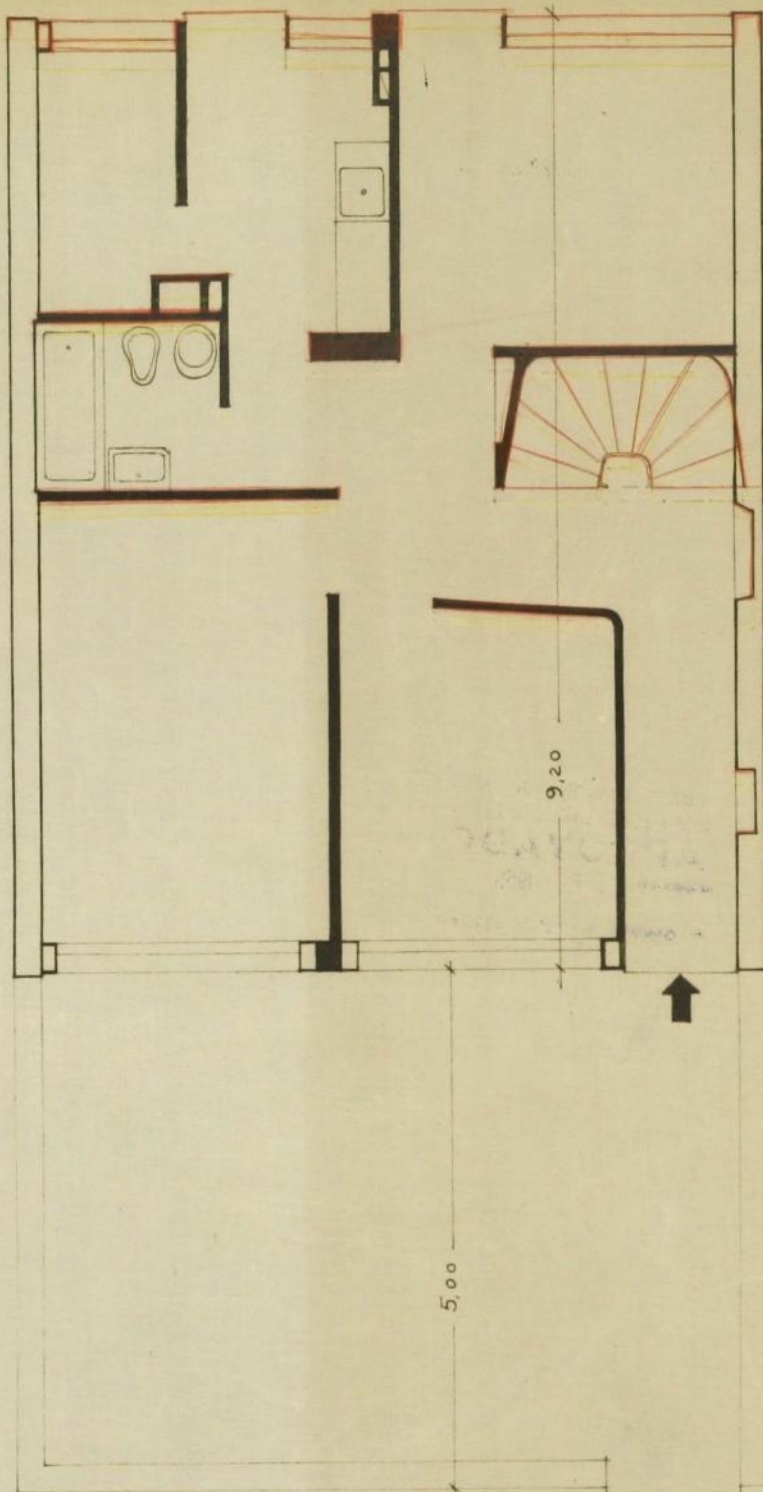
**APROVADO**

23 JUL, 1954

O CHEFE DA REPARTIÇÃO







PÉS DO CHÃO

RUA DE HENRIQUE FOUZÃO

00-1250



ADITAMENTO AO PROCESSO 6301/54  
A QUE SE REFERE O REQUERIMENTO  
DO EX.MO SR LISIO MANUEL VIOREIRA  
CAMARINHA.

arq.s

Fernando Lamas  
Arq. 54

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
1.ª Repartição - Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
em 28 de 28 FEV. 1955

CHIEFE DA REPARTIÇÃO



DEFERIDO

VISTA DA INFORMAÇÃO  
AS CONDIÇÕES IMPOSTAS

- 4.11.55



C.M.P. REQUERIMENTOS

D.S.C.C. 1.ª Exp.ª (Licitad)

19405

Exp.ª 1.ª - 7. DEZ. 1955

CMP  
AG

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto

LICENÇA N.º 228

de 19 de Maio de 1956

Lisio Manuel Moreira Camarinha, casado, de 38

anos, proprietário, e Maria de Lourdes Pereira de Sousa Teixeira Camarinha, casada, de 27 anos, doméstica, ambos moradores na rua de Henrique Pousão, 17, Porto, desejando proceder à construção de um prédio no terreno de que são proprietários, na rua de Henrique Pousão, vem submeter à apreciação de V.Excia o respectivo projecto e solicitar a necessária licença de obras para o prazo de 360 dias, digo 180 dias.

PEDEM DEFERIMENTO:

Porto, 25 de Novembro de 1955

Lisio Manuel Moreira Camarinha

Maria de Lourdes Pereira de Sousa Teixeira Camarinha

Reconheço a sua assinatura

Lisio Manuel Moreira Camarinha,  
Maria de Lourdes Pereira de Sousa  
Teixeira Camarinha.

Emolumento - o selo 6.00

Reg.º no respect.º liv.º sob o n.º 82

Porto, 6 DEZ 1955 22 de 195

o AJUDANTE DO 2.º CARTÓRIO NOTARIAL

Anxos: um termo de responsabilidade; uma memória descritiva selada e duas copias; uma fotografia selada; uma planta topográfica selada e duas copias; tres copias sendo uma selada.

ARQUIVO GERAL

- 3 FEV 1962

ENTRADA





2

CMP  
AG

### TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado, Fernando Tudela, architecto diplomado pela E.B.A.P., residente na Rua de Faria Guimarães, 15, declara para todos os efeitos da legislação em vigor, assumir toda a responsabilidade resultante da obra que os Ex.mos Snrs. Lísio Manuel Moreira Camarinha e D. Maria de Lourdes Pereira de Sousa Teixeira Camarinha, desejam levar a efeito na Rua de Henrique Pousão.

Porto, 2 de Dezembro de 1955

~~Assinatura do Ajudante do Cartório~~  
~~Attestado do Cartório Notarial~~  
~~Registado no respectivo livro sob o n.º~~  
~~o selo~~  
~~Assinatura~~

~~Assinatura do Ajudante do Cartório~~

~~Fernando Tudela~~

Assinatura do Ajudante do Cartório  
o selo 5500  
Registado no respectivo livro sob o n.º 1-12  
Attestado do Cartório Notarial - 6 DEZ 1955  
AJUDANTE DO CARTÓRIO





3  
CMP  
AG  
Câmara Municipal do Porto  
1.ª Repartição - Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
4 MAIO 1956

## MEMORIA DESCRITIVA

REQUERENTES: EX.mos Snrs. Lísio Manuel Moreira Camarinha e D. Maria de Lurdes Pereira de Sousa Teixeira Camarinha.

Num terreno da Rua Henrique Pousão pretende-se construir um prédio para três habitações.

Este prédio seria constituído por três pisos, r/c e dois andares, com acesso por uma escada comum interior. Cada habitação seria constituída por dois quartos, sala de jantar, banho, cozinha, dispensa e arrumos.

Os pavimentos dos andares, pilares, varandas e escada seriam em betão. As paredes das empenas seriam em perpeanho bem como os alicerces. Paredes de tijolo no interior e nos enchimentos exteriores. Armação do telhado em pinho para receber telha Lusa. Revestimentos exteriores a cimento e areia. Tetos a gesso e em estafe. Pavimento das coiznhas e banhos em mosaico; paredes destas dependências a azulejo até 1,50 m. Chaminés em tijolo e nas condições exigidas pelo regulamento. Caixilharias exteriores em castanho para pintar e interiores de pinho para pintar. Instalação eléctrica de acordo com o regulamento. Existe colector geral sendo feita uma caixa interceptora. A caixa de escada com ventilação permanente. A dispensa e arrumos não terão outra serventia. Oportunamente serão fornecidos os cálculos de betão.

Porto, 2 de Dezembro de 1955

*[Handwritten signature]*



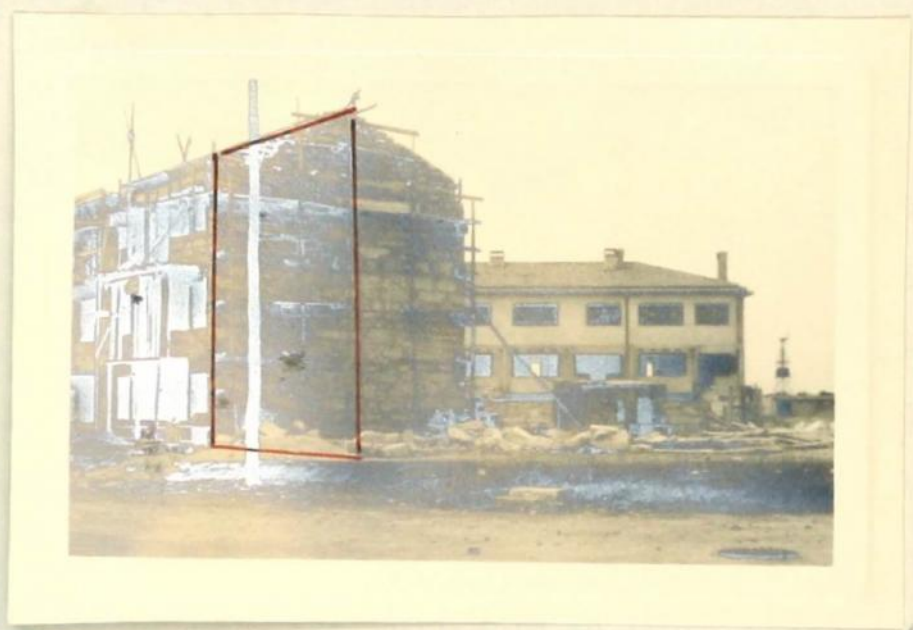
4

14/11

CMP  
AG



la



*Paula F. de S. L.*



# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO — 1.ª REPARTIÇÃO — URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 3.º  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VÁLIDA POR UM ANO)

CONSTRUIR EREDO

A. B. ALINHAMENTO: O APROVADO

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL



O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença. Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos confrontantes.

A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM

12130 FL. 139

Porto, 2 de Dezembro de 1955

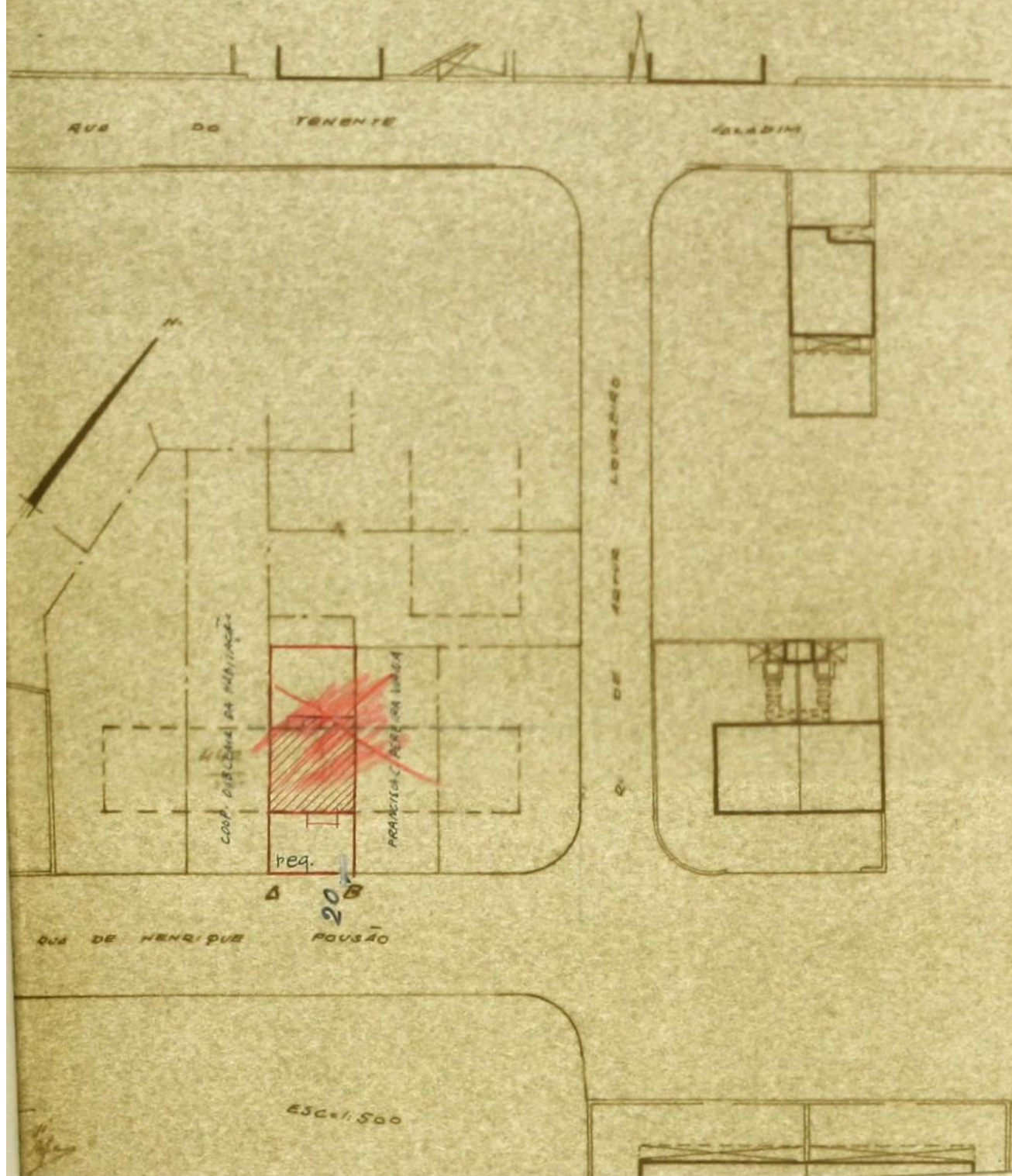
Nº 5394

10630

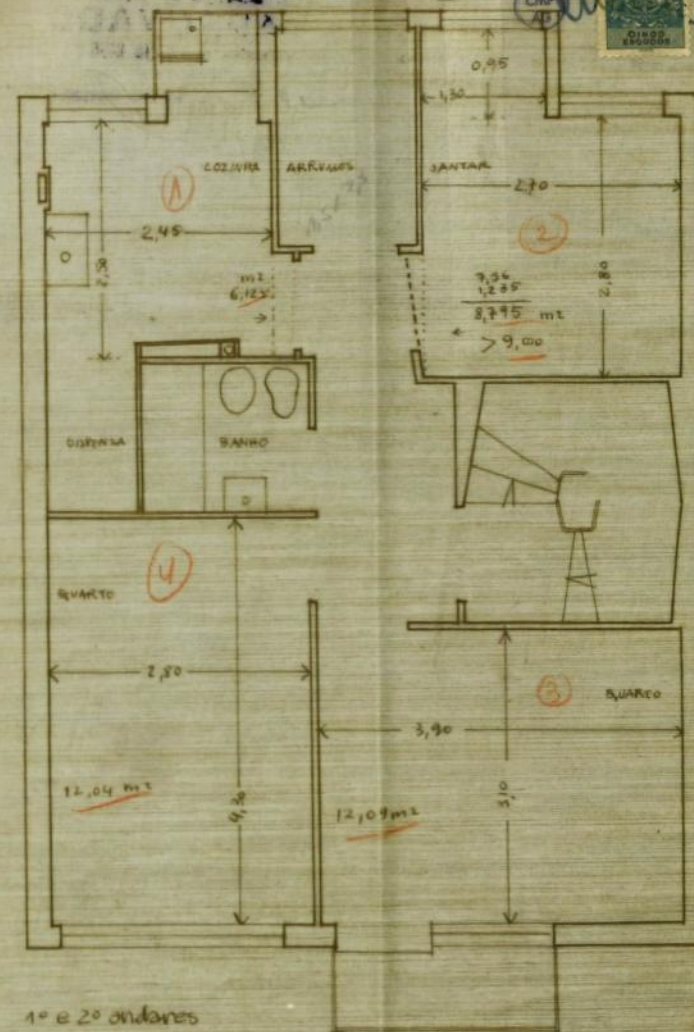
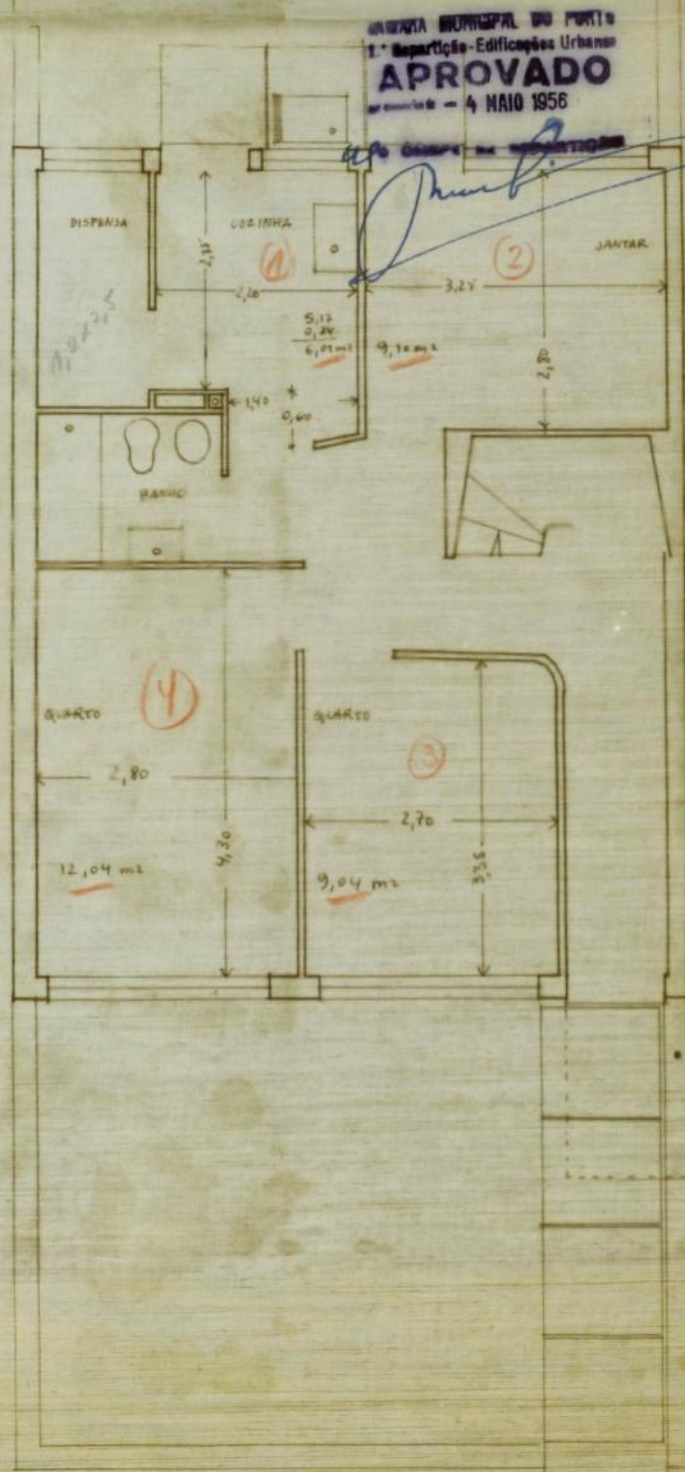
DEVE CUMPRIR A DIVISÃO EM TELHÕES E A IMPLANTAÇÃO APROVADA PARA O LOCAL, SEM COMO O REGULAMENTO EM VIGOR.

Pe' o ENG.º CHEFE.

7. Cris. Realimentar







ADITAMENTO AO PROJECTO 19.405/55

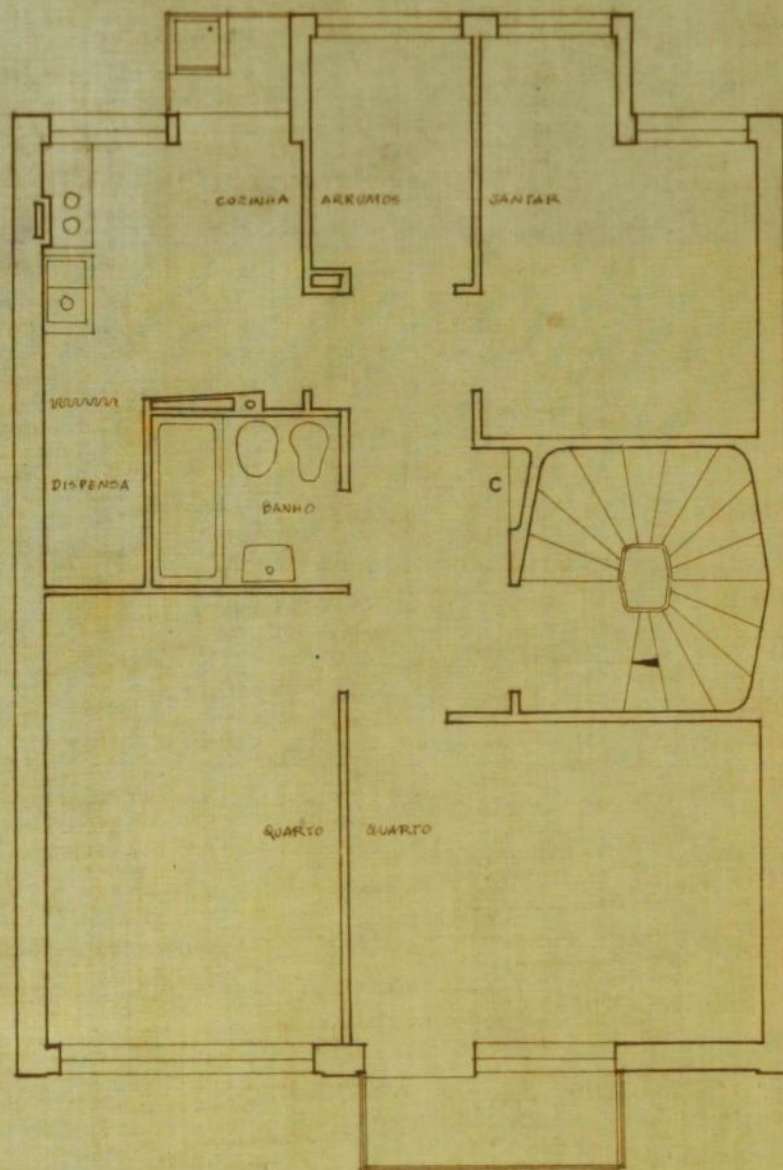
REQ.

EXMO SR. LINDO M. M. CAMARINHA

ARQS.

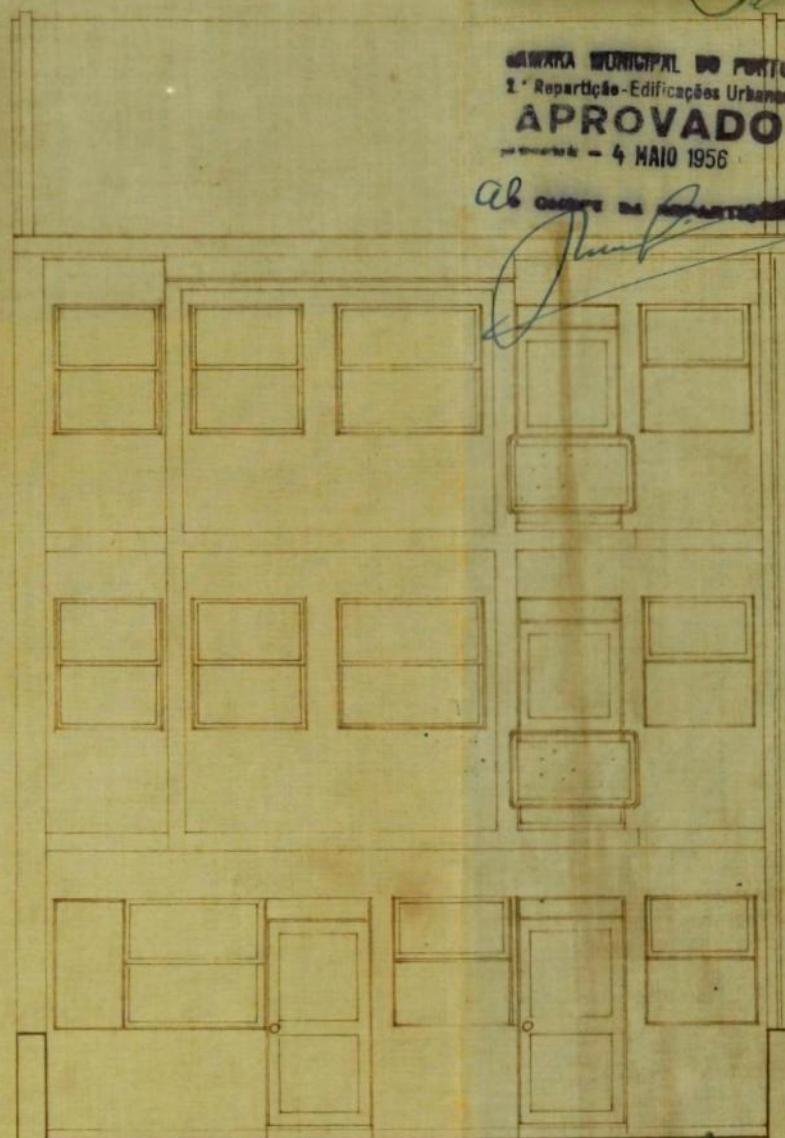
Fernando Carlos Fernandes





PLANTA DO 1º E 2º ANDAR

esc 1/50



POSTERIOR

requerente  
EXMO SR LÍSIO M. MOREIRA CAMARINHA

ARGO

Fernando Ladeiras

Arquitecto

CMP  
AG

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
1ª Repartição - Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
em 4 MAIO 1956

al. GONÇALVES DA SILVA





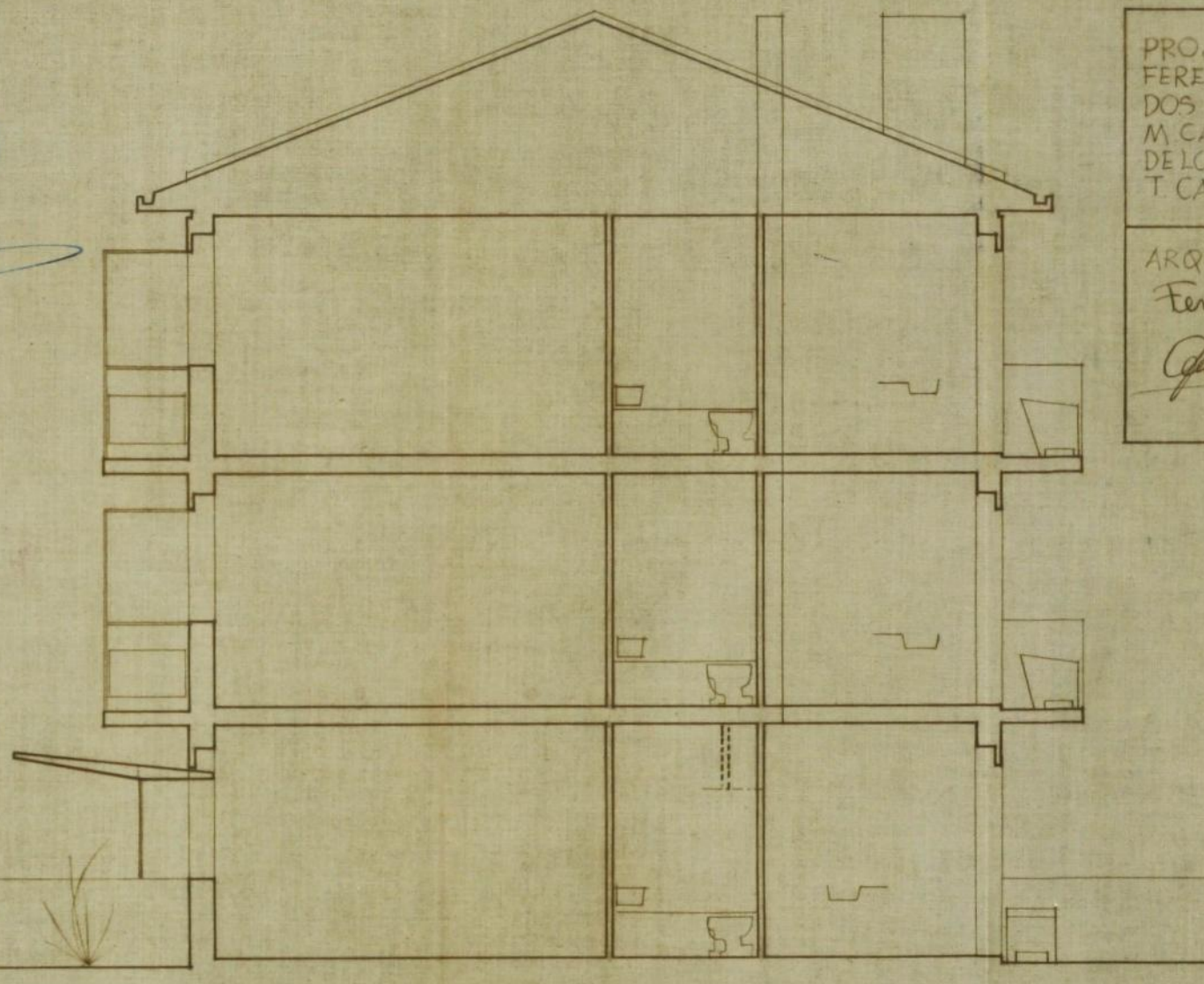
CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.º Repartimento - Edificações Urbanas  
**APPROVADO**  
4 MAIO 1956

*Al. Silva*  
CHefe do REPARTIMENTO

257  
CNP AG  
5600  
PORTUGAL  
3

PROJECTO A QUE SE RE-  
FERE O REQUERIMENTO  
DOS EXMOS SRS. LISIO M.  
M. CAMARINHA E D. M.  
DE LOURDES P. DE SOUSA  
T. CAMARINHA.

ARQUITECTOS  
*Fernando Santos*  
*Guilherme Mendes*



RUA DE HENRIQUE ROUSÃO

CORTE POR AB

ESC 1/50



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



CMP  
AG

44

C.M.P.-REQUERIMENTOS  
D.S.C.C.-1.ª Rep. (Central)

Requer. N.º

2300

Regist. em

-1.FEV.1977

**DEFERIDO**  
**EM VISTA DA INFORMAÇÃO**  
**COM AS CONDIÇÕES IMPOSTAS**

Exm.ª. Senhora

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DO PORTO

PORTO

JOSE BENTO PEIXOTO GARCIA DE CARVALHO, de 47 anos de idade, proprietário, casado, morador na Rua do Gondarém, 659-r/c- Esq.ª. desta cidade, tendo adquirido por compra o prédio sito na Rua de HENRIQUE POUSÃO n.º 20, com licença de obras n.º 228/56, também nesta cidade, à Exm.ª. Snr.ª MARIA DE LOURDES PEREIRA DE SOUSA TEIXEIRA CAMARINHA, viuva, moradora na Rua de Henrique Pousão 17, vem solicitar a V.ª. Ex.ª. que o referido prédio lhe seja averbado, afim de poder futuramente dispor daquele prédio para venda em propriedade horizontal.

Pede Deferimento

Porto, 1/Fevereiro/1977



**C.M.P.**  
**ARQUIVO GERAL**  
1 MAR. 1977  
**ENTRADA**













LICENÇA N.º 703  
de 21 de Ver.º de 1955  
C. M. P. RECURSOS  
D.S.C.C. 1.ª Rep.ª (Central)  
12937  
Requer. a:  
- 1. AGO 1955  
legit.º em

Excelentíssimo Senhor Presidente da Camara Municipal do

**DEFERIDO**

Porto

EM VISTA DA INFORMAÇÃO  
DADA AS CONDIÇÕES IMPOSTAS

Porto, 28 OUT 55

O Presidente,

*Rogério Guedes da Silva*  
Rogério Guedes da Silva, morador na Praça da República 147-2º, Porto, desejando proceder à construção de um prédio no terreno de que é proprietário na Rua de Henrique Pousão, vem submeter à apreciação de V.Excia o respectivo projecto, e solicitar a necessária licença de obras para o prazo de 360 dias.

LANÇADO NO LIVRO DA PORTA

PEDE DEFERIMENTO.

Porto, 17 de Julho de 1955

Reconheço a assinatura

Anexos: um termo de responsabilidade; uma memória descritiva selada e duas copias; uma fotografia selada; Uma planta topográfica selada e duas copias; tres copias sendo uma selada.

Em tempo: declara que tem 51 anos de idade, é casado, e solicita dor encartado.

C. M. P.  
ARQUIVO GERAL  
- 2 DEZ 1960  
ENTRADA





Reconheço a assinatura *retro de*  
*Rosário Guedes da Silva.*

Emolumento *3 m*  
Reg.<sup>o</sup> no respect.<sup>o</sup> liv.<sup>o</sup> sob o n.<sup>o</sup> *67*  
Porto, *23 JUL 1955* de 195

AJUDANTE DO 1.<sup>o</sup> CARTÓRIO NOTARIAL  
*[Signature]*





2. *[Handwritten signature]*

CMP  
AG

*[Handwritten signature]*

# TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado, Fernando Tudela, architecto diplomado pela E.B.A.P., residente na rua de Faria Guimarães, 15, Porto, declara para todos os efeitos da legislação em vigor, que assume toda a responsabilidade resultante da obra que o Exmo Senhor Rogério Guedes da Silva, deseja levar a efeito na rua de Henrique Pousão.

Porto, 23 de Julho de 1955

*[Handwritten signature of Fernando Tudela]*

RECONHEÇO A AUTENTICAÇÃO SUPRA de  
*[Handwritten signature]*  
O.º Cartório Notarial do Porto, 29 JUL 55  
Emolumento e selo: - 5160.  
Registrado no respectivo livro em c.a.º 80  
O NOTÁRIO:

*[Handwritten signature of the Notary]*





CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

2.ª Repartição - Serviços Urbanos

**APROVADO**

28 OUT. 1955

CMP  
AG

## MEMORIA DESCRITIVA

Num terreno da rua de Henrique Pousão, pretente construir-se um prédio destinado a tres habitações e uns anexos para garagem.

O prédio seria constituido por tres pisos, com acesso por escada interior em betão.

A habitação do r/c compreenderia as seguintes dependencias: dois quartos, banho, sala de jantar, cozinha, dispensa e hall de entrada. As habitações do 1º e 2º andares teriam cada uma as seguintes dependencias: tres quartos, banho, sala de jantar, cozinha, dispensa e hall de entrada.

Os pavimentos dos andares seriam em betão. As paredes exteriores seriam em perpiano argamassado assentes em alicerces de perpiano ao baixo. paredes de enchimento exteriores e interiores em tijolo. Armação do telhado em pinho para receber telha Lusa. Revestimentos exteriores com argamassa de cimento e areia. Os pavimentos das cozinhas e dos banhos seriam revestidos a mosaico e as paredes forradas a azulejo até 1,50 m. de altura. Chaminés em tijolo. Caixilharias exteriores em castanho para pintar e interiores em pinho para pintar. Vidros com as espessuras convenientes. A caixa de escada teria ventilação permanente. As dispensas não teriam outra serventia. Nas trazeiras haveria uns anexos ~~para~~ dois automóveis. Oportunamente seriam fornecidos os calculos de betão. Existe colector geral na rua Henrique Pousão.

Porto, 23 de Julho de 1955

*[Handwritten signature]*



Handwritten signatures and a 5000 Portuguese Escudos stamp with a circular postmark reading "CMP AG".



Handwritten signature: *Juan de la Cruz*



4

# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.<sup>a</sup> DIRECÇÃO - 1.<sup>a</sup> REPARTIÇÃO - URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.<sup>o</sup> DO ART. 3.<sup>o</sup>  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VÁLIDA POR UM ANO)

CONSTRUIR PRÉDIO  
A. B. ALINHAMENTO: O APROVADO  
NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL



CMP  
AG

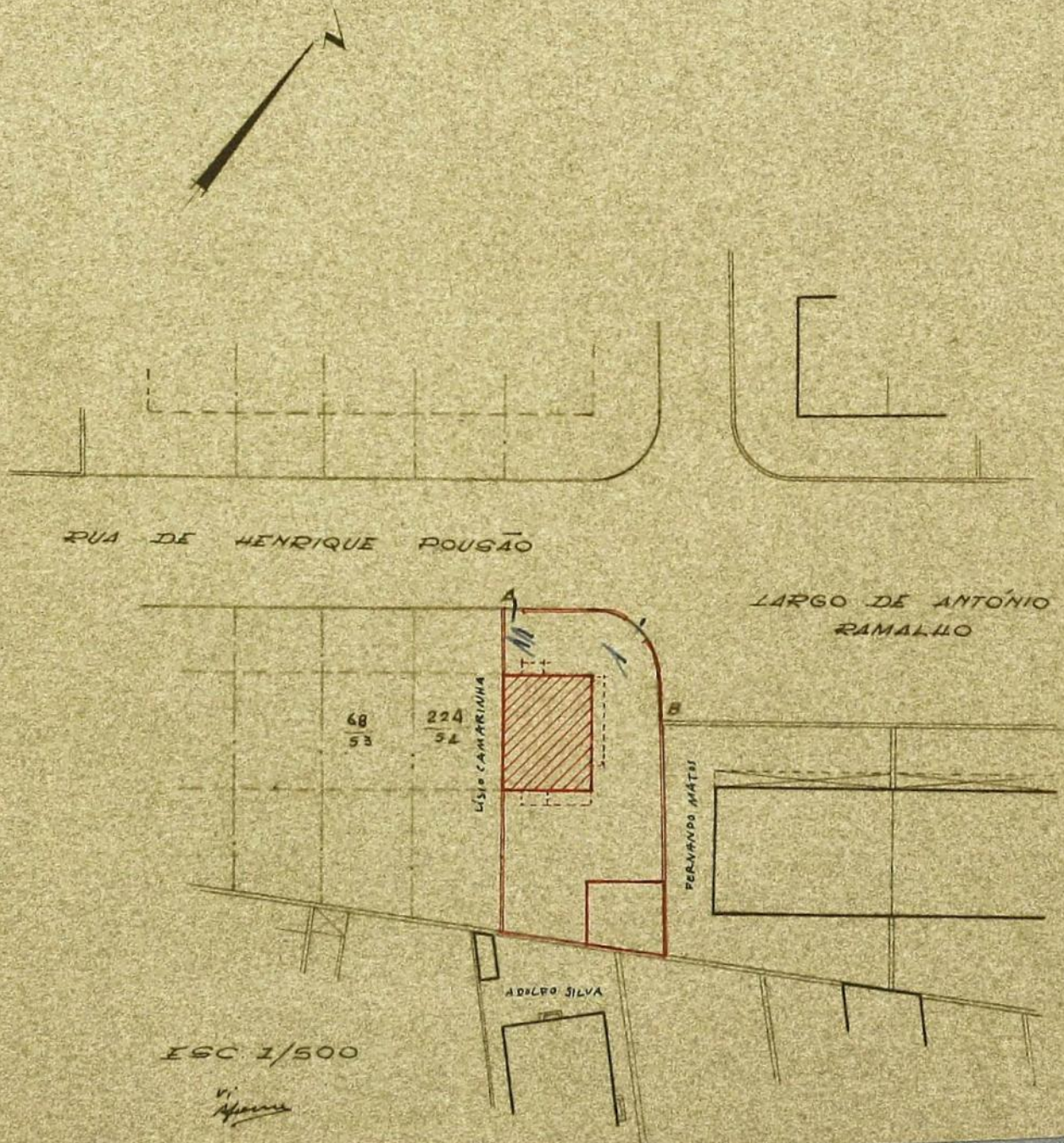
O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra, que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença. Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos confrontantes.

A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM

12150 FL. 139 511 Porto 7 de julho de 1955  
N.º 5052 10630

O ENG.º CHEFE.

DEVEM SER CUMPRIDAS AS CONDIÇÕES  
APROVADAS E A FACHADA INTEGRAR-SE  
NO CONJUNTO DO BLOCO.





Junta-se ao respectivo processo  
Porto, 15 SET 1955 de 19  
PELO PRESIDENTE  
O Director dos Serviços

PELO DIRECTOR



92  
9/10/55  
C. M. P. REQUERIMENTOS  
D. S. C. G. 1.ª Exp.ª (Central)  
Exp.ª 1.ª 15224

14. SET 1955

Excelentissimo Senhor Presidente da Camara Municipal do

Porto

Rogério Guedes da Silva morador na P. da Republi-  
ca 147- 2º, vem em aditamento ao processo nº 12937/55 apre-  
sentar a planta do 1º e 2º andares conforme as indicações  
da Exma Delegação de Saude e dedarar que ventilará perma-  
nentemente a caixa de eseadas, que as divisões posteriores  
comunicarão sempre livremente com o exterior e que as dispe-  
pensas não serão usadas para habitar.

PEDE DEFERIMENTO.

Porto 9 de Setembro de 1955

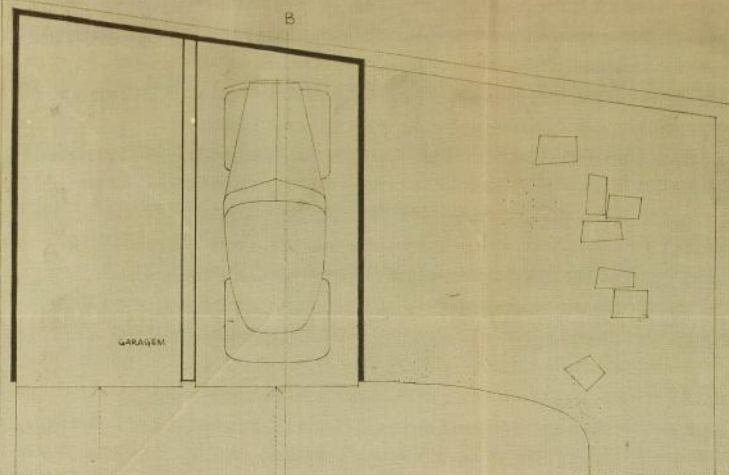
*pebo requereuto*

*Rogério Guedes da Silva*  
arg.

anexos: duas copias seladas e uma planta topografica  
selada e duas copias





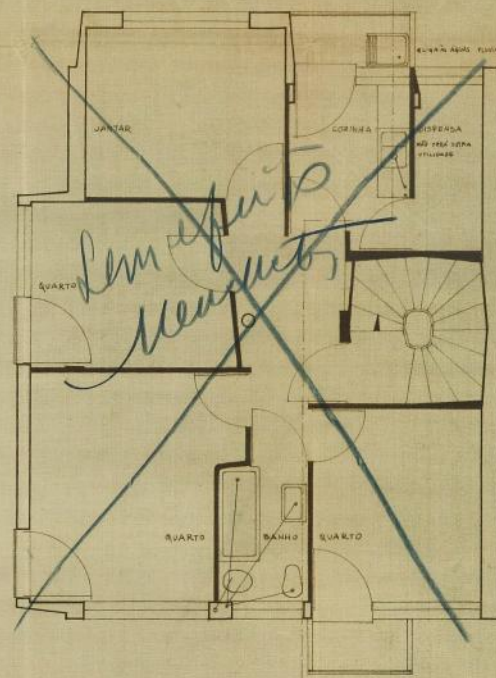
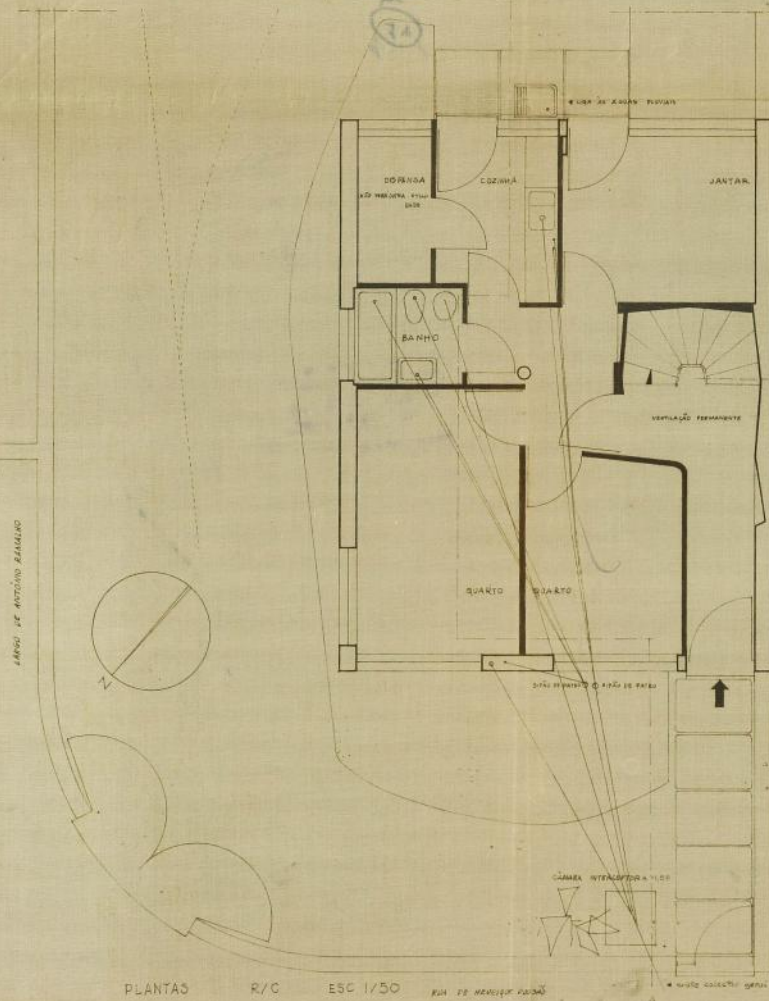


ALÇADO DA GARAGEM

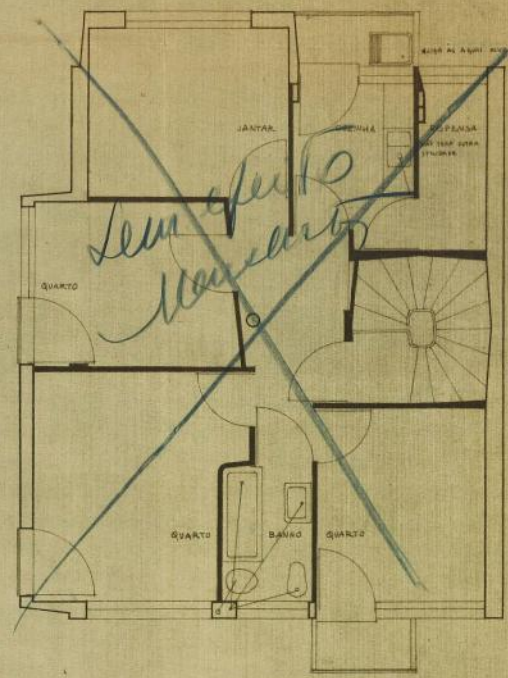


MURO EXTERIOR ESC 1/50

14.11.55  
 5800  
 1.º Repartição-Edificações - 1.º andar  
**APROVADO**  
 em 28 OUT. 1955  
 O CHEFE DA REPARTIÇÃO



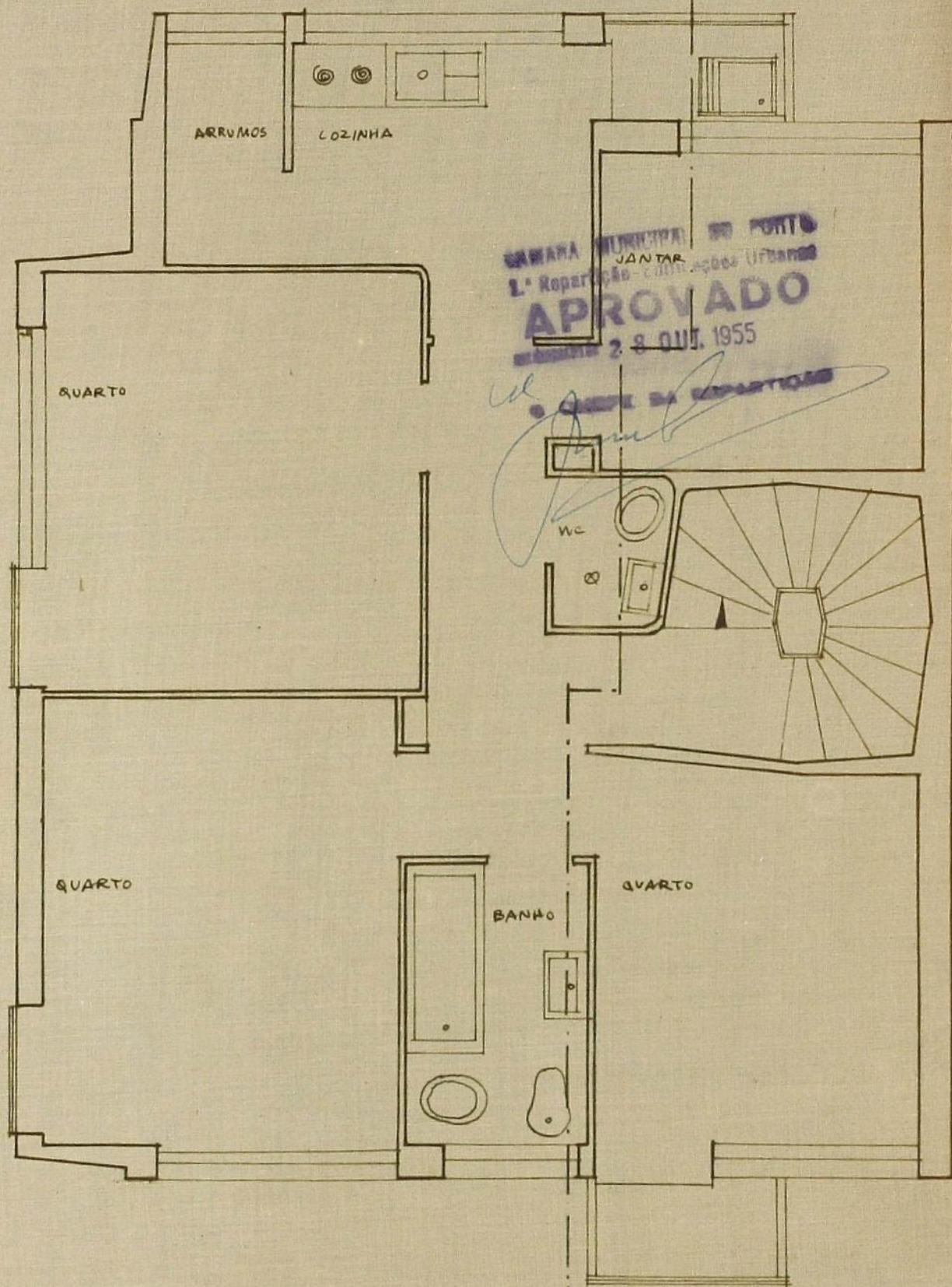
1º ANDAR



2º ANDAR

requerente  
 EXMO. SENHOR ROGERIO QUEDES DA SILVA  
 ARQº  
 Fernando Canhas

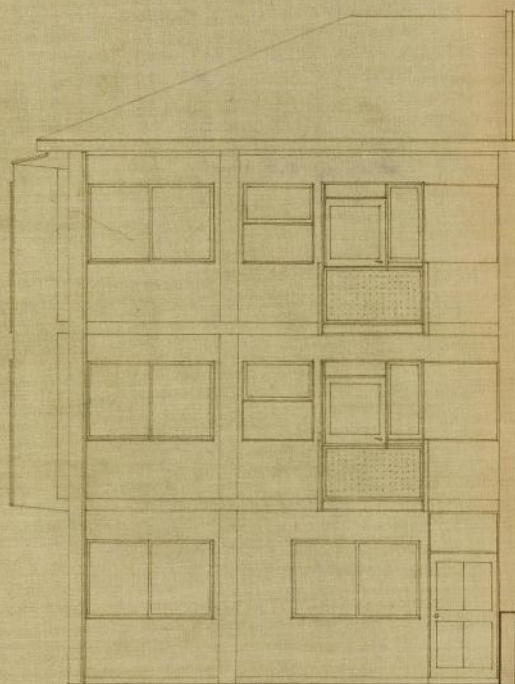




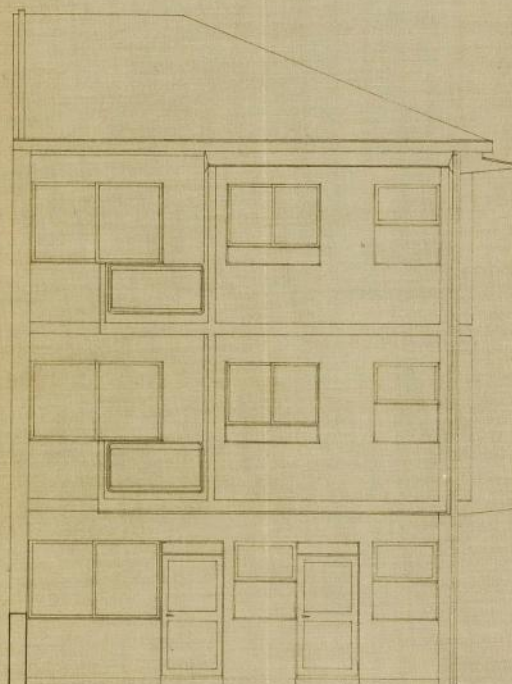
PLANTA DO 1º e 2º ANDARES ESC 1/50  
 ADITAMENTO AO PROCESSO Nº 12.937/55  
 REQ.: EXMO SR. ROGERIO GUEDES DA SILVA  
 ARQ.S Fernando Carlos

*[Signature]*  
 20

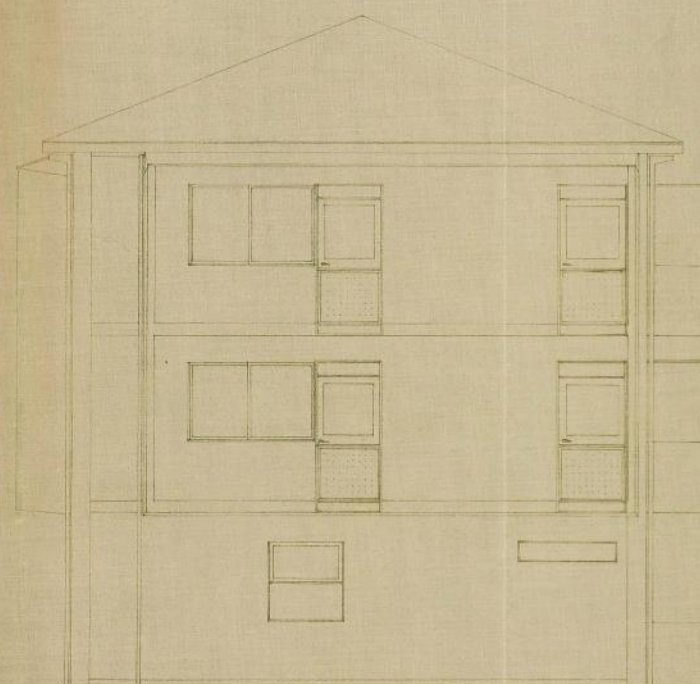




FRENTE  
alameda 8601/80



POSTERIOR



LATERAL

requerente  
EXMO SENHOR ROGÉRIO GUEDES DA SILVA

ARQ'S

Fernando Carlos *[Signature]*

16.57  
*[Signature]*

CAP  
AD



CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO  
1.ª Repartição - Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
em 28 OUT. 1958

do CÂMARA DE REPRESENTAÇÃO

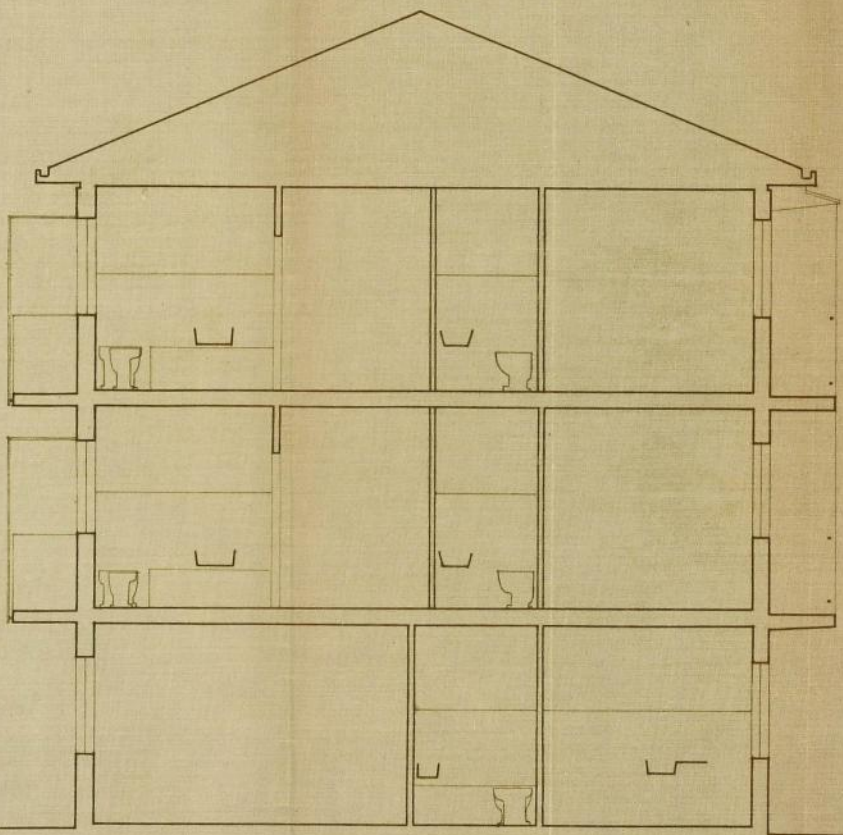
*[Signature]*

17.17  
CAMP  
AG

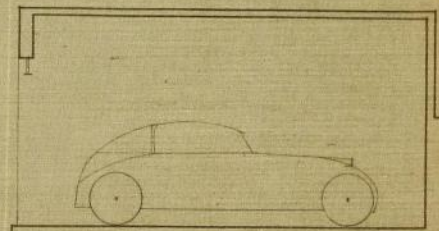


CAMARA MUNICIPAL DO PORTO  
1.ª Repartição - Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
em 28 OUT. 1955

Chefe da Repartição  
*[Signature]*



CORTE POR AB



requerente  
EXMO SENHOR ROGÉRIO GUEDES DA SILVA  
AROS

*Fernando Lourenço*  
*[Signature]*





*19/10/55*

### DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado, Albino Eurico Pinto da Silva, Engenheiro Civil (U.P.), residente na Praça Sidonio Pais 267 6º sala 5 - Porto, declara que, para todos os efeitos da legislação em vigor, assume toda a responsabilidade resultante da direcção e fiscalização da obra decimento armado que o Ex.mo Senhor Rogerio Guedes da Silva deseja levar a efeito na Rua de Henrique Pousão da cidade do Porto.

XXXXXX

Guimarães, 15 de Outubro de 1955

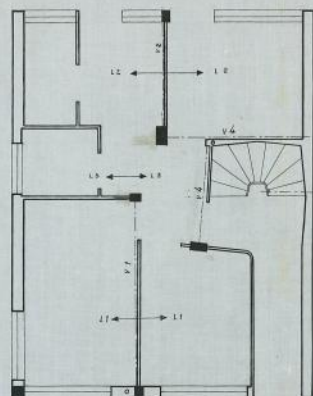
O Eng. Civil

*Albino Eurico Pinto da Silva*  
Eng. Civil (U.P.)

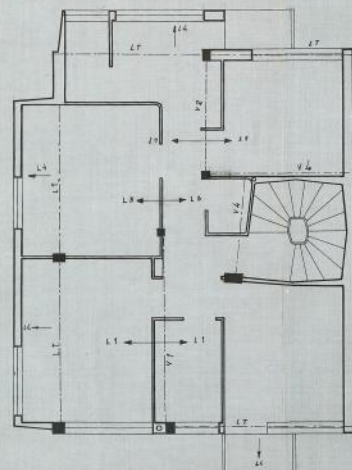
Reconheço a assinatura *Albino Eurico Pinto da Silva*  
Selo e Emt.º *3 \$ 00*  
Pag.º no L.º respectivo sob o N.º *800*  
Secretaria Notarial de Guimarães,  
*18 de Outubro de 1955*  
O Ajudante,

*Albino Eurico Pinto da Silva*

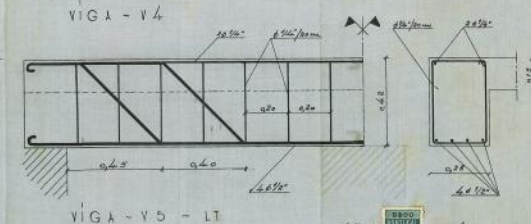
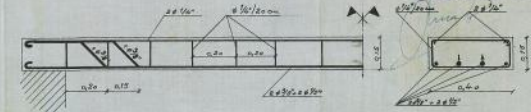
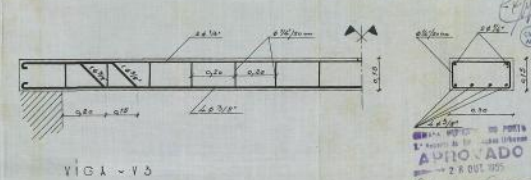
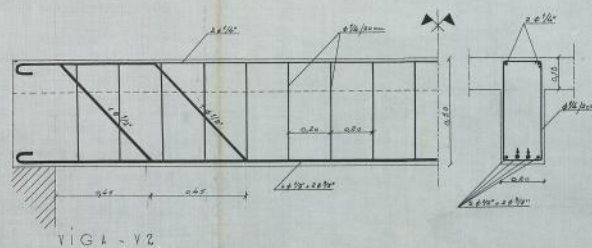
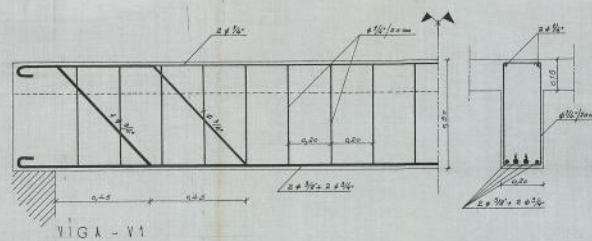




PLANTA DO 1º ANDAR



PLANTA DOS ANDARES

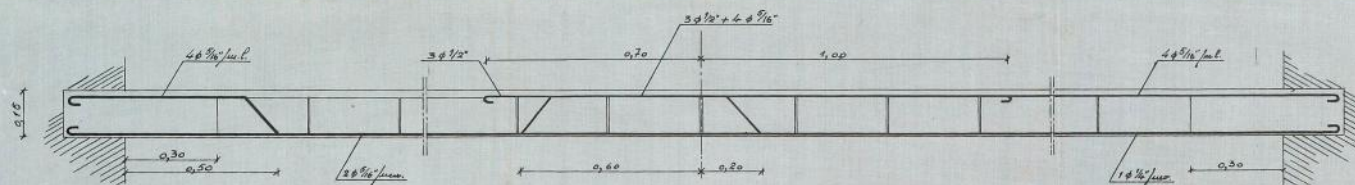


CALCULO DE BETÃO ARMADO PARA O PÉ  
DO QUAL O LÍMITE MÁXIMO DE ARMADURA  
DEVE SER LEVADO EM CONTA NA SUA  
DISTRIBUIÇÃO. O R. T. O.

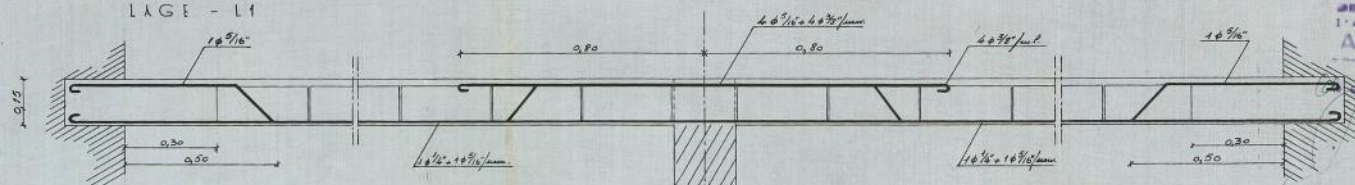


PLANTAS  
ESCALA: 1/50  
FORMEIRAS  
ESCALA: 1/10

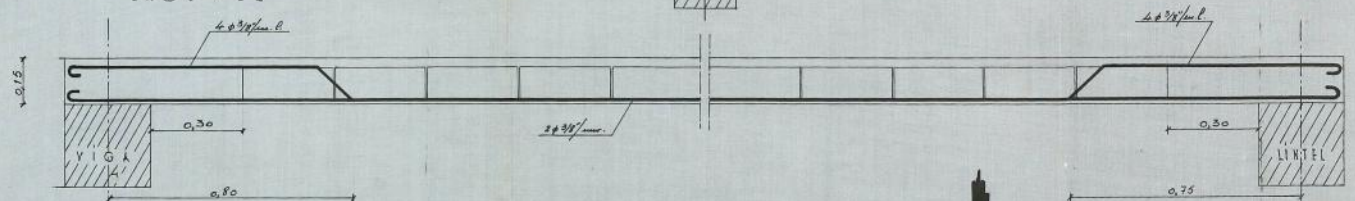




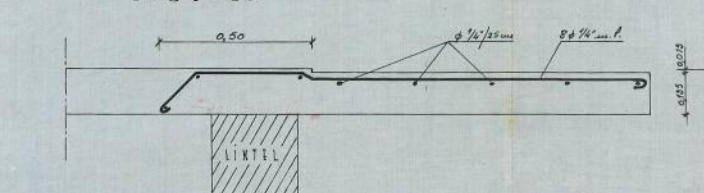
LAGE - L1



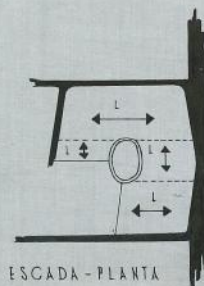
LAGE - L2



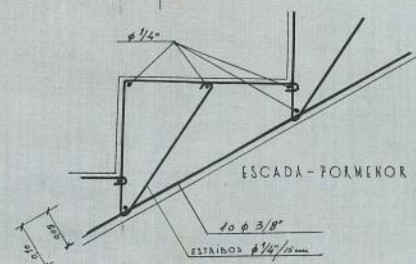
LAGE - L3



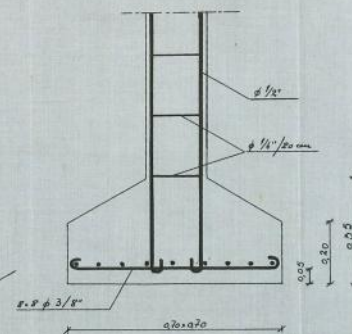
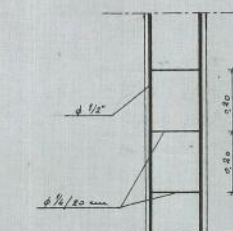
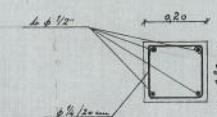
LAGE - L4



ESCADA - PLANTA



ESCADA - PORMEIOR



CALCULOS DE BETÃO ARMADO PARA O PRE-  
DIO QUE O EXMO SENHOR ROGERIO GUEDES  
DA SILVA DESEJA LEVAR A EFEITO NA RUA HENRI.  
POUSÃO - P O R T O

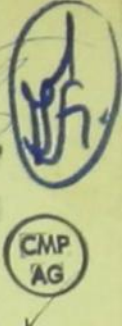


PLANTA  
ESCALA: 1/50  
PORMEIORES  
ESCALA: 1/10

DEFERIDO  
EM VISTA DA INFORMAÇÃO  
DADA EM AS CONDIÇÕES IMPOSTAS



3-6  
D.S.C.C. 1.ª Leg.ª (Porto)  
Requer. n.º 18912  
Regist. de 15. NOV. 1956



Excelentíssimo Senhor Presidente da Camara Municipal do

Porto

LICENÇA N.º 288  
14 de Junho de 1956

João de Bastos Xavier, industrial, casado, de 52 anos de idade, morador na rua de Sá da Bandeira n.º 636-1.º-D.to, Porto, desejando proceder à construção de um prédio na Avenida de Sidónio Pais, talhão n.º 9, vem submeter à apreciação de V.Excia o respectivo projecto e solicitar a necessária licença de obras para o prazo de 360 dias.

PEDE DEFERIMENTO.

Porto, 8 de Outubro de 1956

anexos:

Recebido e assinado

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

2045  
26 MAR 1963  
ENTRADA

anexos: um termo de responsabilidade; uma memoria descritiva selada e duas copias; uma fotografia selada; uma planta topografica selada e duas copias; tres copias sendo uma selada.





# TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado, Armando dos Santos Paupério, Eng<sup>o</sup>. Civil Diplomado pela Faculdade de Engenharia da U.P., residente na Av.a Marechal Carmona, 1508, Vila Nova de Gaia, declara para todos os efeitos da legislação em vigor, assumir toda a responsabilidade resultante da obra que o Ex.mo Senhor João de Bastos Xavier deseja levar a efeito na Av.a de Sidónio Pais.

Porto, 12 de Novembro de 1956

*Armando dos Santos Paupério*

Assinatura: *[assinatura]*

4.º Cartório Notarial de *[illegible]* de *[illegible]*  
Mina Mendes, de *[illegible]*  
Emol, adic. e c. de *[illegible]* Registos.  
O Ajudante, *[assinatura]*

34  
3  
SECRETARIA MUNICIPAL DE ENGENHARIA  
2ª Repartição - Edificações

**APROVADO**

1 JUN 1957



MEMORIA DESCRITIVA

requerente: João de Bastos Xavier

No talhão nº. 9 da Av. a Sidónio Pais

Pretende-se construir um prédio para várias habitações.

Este prédio seria constituído por 4 pi-  
sos a saber: cave, res-do-chão e dois andares.

Cada piso do rés-do-chão e andares, com-  
portaria duas habitações que seriam servidas por dois aces-  
sos, um principal e outro de serviço.

Cada habitação do rés-do-chão seria cons-  
tituída por: hall de entrada, sala de jantar, cozinha, des-  
pensa, arrumos, banho das serviçais, vestiário, quarto das  
serviçais, 2 quartos e quarto de banho.

Cada habitação dos andares compreenderia:  
1 hall de entrada, vestiário, sala de jantar e sala de estar,  
cozinha, despensa, arrumos, banho das serviçais, quarto das  
serviçais, 2 quartos e quarto de banho.

Cada habitação teria uma varanda de servi-  
ço em comunicação com a escada de serviço.

A cave destinar-se-ia a garagem de reco-  
lha referente aos moradores do prédio.

Os pavimentos, pilares, varandas e esca-  
das seriam em betão. Paredes construídas em perpianho de  
0,28. Alicerces em perpianho assente ao baixo.

Tabiques interiores de tijolo e enchimentos exteriores com





paredes duplas de tijolo.

Revestimentos exteriores a cimento e areia e lavado. Tetos estucados a gesso. Pavimentos de cozinha, despensas, banhos e sanitários em mosaico; Paredes destas dependências com azulejo até 1,50 m. de altura. Chaminés em tijolo e nas condições exigidas pelos regulamentos. Caixilharias exteriores em castanho para pintar e interiores em tola para encerar. Pavimentos em tacos de castanho e pinho. Acesso principal em mármore e marmorite. Instalações eléctricas de acordo com o regulamento. Não existindo colector geral serão feitas as fossas necessárias. Opor tunamente serão fornecidos os cálculos de betão.

Porto, 12 de Novembro de 1956

*Américo Augusto Paupério*



# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO - 1.ª REPARTIÇÃO - URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 3.º  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VÁLIDA POR UM ANO)

CONSTRUIR PRÉDIO NO TÁLIO Nº 9

A. B. ALINHAMENTO: O ADROADO

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL



O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença. Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos confrontantes.

A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM

11985

Fl. 139/132

Porto, 5 de JUNHO

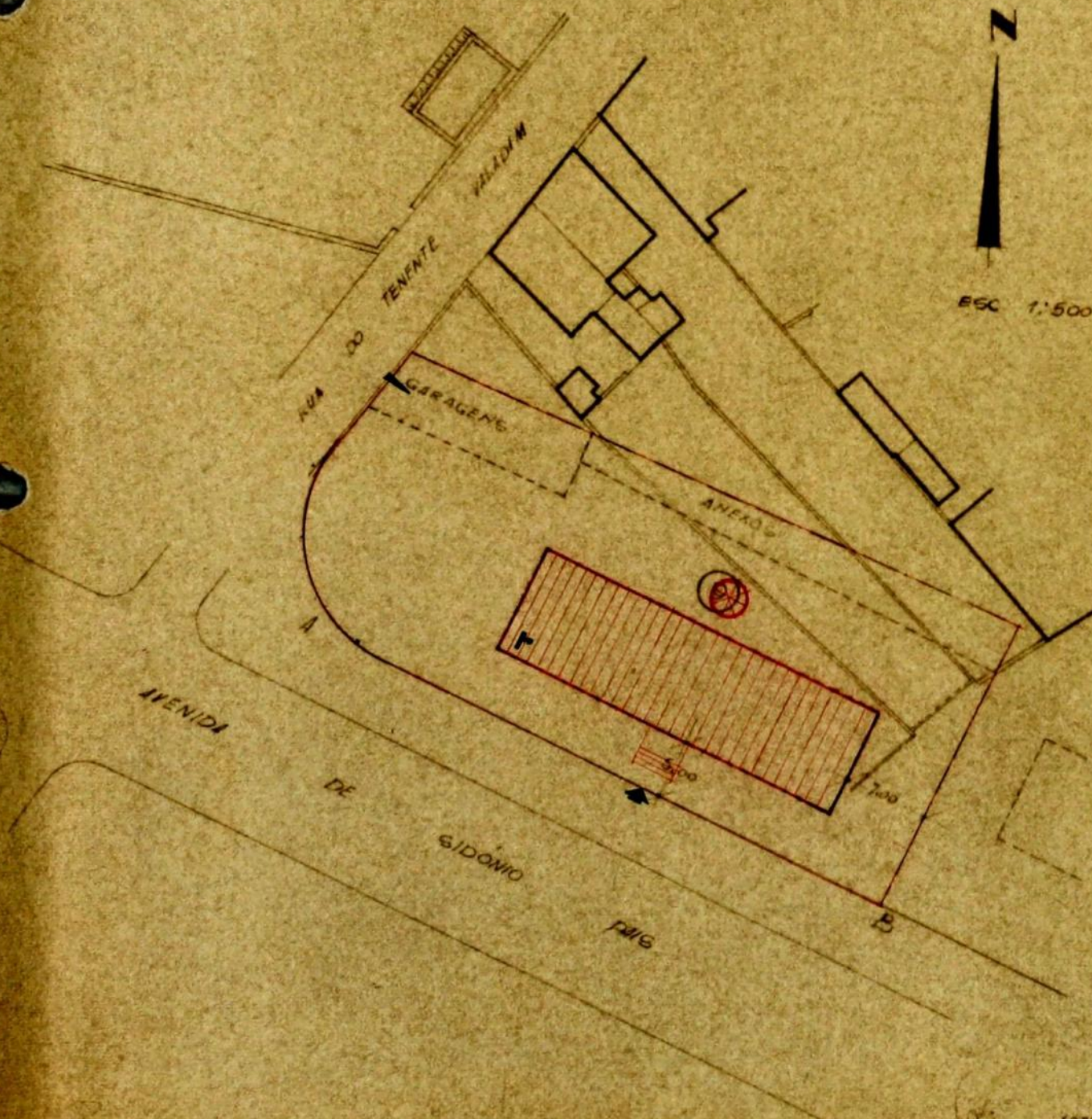
de 1956

N.º 5854

10815

Pelo ENG.º CHEFE,  
Luis...

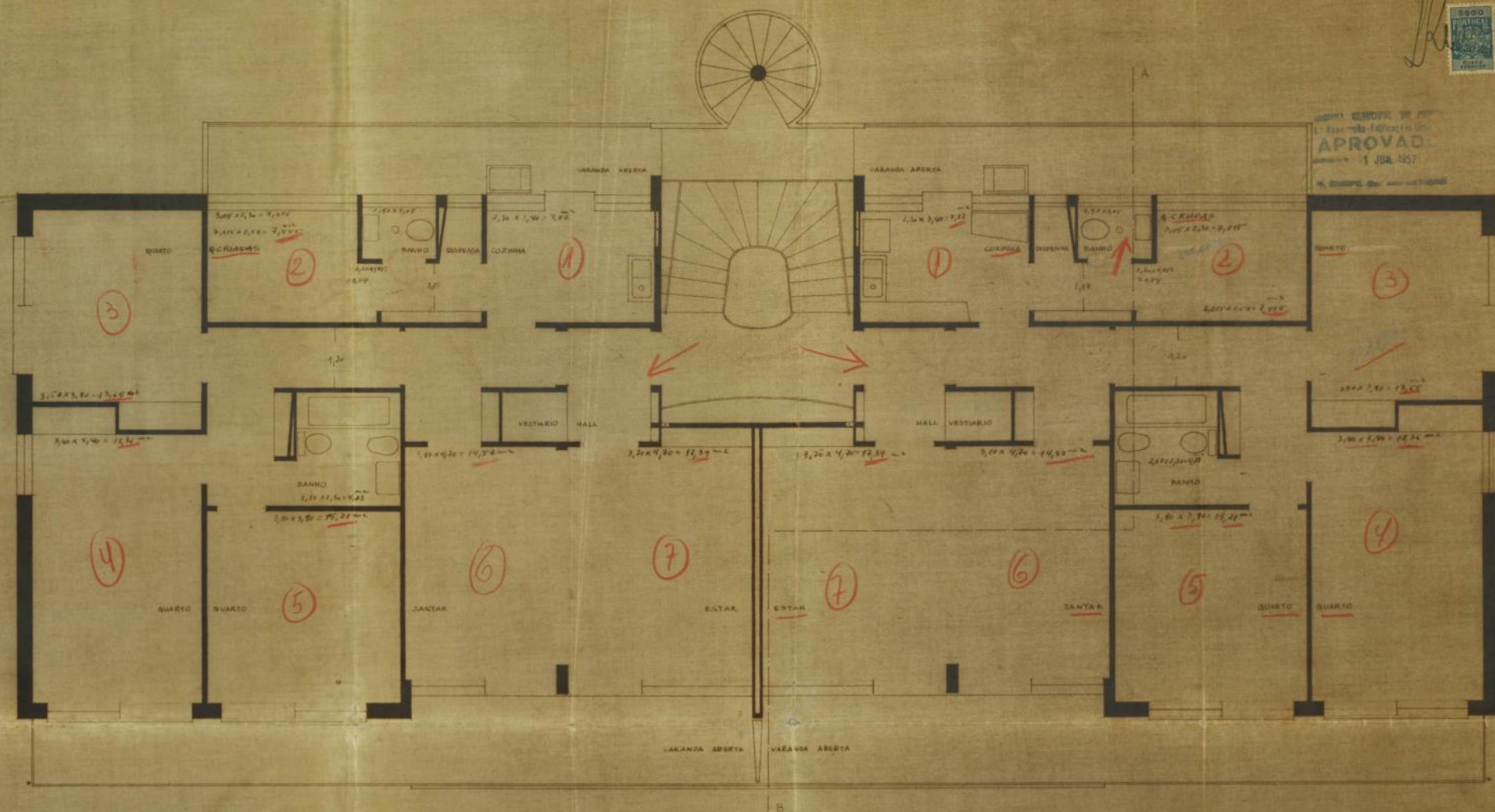
DEVEM SER GUARDADES AS CONDIÇÕES  
DE TERMO EM LUGAR PÚBLICO.





Amazons of Superior





PLANTA DO 1º E 2º ANDAR

1/50

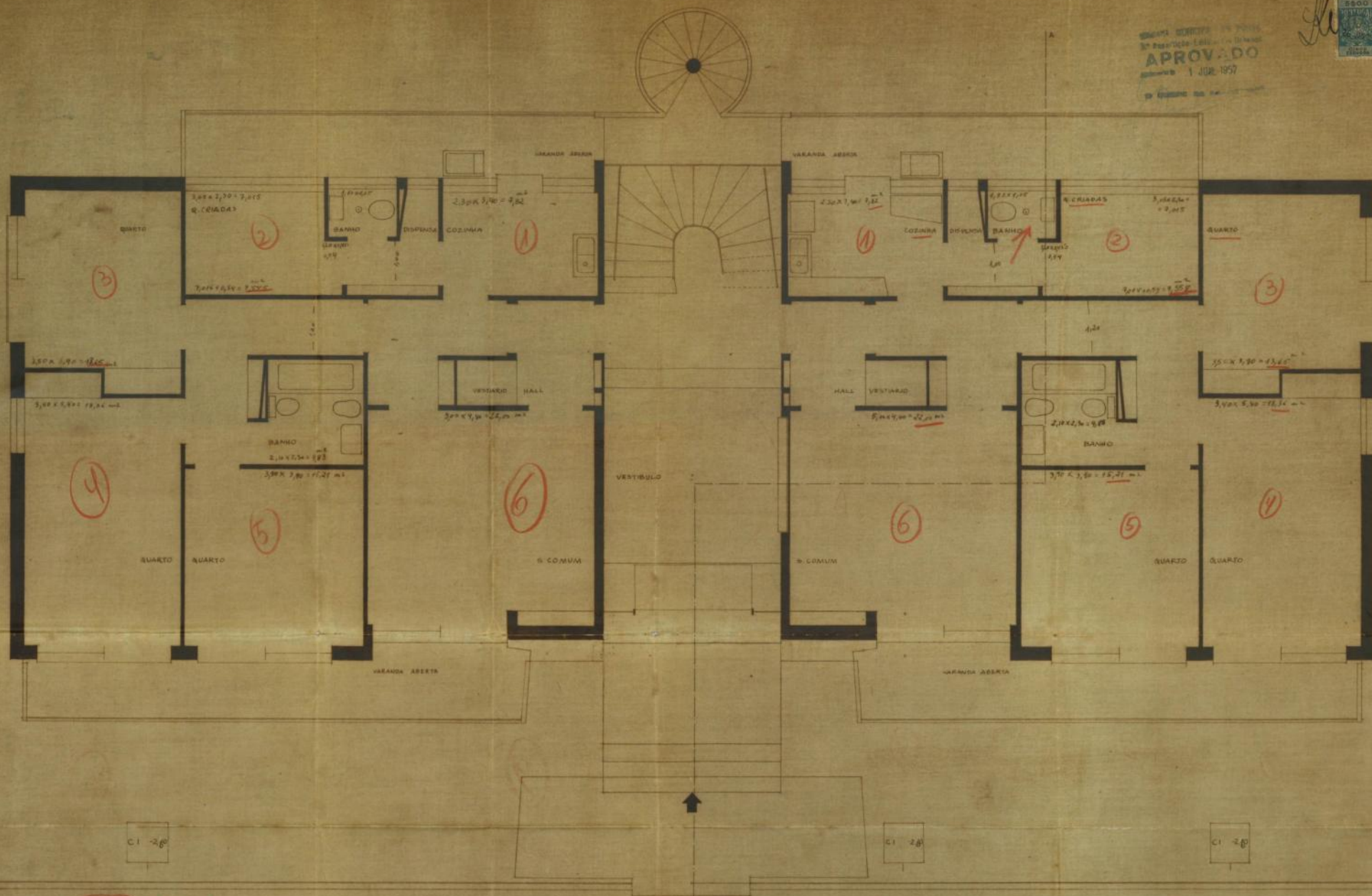
REQUERENTE  
EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARQ Fernando Caldas

ENG Amador Leite Loureiro



27 29  
 5500  
 1 JUI-1957  
 107



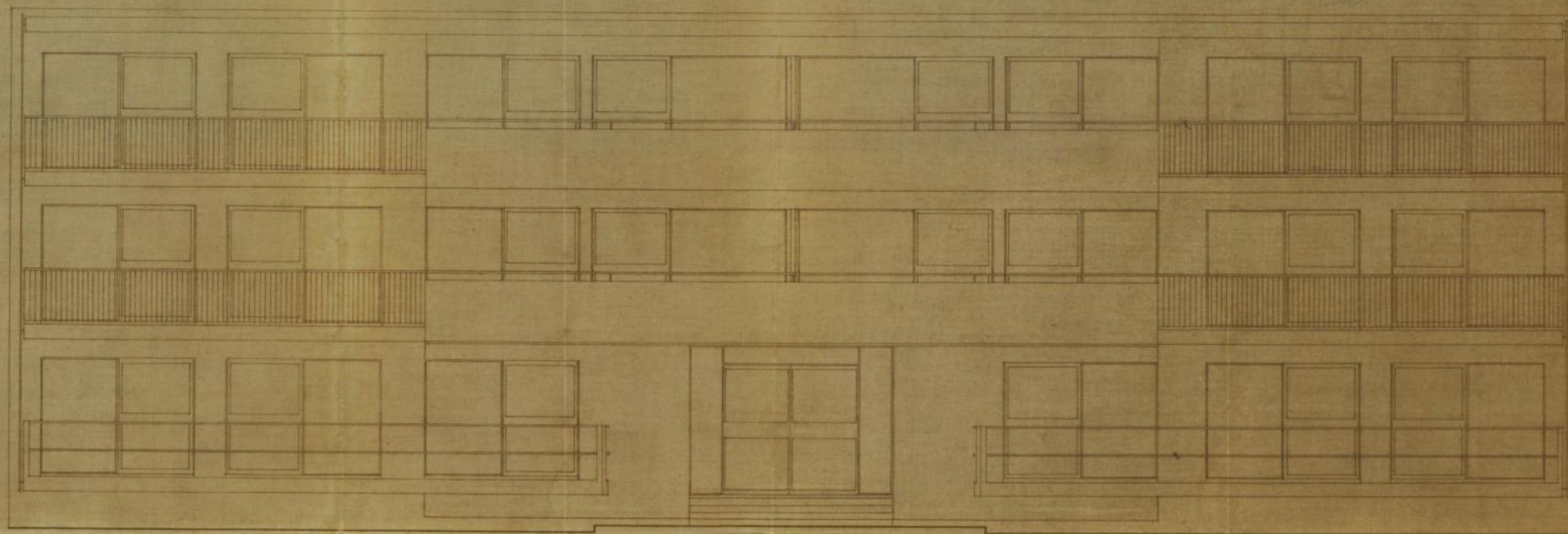
PLANTA DO R/C 1/50

REQUERENTE  
 EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER  
 ARQ Fernando Lemos  
 ENG Amadeu Pires



30  
30  
3000  
PORTUGAL  
1900  
CM  
AD

REPUBLICA BOMBA DE PORTO  
2.ª Divisão  
APRO. ADO  
1 JUN 1907  
S. GONCALVES DE VILHENA



PRINCIPAL

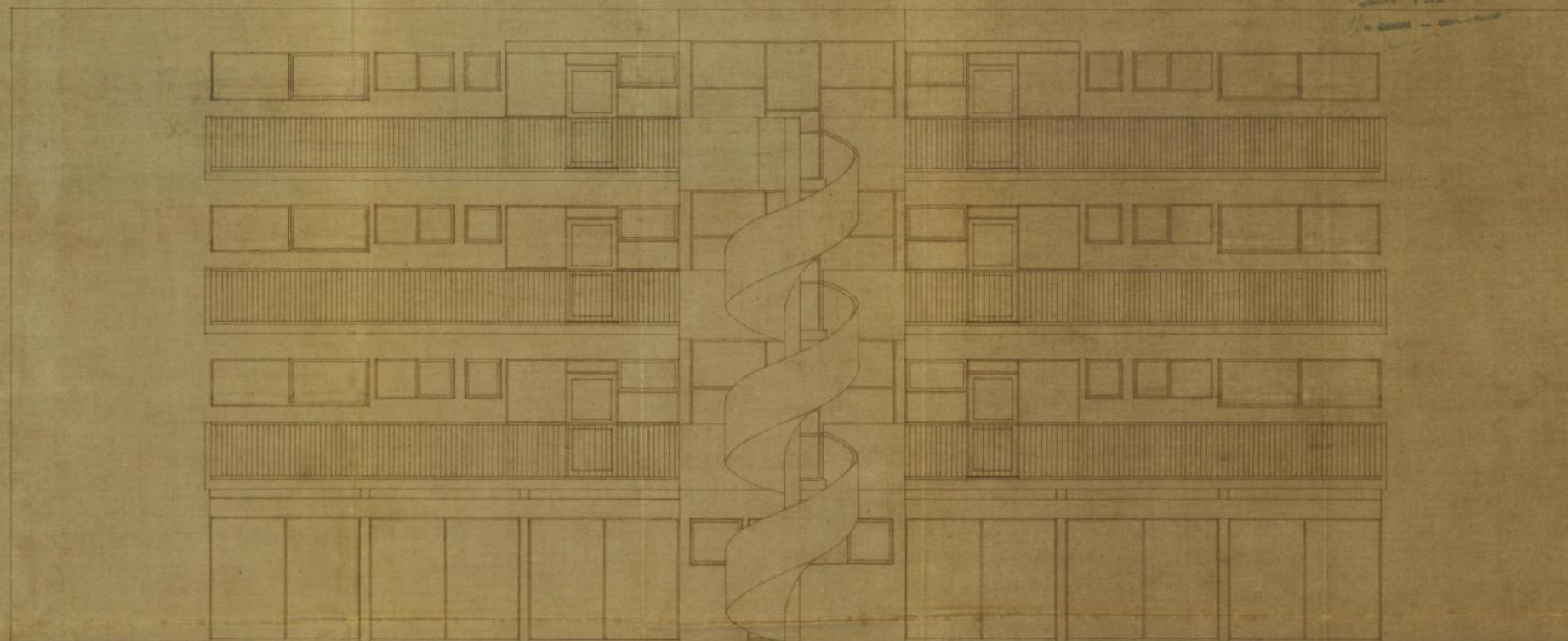
1/50

REQUERENTE  
EXMO SR. JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARQ. Fernando Loucas

ENG. Américo de Sá





POSTERIOR

ESC. 1/50

REQUERENTE  
EXMO. SR. JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARG. Fernando Loureiro

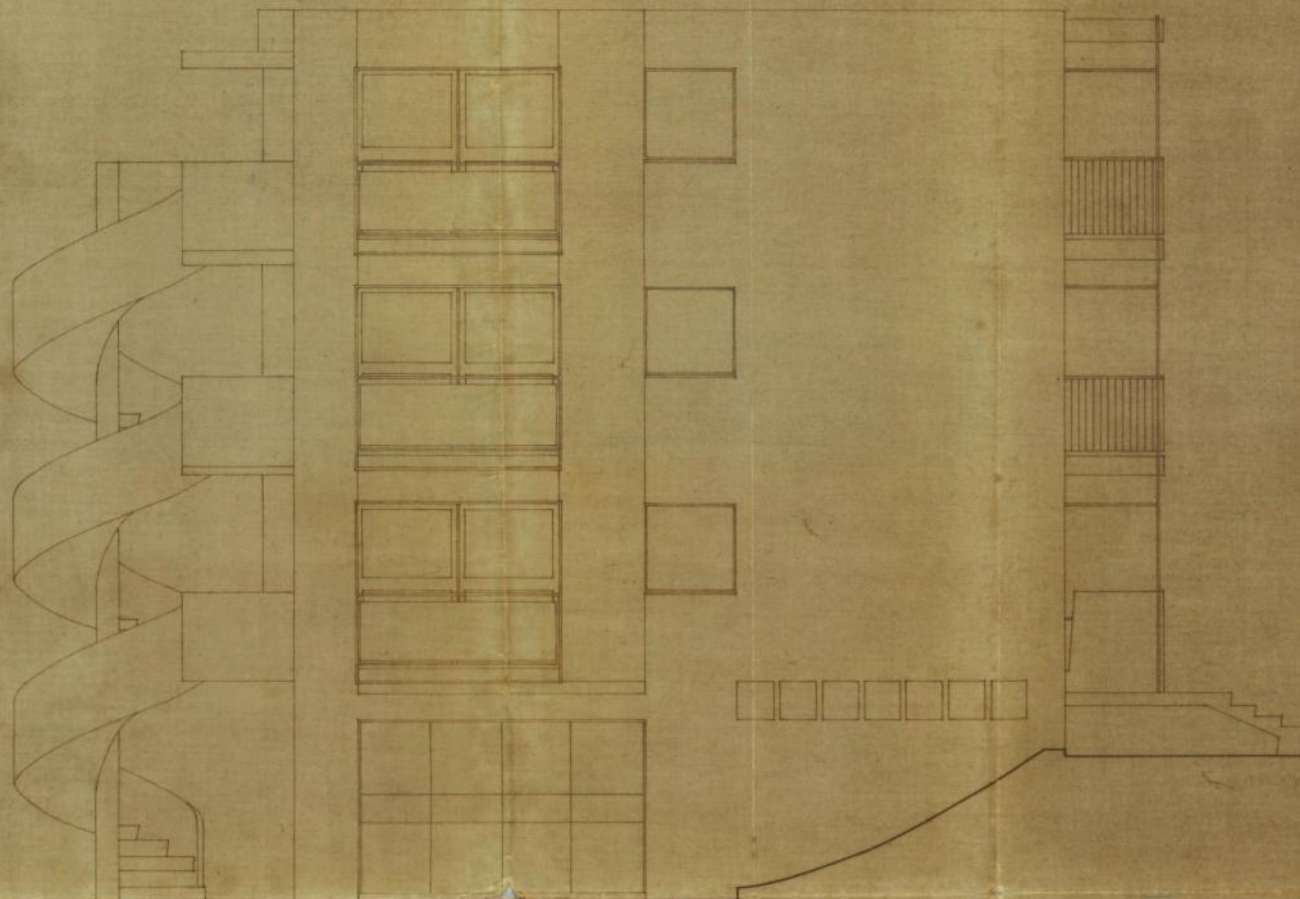
ENG. Amador de Sousa Bastos

Handwritten signature: *Lu*  
 Stamp: 5000  
 Stamp: APR 1900  
 Stamp: 1 JUL 1957  
 Stamp: 31  
 Stamp: 31



32

REQUISITO DE LICENÇA  
DE CONSTRUÇÃO - 1.ª FASE - URBANISMO  
**APROVADO**  
1 JUN 1957



LATERAL POENTE 1/50

REQUERENTE  
EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARG Fernando Calhaz

ENG Armando Bastos Tanfórn





CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO  
17 de Junho de 1957  
**APROVADO**  
1 JUN 1957

CONSELHO DE ESTETICA URBANA  
DA  
CIDADE DO PORTO  
Sessão de 2 ABR 1957

**SATISFAZ**

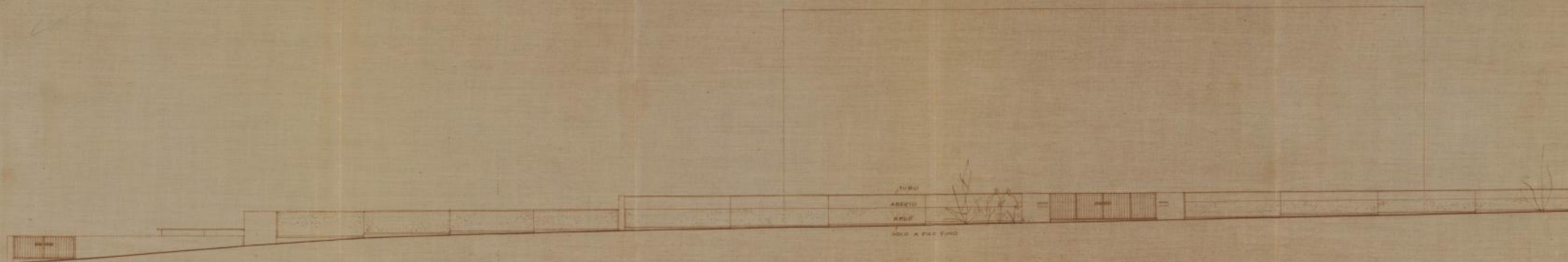
11. O Conselho

*Sim*



42

CNP  
10



RUA DO TENENTE GALADIM

AVENIDA DE SERRA DO MAR

ALÇADO DE MUNDO EXTERNA DE VED. 450-1000

REQUERENTE: ENHO SR. J. BASTOS KALLER

Ass. Ferraz Lemos Eng. Armando Antonio Paybenio



DEFERIDO

EM VISTA DA INFORMAÇÃO,  
COM AS CONDIÇÕES IMPOSTAS

PORTO EM 21 JAN 1959

PAIO PRESIDENTE

1.º SECRETARIO EM EXERCÍCIO



C. M. P. REQUERIMENTOS

D.S.C.C. 1.º Reg.º (Central)

Requer.º L.º 20933

Regist.º em -4 DEZ 1958

Exmo Senhor Presidente da Camara Municipal do PORTO

LICENÇA N.º 25-adit.º

de 29 de Jan.º de 1959

João de Bastos Xavier, morador na rua Sá da Bandeira

ra 636,1-D.Porto, vem em aditamento ao projecto nº18.912/56 com  
licença nº 288/57, apresentar algumas pequenas alterações que

pretende fazer no referido projecto, de acordo com elementos  
anexos.

PEDE DEFERIMENTO.

Porto, 20 de Novembro de 1958

João de Bastos Xavier

anexos: uma copia selada do projecto





# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO - 1.ª REPARTIÇÃO - URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 3.º  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VÁLIDA POR UM ANO)

CONSTRUIR PRÉDIO NO TALUÃO Nº 9

A. B. ALINHAMENTO: O APROVADO

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL



O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença. Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos confrontantes.

A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM

11985 FL. 139/132

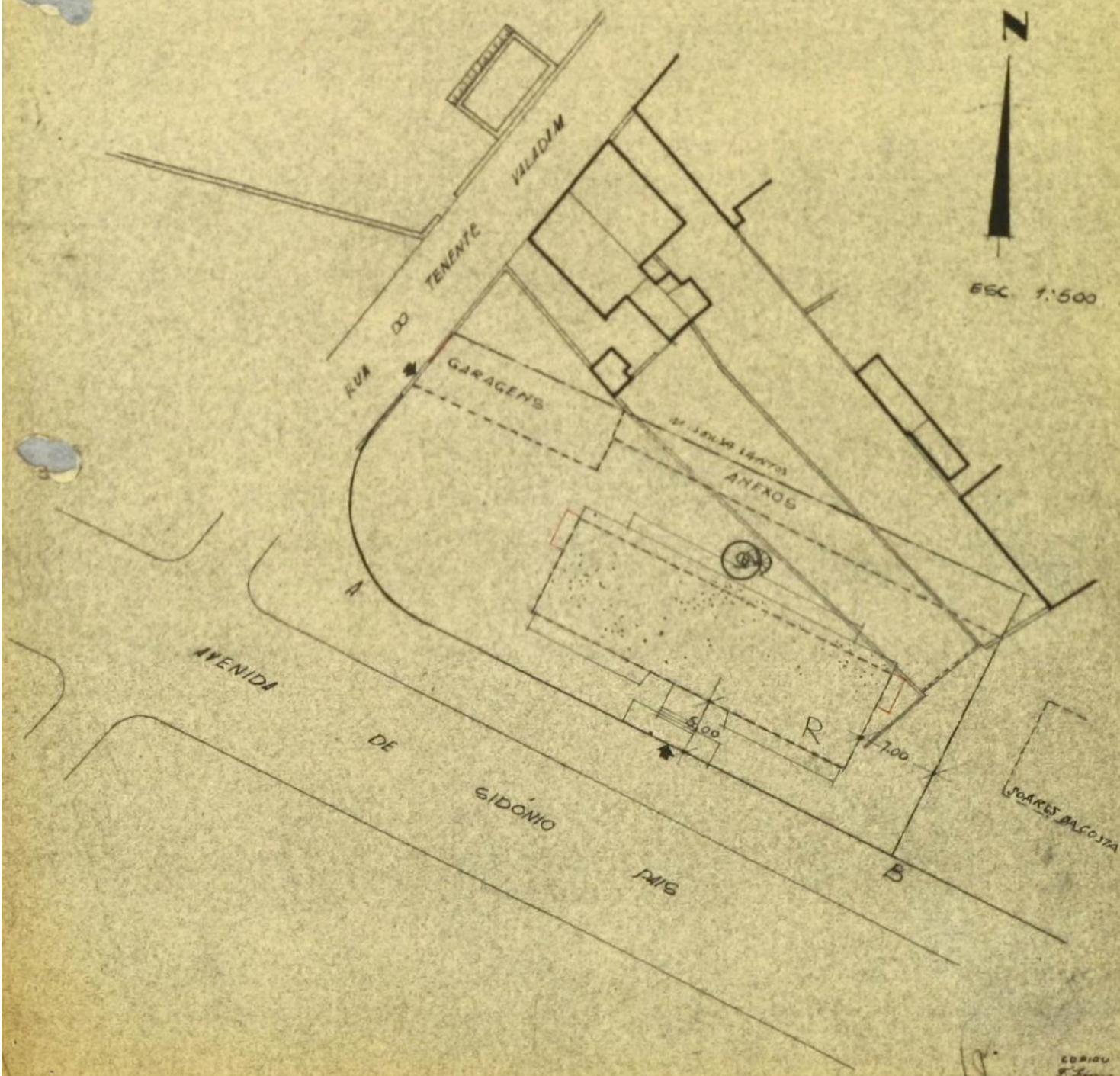
Porto, 5 de JUNHO de 1956

N.º 5854 10815

O ENG.º CHEFE,

DEVEM SER CUMPRIDAS AS CONDIÇÕES  
DE VENDA EM HASTA PÚBLICA.

*[Handwritten signature]*





11

CAMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
Por despacho de 21 JAN. 1959  
Chefe da Repartição

(Circular stamp with initials "J2" and "JF")  
(Stamp: CMP AG)

### MEMORIA DESCRITIVA

A presente memória descritiva refere-se a pequenas alterações que se deseja levar a efeito na obra em construção com li-288/57, projecto nº 18.912/56.

As alterações relativas á planta dos pavimentos, pròpriamente, reduzem-se á supressão dum vestiário nas entradas das habitações e á supressão das dependências da cava que ficaria agora total-mente ampla.

Quanto ao restante, entendeu-se a criação de umas varandas laterais em benefício do volume da construção e ainda pequenas modificações r elativas ao desenho das grades.

O muro de vedação sofreu tambem alteração, pois deseja-se que seja mais aberto. Seria igualmente em ferro e cantaria a pico fino.

A entrada da garagem pela rua de Antonio Valadim, seria ligeiramente desviada, conforme a planta topográfica. Usaram-se nos desenhos as cores convencionais, isto é; preto, a conservar; amarelo, parte que se pretende alterar; vermelho, a modificação desejada.

Porto, 9 de Dezembro de 1958

*Armando Santos Loureiro*

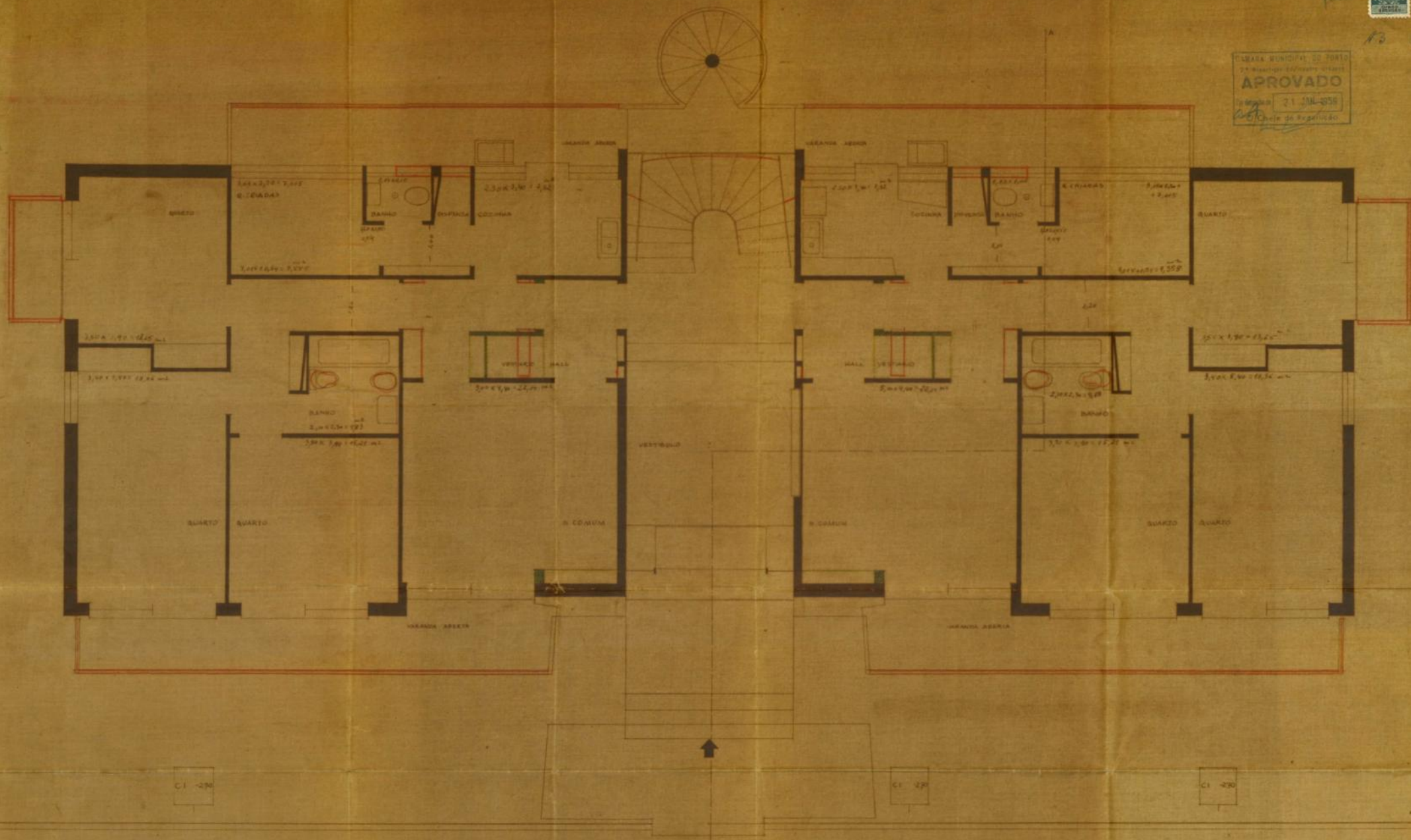




12

CSP 12

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
21 JUL 1938  
Aprovado  
Câmara de Regulação



PLANTA DO R/C 1/50

REQUERENTE  
EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER

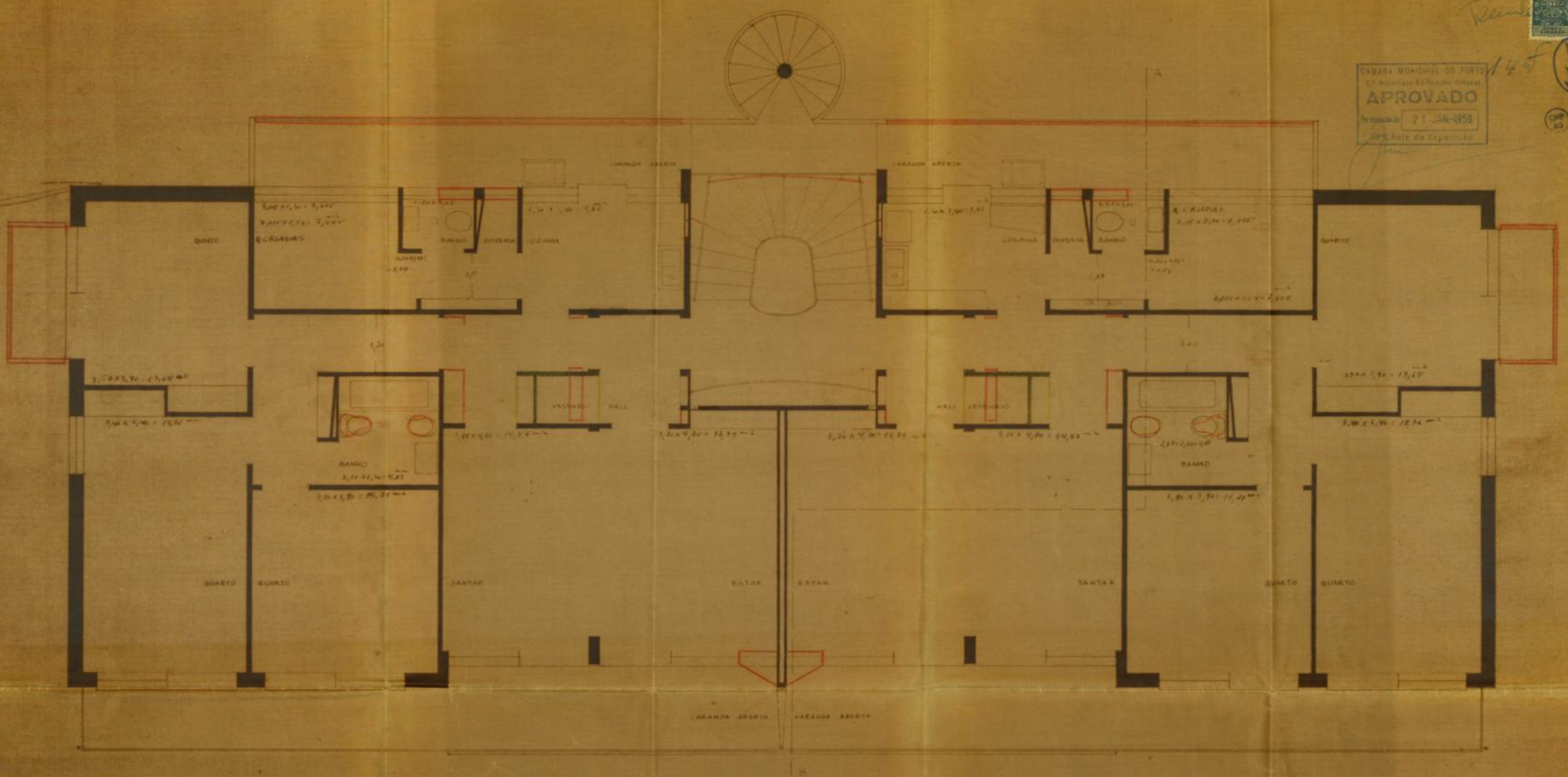
ARQ Fernando Calheiros  
ENQ Américo Raposo





CIP 80

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
21 JAN-1958  
APPROVADO  
M. Hele da Esplanada

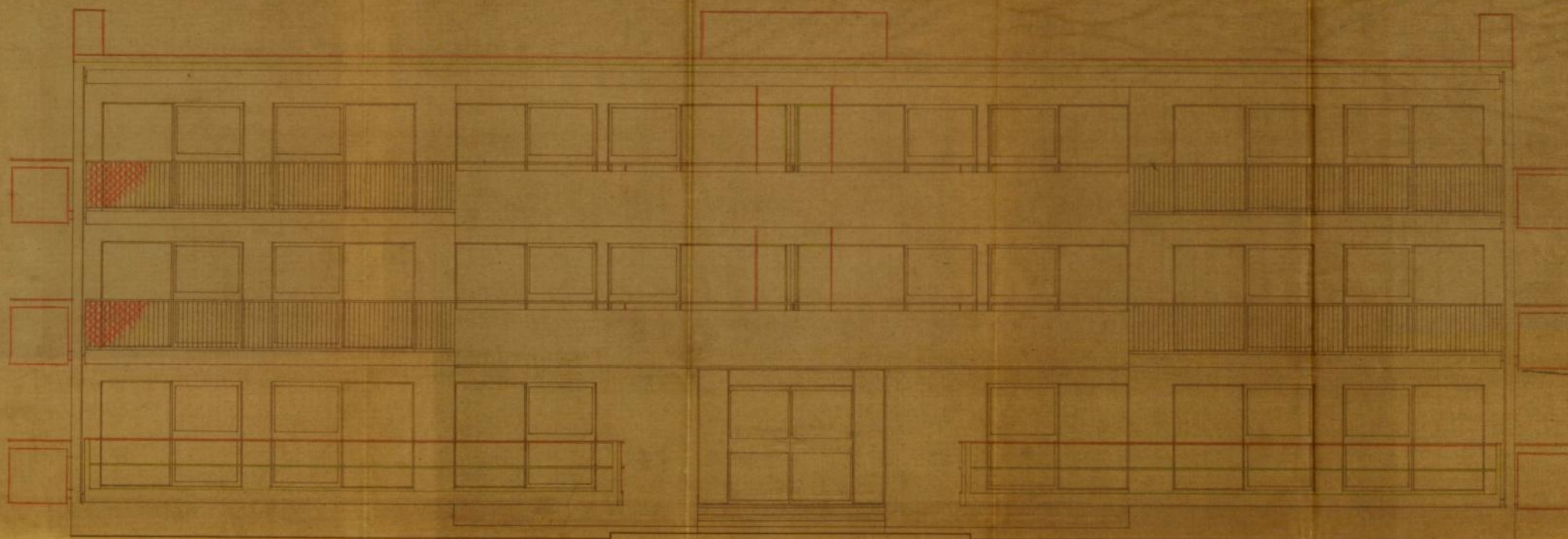


PLANTA DO 1º E 2º ANDAR 1/30

REQUERENTE  
EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARQ Fernando Loureiro

ENG Amador Augusto Loureiro



PRINCIPAL 1/50

REQUERENTE  
EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARQ Fernando Lourenço

ENG Armando Leite da Silva

PARA MUNICIPAL DE PORTO  
APROVADO  
21 JAN 1955  
Alf. Gomes de Aguiar

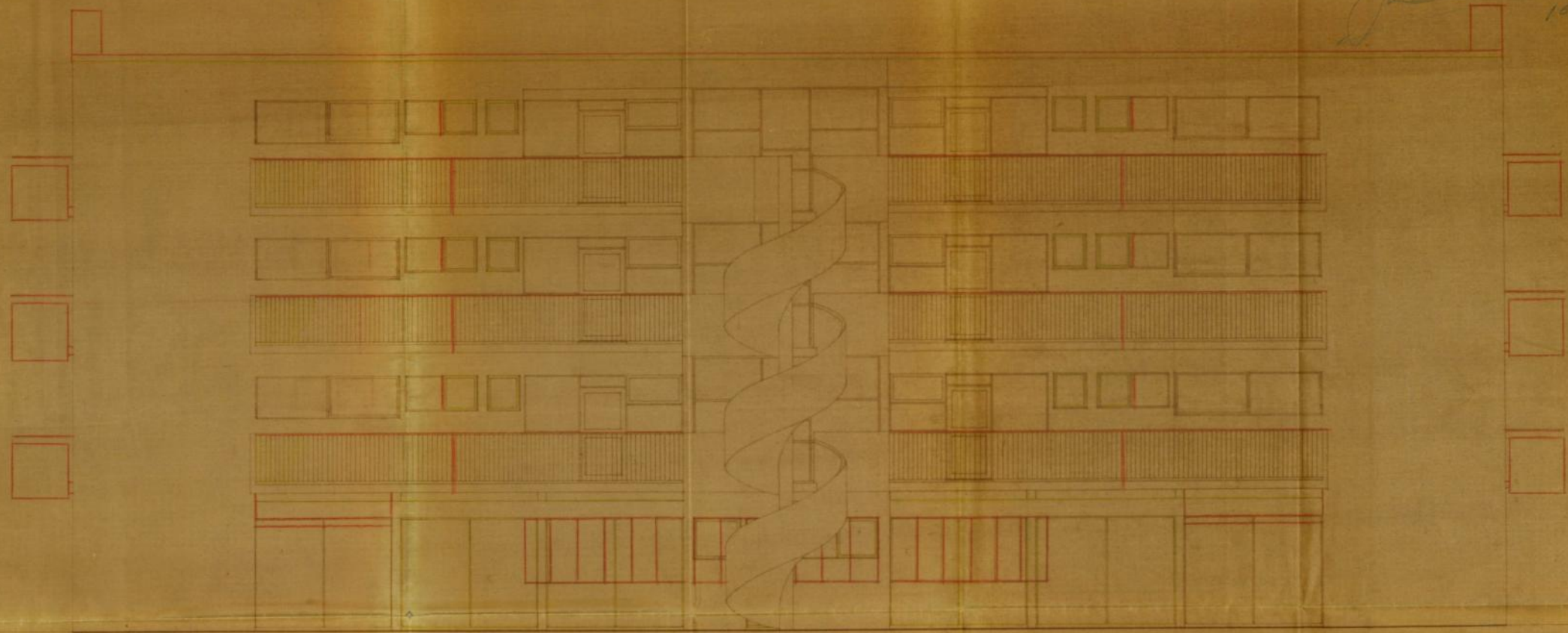




CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição Edificação Urbana  
**APROVADO**  
TERMINO 21 JAN 1939  
10.000 L. 10.000 L.



154



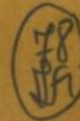
POSTERIOR

ESC 1/50

REQUERENTE  
EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARG Fernando Lemos

ENG Amador de Gusmão

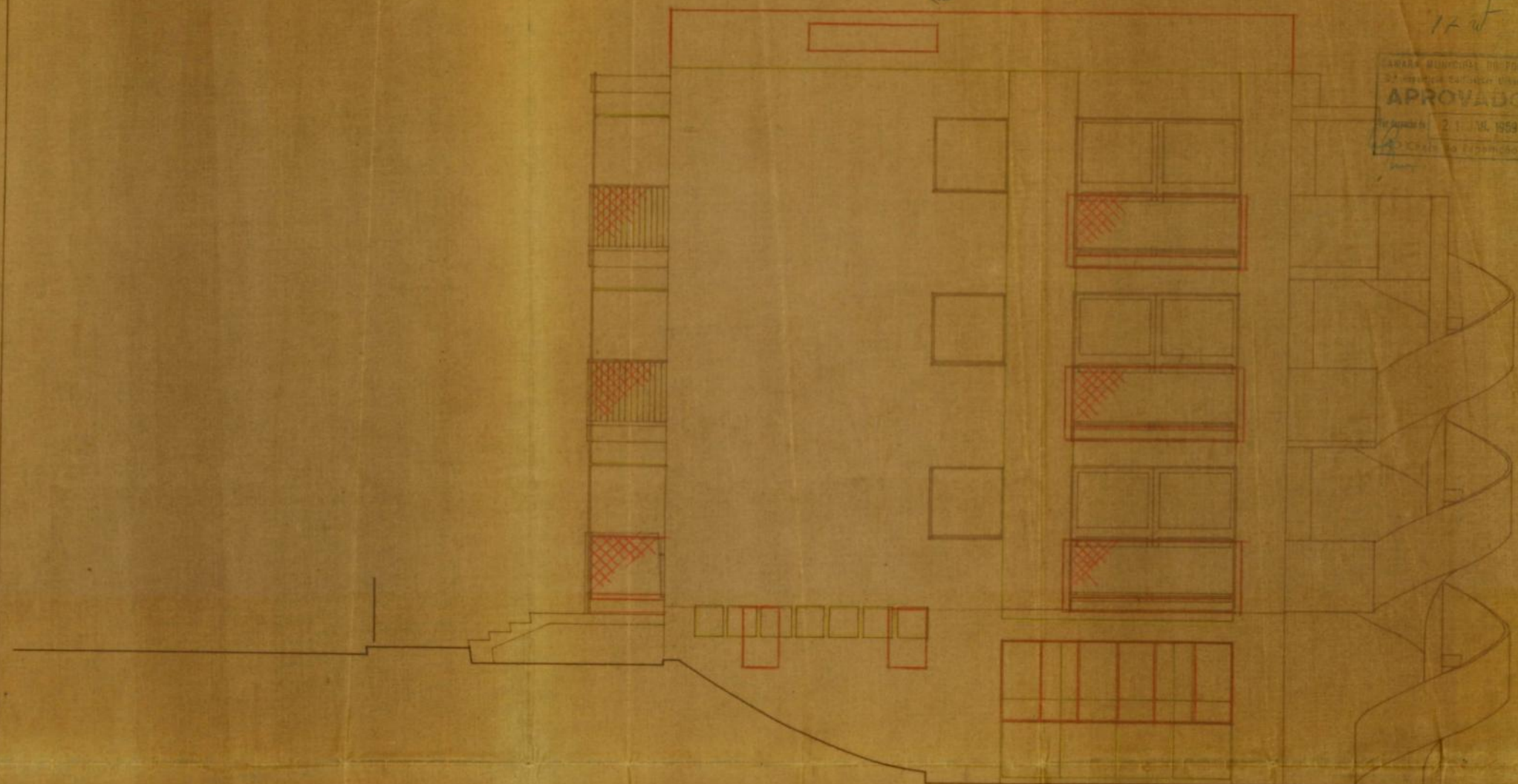


CSP  
AO



17 w

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
27 Avenida da Liberdade, 1000-001 Porto  
**APROVADO**  
Em 21 de Maio de 1959  
Pelo Excmo. Sr. Presidente da Câmara



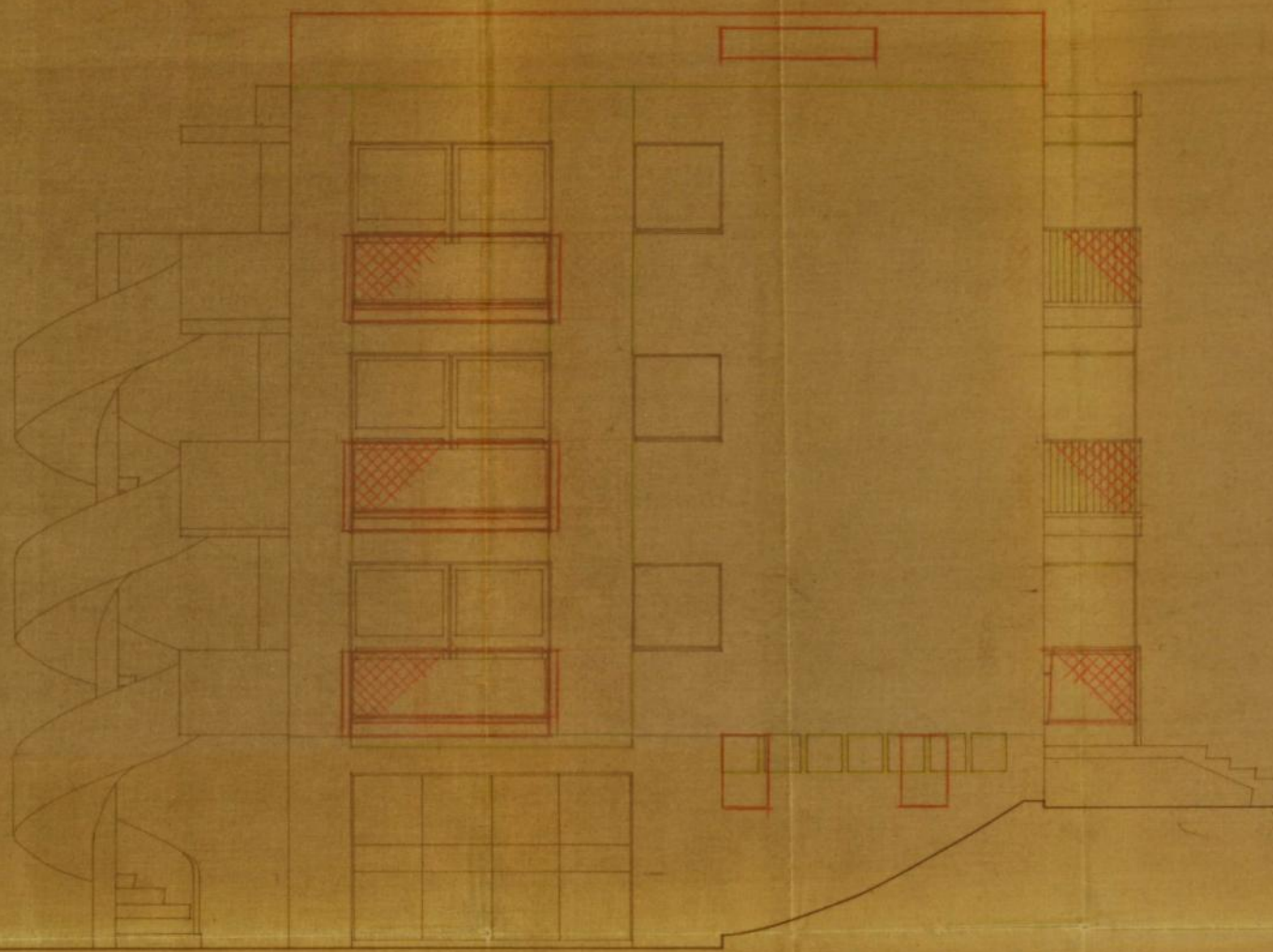
LATERAL NASCENTE 1/50

REQUERENTE  
EXMO SR JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARQ Fernando Lemos

ENG Américo Santos Taveira





LATERAL POENTE 1/50

Feu  
1347



CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
2.ª Repartição de Engenharia Urbana  
**APROVADO**  
Em Sessão de 21 JAN. 1958  
Eng.º Carlos de Rego e Silva

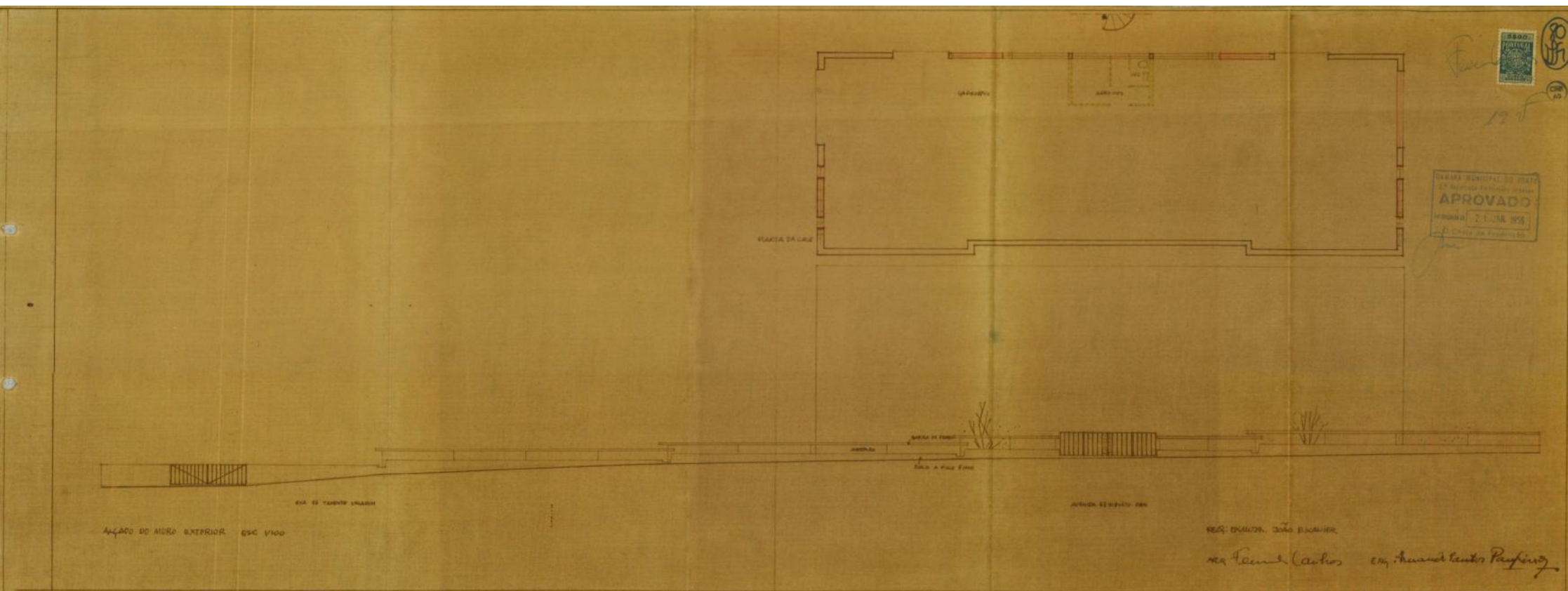


Esc. de Engenharia Urbana

REQUERENTE  
EXMO SR. JOÃO DE BASTOS XAVIER

ARQ Fernando Lourenço

ENG Américo Augusto Taveira







DEFERIDO  
EM T. DA INFORMAÇÃO  
COM AS CONDIÇÕES IMPOSTAS  
Porto, 31-12-60  
O Presidente



CMP  
AG

C. M. P. REQUERIMENTO  
D.S.C.C. 1.º Reg.º (Entrada)  
N.º 25044  
26. DEZ. 1960

Excelentissimo Senhor Presidente da Camara Municipal do

LICENÇA N.º 403 PORTO

~~António Augusto A. Guedes da Silva~~  
António Augusto A. Guedes da Silva, casado, de 65 anos de idade,

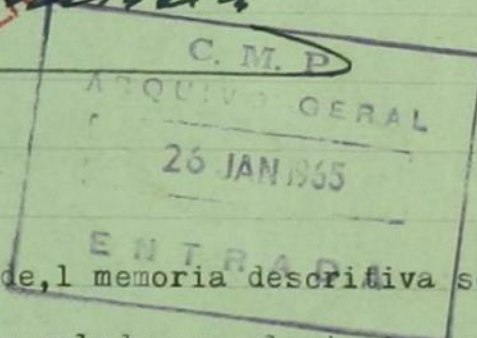
morador na rua de Cedofeita 670-2º, Porto, desejando proceder à construção de um predio no terreno de que é proprietario na Rua de Oliveira Monteiro, vem submeter à apreciação de V.Excia o respectivo projecto e solieitar a necessária licença de obras para o prazo de 180 dias.

Pede Deferimento

Porto, 22 de Dezembro de 1960

*Augusto Lourenço*

LANÇADO NO LIVRO DA PDB



anexos: 1 termo de responsabilidade, 1 memoria descriptiva selada e 2 copias, 1 fotografia selada, uma planta topografica selada e 2 copias, uma copia do projecto selada.

*Assinatura*

Contas n.º 35 - 3 de 20

Porto e 1.ª Cartoria Notarial, 26 DEZ. 1960

*Assinatura*



## TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado, Armando dos Santos Paupério, Engenheiro Civil, (U.P.), residente na Avenida do Marechal Carmona 1508, V.N. de Gaia, declara para todos os efeitos da legislação em vigor, assumir toda a responsabilidade resultante da obra que o exmo Senhor Augusto Guedes da Silva deseja levar a efeito na Rua de Oliveira Monteiro.

Porto, 22 de Dezembro de 1960

*Armando dos Santos Paupério*

Reconheço a \_\_\_\_\_ assinatura

*supra de Armando  
dos Santos Paupério*

B. Cartório Notarial do Porto 23 DEZ. 1960  
Ajudante do Cartório,

*João*  
Cota n.º 72 320



## MEMORIA DESCRITIVA

requerente: Exmo Sr. Augusto Guedes da Silva

Num terreno da Rua de Oliveira Monteiro pretende-se construir um predio para rendimento, que seria constituido por seis pisos, de sercia em acordo com o predio construido a sul.

Teria uma entrada principal para as habitações e outra de serviço, aberta e escada igualmente de serviço. Na caixa principal de escada, seria montado um ascensor para 3 pessoas.

O 1º piso constituiria logradouro dos inquilinos e eventualmente, para recolha de algum carro. o 2º piso seria constituido por duas habitações diferentes, uma com dois quartos, jantar, cozinha, banhos, lavabos dispensa, varanda de serviço e outra com um quarto, jantar, banho, cozinha e varanda de serviço.

O 3º piso, seria constituido por duas habitações cada uma das quais com dois quartos, jantar, banho, lavabos, cozinha e dispensa, e varanda de serviço; os restantes pisos teriam duas habitações diferentes por piso, sendo uma com dois quartos, jantar, banho, lavabos, cozinha, dispensa e varanda de serviço e a outra com dois quartos, quarto de serviçais, jantar, banho, lavabos de serviçais, cozinha e dispensa e varanda de serviço. Nas varandas de serviço haveria uma boca de despejo para lixo, havendo no primeiro piso um sistema para sua evacuação.

X Estrutura do predio em betão e escadas igualmente em betão. Revestimentos exteriores de cimento e areia. Esquaria exterior em madeira de castanho. Interior de tola. Pavimentos das cozinhas





banhos e lavabos e dispensas, em mosaico e paredes das mesmas dependencias em azulejo ou marmorite até 1,60 de altura.

Chaminés construídas nas condições exigidas pelos respectivos regulamentos. Instalação eléctrica de acordo com as prescrições em vigor.

Pinturas finais a cores claras. Cobertura a telha . X

Existindo colector geral, far-se-ia a respectiva ligação, construindo-se as caixas necessárias. Ventilação permanente da caixa de escada. As portas das dispensas levarão superior e inferiormente frestas para ventilação.

Oportunamente fornecer-se-ão os calculos de betão.

*Alcides da Silva Pereira*

Porto, 22 de Dezembro de 1960

Fe



*[Handwritten signature]*



*Arce and Santos San Juan*

*F. Carr.*



# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO — 1.ª REPARTIÇÃO — URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 8.º CAP. AG  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VÁLIDA POR UM ANO)

*Construir prédio de R/C + 3 andares*

A. B. ALINHAMENTO: *o actual*

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL



O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença. Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos confrontantes.

**A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM**

N.º **742/60**

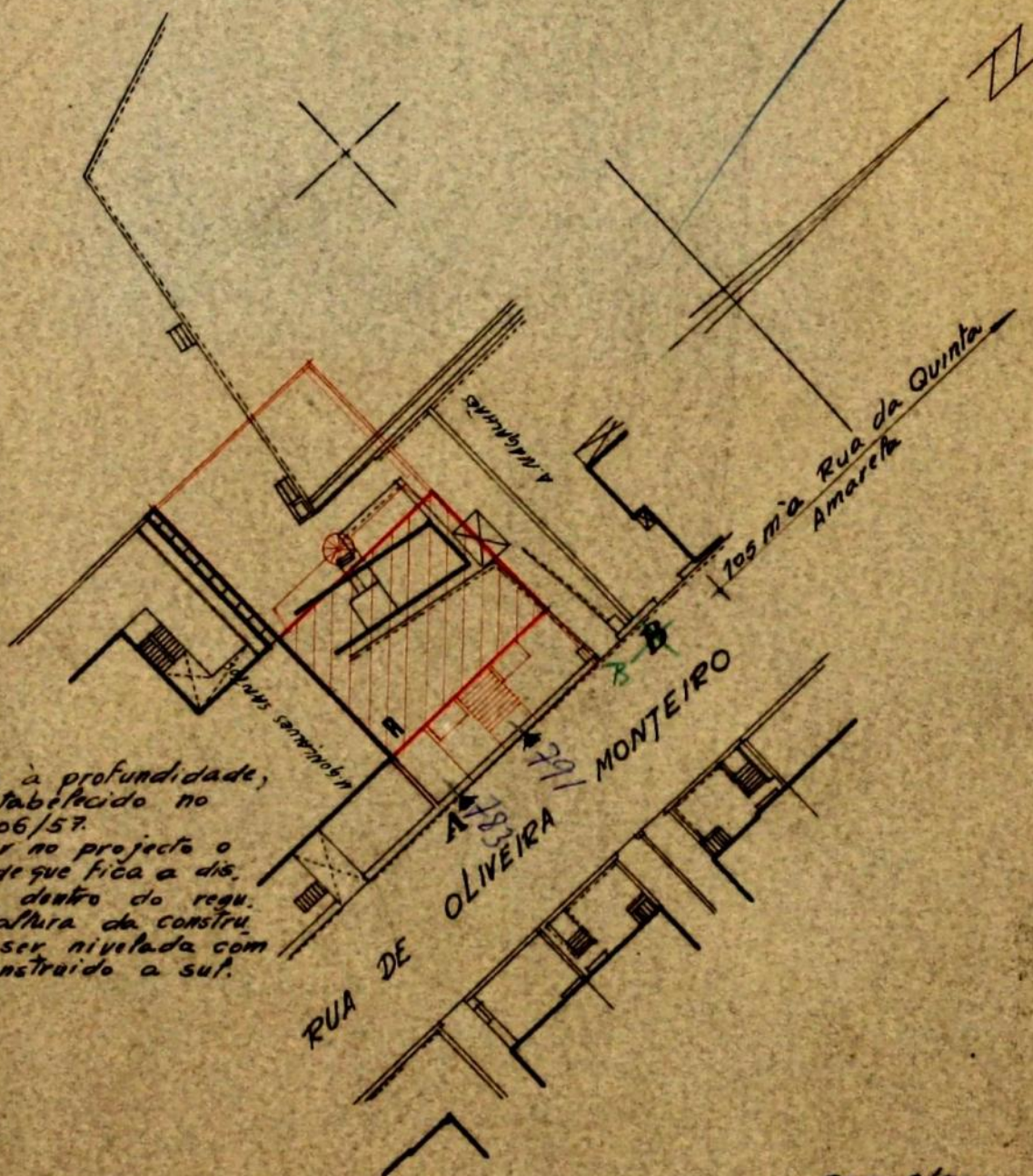
11.100 PL. 182

Porto, 23 de Agosto

de 1960

10.600

O REG.º CHEFE.  
*[Signature]*



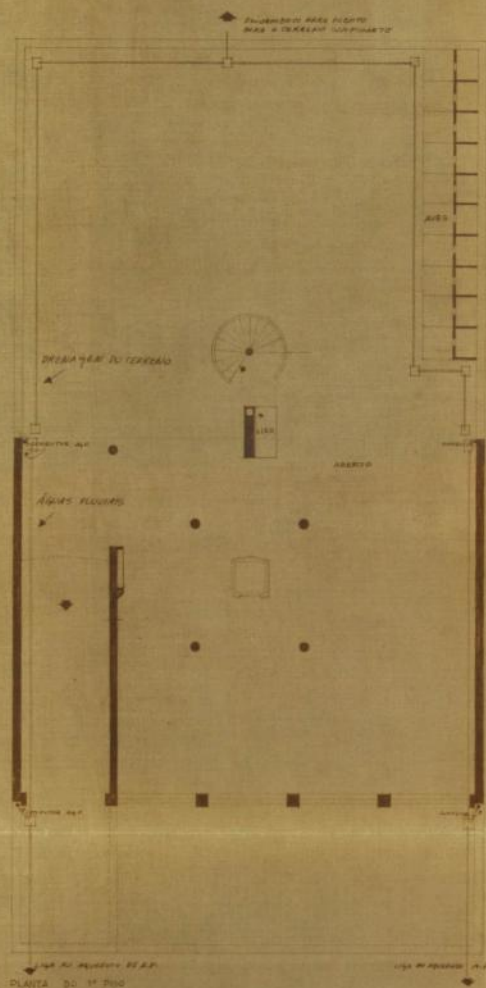
- Deve, quanto à profundidade, cumprir o estabelecido no reg.º n.º 16.006/57.
- Deve indicar no projecto o logradouro de que fica a dis. por o prédio, dentro do regu. lamento e a altura da construção deverá ser nivelada com a do edifício construído a sul.

ESC. 1/500

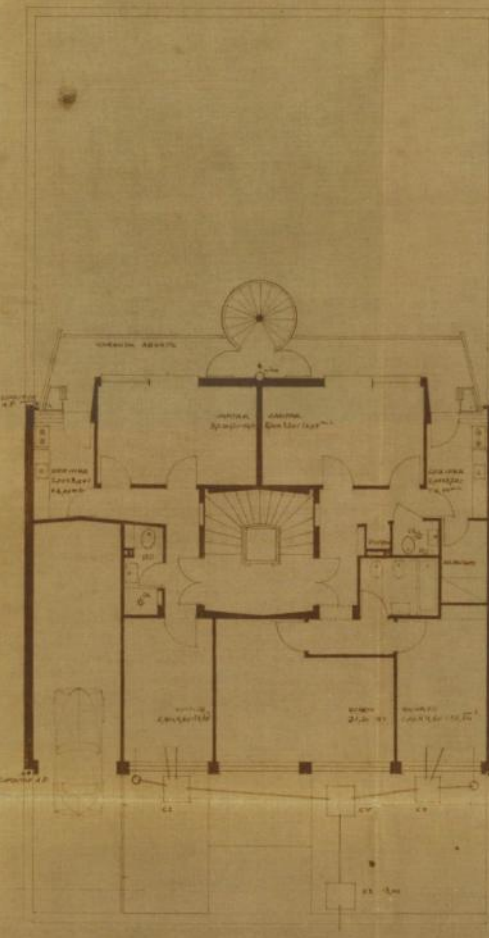
DPS

32-8-60



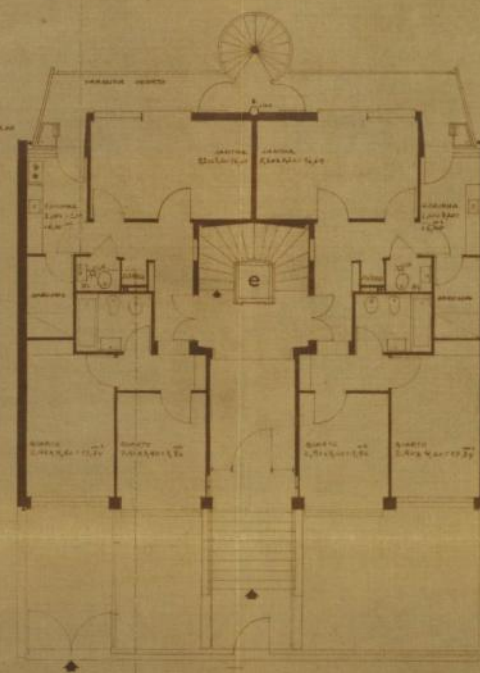


PLANTA DO 1º PISO



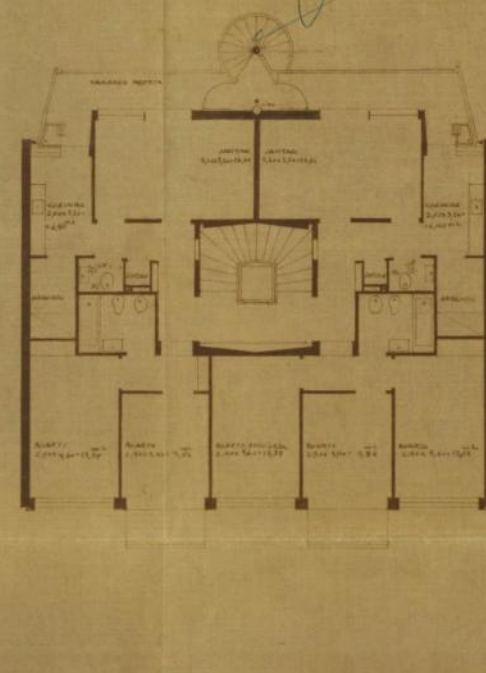
PLANTA DO 2º PISO  
ESCALA 1/100

RUA DE OLIVEIRA MONTEIRO



PLANTA DO 3º PISO

RUA DE OLIVEIRA MONTEIRO



PLANTA DO 4º, 5º e 6º PISOS

projetado por  
ENGR. DE AUGUSTO QUESDES DA SILVA  
ARQ. TO *Fernando Cambar*  
ENGR. OS *Francisco de Paula da Silva* e *Francisco de Paula da Silva*

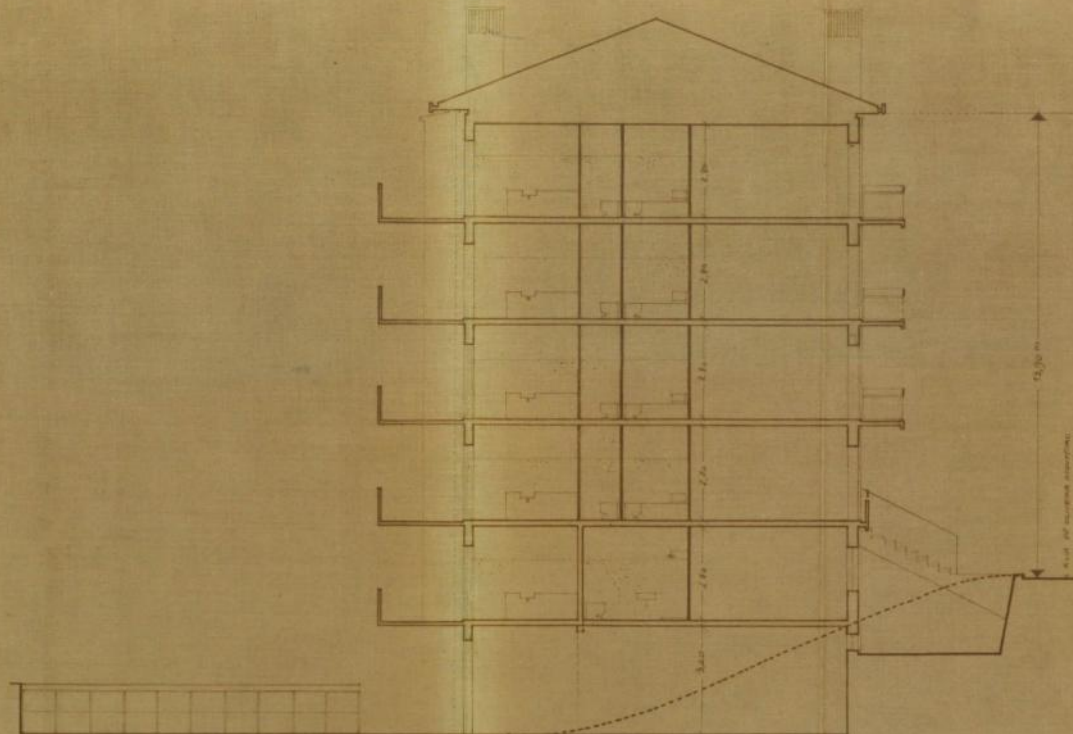
DIÁRIA MUNICIPAL DO PORTO  
2ª Secção de Obras Urbanas  
**APROVADO**  
- 3 JUL. 1901  
Chefe de Repartição



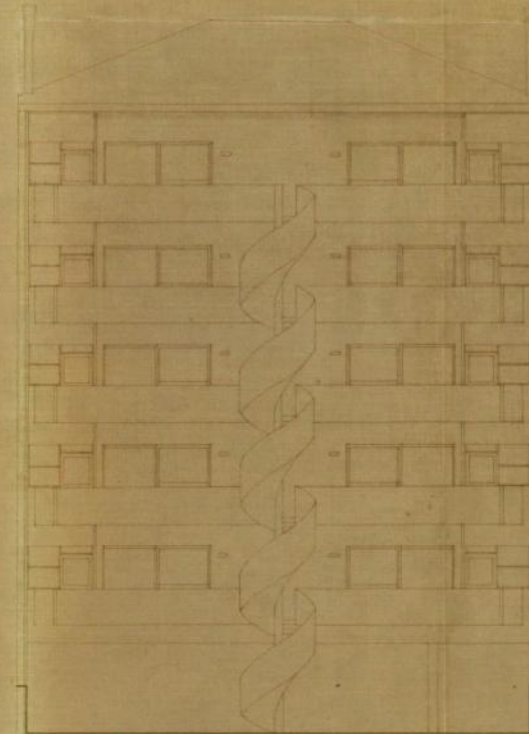
CAP. AD.



requerente  
EXMO DE AUGUSTO GUEDES DA SILVA  
ARQ TO Fernando Lanchas  
ENGLOS  
*Apoio da Lanchas Rospiroz Grand Alvaro Das Torres*



CORTE POR AB  
ESCALA 1/100



POSTERIOR

REQUERENTE

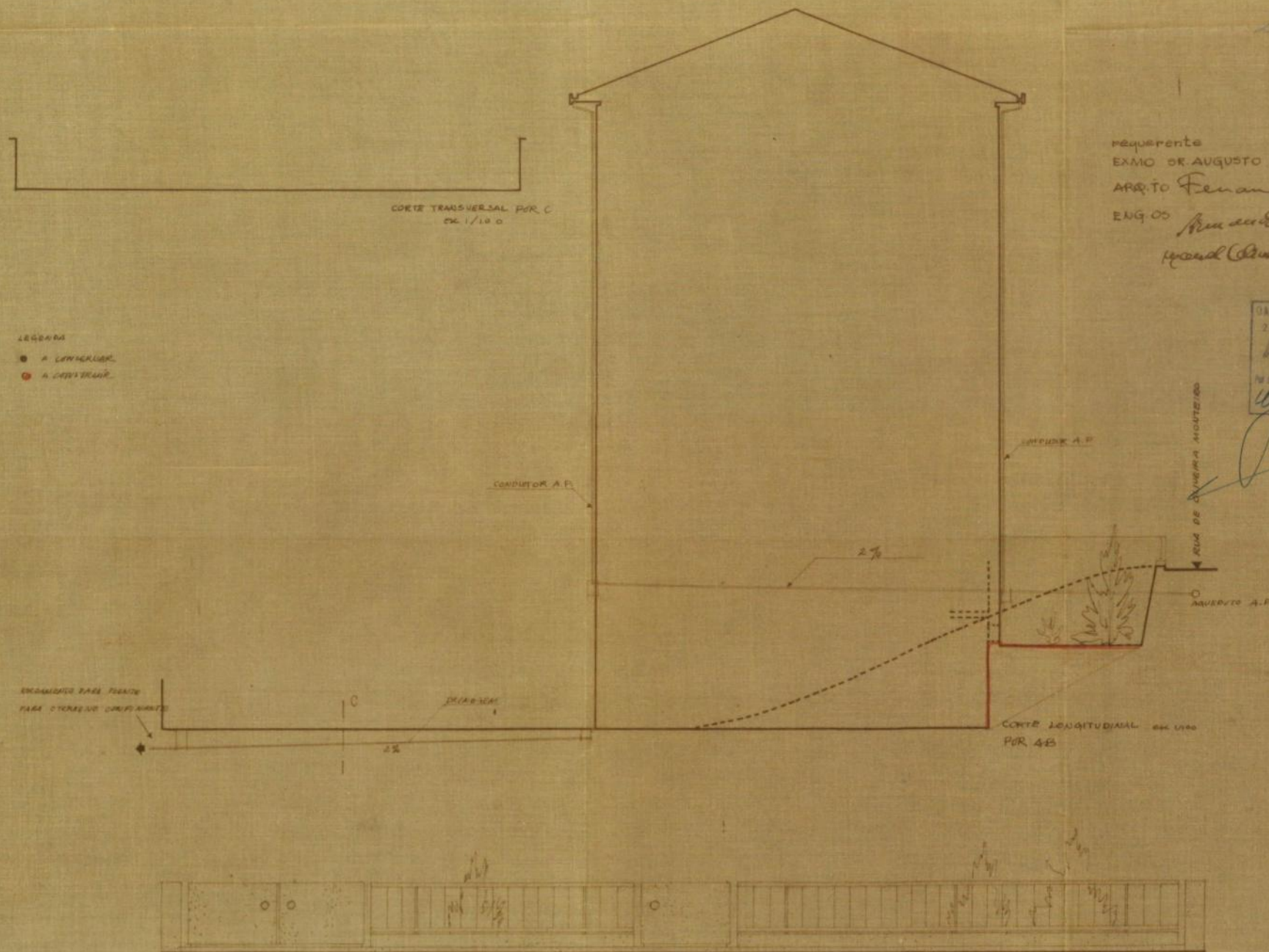
EXMO. SR. AUGUSTO GUEDES DA SILVA

ARQ. TO. Fernando Lemos

ENG. OS. Amador Antonio Ruy Pereira e Silva e Oliveira e Silva







requerente  
EXMO SR. AUGUSTO GUEDES DA SILVA  
APRO. TO Fernando Lourenço  
ENG. OS. Amândeo da Paixão  
por (Quirino da Silva)





DEFERIDO  
EM VISTA DA INFORMAÇÃO  
COM AS CONDIÇÕES IMPOSTAS

PORTO EM 25 JUN 1962

Nos termos da Lei não  
é permitido o aumento do  
número de linhas deste  
papel ou escrever nas  
suas margens.



C.M.P. REQUERIMENTOS

D. 1.º Rep.º (Central)

Requer.º n.º 9180

-3 MAI 1962

Regist.º em

Exmo Senhor Presidente da Camara Municipal do

PORTO

LICENÇA N.º 185-abi.º

de 13 de Junho de 1962

Augusto Guedes da Silva, morador na Rua de Julio Diniz, 911-3º, D.To, Porto, vem em aditamento ao processo 25.044/60, com licença de obras nº 403/61, apresentar a alteração que deseja fazer ao projecto, a qual consistiria na supressão da escada exterior das trazeiras.

Mais declara desejar suprimir a construção dos anexos destinados a aves.

Pede Deferimento.

Porto, 4 de Abril de 1962

LANCADO NO LIVRO DA PORTA

*Augusto Guedes da Silva*



anexos : plantas topograficas, memoria descritiva, copias, copia do projecto.



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



#### MEMORIA DESCRITIVA

requerente : Exmo Senhor Augusto Guedes da Silva.

Em aditamento ao processo com licença de obras nº 403/61, pretende-se apresentar a alteração ao projecto, que consiste na supressão da <sup>ca</sup>esca posterior, pois sendo possível um eventual aproveitamento do primeiro piso, e talvez conveniente vedação do acesso, a utilidade da escada seria nessa circunstancia, anulada. A todo o tempo, aliás, a escada poderia ser construída, sem compromisso da parte restante do edifício em construção.

Constructivamente, a parte das varandas agora alterada, seria fechada com tejolo, em continuidade do que se irá fazer nessas varandas conforme o projecto e memoria respectiva.

Igualmente se pretendia suprimir a construção dos anexos destinados a aves no primeiro piso.

Porto, 1 de Maio de 1962

*F. Carlos*  
*Armando de Sousa Paupé*



# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO — 1.ª REPARTIÇÃO — URBANIZAÇÃO E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 1.º  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VÁLIDA POR UM ANO)

Construir prédio de R/C + 3 andares

A. B. ALINHAMENTO: o actual

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LUGAR



O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença. Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos confrontantes.

A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM

N.º 742/60

11.100 PL. 182

Porto, 23 de Agosto

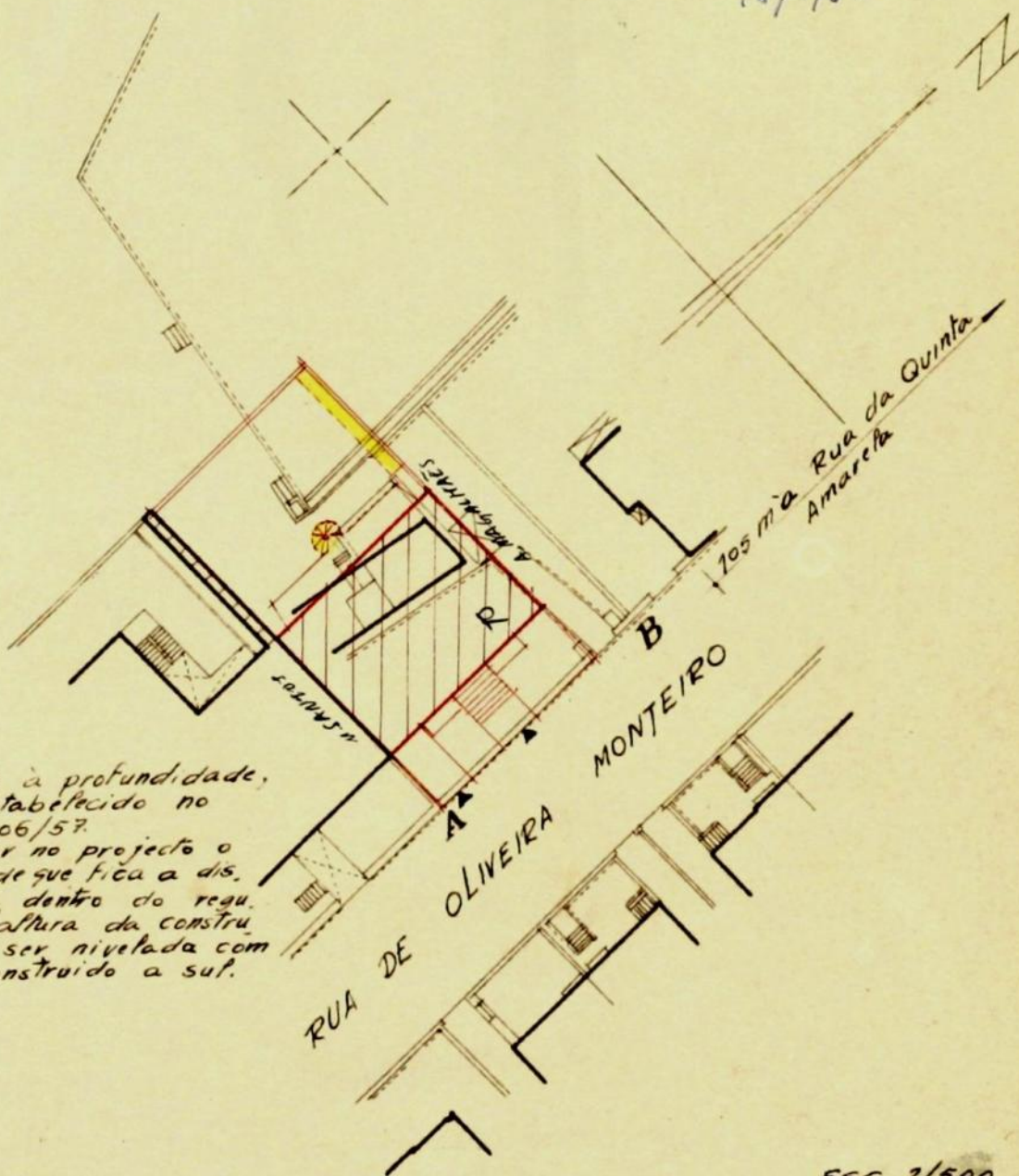
de 1960

10.600

O ENG.º CHEFE.

*Rel.º*  
*Rodrig*  
*18/4/62*

- Deve, quanto à profundidade, cumprir o estabelecido no reg.º nº 16.006/57.
- Deve indicar no projecto o logradouro de que fica a dis. por o prédio, dentro do regulamento e a altura da construção deverá ser nivelada com a do edifício construído a sul.

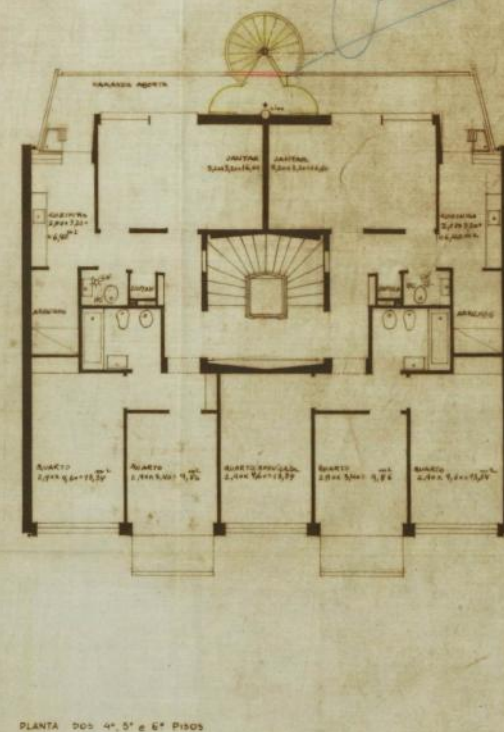
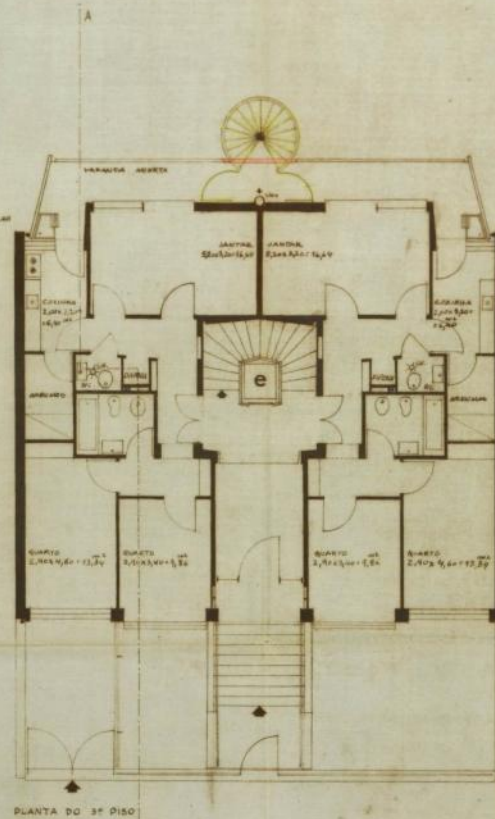
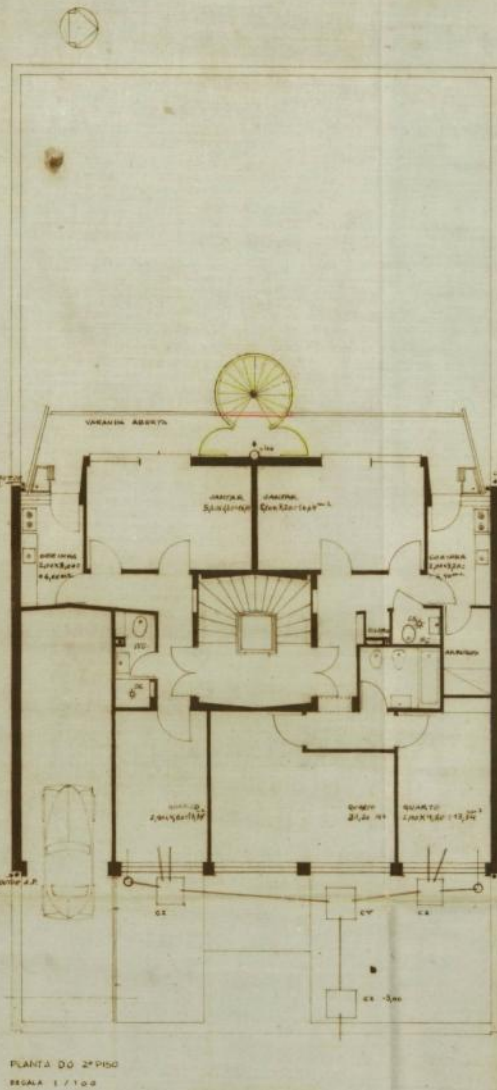
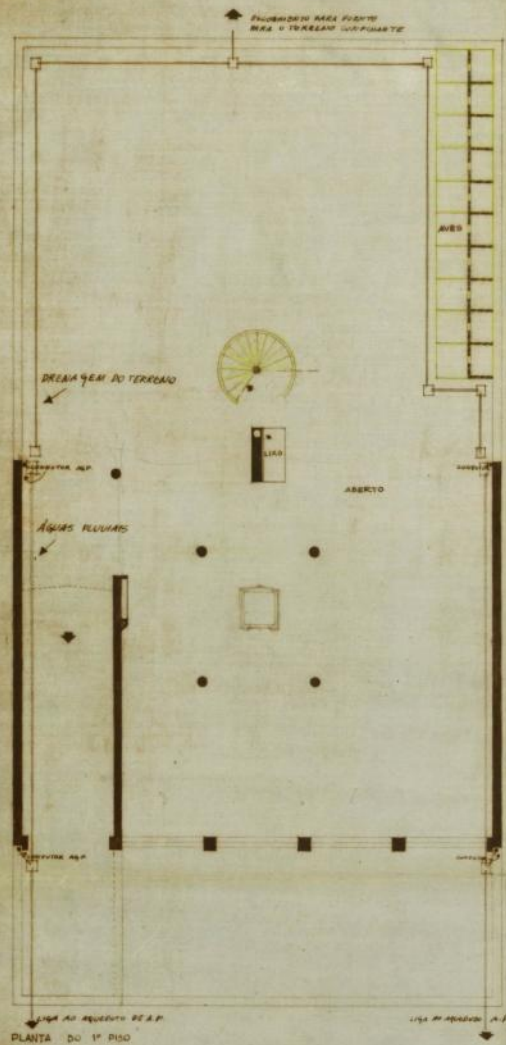


ESC. 1/500

DOS  
*Rodrig*

22-8-60

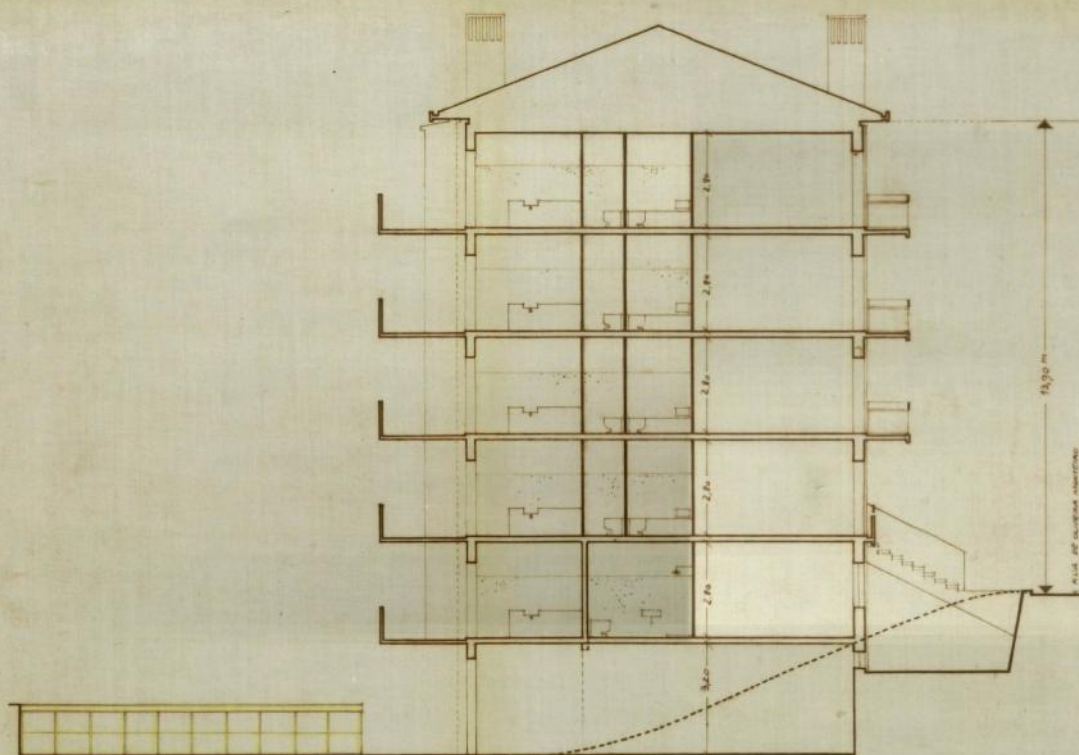




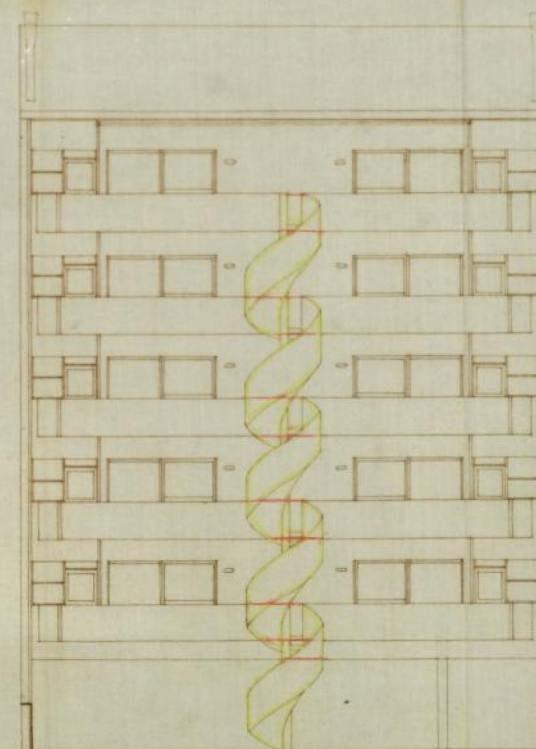
LEGENDA  
 ● A DRENAGEM  
 ● A CONTRA-VENTO  
 ● A CONTRA-VENTO

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
 1.ª Secção de Edificações Urbanas  
**APROVADO**  
 5 JUN 1900  
 Escola de Engenharia

requente  
 EXMO SR AUGUSTO GUEDES DA SILVA  
 ARQTO *Fernando Louças*  
 ENG OS *Frederico Augusto, Raul Pinheiro, Raul Oliveira Dias Lopes*



CORTE POR A-B  
ESCALA 1/100



POSTERIOR

requerente  
EXMO SR. AUGUSTO GUEDES DA SILVA  
ARQ.TO *Fernando Lantier*  
ENG.OS *Francisco de Paula Pereira e Manoel Oliveira Dias Lopes*



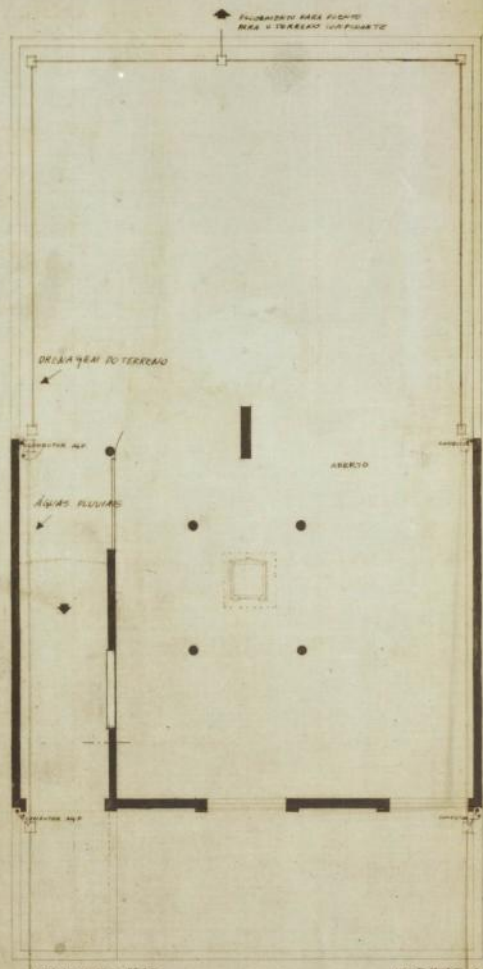
8 43/4



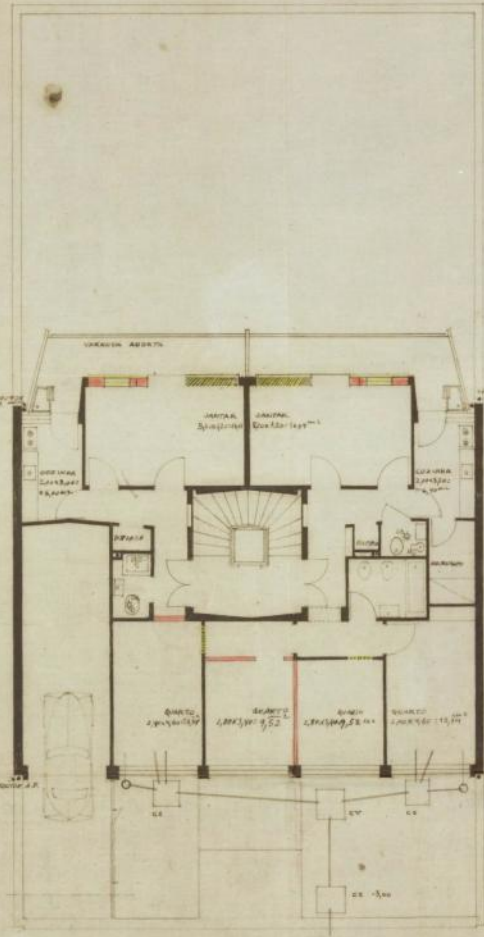




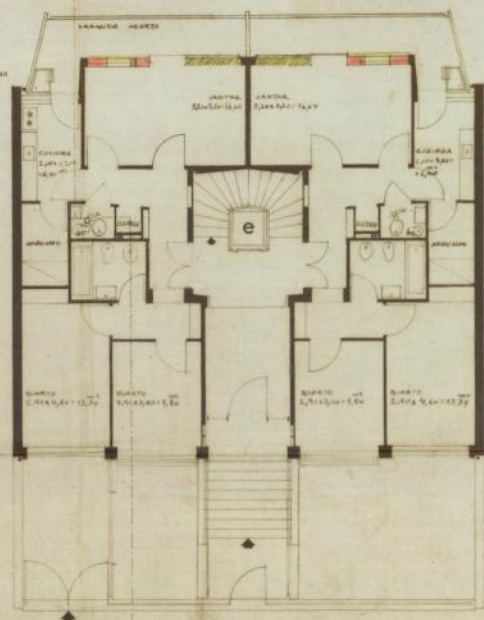




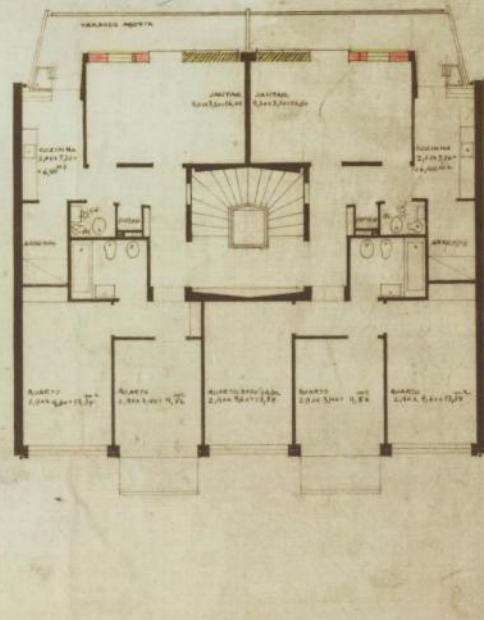
PLANTA DO 1º PISO



PLANTA DO 2º PISO



PLANTA DO 3º PISO



PLANTA DO 4º, 5º e 6º PISOS

RUA DE OLIVEIRA MONTEIRO

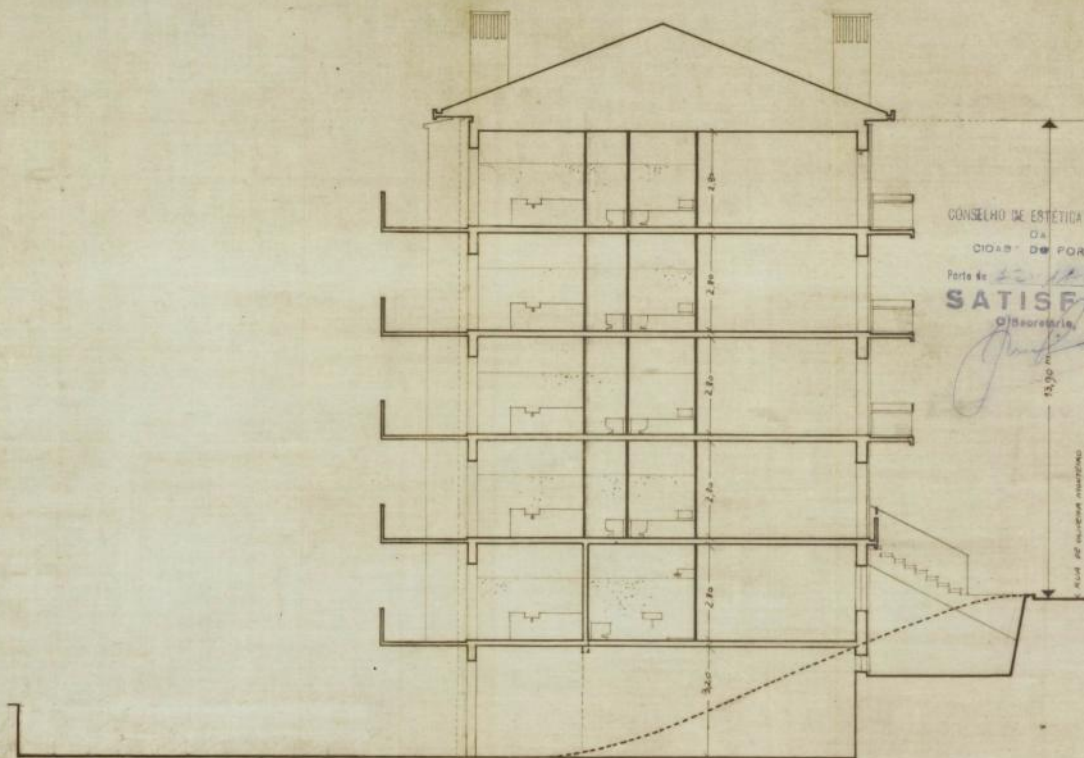
RUA DE OLIVEIRA MONTEIRO

pequeno  
EXMO 6º AGOSTO QUEDES DA SILVA  
ARQ TO *Fernando Canhas*  
ENG OS *Frederico de Sá Pereira*

CIDADE MUNICIPAL DE PORTO  
Aprovado  
27 NOV 1963  
B. Costa da Saporito

604  
CIP 40  
6000  
PORTUGAL  
1963



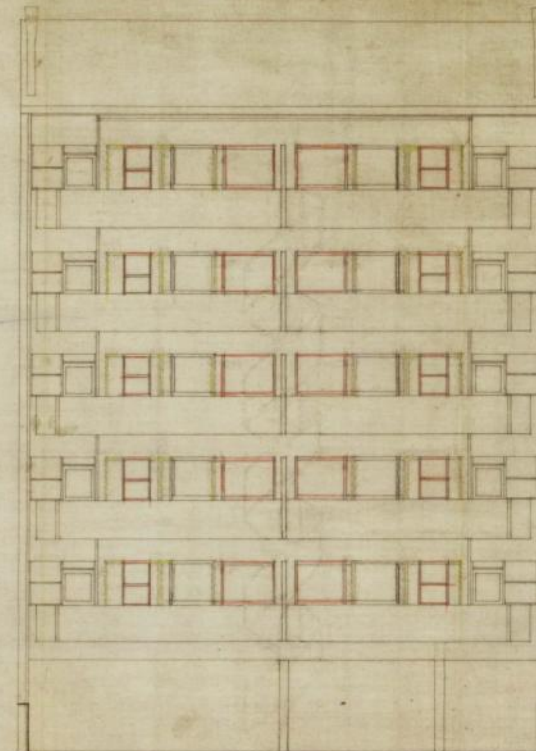


CORTE POR A-B  
ESCALA 1/100

CONSELHO DE ESTÉTICA URBANA  
DA  
CIDADE DE PORTO  
Porto de 22-12-1963  
**SATISFEAZ**  
O Secretário

*[Handwritten signature]*

13,30 m  
Nível do terreno original



POSTERIOR

requerente

EXMO SR. AUGUSTO QUEDES DA SILVA

ARQ. TO *Fernando Lamas*

ENG. OS *Amândeo de Sá Pereira* *Henrique Oliveira Dias Lopes*

QAP  
AD

5000  
CARTÃO  
CARTÃO

CIDADE MUNICIPAL DO PORTO  
2ª Repartição de Engenharia Urbana  
**APROVADO**  
Em 27 NOV. 1963  
O Chefe de Repartição

*[Handwritten signature]*

Nos termos da Lei não  
é permitido aumentar o  
número de linhas deste  
papel ou escrever nas  
suas margens.



6 57 63



#### Memoria descritiva

Aditamen to ao projecto nº 25.044/60, licença de obras  
nº 403/61.

Em aditamento ao projecto apresentado pre-  
tende-se agora alterar a disposição das dependencias  
no piso 2. Assim um dos fogos compor-se-ia agora de  
mais um quarto, em prejuizo do outro, destinado 'as  
instalações do porteiro e de eventual habitação.  
Manter-se-iam as mesmas características de constru-  
ção.

A disposição das janelas na fachada poste-  
rior foi ligeiramente alterada com vista a uma me-  
lhor disposição e arranjo, mantendo-se a mesma utili-  
zação.

Porto, 13 de Novembro de 1963

*Augusto Lacerda, Lda*  
*Armando Estanislau de Souza*  
*Manoel Oliveira Dias Lopes*





DEFERIDO  
EM VISTA DA INFORMAÇÃO  
COM AS CONDIÇÕES IMPOSTAS  
POL. D.  
Por delegação do Presidente da Câmara  
O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE HABITAÇÃO

Nos termos da Lei não  
é permitido aumentar o  
número de linhas deste  
papel ou escrever nas  
suas margens.

18. ABR 1968



C.M.P. REQUERIMENTOS  
D.S.C.D.-1.ª Rep.ª (Central)  
Requer.º N.º 17584  
Regist.º em 15. JUL 1967

CMP  
AG

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto

Averbado no Boletim n.º 1677

3-6  
José Delmar de Magalhães Mendes Teixeira, solteiro,  
de 20 anos de idade, estudante da U.P., morador na Rua do Lيدador 563,  
Porto, desejando proceder à construção de um prédio no terreno de que é  
proprietário no gaveto da rua dos Heróis de Mucada e Largo da Pedra  
Verde, vem solicitar a V. Excia licença de obras para 360 dias, conforme  
o projecto junto.

Mais declara delegar ao técnico Arquitecto Fernando Resen-  
de da Silva Magalhães Ianhas, quem vier aditamento a apresentar nessa Exma  
Câmara.

LANÇADO NO LIVRO DA PORTA

LICENÇA N.º 228  
de 21 de Maio de 1968

Pede deferimento.

Porto, 4 de Julho de 1967

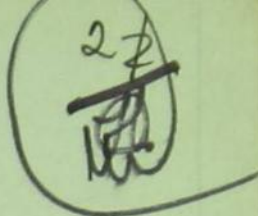
José Delmar de Magalhães Mendes Teixeira

RECONHEÇO a assinatura  
Cartório Notarial 70-05140  
n.º 118 Deste  
O Ajudante do Cartório

C.M.P.  
ARQUIVO GERAL  
29 MAR. 1984  
ENTRADA



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



**D.S.F.-IMPOSTOS E LICENÇAS**

**Inscrição de Técnicos**

n.º 22/58

**TERMO DE RESPONSABILIDADE**

Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas, Arquitecto diplomado pela E.S.B.A.do Porto, com escritório na Praça do Municipio 267-5º S 8, Porto, vem declarar que assume toda a responsabilidade resultante das obras que o Exmo Senhor José Delmar de Magalhães Mendes Teixeira, deseja levar a efeito no gaveto da Rua dos Heróis de Mucaba e do Largo da Pedra Verde, segundo se indica na planta topográfica e de acordo com o projecto junto.

Porto, 9 de Julho de 1967

*Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas*

*Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhas*

Cartório Notarial

116 Dest

Arquivo do Cartório

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



#### MEMORIA DESCRITIVA

requerente: Exmo Senhor Jose Delmar M.M. Teixeira

Num terreno de gaveto da Rua Heróis de Mucaba e Largo da Pedra Verde, pretende-se construir um predio para habitações, composto de R/C e dois andares.

Todos os fogos teriam entradas independentes.

Todas as habitações teriam o mesmo numero de compartimentos e igual distribuição, variando apenas ligeiramente nalguns as suas as suas areas .

Cada fogo seria constituido por entrada, sala, tres quartos, quarto de serviçais, banho e banho de serviçais, cozinha e dispensa; varandas na frente e nas trazeiras. Cada fogo com garagem independente. As garagens , conforme se apresentam em planta, resultam do desnível natural do terreno.

Constructivamente, paredes exteriores de perpeanho assentes sobre fundações de perpeanho ao baixo. Seriam em betão , todos os pavimentos, escadas interiores, vigas, cornijas, varandas e outros elementos a indicar oportunamente nos calculos de betão.

Revestimentos exteriores de cimento e areia; interiores estu- cados a areia. Armação do telhado em eucalipto para telha Lusa.

Esquadria interior em tola e exterior ex mucibo. Paredes de sanitarios, cozinhas e copas e seus pavimentos, em materiais lavaveis e imputresciveis

Estadas interiores de capeamento a madeira sobre o betão.

cont./



Ventilação permanente das caixas de escadas e fenestração das  
portas de dispensas.

Instalação elétrica de acordo com as prescrições em vigor.

Oportunamente seriam fornecidos os cálculos e desenhos de betão.

Per Rar Lh M Car.

10

6



# CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

3.ª DIRECÇÃO—1.ª REPARTIÇÃO—CARTA DA CIDADE E EXPROPRIAÇÕES

PLANTA TOPOGRÁFICA PARA EFEITOS DO § 3.º DO ART. 3.º  
DO EDITAL DE 18 DE JANEIRO DE 1929 (VÁLIDA POR UM ANO)

CONSTRUIR MORADIA (TIPO UNIFAMILIAR)

A. B. ALINHAMENTO: O APROVADO

NIVELAMENTO: A FORNECER NO LOCAL

----- ALINHAMENTO DE FACHADAS

O Fornecimento desta planta não implica qualquer compromisso quanto à aprovação da obra que vier a ser requerida ou à concessão da respectiva licença. Deve o interessado indicar nesta planta os limites da sua propriedade e os nomes dos confrontantes.

**A OBRA QUE SE PROJECTA DEVE SER IMPLANTADA COM RIGOR E A CARMIM**

N.º 562/67

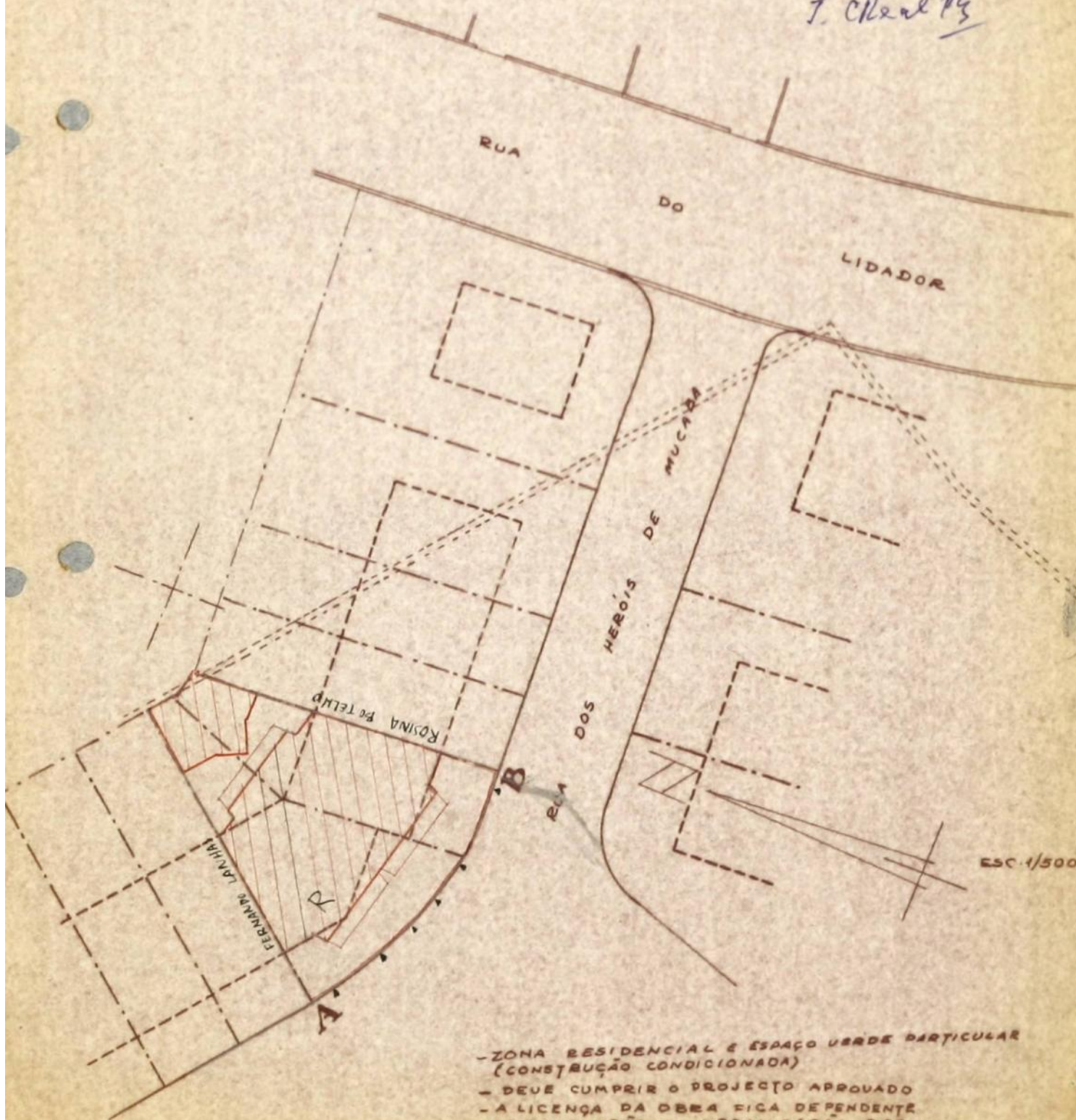
14.100 FL. 62

Porto, 31 de MAIO de 1967

11.800

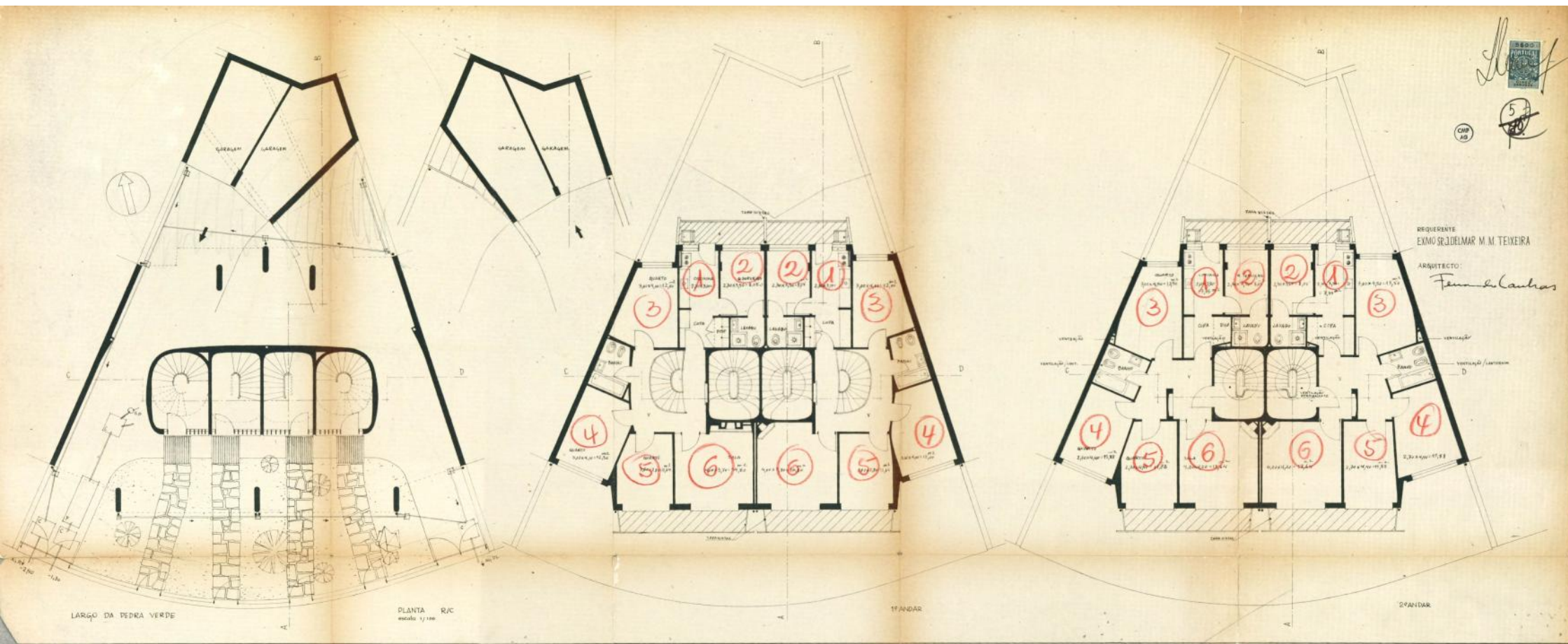
O ENQ.º CHEFE,

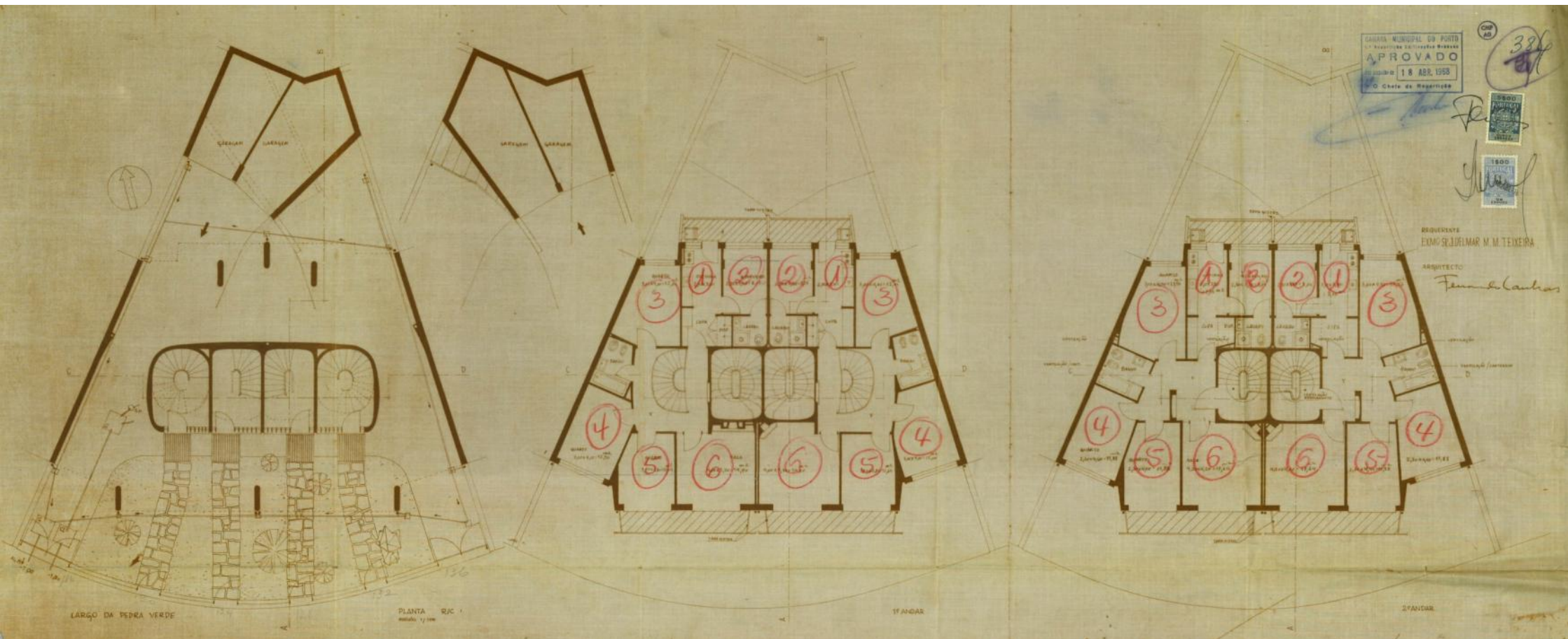
*J. Chel Pz*



- ZONA RESIDENCIAL E ESPAÇO VERDE PARTICULAR (CONSTRUÇÃO CONDICIONADA)
- DEVE CUMPRIR O PROJECTO APROVADO
- A LICENÇA DA OBRA FICA DEPENDENTE DA CONCLUSÃO DA URBANIZAÇÃO DOS TERRENOS.







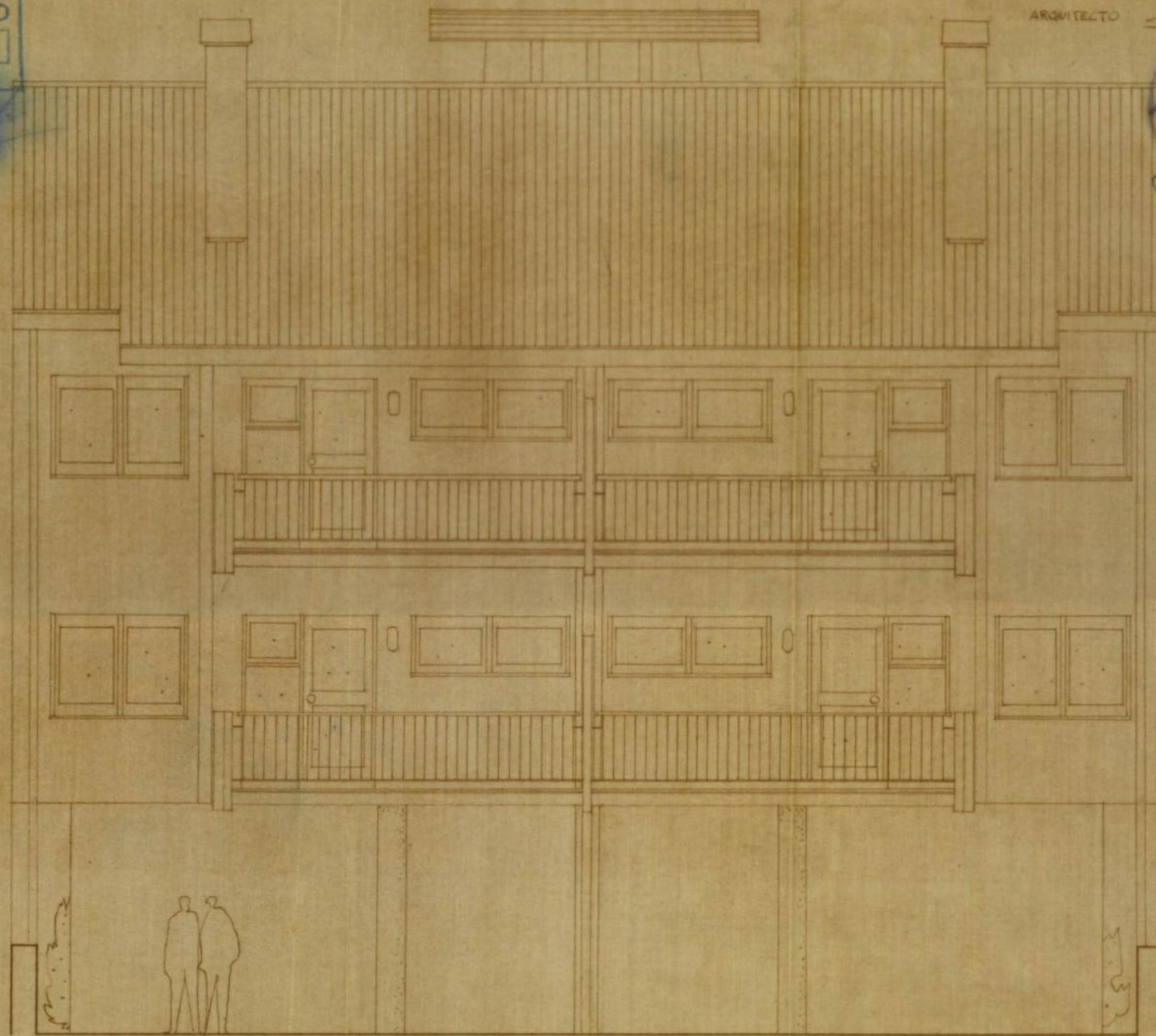


CAMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO  
EX. PRAZOS DE LICITACAO N.º 1.100  
**APROVADO**  
18 ABR. 1935  
O Chefe de Reparticao

REQUERENTE  
EXMO SR JOSE DELMAR M.M. TEIXEIRA  
ARQUITECTO

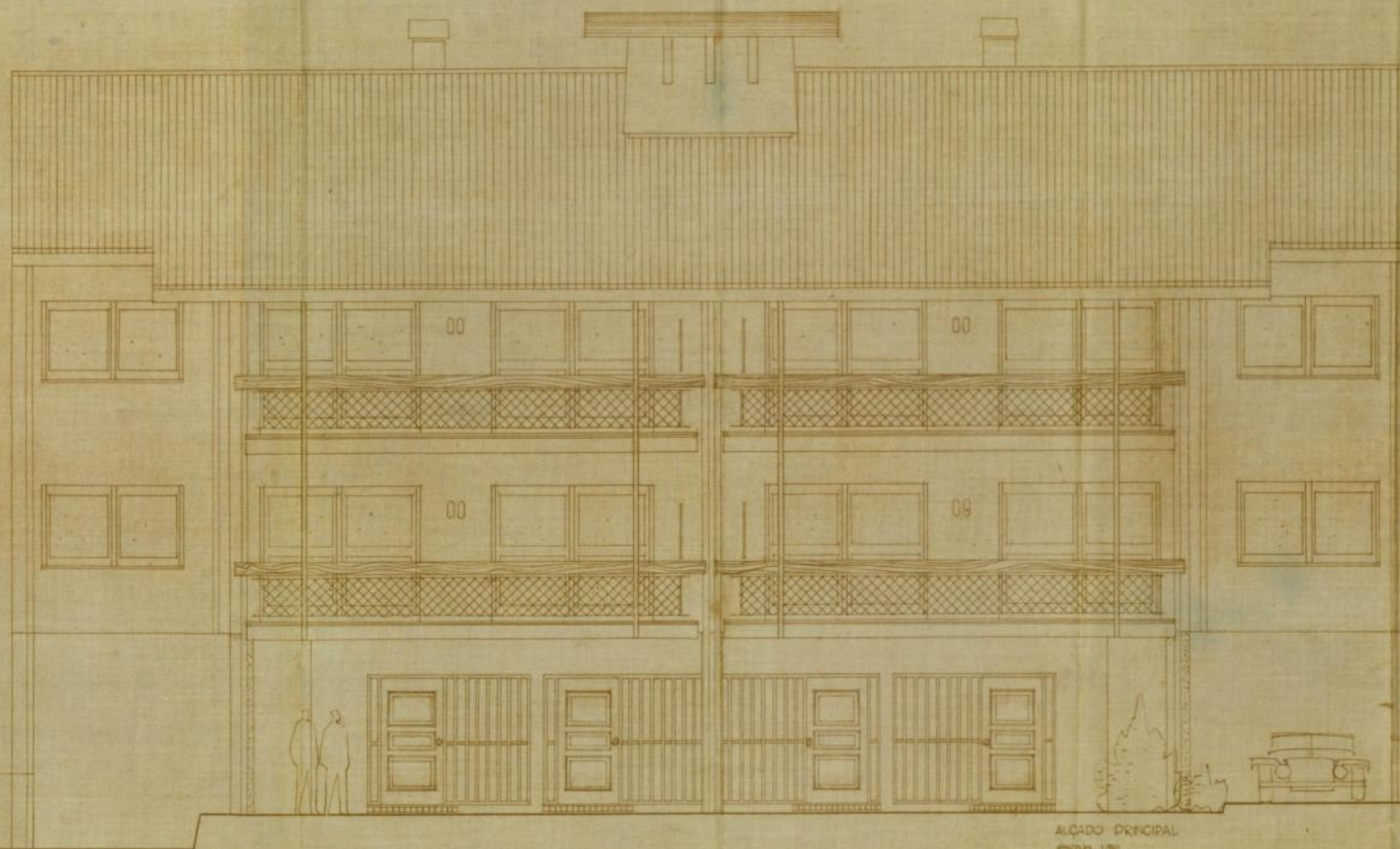
Fernando Calves

398  
CND  
AG



ALCADO POSTERIOR  
escala 1/50





400  
Fila  
1500  
PORTUGAL  
10000 RES  
1500  
10000 RES

REQUERENTE  
EXMO SR JOSE DELMAR M.M. TEIXEIRA

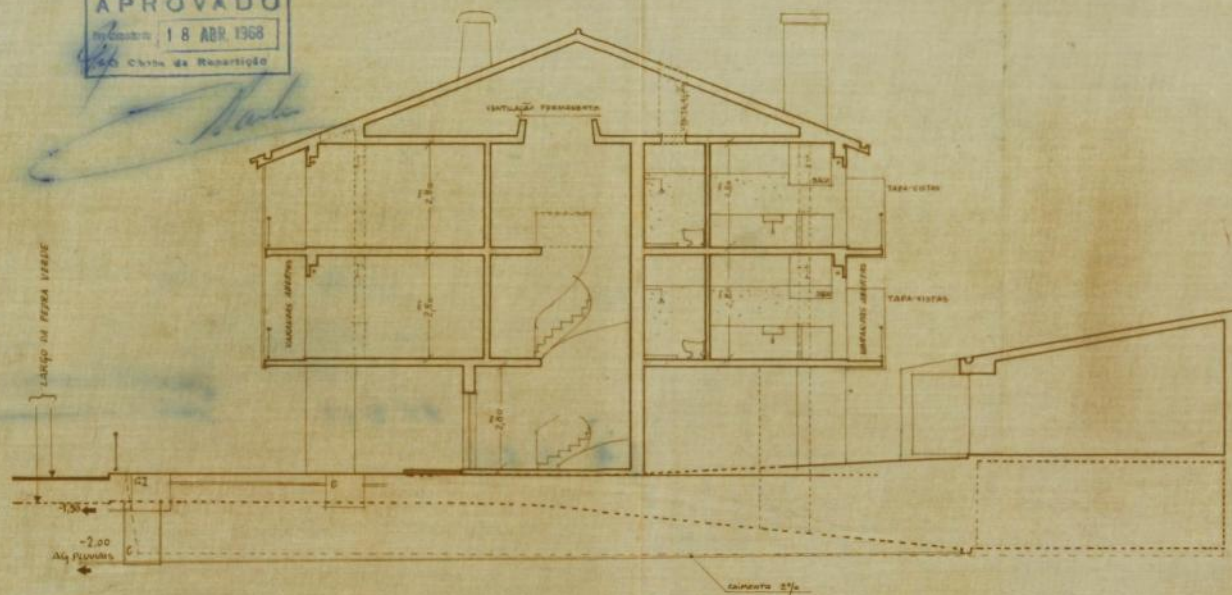
ARQUITECTO  
Fernando Lamas

CAMARA MUNICIPAL DO PORTO  
L.º Regulamento de Edificações Municipais  
APROVADO  
N.º de auto 18 ABR. 1968  
O Chefe da Repartição

ALÇADO PRINCIPAL  
escala 1:50

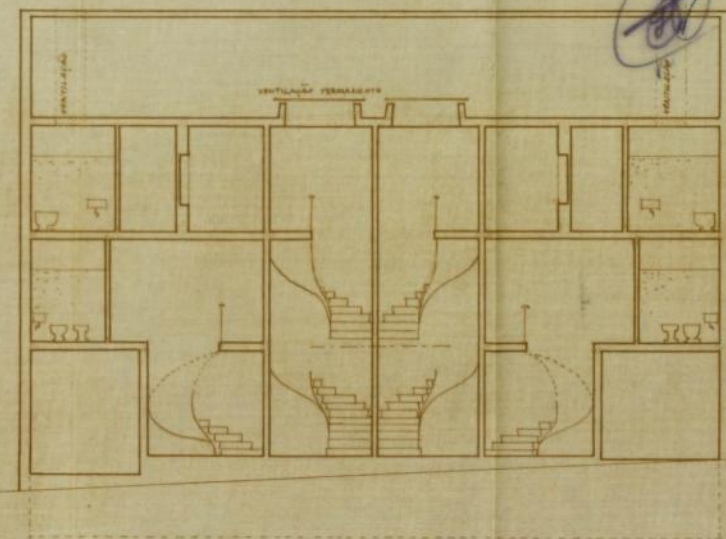


CAMARA MUNICIPAL DO PORTO  
 1.ª Repartição de Engenharia  
**APROVADO**  
 em 18 ABR. 1968  
 150 Cmara de Repartição

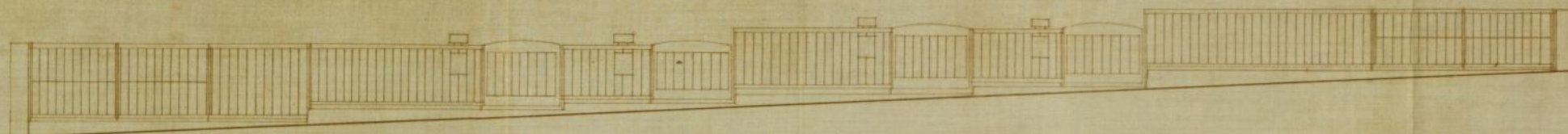


CORTE AB  
 esc. 1/100

LEGENDA  
 ○ A. DE VENTILAR  
 ○ A. DE PROTEGER  
 ●



CORTE CD



MURO EXTERIOR  
 esc. 1/50

REQUERENTE  
 EXMO. SR. JOSÉ DELMAR M.M. TEIXEIRA

ARQUITECTO  
*Fernando Loureiro*

CNP  
 AD



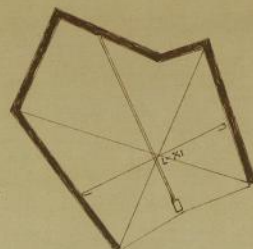
CMP  
AG

*Handwritten signature/initials in blue ink, possibly "H. L."*



*Handwritten signature in blue ink, possibly "Franklin D. Roosevelt"*

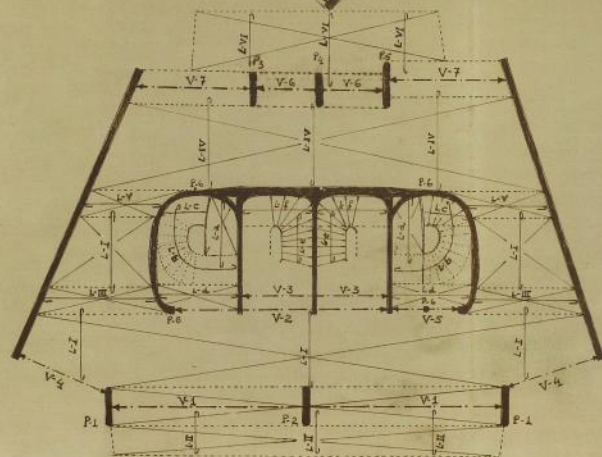




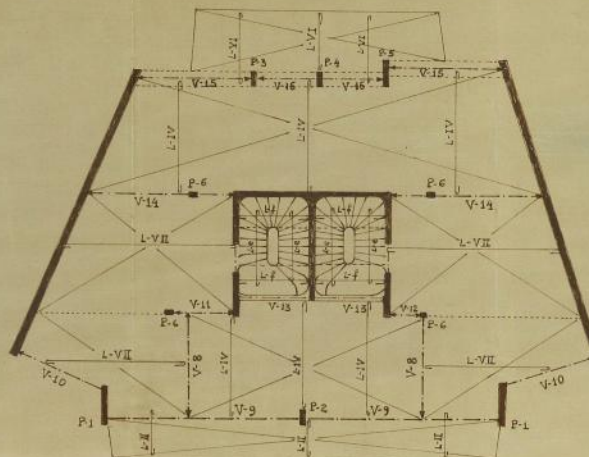
PLANTAS DE DISTRIBUIÇÃO DE LAGES, VIGAS E PILARES

ESCALA  $\frac{1}{100}$

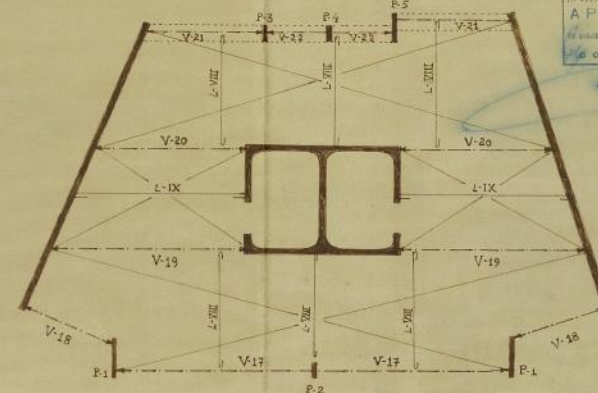
NAS GARAGENS



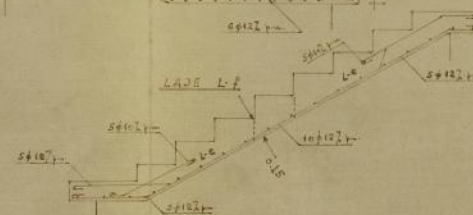
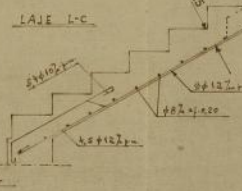
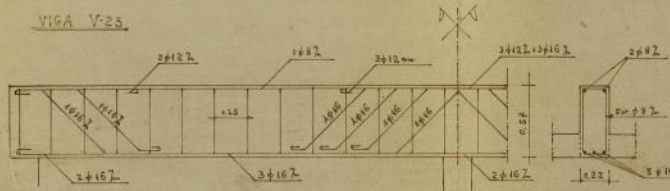
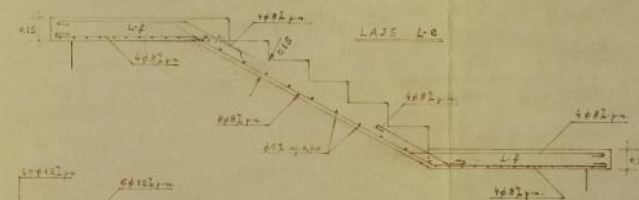
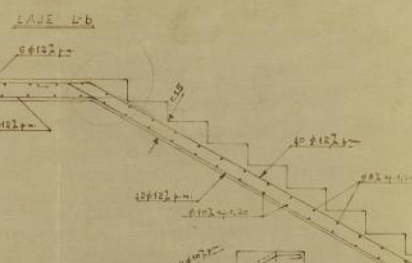
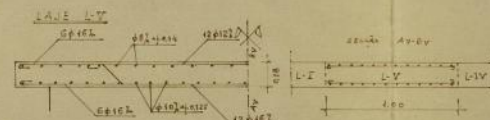
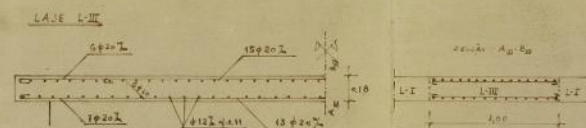
NO PAYMENT 30 2<sup>nd</sup> F150



NO PAVIMENTO do 3º Fio



NO 75674 Do 8<sup>2</sup> P150



LAJE	L-I - MAPREL	Copo	B3-2
"	L-IV-	"	B3.4
"	L-VI-	"	B5.7
"	L-VIII-	"	A3.3
"	L-IX	"	A3.6
"	L-X	"	B3.5
"	L-XI	"	B4.7
"	L-a	"	A3.2
"	L-b	"	A3.2

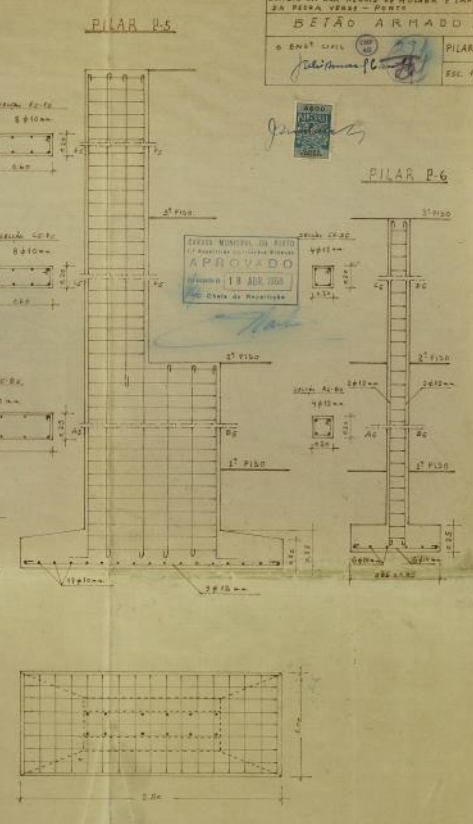
REQUERENTE  
Ex<sup>te</sup> SENHOR JOSE DELMAR DE MACHADO  
FILHO MENDES TEIXEIRA  
CABETE DA RUA HERÓDIS DE MULADA E LARGO  
DA PEDRA VERDE - PONTA  
BETÃO ARMADO 27  
CIVIL  
CNP  
AD  
L  
P  
FSC 1/20



CARNA MUNICIPAL DO PORTO  
1.ª Precatória da Câmara Municipal  
**APROVADO**  
Em sessão de 18 ABR. 1968  
O Chefe da Repetição:







REQUERENTE F. M. SENHOR 3066 DELMAR DE MAU LUAL MATEUS TEIXEIRA LAVETE DA RUA VERDE DO MUJARA E LARGO DA FEIRA VELHA - PORTO		
BETÃO ARMADO.		
O ENST CIVIL <i>Teixeira</i>	(COP 45) 23	PILARES  ESC. 1/80

PILAR P-6

6-7-50

26

4° PLSO

 $\frac{5}{2}$ 

100

100

157